



40
4204



COLLECCÃO DE AUTORES PORTUGUEZES.

Tomo I.



Alfonso de los Rios

C
CANTOS

S

LEIPZIG:
F. A. BROCKHAUS.

1860.



C
CANTOS.

COLLECCÃO DE POESIAS

DE

(ml.)

A. GONÇALVES DIAS.

TERCEIRA EDICÇÃO.
COM O RETRATO DO AUTOR.



LEIPZIG:
F. A. BROCKHAUS.

1860.



AO SEU AMIGO

o

D^R. G. S. DE CAPANEMA

**OFFERECER ESTE EDICÇÃO
DOS SEUS CANTOS**

O AUTOR.

SIRVA DE PROLOGO.

A collecção de poesias, que agora reimprimo, vae illustrada com algumas linhas de A. Herculano, a que devo a maior satisfação que tenho até hoje experimentado na minha vida litteraria.

Merecer a critica de A. Herculano, já eu consideraria como bastante honroso para mim; uma simples menção do meo primeiro volume, rubricada com o seo nome, desejava-o de certo; mas esperal-o, seria da minha parte demasiada vaidade.

Ora, em vez da critica inflexivel, que eu devera, mas não ousava receiar; em vez da simples noticia do apparecimento de um volume, que não seria de todo ruim, pois que teria merecido occupar a sua attenção; o illustre escriptor poz por alguns momentos de parte a severidade que tem direito de usar para com todos, quando é tão severo para comsigo mesmo, — e, benevolmente indulgente, dirigio me algumas linhas, que me fizeram comprehender quão alto eu reputava a sua gloria, na plenitude de contentamento, de que as suas palavras me deixarão possuido.

O escriptor conhecia-o eu ha muito, mas de nome e pelas suas obras: essas obras que todos nós temos lido, e esse nome que eu sempre ouvira pronunciar com admiração e respeito.

Se pois, n'aquella occasião, me fosse dado escolher auctor para esse artigo, não podia recahir em outro a minha escolha. Hoje, com mais razão. Tive ensejo de o conhecer pessoalmente, e a fortuna de encontrar nelle um d'aquelles poucos, d'alta intelligencia, que não perdem em serem admirados de perto, e cuja amizade se pode ambicionar como um thesouro: fortuna, digo, por que o é de certo, quando se admira o escripto, que se possa ao mesmo tempo estimar o escriptor; e ainda maior fortuna, quando queremos manifestar o nosso reconhecimento, que nos não remorda a consciencia, prevenindo-nos, de que ainda quando digamos mais do que a verdade, ficaremos sempre aquem do que devemos.

Ahi vae o artigo tal qual o transcreveo e remetteo-me de Lisboa o meo bom amigo Gomes de Amorim.

Dresde 30 de Março de 1857.



FUTURO LITTERARIO DE PORTUGAL E DO BRAZIL. *)

POR OCCASIÃO DA LEITURA DOS

PRIMEIROS CANTOS: POESIAS DO Sr. A. GONÇALVES
DIAS.

Bem como a infancia do homem a infancia das nações é vivida e esperançosa; bem como a velhice humana a velhice dellas é tediosa e melancholica. Separado da mãe patria, menos pela serie de acontecimentos inopinados, a que uma observação superficial lhe atribue a emancipação, do que pela ordem natural do progresso das sociedades, o Brazil, imperio vasto, rico, destinado pela sua situação, pelo favor da natureza, que lhe fadou a opulencia, a representar um grande papel na historia do novo mundo, é a nação infante que sorri: Portugal é o velho aborrido e triste, que se volve dolorosamente no seu leito de decrepidez; que se lamenta de que os raios do sol se tornassem frouxos, de que se encurtassem os horisontes da esperança, de que um crepe funebre vele a face da terra. Perguntae, porém, ao povo infante, que cresce e se fortifica alem dos mares, que se atira

*) Artigo publicado na Revista Universal Lisbonense. Tom. 7, pag. 5.
— anno de 1847 — 1848.

X

ridente pelo caminho da vida, se é verdade isso que diz o ancião na tristeza do seu vegetal merte, e que, encostado na borda do tumulto, deplora, pobre tonto, o mundo que vae morrer!

Em Portugal, os espiritos que o antigo poeta designou pelo epitheto de *bem nascidos*; aquelles que ainda tentam esquivar-se no sanctuario da sciencia ou da poesia ao pego da podridão dissolvente que os cerca, no meio dos seus generosos esforços chegam a illudir a Europa com essas aspirações do futuro, que tambem nelles não são mais do que uma illusão. As suas tentativas quasi fazem acreditar que para esta nação moribunda ainda resta uma esperança de regeneração; que nas veias varicosas deste corpo semi cada-ver de novo se vae injectar sangue puro; que temos ainda algum destino a cumprir antes de nos amortalhar-mos no estandarte de D. João I. ou na bandeira de Vasco da Gama, e de irmos emfim repousar no cemiterio da historia. O desengano chega, porém, em breve. O talento que forcejava por fugir do lethargo febril que nos consome, retrocede ao entrar no templo, e volve ao lodaçal onde agonisamos. E' que a turba que ahi se debate, ou o apupa, ou lhe arroja adiante tropeços, ou o corrompe com dadivas e promessas; e fallando-lhe ás paixões más, ás ambições insensatas, lhe clama: vem refocilar-te no lodo. E, desanimado ou tentado, o talento despenha-se, e attufando-se no charco, acceita as lisonjas ou o oiro immundo, que lhe atiram, embriaga-se com os outros perdidos, e renega da missão sacrosanta, que se lhe destinára no ceu.

Que é feito de tantos engenhos que despontaram nesta nossa terra desde que a imprensa libertada chamou os que sentiam chamejar em si um espirito não vulgar ao convivio das intelligencias? Que é feito dessas tres ou quatro épocas em que, nos ultimos quinze annos, a mocidade parecia querer deixar inteiramente aos pequeninos homens grandes do paiz o agitarem-se, o morderem-se, o devorarem-se acerca dos graves interesses, das profundas questões das bolhas de sabão politicas? Que é feito dessa phalange ardente, ambiciosa de uma gloria pura, que principiava a exercitar-se nas lides

do entendimento? De tudo isso; de toda essa mocidade brilhante e esperançosa que resta? Algum crente solitario, que deplora em silencio a queda de tantos archanjos. Os outros sacerdotes, apostatando da religião das lettras, attiraram-se á arena das facções, e manchados pela baba dos odios civis, cobertos da lama das praças, arroxeados e sanguentos pelas punhadas do pugilato politico, desbaratando em esforços estereis a seiva interior, la vão disputando no meio de homens, gastos como a effigie de velha moeda, sobre qual ha de ser a forma do ataúde, e como se talhará a mortalha, em que o cadaver de Portugal deve descer á sepultura. Que outra coisa, de feito, ha ahi sobre que se dispute ainda?

Por isso, quando vejo começar a surgir entre nós um novo poeta; quando oiço a primeira harmonia que sussurra nas cordas de lyra noviça, quizera poder chegar-me escondidamente ao descuidado e inexperiente cantor, e dizer-lhe ao ouvido: Cala-te, alma virgem e bella; cala-te, que estás n'um prostibulo! Olha que *elles* não te ouçam! Se o teu hymno reboar por essas torpes alcovas, sabe que pouco tardará a hora de te prostituires.

O poeta portuguez d'hoje é a avezinha que enlevada nos seus gorgeios se balança depois do pôr do sol no ramo do ulmeiro pendente sobre o rio. As outras voaram para os seus ninhos, e ella deixou vir a noite, e ficou alli, triste, só, desconsolada, soltando a espaços um doloroso pio.

Poeta, n'esta terra é noite! Por que não te acolheste ao teu ninho? Agora o que te resta é morrer. Vae abrigar-te entre os orbes; vae derramar em canções a tua alma no seio immenso de Deos. Ahi é que sempre é dia.

Nós somos hoje o hilota embriagado, que se punha de frente da meza nas philitias de Sparta, para servir de licção de sobriedade aos mancebos. O Brazil é a moderna Sparta, de que Portugal é a moderna Helos.

Estas amarguradas cogitações surgiram-me na alma, com a leitura de um livro impresso o anno passado no Rio de Janeiro, e intitulado: *Primeiros Cantos: Poesias por A. Gonçalves Dias*. N'aquelle paiz de esperanças, cheio de

viço e de vida, ha um ruido de lavor intimo, que sôa triste-mente cá, n'esta terra onde tudo acaba. A mocidade, despre-gando o estandarte da civilisação, prepara-se para os seus graves destinos pela cultura das lettras; arroteia os campos da intelligencia; aspira as harmonias dessa natureza possante que a cerca; concentra n'um foco todos os raios vivificantes do formoso ceu, que a allumina; prova forças emfim para algum dia renovar pelas ideias a sociedade, quando passar a geração dos homens *praticos e positivos*, raça que lá deve predominar ainda; por que a sociedade brasileira, vergontea separada ha tão pouco da carcomida arvore portugueza, ainda necessariamente conserva uma parte do velho cepo. Possa o renovo dessa vergontea, transplantada da Europa para entre os tropicos, prosperar e viver uma bem longa vida, e não decahir tão cedo como nós decahimos!

E' geralmente sabido que o jovem imperador do Brazil dedica todos os momentos que pode salvar das occupações materiaes de chefe do Estado ao culto das lettras. Mancebo, prende-se á mocidade, aos homens do futuro, por laços que de certo as revoluções não hão de quebrar; porque o pro-gresso social não virá accomettel-o inopinadamente nas suas crenças e habitos. Quando a ideia se encarnar na realidade, o seu espirito como as outras intelligencias que o rodeiam, ter-se-ha alimentado della, e saudará como os seus mais alumniados subditos o pensamento progressivo. Não notaes n'estas tendencias do moço principe um symbolo do pre-sente, e uma prophacia consoladora acerca do porvir do Brazil?

A imprensa na antiga America portugueza, balbuciante ha dois dias, já ultrapassa a imprensa da terra que foi me-tropole. Ás publicações periodicas, primeira expressão de uma cultura intellectual que se desinvolve, começam a asso-ciar-se as composições de mais alento — os livros. Ajunte-se a este facto outro, o ser o Brazil o mercado principal do pouco que entre nós se imprime, e será facil conjecturar que no dominio das lettras, como em importancia e prospe-ridade, as nossas emancipadas colonias nos vão levando rapi-damente de vencida.

Por si sós esses factos provariam antes a nossa decadencia, que o progresso litterario do Brazil. E' um mancebo vigoroso que derriba um velho cachetico, demente e paralitico. O que completa, porém, a prova é o exame não comparativo, mas absoluto, de algumas das modernas publicações brazileiras.

Os *Primeiros Cantos* são um bello livro; são inspirações de um grande poeta. A terra de Sancta Cruz que já conta outros no seu seio, pode abençoar mais um illustre filho.

O auctor, não o conhecemos; mas deve ser muito jovem. Tem os defeitos do escriptor ainda pouco amestrado pela experiencia: imperfeições de lingua, de metrificacão, de estylo. Que importa? O tempo apagará essas maculas, e ficarão as nobres inspirações estampadas nas paginas deste formoso livro.

Quizeramos que as *Poesias Americanas* que são como o portico do edificio occupassem nelle maior espaço. Nos poetas transatlanticos ha por via de regra demasiadas reminiscencias da Europa. Esse Novo Mundo que deu tanta poesia a Saint-Pierre e a Chateaubriand é assaz rico para inspirar e nutrir os poetas que crescerem á sombra das suas selvas primitivas.

Como argumento disso, como exemplo da verdadeira poesia nacional do Brazil citarei aqui dous trechos das *Poesias Americanas*: o Canto do Guerreiro e um fragmento *Morro do Alecrim*.

(Aqui vem transcripta por inteiro a poesia intitulada «O canto do Guerreiro» (pag. 4) e as ultimas strophes do «Morro do Alecrim».)

Abstendo-me de outras citações, que occupariam demasiado espaço, não posso resistir a tentação de transcrever das *Poesias Diversas* uma das mais mimosas composições lyricas, que tenho lido na minha vida.

(Aqui vem transcripta a poesia intitulada «Seos olhos». Veja-se pag. 19.)

Se estas poucas linhas, escriptas de abundancia de coração, passarem os mares, receba o auctor dos *Primeiros*

Cantos o testemunho sincero de *sympathia*, que a leitura do seu livro arrancou a um homem, que o não conhece, que provavelmente não o conhecerá nunca, e que não costuma nem dirigir aos outros elegios *encommendados*, nem pedil-os para si.

Lisboa (Ajuda) 30 de Novembro de 1847.

A. HERCULANO.

PRIMEIROS CANTOS.

PROLOGO DA PRIMEIRA EDICÇÃO.

Dei o nome de „*Primeiros Cantos*“ ás poesias que agora publico, porque espero que não serão as ultimas.

Muitas dellas não tem uniformidade nas strophes, porque menospreço regras de mera convenção; adoptei todos os rhythmos da metrificacção portugueza, e usei delles como me parecerão quadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.

Não tem unidade de pensamento entre si, porque forão compostas em epochas diversas — debaixo de céo diverso — e sob a influencia de impressões momentaneas. Forão compostas nas margens viçosas do Mondêgo e nos pincaros ennegrecidos do Gerez — no Doiro e no Tejo — sobre as vagas do Atlantico, e nas florestas virgens da America. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-hei, se agradarem; e se não . . . é sempre certo que tive o prazer de as ter composto.

Com a vida isolada que vivo, gosto de afastar os olhos de sobre a nossa arena politica para lêr em minha alma, reduzindo á linguagem harmoniosa e cadente o pensamento que me vem de improviso, e as idéas que em mim desperta a vista de uma paisagém ou do oceano — o aspecto emfim da natureza. Casar assim o pensamento com o sentimento — o coração com o entendimento — a idéa com a paixão — colorir tudo isto com a imaginação, fundir tudo isto com a vida e com a natureza, purificar tudo com o sentimento

da religião e da divindade, eis a Poesia — a Poesia grande e sancta — a Poesia como eu a comprehendo sem a poder definir, como eu a sinto sem a poder traduzir.

O esforço — ainda vão — para chegar a tal resultado é sempre digno de louvor; talvez seja este o só merecimento deste volume. O Publico o julgará; tanto melhor se elle o despreza, porque o Auctor interessa em acabar com essa vida desgraçada, que se diz de Poeta.

Rio de Janeiro — Julho de 1846.

INDICE.

	Pag.
Sirva de Prologo	vii
Futuro litterario de Portugal e do Brazil, artigo do Sr. A. Herculano	ix
Prologo da primeira edicção dos Primeiros Cantos	xv

PRIMEIROS CANTOS.

POESIAS AMERICANAS.

Canção do Exilio	3
O Canto do Guerreiro	4
O Canto do Piaga	7
O Canto do Indio	9
Cachias	11
Deprecação	12

POESIAS DIVERSAS.

A Leviana	14
A minha Musa	15
Desejo	19
Seos olhos	19
Innocencia	21
Pedido	22
O Desengano	23
Minha vida e meos amores	24
Recordação	27
Tristeza	28
O Trovador	30
Amor! delirio — engano	34
Delirio	37
Epicedio	39
Soffrimento	41

VISÕES.

I. Prodigio	43
II. A Cruz	44
III. Passamento	46

	Pag.
IV. —	50
V. A Morte	53
O Vate	55
A morte prematura da Ill ^{ma} S ^{ra} D.....	57
A Mendiga	59
A Escrava	63
Ao Dr. J. D. Lisboa Serra	66
O Desterro de um pobre velho	68
O Orgulhoso	71
O Cometa	72
O Oiro	73
A um Menino	74
O Pirata	77
A Villa Maldicta	81
Quadras da minha vida. Recordação e desejo	87

HYMNOS.

O Mar	95
Ideia de Deos	97
O romper d'alva	100
A tarde	103
O Templo	107
Te Deum	109
Adeos aos meos Amigos do Maranhão	110

SEGUNDOS CANTOS.

Consolação nas lagrimas	115
Canção	116
Lyra	117
Agora e sempre	118
A Virgem	119
Rosa no mar	121
O Amor	123
Sempre ella	124
Mimosa e bella	126
As duas amigas	128
Sonho	130
Solidão	131
A um Poeta exilado	134
Palinodia	135
Os suspiros	139
Queixumes	141
Ao Anniversario de um casamento	145
Canto inaugural. — A memoria do Conego J. da C. Barbosa	146
Tabyra. Aos Pernambucanos	149
Tabyra (Poesia Americana)	150

XIX

HYMNOS.

	Pag.
A Lua	157
A Noite	160
A Tempestade	162

NOVOS CANTOS.

O homem forte	169
Dies irae	170
Espera!	172
A Saudade	174
Não me deixes	176
Zulmira	177
A uma Poetiza	178
Angelina	178
Rola	180
Ainda uma vez — adeos!	181
O Somno	186
Se eu fosse querido!	186
A flôr do amor	187
A sua voz	190
Se se morre de amor!	191
A morte é vária	193

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO.

Loa da Princeza Sancta	196
Gulnare e Mustaphá	211
Soláo do Senhor Rey Dom João	240
Soláo de Gonçalo Hermiguez	251

ULTIMOS CANTOS.

Dedicatoria ao meo amigo A. T. de Carvalho Leal	271
---	-----

POESIAS AMERICANAS.

I. O Gigante de pedra	275
II. Leito de folhas verdes	280
III. Y-juca-pyrama	281
IV. Marabá	296
V. Canção do Tamoyo	298
VI. A Mangueira	301
VII. A Mãe d'agua	302

POESIAS DIVERSAS.

Nenia á morte sentidissima do Serenissimo Principe Imperial, o Senhor	
D. Pedro	310
Olhos verdes	314
Cumprimento de um voto	316

	Pag.
Lyra quebrada	318
A Pastora	319
A Infancia	322
Urge o tempo	325
Sobre o tumulto de um menino	326
Menina e moça	326
Como eu te amo	327
As duas corôas	330
Harpejos	333
Triste do Trovador	335
Velhice e mocidade	336
As flores	341
O que mais doe na vida	344
Flôr de belleza	346
O Anjo da harmonia	348
A Historia	349
A concha e a virgem	350
Sei amar	351
Amanhã	352
Por um ai	353
Protesto — (Imitação de uma poesia javaneza)	355
Fadario	357
O assassino	359
A uns annos	361
Quando nas horas	362
Retractação	366
Anhelo	369
Que me pedes	370
O Ciume	370
A Nuvem doirada	373
Sonho de virgem	374
Meo anjo, escuta	378
Os beijos	379
Desesperança	381
Se queres que eu sonhe	383
O Baile	385
Desalento	387
A queda de Satanaz	390
Canção de Bug-Jargal	392
Agar no deserto	394

HYMNO.

O meo Sepulchro	404
Saudades á minha Irmã	410
Notas	417

PRIMEIROS CANTOS.



POESIAS AMERICANAS.

Les infortunes d'un obscur habitant des
bois auraient-elles moins de droits à nos
pleurs que celles des autres hommes?

CHATEAUBRIAND.

CANÇÃO DO EXILIO.

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen,
Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen?
Kennst Du es wohl? — Dahin, dahin!
Möcht' ich ziehn.

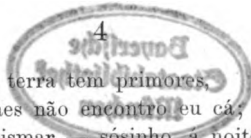
GOETHE.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorgeião,
Não gorgeião como lá.

Nosso céu tem mais estrellas,
Nossas varzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar, sósinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

1 * .



Minha terra tem primores,
 Que taes não encontro eu cá;
 Em scismar — sósinho, a noite —
 Mais prazer encontro eu lá;
 Minha terra tem palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

Não permitta Deos que eu morra,
 Sem que eu volte para lá;
 Sem que desfructe os primores
 Que não encontro por cá;
 Sem qu'inda aviste as palmeiras,
 Onde canta o Sabiá.

COIMBRA — Julho 1843.

O CANTO DO GUERREIRO.

I.

Aqui na floresta
 Dos ventos batida,
 Façanhas de bravos
 Não gerão escravos,
 Que estimem a vida
 Sem guerra e lidar.
 — Ouvi-me, Guerreiros,
 — Ouvi meo cantar.

II.

Valente na guerra
 Quem ha, como eu sou?
 Quem vibra o tacápe
 Com mais valentia?
 Quem golpes daria
 Fataes, como eu dou?
 — Guerreiros, ouvi-me;
 — Quem ha, como eu sou?

III.

Quem guia nos ares
 A frexa implumada,
 Ferindo uma preza,
 Com tanta certeza,
 Na altura arrojada
 Onde eu a mandar?
 — Guerreiros, ouvi-me,
 — Ouvi meo cantar.

IV.

Quem tantos inimigos
 Em guerras preou?
 Quem canta seos feitos
 Com mais energia?
 Quem golpes daria
 Fataes, como eu dou?
 — Guerreiros, ouvi-me:
 — Quem ha, como eu sou?

V.

Na caça ou na lide,
 Quem ha que me affronte?!
 A onça raivosa
 Meos passos conhece,
 O inimigo estremece,
 E a ave medrosa
 Se esconde no céu.
 — Quem ha mais valente,
 — Mais dextro do que eu?

VI.

Se as matas estrujo
 Co'os sons do Boré,
 Mil arcos se encurvão,
 Mil setas lá vôão,
 Mil gritos rebôão,
 Mil homens de pé

Eis surgem, respondem
 Aos sons do Boré!
 — Quem é mais valente,
 — Mais forte quem é?

VII.

Lá vão pelas matas;
 Não fazem ruido:
 O vento gemendo
 E as matas tremendo
 E o triste carpido
 D'uma ave a cantar,
 São elles — guerreiros,
 Que faço avançar.

VIII.

E o Piaga se ruge
 No seo Maracá,
 A morte lá paira
 Nos ares frexados,
 Os campos juncados
 De mortos são já:
 Mil homens viverão,
 Mil homens são lá.

IX.

E então se de novo
 Eu tóco o Boré;
 Qual fonte que salta
 De rocha empinada,
 Que vai marulhosa,
 Fremente e queixosa,
 Que a raiva apagada
 De todo não é,
 Tal elles se escôão
 Aos sons do Boré.
 — Guerreiros, dizei-me,
 — Tão forte quem é?

O CANTO DO PIAGA.

I.

O' Guerreiros da Taba sagrada,
 O' Guerreiros da tribu Tupi,
 Fallão Deoses nos cantos do Piaga,
 O' Guerreiros, meos cantos ouvi.

Esta noite — era a lua já morta —
 Anhangá me vedava sonhar;
 Eis na horrivel caverna, que habito,
 Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos, inquieto, medroso,
 Manitôs! que prodigios que vi!
 Arde o páo de resina fumosa,
 Não fui eu, não fui eu, que o accendi!

Eis rebenta a meos pés um phantasma,
 Um phantasma d'immensa extensão;
 Liso craneo repousa a meo lado,
 Feia cóbra se enrosca no chão.

O meo sangue gelou-se nas veias,
 Todo inteiro — ossos, carnes — tremi,
 Frio horror me cõou pelos membros,
 Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,
 O' Guerreiros, o espectro que eu vi.
 Fallão Deoses nos cantos do Piaga,
 O' Guerreiros, meos cantos ouvi!

II.

Porque dormes, ó Piaga divino?
 Começou-me a Visão a fallar,
 Porque dormes? O sacro instrumento
 De per si já começa a vibrar.

Tu não viste nos céos um negrume
 Toda a face do sol offuscar;
 Não ouviste a coruja, de dia,
 Seos estridulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma
 Sem aragem — vergar-se e gemer,
 Nem a lua de fogo entre nuvens,
 Qual em vestes de sangue, nascer?

E tu dormes, ó Piaga divino!
 E Anhangá te prohiibe sonhar!
 E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,
 E não pôdes augurios cantar?!

Ouve o annuncio do horrendo phantasma,
 Ouve os sons do fiel Maracá;
 Manitôs já fugirão da Taba!
 O' desgraça! ó ruina! ó Tupá!

III.

Pelas ondas do mar sem limites
 Basta selva, sem folhas, hi vem;
 Hartos troncos, robustos, gigantes;
 Vossas matas taes monstros contêm.

Trás embira dos cimos pendente
 — Brenha espessa de vario cipó —
 Dessas brenhas contêm vossas matas,
 Taes e quaes, mas com folhas; é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,
 Brancas azas abrindo ao tufão,
 Como um bando de candidas garças,
 Que nos ares pairando — lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das aguas,
 O marinho arcabouço arrancar?
 Nossas terras demanda, fareja . . .
 Esse monstro . . . — o que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?
 Não sabeis a que vem, o que quer?
 Vem matar vossos bravos guerreiros,
 Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade —
 Dons crueis do cruel Anhangá;
 Vem quebrar-vos a maça valente,
 Profanar Manitôs, Maracás.

Vem trazer-vos algemas pesadas,
 Com que a tribu Tupi vai gemer;
 Hão de os velhos servirem de escravos,
 Mesmo o Piaga inda escravo ha de ser!

Fugireis procurando um asilo,
 Triste asilo por invio sertão;
 Anhangá de prazer ha de rir-se,
 Vendo os vossos quão poucos serão.

Vossos Deoses, ó Piaga, conjura,
 Susta as iras do féro Anhangá.
 Manitôs já fugirão da Taba,
 O' desgraça! ó ruina! ó Tupá!

O CANTO DO INDIO.

Quando o sol vae dentro d'agoa
 Seos ardores sepultar,
 Quando os passaros nos bosques
 Principião a trinar;

Eu a vi, que se banhava. . . .
 Era bella, ó Deoses, bella,
 Como a fonte cristallina,
 Como luz de meiga estrella.

O' Virgem, Virgem dos Christãos formosa,
 Porque eu te visse assim, como te via,

Calcára agros espinhos sem queixar-me,
Que antes me dera por feliz de ver-te.

O tacápe fatal em terra estranha
Sobre mim sem temor veria erguido;
Dessem-me a mim sómente vêr teo rosto
Nas agoas, como a lua, retratado.

Eis que os seos loiros cabellos
Pelas agoas se espalhavão,
Pelas agoas, que de vel-os
Tão loiros se enamoravão.

Ella erguia o collo eburneo,
Porque melhor os colhesse;
Niveo collo, quem te visse,
Que de amores não morresse!

Passára a vida inteira a contemplar-te,
O' Virgem, loira Virgem tão formosa,
Sem que dos meos irmãos ouvisse o canto,
Sem que o som do Boré que incita á guerra
Me infiltrasse o valor que m'has roubado,
O' Virgem, loira Virgem tão formosa.

As vezes, quando um sorriso
Os labios seos entreabria,
Era bella, oh! mais que a aurora
Quando a raiar principia.

Outra vez — d'entre os seos labios
Uma voz se desprendia;
Terna voz, cheia de encantos,
Que eu entender não podia.

Que importa? Esse fallar deixou-me n'alma
Sentir d'amores tão sereno e fundo,
Que a vida me prendeo, vontade e força.
Ah! que não queiras tu viver commigo,
O' Virgem dos Christãos, Virgem formosa!

Sobre a areia, já mais tarde,
 Ella surgiu toda núa;
 Onde ha, ó Virgem, na terra
 Formosura como a tua?

Bem como gotas de orvalho
 Nas folhas de flôr mimosa,
 Do seo corpo a onda em fios
 Se deslizava amorosa.

Ah! que não queiras tu vir ser rainha
 Aqui dos meos irmãos, qual sou rei delles!
 Escuta, ó Virgem dos Christãos formosa.
 Odeio tanto aos teos, como te adóro;
 Mas queiras tu ser minha, que eu prometto
 Vencer por teo amor meo odio antigo,
 Trocar a maça do poder por ferros
 E ser, por te gozar, escravo delles.

CACHIAS.

Quanto es bella, ó Cachias! — no deserto,
 Entre montanhas, derramada em valle
 De flores perennaes,
 Es qual tenue vapor que a brisa espalha
 No frescor da manhã meiga soprando
 Á flor de manso lago.

Tu es a flor que despontaste livre
 Por entre os troncos de robustos cédros,
 Forte — em gleba inculta;
 Es qual gazella, que o deserto educa,
 No ardor da sésta debruçada exangue
 Á margem da corrente.

Em molle seda as graças não escondes,
 Não cinges d'oiro a fronte que descanças
 Na base da montanha;

Es bella como a virgem das florestas,
 Que no espelho das aguas se contempla,
 Firmada em tronco annoso.

Mas dia inda virá, em que te pejes
 Dos, que ora trajas, simpleses ornatos
 E amavel desalinho:
 Da pompa e luxo amiga, hão de cahir-te
 Aos pés então — da poesia a c'roa
 E da innocencia o cinto.

DEPRECAÇÃO.

Tupan, ó Deos grande! cobriste o teo rosto
 Com denso velamen de pennas gentis;
 E jazem teos filhos clamando vingança
 Dos bens que lhes déste da perda infeliz!

Tupan, ó Deos grande! teo rosto descobre:
 Bastante soffremos com tua vingança!
 Já lagrimas tristes chorarão teos filhos,
 Teos filhos que chórão tão grande mudança.

Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
 Os homens que o raio manejão cruentos,
 Que vivem sem patria, que vagão sem tino
 Tras do ouro correndo, voraces, sedentos.

E a terra em que pisão, e os campos e os rios
 Que assaltão, são nossos; tu es nosso Deos:
 Por que lhes concedes tão alta pujança,
 Se os raios de morte, que vibrão, são teos?

Tupan, ó Deos grande! cobriste o teo rosto
 Com denso velamen de pennas gentis;
 E jazem teos filhos clamando vingança
 Dos bens que lhes déste da perda infeliz.

Teos filhos valentes, temidos na guerra,
 No albor da manhã quão fortes que os vi!
 A morte pousava nas plumas da frexa,
 No gume da maça, no arco Tupi!

E hoje em que apenas a enchente do rio
 Cem vezes hei visto crescer e baixar...
 Já restão bem poucos dos teos, qu'inda possão
 Dos seos, que já dormem, os ossos levar.

Teos filhos valentes causavão terror,
 Teos filhos enchião as bordas do mar,
 As ondas coalhavão de estreitas igáras,
 De frexas cobrindo os espaços do ar.

Já hoje não cáção nas matas frondosas
 A corça ligeira, o trombudo coati...
 A morte pousava nas plumas da frexa,
 No gume da maça, no arco Tupi!

O Piaga nos disse que breve seria,
 A que nos infliges cruel punição;
 E os teos inda vagão por serras, por valles,
 Buscando um asilo por invio sertão!

Tupan, ó Deos grande! descobre o teo rosto:
 Bastante soffremos com tua vingança!
 Já lagrimas tristes chorarão teos filhos,
 Teos filhos que chórão tão grande tardança.

Descobre o teo rosto, resurjão os bravos,
 Que eu vi combatendo no albor da manhã;
 Conheção-te os féros, confessem vencidos
 Que es grande e te vingas, qu'es Deos, ó Tupan!

POESIAS DIVERSAS.

A LEVIANA.

Souvent femme varie,
Bien fol est qui s'y fie.

FRANCISCO I.

Es engraçada e formosa
 Como a rosa,
Como a rosa em mez d'Abril;
Es como a nuvem doirada
 Deslisada,
Deslisada em céos d'anil.

Tu es vária e melindrosa,
 Qual formosa
Borboleta n'um jardim,
Que as flores todas afaga,
 E divaga
Em devaneio sem fim.

Es pura, como uma estrella
 Doce e bella,
Que treme incerta no mar;
Mostras nos olhos tua alma
 Terna e calma,
Como a luz d'almo luar.

Tuas formas tão donosas,
 Tão airosas,
 Formas da terra não são;
 Pareces anjo formoso,
 Vaporoso,
 Vindo da etherea mansão.

Assim, beijar-te receio,
 Contra o seio
 Eu tremo de te apertar;
 Pois me parece que um beijo
 É sobejo
 Para o teo corpo quebrar.

Mas não digas que es so minha!
 Passa azinha
 A vida, como a ventura,
 Que te não vejão brincando,
 E folgando
 Sobre a minha sepultura.

Tal os sepulcros colora
 Bella aurora
 De fulgores radiante;
 Tal a vaga maripôsa
 Brinca e pouosa
 D'um cadaver no semblante.

A MINHA MUSA.

Gratia, Musa, tibi; nam tu solatia praebes.
 OVIDIO.

Minha Musa não é como nympha
 Que se eleva das agoas — gentil —
 Co'um sorriso nos labios mimosos,
 Com requebros, com ar senhoril.

Nem lhe pouza nas faces redondas
 Dos fagueiros anhelos a cor;
 N'esta terra não tem uma esp'rança,
 N'esta terra não tem um amor.

Como fada de meigos encantos,
 Não habita um palacio encantado,
 Quer em meio de matas sombrias,
 Quer á beira do mar levantado.

Não tem ella uma senda florida,
 De perfumes, de flores bem cheia,
 Onde vague com passos incertos,
 Quando o céu de luzeiros se arreia.

Não é como a de Horacio a minha Musa;
 Nos soberbos alpendres dos Senhores
 Não é que ella reside;
 Ao banquete do grande em lauta mesa,
 Onde gira o falerno em taças d'oiro,
 Não é que ella preside.

Ella ama a solidão, ama o silencio,
 Ama o prado florido, a selva umbrosa
 E da rola o carpir.
 Ella ama a viração da tarde amena,
 O susurro das agoas, os accents
 De profundo sentir.

D'Anacreonte o genio prazenteiro,
 Que de flores cingia a fronte calva
 Em brilhante festim,
 Tomando inspirações á doce amada,
 Que leda lh'enflorava a eburnea lyra;
 De que me serve, a mim?

Canções que a turba nutre, inspira, exalta
 Nas cordas magoadas me não pousão
 Da lyra de marfim.

Correm meos dias, lacrimosos, tristes,
 Como a noite que estende as negras azas
 Por céu negro e sem fim.

É triste a minha Musa, como é triste
 O sincero verter d'amargo pranto
 D'orfã singela;

É triste como o som que a brisa espalha,
 Que ciciza nas folhas do arvoredor
 Por noite bella.

É triste como o som que o sino ao longe
 Vai perder na extensão d'ameno prado
 Da tarde no cahir,

Quando nasce o silencio involto em trevas,
 Quando os astros derramão sobre a terra
 Merencorio luzir.

Ella então, sem destino, erra por valles,
 Erra por altos montes, onde a enchada
 Fundo e fundo cavou;

E pára; perto, jovial pastora
 Cantando passa — e ella scisma ainda
 Depois que esta passou.

Alem — da chóça humilde s'ergue o fumo
 Que em risonha spiral se eleva ás nuvens
 Da noite entre os vapores;

Muge solto o rebanho; e lento o passo,
 Cantando em voz sonora, porém baixa,
 Vêm andando os pastores.

Outras vezes tambem, no cemiterio,
 Incerta volve o passo, soletrando
 Recordações da vida;

Róça o negro cipreste, calca o musgo,
 Que o tempo fez brotar por entre as fendas
 Da pedra carcomida.

Então corre o meo pranto muito e muito
 Sobre as humidas cordas da minha Harpa,
 Que não resôão ;
 Não chóro os mortos, não; chóro os meos dias,
 Tão sentidos, tão longos, tão amargos,
 Que em vão se escôão.

Nesse pobre cemiterio
 Quem já me dera um logar!
 Esta vida mal vivida
 Quem já m'a dera acabar!

Tenho inveja ao pegureiro,
 Da pastora invejo a vida,
 Invejo o somno dos mortos
 Sob a lage carcomida.

Se qual pegão tormentoso,
 O sopro da desventura
 Vae bater potente á porta
 De sumida sepultura;

Uma voz não lhe responde,
 Não lhe responde um gemido,
 Não lhe responde uma prece,
 Um ai — do peito sentido.

Já não têm voz com que fallem,
 Já não têm que padecer;
 No passar da vida á morte
 Foi seo extremo soffrer.

Que lh'importa a desventura?
 Ella passou, qual gemido
 Da brisa em meio da mata
 De verde alecrim florido.

Quem me dera ser como elles!
 Quem me dera descansar!

Nesse pobre cemiterio
 Quem me dera o meo logar,
 E co'os sons das Harpas d'anjos
 Da minha Harpa os sons casar!

DESEJO.

E poi morir.
 METASTASIO.

Ah! que eu não morra sem provar, ao menos
 Siquer por um instante, nesta vida
 Amor igual ao meo!
 Dá, Senhor Deos, que eu sobre a terra encontre
 Um anjo, uma mulher, uma obra tua,
 Que sinta o meo sentir;
 Uma alma que me entenda, irmã da minha,
 Que escute o meo silencio, que me siga
 Dos ares na amplidão!
 Que em laço estreito unidas, juntas, presas,
 Deixando a terra e o lodo, aos céos remontem
 N'um extasis de amor!

SEOS OLHOS.

Oh! rouvre tes grands yeux dont la paupière tremble,
 Tes yeux pleins de langueur;
 Leur regard est si beau quand nous sommes ensemble!
 Rouvre-les; ce regard manque à ma vie, il semble
 Que tu fermes ton coeur.

TURQUETY.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
 De vivo luzir,
 Estrellas incertas, que as agoas dormentes
 Do mar vão ferir;

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
 Tem meiga expressão,
 Mais doce que a briza, — mais doce que o nauta
 De noite cantando, — mais doce que a fruta
 Quebrando a soidão,

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
 De vivo luzir,
 São meigos infantes, gentis, engraçados
 Brincando a sorrir.

São meigos infantes, brincando, saltando
 Em jogo infantil,
 Inquietos, travessos; — causando tormento,
 Com beijos nos págão a dôr de um momento,
 Com modo gentil.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
 Assim é que são;
 A vezes luzindo, serenos, tranquillos,
 As vezes vulcão!

As vezes, oh! sim, derramão tão fraco,
 Tão frouxo brilhar,
 Que a mim me parece que o ar lhes fallece,
 E os olhos tão meigos, que o pranto humedece,
 Me fazem chorar.

Assim lindo infante, que dorme tranquillo,
 Desperta a chorar;
 E mudo e sisudo, scismando mil coisas,
 Não pensa — a pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante,
 As vezes do céu
 Cae doce harmonia d'uma Harpa celeste,
 Um vago desejo; e a mente se véste
 De pranto co'um véo.

Quer sejam saudades, quer sejam desejos
 Da patria melhor;
 Eu amo seos olhos que chórão sem causa
 Um pranto sem dôr.

Eu amo seos olhos tão negros, tão puros,
 De vivo fulgor;
 Seos olhos que exprimem tão doce harmonia,
 Que fallão de amores com tanta poesia,
 Com tanto pudor.

Seos olhos tão negros, tão bellos, tão puros,
 Assim é que são;
 Eu amo esses olhos que fallão de amores
 Com tanta paixão.

INNOCENCIA.

Sans nommer le nom qu'il faut bénir et taire.
 S. BEUVE.

O' meo anjo, vem correndo,
 Vem tremendo
 Lançar-te nos braços meos;
 Vem depressa, que a lembrança
 Da tardança
 Me aviva os rigores teos.

Do teo rosto, qual marfim,
 De carmim
 Tinge um nada a côr mimosa;
 É bello o pudor, mas chóro,
 E deploro
 Que assim sejas tão medrosa.

Por innocente tens medo
 De tão cedo,
 De tão cedo ter amor;
 Mas sabe que a formosura
 Pouco dura,
 Pouco dura, como a flôr.

Corre a vida pressurosa,
 Como a rosa,

Como a rosa na corrente.
 Amanhã terás amor?
 Como a flôr,
 Como a flôr fenece a gente.

Hoje ainda es tu donzella
 Pura e bella,
 Cheia de meigo pudor;
 Amanhã menos ardente
 De repente
 Talvez sintas meo amor.

P E D I D O.

Hontem no baile
 Não me attendias!
 Não me attendias,
 Quando eu fallava.

De mim bem longe
 Teo pensamento!
 Teo pensamento,
 Bem longe errava.

Eu vi teos olhos
 Sobre outros olhos!
 Sobre outros olhos,
 Que eu odiava.

Tu lhe sorriste
 Com tal sorriso!
 Com tal sorriso,
 Que apunhalava.

Tu lhe fallaste
 Com voz tão doce!
 Com voz tão doce,
 Que me matava.

Oh! não lhe falles,
 Não lhe sorrias,
 Se então só qu'rias
 Exp'rimentar - me.

Oh! não lhe falles,
 Não lhe sorrias,
 Não lhe sorrias,
 Que era matar - me.

O DESENGANO.

Já vigílias passei namorado,
 Doces horas d'insomnia passei,
 Já meos olhos, d'amor fascinado,
 Em vêr só meo amor empreguei.

Meo amor era puro, extremoso,
 Era amor que meo peito sentia,
 Erão lavas de um fogo teimoso,
 Erão notas de meiga harmonia.

Harmonia era ouvir sua voz,
 Era ver seo sorriso harmonia;
 E os seus modos e gestos e ditos
 Erão graças, perfume e magia.

E o que era o teu amor, que me embalava
 Mais do que meigos sons de meiga lyra?
 Um dia o decifrou — não mais que um dia —
 Fingimento e mentira!

Tão bello o nosso amor! — foi só de um dia,
 Como uma flôr!
 Porque tão cedo o talisman quebraste
 Do nosso amor?

Porque n'um só instante assim partiste
 Essa annosa cadeia?
 De bom grado a soffreste! essa lembrança
 Inda hoje me recreia.

Quão insensato fui! — busquei firmeza,
 Qual em ondas de areia movediça,
 Na mulher, — não achei!
 E da esp'rança, que eu via tão donosa
 Sorrir dentro em minha alma, as longas azas
 Doido e nescio cortei!

E tu vás caprixosa proseguindo
 Essa esteira de amor, que julgas cheia
 De flôres bem gentis;
 Pódes ir, que os meos olhos te não vejão;
 Longe, longe de mim, mas que em minha alma
 Eu sinta qu'es feliz.

Pódes ir, que é desfeito o nosso laço,
 Pódes ir, que o teu nome nos meos labios
 Nunca mais soará!
 Sim, vai; — mas este amor que me atormenta,
 Que tão grato me foi, que me é tão duro,
 Commigo morrerá!

Tão bello o nosso amor! — foi só de um dia
 Como uma flôr!
 Oh! que bem cedo o talisman quebraste
 Do nosso amor!

MINHA VIDA E MEOS AMORES.

Mon Dieu, fais que je puisse aimer!
 S. BEUVE.

Quando, no albor da vida, fascinado
 Com tanta luz e brilho e pompa e gallas,
 Vi o mundo sorrir-me esperançoso:

— Meo Deos, disse entre mim, oh! quanto é doce,
 Quanto é bella esta vida assim vivida! —
 Agora, logo, aqui, além, notando
 Uma pedra, uma flôr, uma lindeza,
 Um seixo da corrente, uma conxinha
 A beiramar colhida!

Foi esta a infancia minha; a juventude
 Fallou-me ao coração: — amemos, disse,
 Porque amar é viver.

E esta era linda, como é linda a aurora
 No fresco da manhã tingindo as nuvens
 De rosea côr fagueira;
 Aquella tinha um quê de anhelos meigos
 Artifice sublime;
 Feiticeiro sorrir dos labios della
 Prendeo-me o coração; — julguei-o ao menos.

Aquella outra sorria tristemente,
 Como um anjo no exilio, ou como o calix
 De flôr pendida e murcha e já sem brilho.
 Humilde flôr tão bella e tão cheirosa,
 No seo deserto perfumando os ventos.
 — Eu morrêra feliz, dizia eu d'alma,
 Se podesse enxertar uma esperança
 N'aquella alma tão pura e tão formosa,
 E um alegre sorrir nos labios della.

A fugaz borboleta as flôres todas
 Elege, e liba e uma e outra, e fuge
 Sempre em novos amores enlevada;
 N'este meo paraíso fui como ella,
 Inconstante vagando em mar de amores.

O amor sincero e fundo e firme e eterno,
 Como o mar em bonança meigo e doce,
 Do templo como a luz perenne e sancto,
 Não, nunca o senti; — somente o viço
 Tão forte dos meos annos, por amores
 Tão faceis quanto indi'nos fui trocando.

Quanto fui louco, ó Deos! — Em vez do fructo
 Sasonado e maduro, que eu podia
 Como em jardim colher, mordi no fructo
 Putrido e amargo e rebuçado em cinzas,
 Como infante glotão, que se não senta
 Á mesa de seos paes.

Dá, meo Deos, que eu possa amar,
 Dá que eu sinta uma paixão,
 Torna-me virgem minha alma,
 E virgem meo coração.

Um dia, em qu'eu sentei-me junto della,
 Sua voz murmurou nos meos ouvidos,
 — Eu te amo! — O' anjo, que não possa eu crer-te!
 Ella, certo, não é mulher que vive
 Nas fezes da deshonna, em cujos labios
 Só mentira e traição eterno habitão.
 Tem uma alma innocente, um rosto bello,
 E amor nos olhos . . . — mas não posso cré-la.

Dá, meo Deos, que eu possa amar,
 Dá que eu sinta uma paixão;
 Torna-me virgem minha alma,
 E virgem meo coração.

Outra vez que lá fui, que a vi, que a medo
 Terna voz lhe escutei: — Sonhei comtigo!
 Ineffavel prazer banhou meo peito,
 Senti delicias; mas a sós commigo
 Pensei — talvez! — e já não pude cré-la.
 Ella tão meiga e tão cheia de encantos,
 Ella tão nova, tão pura e tão bella . . .

Amar-me! — Eu que sou?

Meos olhos enxérgão, em quanto duvida
 Minha alma sem crença, de força exaurida,
 Já farta da vida,
 Que amor não doirou.

Máo grado meo, crer não posso,
 Máo grado meo que assim é;
 Queres ligar-te commigo
 Sem no amor ter crença e fé?

Antes vai collar teo rosto,
 Collar teo seio nevado
 Contra o rosto mudo e frio,
 Contra o seio d'um finado.

Ou supplica a Deos commigo
 Que me dê uma paixão;
 Que me dê crença á minha alma,
 E vida ao meo coração.

RECORDAÇÃO.

Nessun maggior dolore

DANTE.

Quando em meo peito as afflicções rebentão
 Eivadas de soffrer acerbo e duro;
 Quando a desgraça o coração me arrocha
 Em circulos de ferro, com tal força,
 Que delle o sangue em borbotões golfeja;
 Quando minha alma de soffrer cançada,
 Bem que affeita a soffrer, siquer não pode
 Clamar: Senhor piedade; — e que os meos olhos
 Rebeldes, uma lagrima não vertem
 Do mar d'angustias que meo peito opprime:

Volvo aos instantes de ventura, e penso
 Que a sós contigo, em pratica serena,
 Melhor futuro me augurava, as doces
 Palavras tuas, sofregos, attentos
 Sorvendo meos ouvidos, — nos teos olhos
 Lendo os meos olhos tanto amor, que a vida
 Longa, bem longa, não bastára ainda

Porque de os ver me saciasse! . . . O pranto
 Então dos olhos meos corre espontaneo,
 Que não mais te verei. — Em tal pensando
 De martyrios calar sinto em meo peito
 Tão grande plenitude, que a minha alma
 Sente amargo prazer de quanto soffre.

TRISTEZA.

Que leda noite! — Este ar embalsamado,
 Este silencio harmonico da terra
 Que sereno prazer n'alma cançada
 Não expreme, não filtra, não diffunde?
 A brisa lá susurra na folhagem
 D'espessas matas, d'arvores robustas,
 Que velão sempre e sós, que a Deos elevão
 Mysteroso côro, que do Bardo
 A crença quasi morta inda alimenta.
 É esta a hora magica de encantos,
 Hora d'inspirações dos céos descidas,
 Que em delirio de amor aos céos remontão.

Aqui da vida as lastimas infindas,
 Do myrrado egoismo a voz ruidosa
 Não chegão; nem soluços, risos, festas,
 — Hilaridade vã de turba incauta,
 Nescia de ruim futuro; ou queixa amarga
 Do decrepito velho, enfermo, exangue,
 Nem do mancebo os ais doídos, preso
 Ao leito do soffrer na flôr da vida.

Aqui reina o silencio, o religioso,
 Morno socego, que povôa as ruinas,
 E o mausoléo soberbo, carcomido,
 E o templo magestoso, em cuja nave
 Suspira ainda a nota maviosa,
 O derradeiro arfar d'orgão solemne.

Em puro céu a lua resplandece,
 Melancolica e pura, semelhando
 Gentil viuva que pranteia o extinto,
 O bello esposo amado, e vem de noite,
 Vivendo pelo amor, máo grado a morte,
 Ferventes orações chorar sobre elle.

Eu amo o céu assim, sem uma estrella,
 Azul sem mancha, — a lua equilibrada
 N'um céu de nuvens, e o frescor da tarde,
 E o silencio da noite adormecida,
 Que imagens vagas de prazer desenha.
 Amo tudo o que dá no peito e n'alma
 Tregoa ao recordar, tregoa ao pranto,
 Á v'hemencia da dôr, á pertinacia
 Tenaz e acerba de crueis lembranças;
 Amo estar só com Deos, porque nos homens
 Achar não pude amor, nem pude ao menos
 Signal de compaixão achar entre elles.

Menti! — um inda achei; mas este em ocio
 Feliz descança agora, em quanto aos ventos
 E ao cru furor das verde-negras ondas
 Da minha vida a barca aventureira
 Insano confiei; em céu diverso
 Luzem com luz diversa estrellas d'ambos.
 Ai! triste, que houve tempo em que eu julgava
 As duas uma só, — co'o mesmo brilho
 Uma e outra nos céos meigas brilhavão!
 Hoje scintilla a delle, em quanto a minha
 Entre nuvens, sem luz, se perde agora.
 Meo Deos, foi bom assim! No immenso pégo
 Mais uma gotta d'amargor que importa?
 Que importa o fel na taça do absyntho,
 Ou uma dôr de mais onde outras reinão?

O TROVADOR.

Elle cantava tudo o que merece de
ser cantado; o que ha na terra de grande
e de sancto — o amor e a virtude. —

N'uma terra antigamente
Existia um Trovador;
Na Lyra sua innocente
Só cantava o seo amor.

Nenhum saráo se acabava
Sem a Lyra de marfim,
Pois cantar tão alto e doce
Nunca alguém ouvira assim.

E quer donzella, quer dona,
Que sentira commoção
Pular-lhe n'alma, escutando
Do Trovador a canção;

De jasmins e de açucenas
A fronte sua adornou;
Mas só a rosa da amada
Na Lyra amante poisou.

E o Trovador conheceo
Que era trahido — por fim;
Poz-se a andar, e só se ouvia
Nos seos labios: ai de mim!

Enlutou de negro fumo
A rosa de seo amor,
Que meia occulta se via
Na gorra do Trovador;

Como virgem bella, morta
Da idade na linda flôr,
Que parece, o dó trajando,
Inda sorrir-se de amor.

No meio do`seo caminho
 Gentil donzella encontrou:
 Canta — disse; e as cordas d'oiro
 Vibrando, a triste cantou.

«Teo rosto engraçado e bello
 «Tem a lindeza da flôr;
 «Mas é risonho o teo rosto:
 «Não tens de sentir amor!

«Mas tão bem por esse dia
 «Que viverás, como a flôr,
 «Mimosa, engraçada e bella,
 «Não tens de sentir amor!

«Oh! não queiras, por Deos, homem que tenha
 «Tingida a larga testa de pallor;
 «Sente fundo a paixão, — e tu no mundo
 «Não tens de sentir amor!

«Sorriso jovial te enfeita os labios,
 «Nas faces de jasmim tens rosea côr;
 «Fundo amor não se ri, não é corado . . .
 «Não tens de sentir amor;

«Mas se queres amar, eu te aconselho,
 «Que não guerreiro, escolhe um trovador,
 «Que não tem um punhal, quando é trahido,
 «Que vingue o seu amor.»

Do Trovador pelo rosto
 Torva raiva se espalhou,
 E a Lyra sua, tremendo,
 Sem cordas d'oiro ficou.

Mais além no seo caminho
 Donzel garboso encontrou:
 Canta — disse; e argenteas cordas
 Pulsando, o triste cantou.

«Aos homens da mulher enganão sempre
 «O sorriso, o amor;
 «É este breve, como é breve aquelle
 «Sorriso enganador.

«Teo peito por amor, Donzel, suspira,
 «Que é de jovens amar a formosura;
 «Mas sabe que a mulher, que amor te jura,
 «Dos lindos labios seos cospe a mentira!

«Já frenetico amor cantei na lyra,
 «Delicias já sorvi n'um seo sorriso,
 «Já venturas fruí do paraíso,
 «Em terna voz de amor, que era mentira!

«O amor é como a aragem que murmura
 «Da tardê no cahir — pela folhagem;
 «Não volta o mesmo amor á formosura,
 «Bem como nunca volta a mesma aragem.

«Não queiras amar, não; pois que a 'sperança
 «Se arroja além do amor por largo espaço.
 «Tens, brillando ao sol, a forte lança,
 «Tens longa espada scintillante d'aço.

«Tens a fina armadura de Milão,
 «Tens luzente e brillante capacete,
 «Tens adága e punhal e bracelete
 «E, qual lúcido espelho, o morrião.

«Tens feroso corsel todo arreiado,
 «Que mais veloz que os ventos sorve a terra;
 «Tens duellos, tens justas, tens torneios,
 «Que os fracos corações de medo cerra;
 «Tens pagens, tens varletes e escudeiros
 «E a marcha afoita, apercebida em guerra
 «Do luzido esquadrão de mil guerreiros.

«Oh! não queiras amar! — Como entre a neve
 «O gigante volcão borbulha e ferve

«E sulfurea chamma pelos ares lança,
 «Que após o seo cahir torna-se fria;
 «Assim tu acharás petrificada,
 «Bem como a lava ardente do volcão,
 «A lava que teo peito consumia
 «No peito da mulher — ou cinza ou nada —
 «Não frio, mas gelado o coração!»

E o Trovador despeitoso
 De prata as cordas quebrou,
 E nas de chumbo seo fado
 A lastimar começou.

«Que triste que é n'este mundo
 «O fado d'um Trovador!
 «Que triste que é! — bem que tenha
 «Sua Lyra e seu amor.

«Quando em festejos descanta,
 «Rasgado o peito com dôr,
 «Mimoso tem de cantar
 «Na sua Lyra — o amor!

«Como a um servo vil ordena
 «Um orgulhoso Senhor,
 «Canta, diz-lhe; quero ouvir-te:
 «Quero descantes de amor!

«Diz-lhe o guerreiro, que apenas
 «Lidou em justas de amor:
 «— Minha dama quer ouvir-te,
 «Canta, truão trovador! —

«Manda a mulher que nos deixa
 «De beijos murchada flôr:
 «— Canta, truão, quero ouvir-te,
 «Um terno canto de amor!

«Mas se a mulher, que elle adora
 «Atraçôa o seo amor;
 «Embalde busca a seo lado
 «Um punhal — o Trovador!

«Se escuta palavras della,
 «Que a outros jurão amor;
 «Embalde busca a seo lado
 «Um punhal — o Trovador!

«Se vê luzir de alguns labios
 «Um sorriso mofador;
 «Embalde busca a seo lado
 «Um punhal — o Trovador!

«Que triste que é n'este mundo
 «O fado d'um Trovador!
 «Pezar lhe dá sua Lyra,
 «Dá-lhe pezar seo amor!»

E o Trovador n'este ponto
 A corda extrema arrancou;
 E n'um marco do caminho
 A Lyra sua quebrou:
 Ninguem mais a voz sentida
 Do Trovador escudou!

AMOR! DELIRIO — ENGANO.

Y el llanto que en su cólera derrama,
 La hoguera apaga del antiguo amor!

ZORRILLA.

Amor! delirio — engano Sobre a terra
 Amor tão bem fruí; a vida inteira
 Concentrei n'um só ponto — ama-la, e sempre.
 Amei! — dedicação, ternura, extremos
 Scismou meo coração, scismou minha alma,
 — Minha alma que na taça da ventura
 Vida breve d'amor sorveo gostosa.

Eu e ella, ambos nós, na terra ingrata
 Oásis, paraíso, eden ou templo
 Habitámos uma hora; e logo o tempo
 Com a foíce roaz quebrou-lhe o encanto,
 Doce encanto que o amor nos fabricára.

E eu sempre a via! . . quer nas nuvens d'oiro,
 Quando ia o sol nas vagas sepultar-se,
 Ou quer na branca nuvem que velava
 O circulo da lua, — quer no manto
 D'alvacenta neblina que haixava
 Sobre as folhas do bosque, muda e grave,
 Da tarde no cahir; nos céos, na terra,
 A ella, a ella só, vião meos olhos.

Seo nome, sua voz — ouvia eu sempre;
 Ouvia-os no gemer da parda rola,
 No trepido correr da veia argentea,
 No respirar da brisa, no susurro
 Do arvoredado frondoso, na harmonia
 Dos astros ineffavel; — o seo nome!
 Nos fugitivos sons de alguma frauta,
 Que da noite o silencio realçavão,
 Os ares e a amplidão divinizando,
 Ouvião meos ouvidos; e de ouvil-o
 Arfava de prazer meo peito ardente.

Ah! quantas vezes, quantas! junto d'ella
 Não senti sua mão tremer na minha;
 Não lhe escutei um languido suspiro,
 Que vinha lá do peito á flor dos labios
 Deslisar-se e morrer?! Dos seos cabellos
 A magica fragrancia respirando,
 Escutando-lhe a voz doce e pausada,
 Mil venturas colhi dos labios d'ella,
 Que instantes de prazer me futuravão.
 Cada sorriso seo era uma esp'rança,
 E cada esp'rança enlouquecer de amores.

E eu amei tanto! — Oh! não! não hão de os homens
 Saber que amor, á ingrata, havia eu dado;
 Que affectos melindrosos, que em meo peito
 Tinha eu guardado para ornar-lhe a fronte!
 Oh! não, — morra commigo o meo segredo;
 Rebelde o coração murmure embora.

Que de vezes, pensando a sós commigo,
 Não disse eu entre mim: — Anjo formoso,
 Da minha vida que farei, se acaso
 Faltar-me o teo amor um só instante;
 — Eu que só vivo por te amar, que apenas
 O que sinto por ti a custo exprimo?
 No mundo que farei, como estrangeiro
 Pelas vagas crueis á praia inhóspita
 Exanime arrojado? — Eu, que isto disse,
 Existo e penso -- e não morri, — não morro
 Do que outr'ora senti, do que ora sinto,
 De pensar nella, de a revêr em sonhos,
 Do que fui, do que sou e ser podia!

Existo; e ella de mim jaz esquecida!
 Esquecida talvez de amor tamanho,
 Derramando talvez n'outros ouvidos
 Frases doces de amor, que dos seos labios
 Tantas vezes ouvi, — que tantas vezes
 Em extasis divino aos céos me alçarão,
 — Que dando á terra ingrata o que era terra
 Minha alma além das nuvens transportarão.
 Existo! como outr'ora, no meo peito
 Férvido o coração pular sentindo,
 Todo o fogo da vida derramando
 Em queixas mulherís, em molles versos.
 E ella! . . . ella talvez nos braços d'outrem
 Com sua vida alimenta uma outra vida,
 Com o seo coração o de outro amante,
 Que mais feliz do que eu, inferno! a goza.
 Ella, que eu respeitei, que eu venerava

Como a reliquia sancta! — a quem meus olhos,
 Receiando offendel-a, tantas vezes
 De castos e de humildes se abaixarão!
 Ella, perante quem sentia eu presa
 A voz nos labios e a paixão no peito!
 Ella, idolo meo, a quem o orgulho,
 A força d'homem, o sentir, vontade
 Propria e minha dediquei, — sugeita
 Á voz de alguém que não sou eu, — desperta,
 Talvez no instante em que de mim se lembra,
 Por um osculo frio, por caricias
 Devidas d'um esposo! . . .

Oh! não poder-te,
 Abutre roedor, cruel ciume,
 Tua funda raiz e a imagem d'ella
 No peito em sangue espedaçar raivoso!

Mas tu, cruel, que es meo rival, n'uma hora,
 Em que ella só julgar-se, has de escutar-lhe
 Um quebrado suspiro do imo peito,
 Que d'éras ja passadas se recorda.
 Has de escutal-o, e ver-lhe a côr do rosto
 Enrubecer-se ao deparar comtigo!
 Preza serás tambem d'átros cuidados,
 Terás ciume, e soffrerás qual soffro:
 Nem menor que o meo mal quero a vingança.

DELIRIO.

Quando dormimos nosso espirito véla.
 ESCHYLO.

A noite quando durmo, esclarecendo
 As trevas do meu somno,
 Uma etherea visão vem assentar-se
 Junto ao meu leito afflicto!
 Anjo ou mulher? não sei. — Ah! se não fosse
 Um qual véo transparente,

Como que a alma pura alli se pinta
 Ao travéz do semblante,
 Eu a crêra mulher . . . — E tentas, louco,
 Recordar o passado,
 Transformando o prazer, que desfructaste,
 Em lentas agonias?!

Visão, fatal visão, porque derramas
 Sobre o meo rosto pallido
 A luz de um longo olhar, que amor exprime
 E pede compaixão?
 Porque teo coração exhala uns fundos,
 Magoados suspiros,
 Que eu não escuto; mas que vejo e sinto
 Nos teos labios morrer?
 Porque esse gesto e morbida postura
 De macerado espirito,
 Que vive entre afflicções, que já nem sabe
 Desfructar um prazer?

Tu fallas! tu que dizes? este accento,
 Esta voz melindrosa,
 N'outros tempos ouvi, porém mais leda;
 Era um hymno d'amor.
 A voz, que escuto, é magoada e triste,
 — Harmonia celeste,
 Que á noite vem nas azas do silencio
 Humedecer as faces
 Do que enxerga outra vida além das nuvens.
 Esta voz não é sua;
 É accorde talvez d'harpa celeste,
 Cahido sobre a terra!

Balucias uns sons, que eu mal percebo,
 Doridos, compassados,
 Fracos, mais fracos; — lagrimas despontão
 Nos teos olhos brilhantes . . .
 Choras! tu choras! . . . Para mim teos braços
 Por força irresistivel

Estendem-se, procurão-me; procuro-te
 Em delirio afanoso.
 Fatídico poder entre nós ambos
 Ergueo alta barreira;
 Elle te enlaça e prende . . . mal resistes . . .
 Cédes emfim . . . acórdo!

Acórdo do meo sonho tormentoso,
 E choro o meo sonhar!
 E fecho os olhos, e de novo intento
 O sonho reatar.

Embalde! porque a vida me tem preso;
 E eu sou escravo seo!

Acordado ou dormindo, é triste a vida
 Desque o amor se perdeo.

Ha comtudo prazer em nos lembrarmos
 Da passada ventura,

Como o que educa flôres vicejantes
 Em triste sepultura.

EPICEDIO.

Passa la bella donna e par che dorma.

TASSO.

Seo rosto pallido e bello
 Já não tem vida nem côr!
 Sobre elle a morte descança,
 Involta em baço pallor.

Cerrarão-se olhos tão puros,
 Que tinham tanto fulgor;
 Coração que tanto amava
 Já hoje não sente amor;

Que o anjo bello da morte
 A par desse anjo baixou!
 Trocárão brandas palavras,
 Que Deos sómente escutou.

Ventura, prazer, ledice
D'uma outra vida cantou;
E o anjo puro da terra
Prazer da terra engeitou.

Depois co'as azas candentes
O formoso anjo do céu
Roçou-lhe a face mimosa,
Cubrio-lhe o rosto co'um véo.

Depois o corpo engraçado
Deixou á terra sem vida,
De tenue pallor coberto,
— Verniz de estatua esquecida.

E bella assim, como um lirio
Murcho da sésta ao ardor,
Teve a innocencia dos anjos,
Tendo o viver d'uma flôr.

Foi breve! — mas a desgraça
A testa não lhe enrugou,
E aos pés do Deos que a creára
Alma inda virgem levou.

Sáe da larva a borboleta,
Sáe da rocha o diamante,
De um cadaver mudo e frio
Sáe uma alma radiante.

Não choremos essa morte,
Não choremos casos taes;
Quando a terra perde um justo,
Conta um anjo o céu de mais.

SOFFRIMENTO.

Meo Deos, Senhor meo Deos, o que ha no mundo
Que não seja soffrer?

O homem nasce, e vive um só instante,
E soffre até morrer!

A flôr ao menos, nesse breve espaço
Do seo doce viver,
Encanta os ares com celeste aroma,
Querida até morrer.

É breve o romper d'alva, mas ao menos
Traz comsigo prazer;
E o homem nasce e vive um só instante:
E soffre até morrer!

Meo peito de gemer já está cançado,
Meos olhos de chorar;
E eu soffro ainda, e já não posso alivio
Sequer no pranto achar!

Já farto de viver, em meia vida,
Quebrado pela dôr,
Meos annos hei passado, uns após outros,
Sem paz e sem amor.

O amor que eu tanto amava do imo peito,
Que nunca pude achar,
Que em balde procurei, na flôr, na planta,
No prado, e terra, e mar!

E agora o que sou eu? — Pallido espectro,
Que da campa fugio;
Flôr ceifada em botão; imagem triste
De um ente que existio . . .

Não escutes, meo Deos, esta blasfemia;
Perdão, Senhor, perdão!
Minha alma sinto ainda, — sinto, escuto
Bater-me o coração.

Quando roja meo corpo sobre a terra,
Quando me afflige a dôr,
Minha alma aos céos se eleva, como o incenso,
Como o aroma da flôr.

E eu bemdigo o teo nome eterno e sancto,
Bemdigo a minha dôr,
Que vai além da terra aos céos infindos
Prender-me ao creador.

Bemdigo o nome teo, que uma outra vida
Me fez descortinar,
Uma outra vida, onde não ha só trevas,
E nem ha só penar.

VISÕES.

I.

PRODIGIO.

N'aquelle instante em que vacilla a mente
Do somno ao despertar, quando pejada
Vem d'outros mundos de visões ethereas:
Quando sobre a manhã surge brilhante
A luz da madrugada, — eu vi! ... nem sonhos
Era a minha visão, real não era;
Mas tinha d'ambos o talvez. — Quem sabe?
Foi caprixo fallaz da phantasia,
Ou foi certo aventar d'eras venturas?

A ira do Senhor baixou tremenda
Sobre uma vasta capital! — em pedra
Tornou-se a gente impura. Muitos homens
As portas ferreas, largas, vi sentados.
Melhor do que um pintor ou statuario
A morte, que de subito os colhera
No ardor, no afan da vida, conservou-lhes
A acção — partida em meio, com tal força,
Que a mente seo máo grado a completava.
Um tinha os labios entreabertos; outro
Parecia sorrir; mais longe aquelle
Derramava um segredo, baixo, á medo,
Nos ouvidos do amigo; austero o guarda
Com rosto carregado e barba hirsuta
Nas mãos callosas sopesava a lança.

Dos mercadores na comprida rua
 Passavão muitos compradores; — este
 Contava montes d'oiro; — á luz aquelle
 Expunha a seda do Indostaõ, de Tyro
 A purpura brilhante, a damasquina
 Custosa téla entretecida d'oiro.
 Cortez sorrindo, o mercador gabava
 As cores vivas, o tecido, o corpo
 Do estofo que vendia. Nos serralhos
 Era o Eunucho imperfeito; das Mesquitas
 Bradava á prece o Muezzin...

— N'um largo,

Fofa e vasto divan sentado, um velho
 Os versos lia do Alcorão; — só elle
 D'entre tanto punir ficára illeso.

II.

A CRUZ.

Era um templo d'arabica structura,
 Magestoso, elegante; — alem das nuvens
 Se entranhava nos céos subtil a agulha;
 Sobre o zimbório retumbante e vasto
 Ondas e ondas de vapor crescião.
 Dentro corrião tres compridas naves
 Sobre dois renques de columnas, onde
 Baixos relevos da sagrada historia
 Da base ao capitel se emmaranhavão.
 Ardia a luz na alampada sagrada;
 No sagrado instrumento o som dormia.

Juncto á cruz — da fachada egregia pompa —
 Muitos homens eu vi de torvo aspecto;
 Muitos outros, servís, com mão armada
 Profundos golpes entalhavão nella.
 Um daquelles no emtanto assim fallava:

«Quando esta humilde cruz rojar por terra;
 «Levando a crença de Jesus consigo
 «Nós outros, da verdade Sacerdotes,
 «Nós Doutores do mundo, nós Luzeiros
 «Que desvendamos a impostura, o erro,
 «A mentira sagaz, a crença louca,
 «Entrada facil da razão no templo
 «Teremos todos; e de então no throno,
 «Do nescio vulgo imparciaes sob'ranos,
 «Sanctos juises da verdade sancta,
 «Pregaremos o justo, a paz, concordia
 «E os seus deveres que dimanão faceis
 «Do amor do lucro e do interesse; todos
 «— Vasallos da razão, nossos vassallos —
 «Um eden terreal farão do mundo.»

No emtanto aos crebros golpes do machado
 A cruz pendia obliqua sobre a terra.
 Creando novas forças com tal vista,
 Os operarios mais frequentes golpes
 Repetem, vibrão, continuação; — sôa
 Por toda a parte o echo, — o som, mais longe,
 Retumba, morre — e novamente echôa.
 Nisto a cruz — geme — estrala; um grito sóbe
 Unisono e geral! . . .

Como sois grande,
 Senhor, Senhor meo Deos! — Eu vi, morrendo
 Os obreiros cahir; e a cruz erguer-se,
 Como aos raios do sol a flor mimosa
 Que a raiva do tufão vergára insana.

III.

PASSAMENTO.

Era um quarto espaçoso; — alli se vião
 Rojar no pavimento, ha pouco, as sedas,
 Ricos tapetes multicolor bordados,
 E franjas complicadas d'um céo d'oiro
 Pendentes, — vastos rases narradores
 De lenda pia ou de briosos feitos.
 Mas de tanto luzir, de tanto ornato
 Ora por mãos aváras depredado
 O vasto d'área revelava aos olhos,
 Tendo n'um canto escuro um leito apenas.
 Do leito alguém rasgára o cortinado.
 E da curva amação polida e bella
 Aqui, alli, pendia a seda em fios,
 Bem como tranças de mulher formosa
 Por sobre o seio nú. — Alli no leito
 Jazia um moribundo; em torno os olhos
 Cheios de pasmo e de terror volvia,
 Bebendo pelos sofregos ouvidos
 Mal sentido rumor d'outro aposento.
 Confusas vozes, altercar ruidoso,
 E o tinir de metal ouvia apenas!
 Então por vezes tres no leito afflicto
 Erguer-se maquinou de raiva insano!
 Por tres vezes cahio, gemendo, sobre
 O leito que da queda se sentia.

Da morte o cru torpor nos membros frios
 Pouco e pouco s'espalha; mas teimoso
 Da vida o amor debate-se nas ancias
 Desse passo fatal . . .

— Eis nisto á porta

Um Padre assoma, — d'entre as mãos erguidas
 Da hostia sancta resplendor luzia;
 E palavras de paz, de amor, divinas,
 Que nos labios do justo Deos entorna,

Abundantes soltava. Longos annos
De piedoso soffrer o corpo enfermo
Alquebrarão por fim; as cãs nevadas
Raras tremião sobre a testa, como
Tremia na garganta a voz cançada.

Dizia o bom do velho: — «Irmão, nas ancias,
«No extremo agonisar da morte amiga
«Ergue os olhos ao céu; — do céu te venha
«Esse divino amor, que só lá mora,
«Que filtra por nossa alma, que nos deixa
«Mais celeste prazer, mais doce arroubo,
«Do que a terra sóe dar . . .

«Infames, trédos,
«Bufarinheiros de palavras, corvos
«De negro, feio agoiro, que esvoação
«Com grito grasnador por sobre o campo,
«Onde a peleja de reinar começa;
«Dizes-me *tu* — a mim! a mim que ao fóro
«Caminho inda hoje entre alas de clientes,
«Que so me visto de velludo e d'oiro,
«Em quanto vives de burel coberto,
»Co'os labios sobre o pó mordendo a terra!
«Dizes-me *tu* — a mim! . . .»

Ergueo-se, . . . e o corpo
Cahio de fraco sobre o leito; o velho
No emtanto humilde orava, que alma sancta
Do mal cabido insulto não se offende.

Jehovah, que entre myriadas
Vives de estrellas formosas,
Que das flôres melindrosas
Da terra — os anjos formaste;
Jehovah, que pela agoa
Lustrar quizeste o Messias,
Que ao beato, ao sancto Elias
Nas chammas purificaste;

Jehovah, que a mente apuras
 No fogo do soffrimento,
 Que divino, alto portento
 Déste fazer á Moisés,
 Quando a negra rocha dura
 Tocando co'a tenue vara,
 Rebentou a lympha clara,
 Lambendo-lhe mansa os pés;
 Jehovah, que eterno existes,
 Cujó ser em si se encerra,
 Que formaste o céo e a terra,
 Que te chamas — o que é, *)
 — Faz, Senhor d'altos prodigios,
 Com que a mente empedernida
 Não se aparte desta vida
 Sem sentir a sancta fé.

E tu, Christo, que soffreste
 Martyrios por nosso amor,
 Tu que foste o Salvador,
 Salva-o, Senhor, por quem es.
 Dá que em palavras piedosas
 Se derrame contristado,
 Como o rochedo tocado
 Pela vara de Moisés.

E o confuso rumor do outro aposento
 Crescia mais e mais. — Do moribundo
 Os cúpidos herdeiros dividião
 Por si a vasta herança; os torvos olhos
 Ião de rosto a rosto, fusilando
 Ameaças de morte.

No emtanto o velho exanime e sem forças
 Curtia amargos transes, que avarento,
 E tendo a vida inutil presa a terra
 Com toda a força d'alma, — agora em ancias
 Sentia o halito vital fugir-lhe,
 E a terra abandonal-o.

*) Ego sum qui sum.

Estuava-lhe a dôr no peito afflicto! . . .
 Só não chorava, que do pranto a fonte
 Jazia extincta; mas pensava triste:
 — Não tinha quem lhe cerrasse os olhos
 Nem quem chorando lhe abrandasse o amargo
 Do extremo agonisar.

E a mente, já medrosa, em feio quadro
 Lhe pintava os seos feitos; — a vingança,
 Que tão grande prazer lhe tinha sido,
 Ora em martyrios se tornava; a chusma
 Dos homicidios seos crescia torva,
 E no leito o cercava.

Crença infantil! dizia; loucos, cegos
 Prejuizos do vulgo; — e assim dizendo
 Os vãos phantasmas repellir buscava.
 Mas a crença infantil, os prejuizos
 Do nescio vulgo, rispídos tornavão,
 Como insecto importuno.

Debalde por não ver cerrava os olhos,
 Sobre os olhos debalde as mãos crusava,
 Que as sombras nos ouvidos lhe fallavão,
 E mais distinctas se pintavão n'alma
 — Tão bem molesta, qual se pinta o corpo
 Do espelho no polido.

E do seo passamento o caso infando
 Narrava uma após outra, sobre o peito
 Mostrando o golpe funebre e cruento;
 Sorvendo o fel da taça amarga o enfermo
 Parecia sorrir! . . . era qual louco
 Que soffre e um riso finge.

E das visões indo a fugir se arroja
 De sobre o leito delirante; as sombras
 Vôão sobre elle, e em circulo se ordenão.
 O moribundo a esta, a aquella, a todas
 Volve o pavido rosto, no mover-se
 Progressivo, incessante.

E preso ao duro embate da vertigem,
 As mestas sombras ao redor com elle
 Fugir sentia; o pavimento, a casa
 Rapido rodava; a terra e tudo,
 Como aos soluços d'um vulcão tremendo,
 As forças lhe tolhião.

E o orgulhoso que feliz vivera,
 Movendo a seo bom grado mil escravos,
 Querendo a terra dominar co'um gesto;
 Ora mesquinho, solitario e louco,
 Face a face lutando com seos crimes,
 Morria impenitente.

IV.

Era o vulto de um homem morto que afastando
 o sudario se hia erguer do tumulo para revelar
 alguns dos temerosos mysterios, que encerra a
 apparente quietação dos sepulchros.

O PRESBYTERO.

O negrume da noite avulta; e cresce
 Mais feia a escuridão
 Á luz da sacra pyra que derrama
 Frouxo e tibio clarão.

Calou-se o canto, a prece, — é mudo o templo;
 Apenas fraco sôa
 Da torre o bronze, que a nocturna brisa
 De rumores povôa.

Mas eis que de um sepulchro a pedra fria
 S'ergue e sobre outras caê.
 Não se escuta rumor! — da campa livre
 Medroso espectro saê.

O rosto ossificado em torno volve,
 Volve a suja caveira;
 Do liso craneo os longos dedos varrem
 A funebre poeira.

Mas inda inteiro o coração se via
 Do peito nas cavernas,
 Inda sangrento lágrimas chorava
 De negro sangue eternas.

E caminhando, qual se move a sombra,
 Ao órgão se assentou!
 Já não dormem os sons, não dormem echos...
 — O triste assim cantou:

«Onde estás, meo amor, meos encantos,
 Por quem só me pezava morrer,
 Doce encanto que a vida me prendes,
 Que inda em morto me fazes soffrer?

«Doce amor, minha vida no mundo,
 Desse mundo em que parte serás;
 Em que scismas, que pensas, que fazes,
 Onde estás, meo amor, onde estás?

«Ah! de balde na campá gelada
 Fria morte me poude deitar!
 Foi de balde, — que eu sinto, que eu ardo;
 Foi de balde, que eu amo a penar.

«Ah! si eu triste no mundo podesse
 Como outr'ora viver, respirar
 Não soubera dizer-te os ardores
 Que o sepulchro não poude apagar.

«Onde estás? — Já da morte o bafejo
 Por teu rosto divino roçou;
 Já na campá descanças finada,
 Que o teu corpo sem vida tragou?

«Mas a morte não poude impiedosa
 Crua foice vibrar contra ti!
 Ah! tu vives, que eu sinto, que eu soffro
 Crús ardores quaes sempre soffri.

«E eu não posso o teo nome á noitinha
Entre as folhas saudoso cantar,
Nem seguir-te nas azas da brisa,
Nem teo somno de sonhos doirar.

«Nem lembrar-te os queridos instantes
Que a teo lado arroubado passei,
Sem cuidados de incerto futuro,
Só cuidadoso da vida que amei.

«Não te lembras da noite homicida
Em que um ferro meo peito varou,
Quando a facil conversa de amores
Teo marido cioso quebrou?!

«Desde então hei penado sósinho,
Verte sangue meo peito — de então;
Poude a morte acabar-me a existencia,
Mas delir-me não poude a paixão!

«Nosso adultero affecto no mundo
Não se acaba; — assim quiz o Senhor!
Não se acaba . . . — qu'importa? — hei gozado
Teos encantos gentis, teo amor.

«Por te amar outras fragoas soffrera,
Outros transe e dôr e penar;
Oh! poder que eu podesse outra vida
E outro inferno soffrer por te amar!»

Mas da aurora ja raiava
Macio e brando clarão;
Macia e branda a canção
Do negro espectro soava.

E medroso se collava
Ao orgão seo negro véo,
Que imiga não se ajuntava
Ao seo vulto a luz do céu.

Pouco a pouco se perdia
 O negro espectro; a canção
 Pouco a pouco enfraquecia:
 Do dia ao tenue clarão,

Era o cantar um soído
 Fraco, incerto e duvidoso;
 Era o vulto pavoroso
 D'uma sombra vão tremido.

V.

A MORTE.

Dans sa douleur elle se trouvait
 malheureuse d'être immortelle.

FÉNÉLON.

Da aurora vinha nascendo
 O grato e bello clarão;
 Eu sonhava! já mais brandos
 Erão meos sonhos então.

Condensou-se o ar n'um ponto,
 Cresceo o subtil vapor;
 Vi formada uma belleza,
 Cheia de encantos, de amor.

Mas na candura do rosto
 Não se pintava o carmim;
 Tinha um quê de cera juncto
 Á nitidez do marfim.

— Quem es tu, visão celeste,
 Bello Archanjo do Senhor?
 Respondeo-me: — Sou a Morte,
 Crú phantasma de terror!

— Ah! lhe tornei: Es a morte,
Tão formosa e tão cruel!
— Correndo o mundo sósinha
No meo pallido corsel, *) —

Assim dizia — «Tu julgas
Que não tenho coração,
Que executo os meos deveres
Sem pesar, sem afflicção?

— Que inda em flôr da vida arranco
Ao joven, sem compaixão,
Á donzella pudibunda
Ou ao longévo ancião?

— Oh! não, que eu soffro martyrrios
Do que faço aos mais soffrer,
Soffro dôr de que outros morrem,
De que eu não posso morrer;

— Mas em parte a dôr me cura
Um pensamento, que é meo, —
Lembro aos humanos que a terra
É só passagem pr'a o céo.

— Faço ao triste erguer os olhos
Para a celeste mansão;
Em labios que nunca orarão
Derramo pia oração.

— É meo poder quem apura
Os vicios que a mente encerra,
Ao fogo da minha dôr;
Sou quem prendo aos céos a terra,
Sou quem prendo aos céos a terra,
Ao ser do seo Creador.

*) Et ecce equus pallidus, et qui sedebat super illum
nomen illi Mors.

— Mas qu'importa? Sem descanso
 É-me forçoso marchar,
 Abater impias frentes,
 Regias frentes decepar.

— Passar ao travez dos homens
 Como um vento abrasador;
 Como entre o feno maduro
 A foice do segador.

— E prostrar uma após outra
 Geração e geração,
 Como peste que só reina
 Em meio da solidão.» —

Desponta o sol radioso
 Entre nuvens de carmin;
 Cessa o canto pesaroso,
 Como córda aurea de Lyra;
 Que se parte, que suspira
 Dando um gemido sem fim.

O VATE.

NO ALBUM DE UM POETA.

Moi . . . j'aimerai ta victoire;
 Pour mon coeur, ami de toute gloire,
 Les triomphes d'autrui ne sont pas un affront.
 Poète, j'eus toujours un chant pour les poètes,
 Et jamais le laurier qui pare d'autres têtes
 Ne jeta d'ombre sur mon front.

V. HUGO.

Vate! vate! que es tu? — Nos seos extremos
 Fadou-te Deos um coração de amores,
 Fadou-te uma alma accesa borbulhando
 Hardidos pensamentos, como a lava
 Que o gigante Vesuvio arroja ás nuvens.

Vate! vate! que es tu? — Foste ao principio
 Sacerdote e propheta;
 Erão nos céos teos cantos uma prece,
 Na terra um vaticinio.
 E elle cantava então: — Jehovah me disse,
 Magestoso e terrivel.

«Vês tu Jerusalém como orgulhosa
 «Campêa entre as nações, como no Libano
 «Um cedro a cuja sombra a hyssope cresce?
 «Breve a minha ira transformada em raios
 «Sobre ella cahirá;
 «Um fero vencedor dentro em seos muros
 «Tributaria a fará;
 «E quando escravos seos filhos, sobre pedra
 «Pedra não ficará.»

E os reprobos de sacco se vestião;
 Em pó, em cinza involtos;
 E collando co'a terra os torpes labios,
 E açoitando co'as mãos o peito imbelles,
 Senhor! Senhor! — clamavão.

E o vate emtanto o pallido semblante
 Meditabundo sobre as mãos firmava,
 Supplicando ao Senhor do interno d'alma.

Forão sanctos então. — Homero o mundo
 Creou segunda vez, — o inferno o Dante, —
 Milton o paraizo, — forão grandes!

E hoje! . . . em nosso exilio erramos tristes,
 Mimosa esp'rança ao infeliz legando,
 Maldizendo a soberba, o crime, os vicios;
 E o infeliz se consola, e o grande treme.
 Damos ao infante aqui do pão que temos,
 E o manto além ao misero rachitico;
 Somos hoje Christãos.

À MORTE PREMATURA

DA ILL^{ma} S^{ra} D.

(No album de seo Irmão Dr. J. D. Lisboa Serra.)

Il semble que le ciel aux coeurs les plus magnanimes
Mesure plus de maux.

LAMARTINE.

Perfeita formosura em tenra idade
Qual flôr. que anticipada foi colhida,
Murchada está da mão da sorte dura.

CAMÕES, *Soneto*.

Lá, bem longe d'aqui, em tarde amena,
Gozando a viração das frescas auras,
Que do Brazil os bosques brandamente
Fazião balançar, — e que espalhavão
No ether encantado odôr, pureza —
Do que a rosa mais bella, — meiga e casta,
 Como as virgens do sol,
Que de vezes não foi ella pendente
Dos braços fraternaes em meigo abraço;
Como mimosa flôr presa, enlaçada
A tenro arbusto que a vergonhea debil
 Lhe ampara docemente! . . .

E o Irmão que só n'ella se revia,
O Irmão que a adorava, qual se adora
 Um mimo do Senhor;
Que a tinha por pharol, conforto e guia,
Os seus dias contava por encantos;
E as virtudes co'os dias pleiteavão.

E ella morreo no viço de seus annos! . . .
E a lagem fria e muda dos sepulchros
Se fechou sobre o ente esmorecido
 Ao despontar de vida
Tão rica de esperanças e tão cheia
 De formosura e graças! . . .

Campa! campá! que de terror incutes!
 Quanto esse teo silencio me horrorisa!
 E quanto se assemelha a tua calma
 A do cruel malvado que impassivel
 Contempla a sua victima torcer-se
 Em convulsões horriveis, desesp'radas;

Cruas vascas da morte!...

Quem tão má te creou?

Tu que tragas o ente que esmorece

Ao despontar de vida

Tão rica de esperanças e tão cheia

De formosura e graças?!

O pharol se apagou! a luz sumio-se!
 Como o fugaz clarão do meteóro,
 Extinguio-se a esperança; — e o mal-fadado
 Sobre a terra deserta em vão procura
 Traços d'essa que amou, que tanto o amára;
 Da joven companheira de seos brincos,

Pezares e alegrias.

Elle a procura! ... o viajor pasmado
 Nos campos de Pompéia, alonga a vista

Pela amplidão do praino,

Destroços e ruinas encontrando,

Onde esperava movimento e vida.

Não poder eu a trôco de meu sangue
 Poupar-te dessas lagrimas metade!
 Oh! poder que eu podesse! — e almo sorriso,
 Que tanto me compraz ver-te nos labios,

Inda uma vez brilhasse!

E essa existencia,

Que tão cara me é, t'a visse eu leda,
 E feliz como a vida dos Archanjos!
 Infeliz é quem chora: ella finou-se,
 Porque os anjos á terra não pertencem;
 Mas lá dos immortaes sobre os teos dias
 A suspirada irmã vela incessante.

Vinde, candidas rosas, açucenas,
 Vinde, roxas saudades;
 Orvalhai, tristes lagrimas, as c'roas,
 Que hão de a campa adornar por mim depostas
 Em holocausto á victima da morte.
 Innocencia, pudor, belleza e graça
 Com ella n'essa campa adormecêrão.
 Anjo no coração, anjo no rosto,
 Devera o amor chorar sobre o teo seio,
 Que não grinaldas funebres tecer-te;
 Devera voz d'esposo acalentar-te
 O somno da innocencia, — não grosseira
 Canção de trovador não conhecido.

COIMBRA, Junho de 1841.

A MENDIGA.

Donnez: —
 Et quand vous paraîtrez devant le juge austère,
 Vous direz: J'ai connu la pitié sur la terre,
 Je puis la demander aux cieux!

TURQUETY.

I.

Eu sonhei durante a noite . . .
 Que triste foi meo sonhar!
 Era uma noite medonha,
 Sem estrellas, sem luar.

E ao travez do manto escuro
 Das trevas, meos olhos vião.
 Triste mendiga formosa,
 Qu'infortunios consumião.

Era uma pobre mendiga,
 Porém candida donzella;
 Pudibunda, affavel, doce,
 Amorosa, e casta, e bella.

Vestia rotos andrajos,
 Que o seo corpo mal cubrião;
 Por vergonha os olhos d'ella
 Sobre ella se não volvião.

Pelas costas descobertas
 Cortador o frio entrava;
 Tinha fome e sede, — e o pranto
 Nos seus olhos borbulhava.

E qual vemos dos céos descendo rapido
 Um fugaz meteóro, vi descendo
 Um anjo do Senhor; — parou sobre ella,
 E mudo a contemplava. — Uma tristeza
 Sympathica, indizível pouco e pouco
 Do anjo nas feições se foi pintando:
 Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova
 Conhece enferma e chóra. — Ella no peito
 Menor sentio a dôr, e humilde orava.

II.

De um vasto edificio nas frias escadas
 Eu vi-a sentada; — era um templo, dizião
 Secreto concilio de socios piedosos,
 Que o bem tinha juntos, que bem só fazião.

Defronte um palacio soberbo se erguia,
 E d'elle partia confuso rumor:
 — A dança girava, e a orchestra sonora
 Cantava alegria, prazeres e amor.

E quando ao palacio um conviva chegava,
 Rugindo se abria o ruidoso portão;
 Effluvios de incenso nos ares corrião
 Da rua esteirada com vivo clarão.

E a triste mendiga alli 'stava ao relento,
 Com fome, com frio, com sede e com dôr;
 E eu vi o seo anjo, mais triste no aspecto,
 Mais baço, mais turvo da gloria o fulgor.

E á porta do vasto sombrio edificio

Um vulto chegou.

— Senhor, uma esmola! — bradou-lhe a mendiga:

E o vulto parou.

E rude no accento, no aspecto severo,

Lhe disse: — O teu nome? —

Tornou-lhe a mendiga: — Senhor, uma esmola,

Que eu morro de fome.

— Não dizes teu nome? — lhe torna o soberbo.

— Sou orphã, sosinha;

Meo nome qu'importa, se eu soffro, se eu gemo,

Se eu choro mesquinha!

Em vis meretrises não cabe esse orgulho,

Tornou-lhe o Senhor,

Que á noite, nas trevas, contractão no crime,

Vendendo o pudor.

E a porta do templo — erguido á piedade

Com força batia;

Co' o peso do insulto accrescido a crueza

A triste gemia.

III.

Ouvi depois um rodar que a todo o instante

Mais distincto se ouvia; e logo um forte,

Fascinador clarão por toda a rua

Se derramou soberbo. — Infundos pagens

Ricas librés trajando, mil archotes

Nos ares revolvião; — fortes, rapidos,

Fumegantes corséis, sorvendo a terra,

Tiravão rica sege melindrosa.

Sobre a terra saltou airosa e bella

A dona, em frente do festivo paço;

E a mendiga bradou: — Senhora minha,

Dai uma esmola, dai! — Á voz dorida

Volveo-se o rosto d'anjo, porém d'anjo

Não era o coração; — foi-lhe importuno,
 Mais que importuno . . . da mesquinha o grito!
 E da mendiga o protector celeste
 Parecia fallar em favor d'ella;
 E a rica dona o escutava, como
 Se ouvisse a interna voz que dentro mora.
 E eu dizia tambem: — O' bella Dona,
 Dai-lhe uma esmola, dai; — de que vos serve
 Um óbolo mesquinho, que não póde
 Siquer um diche sem valor comprar-vos?
 Ah! bella como sois, que vos importão
 Custosas flôres, com que ornais a frente?
 Para a salvar do vortice do crime,
 O preço d'ellas, de uma só, da coisa,
 Que sem valor julgardes, é bastante.
 Sabeis? — Além da vida, além da morte,
 Quando deixardes o oiropel na campa,
 Quando subirdes do Senhor ao throno,
 Sem andrajos siquer, tambem mendiga,
 Alli tereis as lagrimas do pobre,
 A benção do affligido, a prece ardente
 Do que soffrendo vos bemdice, — ó Dona . . .

 Fechou-se a porta festival sobre ella!
 E a donzella se ergueo, córou de pejo,
 Lançando os olhos pela rua escusa,
 E segura no andar, e firma, á porta
 Do palacio bateo — entrou — sumio-se.

 E o anjo, como afficto sob um peso,
 Um gemido soltou; era uma nota
 Melancolica e triste, — era um suspiro
 Mavioso de virgem, — um soído
 Subtil, mimoso, como d'Harpa Eolia,
 Que a brisa da manhã roçou medrosa.

IV.

Dos muros ao travez meos olhos virão
 Soberba roda de convivas, — todos

Velludos, sedas, e custosas galas
 Trajavão senhoris. — Reinava o jogo
 Aváro e grave, leda e viva a dança
 Em vortices girava, a orchestra doce
 Cantava occulta; condensados, bastos,
 Em redor do banquete estavam muitos.
 A mendiga alli estava, — não trajando
 Sujos farrapos, mas delgadas telas.
 Chovião brindes e canções e vivas
 Á Deosa airosa do banquete; todos
 Um volver dos seos olhos, um sorriso,
 Uma voz de ternura, um mimo, um gesto
 Cubiçavão rivaes; — e alli com ella,
 Como um raio do sol por entre as nuvens
 Lá na quadra hibernal penetra a custo
 Quasi sem vida, sem calor, sem força,
 Menos brilhante vi seo anjo bello.
 Nos curtos labios da feliz mendiga
 Passava rapido um sorriso ás vezes;
 Outras chorava, no volver do rosto,
 Na taça do prazer sorvendo o pranto.
 Encontradas paixões sentia o anjo:
 Parecia chorar co'o seo sorriso,
 Parecia sorrir co'o chôro d'ella.

A ESCRAVA.

O bien qu'aucun bien ne peut rendre,
 Patrie, doux nom que l'exil fait comprendre!

MARINO FALIERO.

Oh doze paiz de Congo,
 Doces terras d'além mar!
 Oh! dias de sol formoso!
 Oh! noites d'almo luar!

Desertos de branca areia
 De vasta, immensa extensão,
 Onde livre corre a mente,
 Livre bate o coração!

Onde a leda caravana
 Rasga o caminho passando,
 Onde bem longe se escuta
 As vozes que vão cantando!

Onde longe inda se avista
 O turbante musulmano,
 O Yatagan recurvado,
 Preso a cinta do Africano!

Onde o sol na areia ardente
 Se espelha, como mar;
 Oh! doces terras de Congo,
 Doces terras d'além mar!

Quando a noite sobre a terra
 Desenrolava o seo véo,
 Quando siquer uma estrella
 Não se pintava no céo;

Quando só se ouvia o sopro
 De mansa brisa fagueira,
 Eu o aguardava — sentada
 Debaixo da bananeira.

Um rochedo ao pé se erguia,
 D'elle á base uma corrente
 Despenhada sobre pedras,
 Murmurava docemente.

E elle ás vezes me dizia:
 — Minha Alsgá, não tenhas medo;
 Vem commigo, vem sentar-te
 Sobre o cimo do rochedo.

E eu respondia animosa:
 — Irei contigo, onde fores! —
 E tremendo e palpitando
 Me cingia aos meos amores.

Elle depois me tornava
 Sobre o rochedo — sorrindo:
 — As agoas d'esta corrente
 Não vês como vão fugindo?

Tão depressa corre a vida,
 Minha Alsgá; depois morrer
 Só nos resta!... — Pois a vida
 Seja instantes de prazer.

Os olhos em torno volves
 Espantados — Ah! tão bem
 Arfa o teu peito anciado! ...
 Acaso temes alguém?

Não receis de ser vista,
 Tudo agora jaz dormente;
 Minha voz mesmo se perde
 No fragor d'esta corrente.

Minha Alsgá, porque estremece
 Porque me foges assim?
 Não te partas, não me fujas,
 Que a vida me fogue a mim!

Outro beijo acaso temes,
 Expressão de amor ardente?
 Quem o ouviu? — o som perdeu-se
 No fragor d'esta corrente.

Assim praticando amigos
 A aurora nos vinha achar!
 Oh! doces terras de Congo,
 Doces terras d'além mar!

Do rispido Senhor a voz irada,
 Rabida sôa,
 Sem o pranto enchugar a triste escrava
 Pavida vôa.

Mas era em mora por scismar na terra,
 Onde nascera,
 Onde vivera tão ditosa, e onde
 Morrer devera!

Soffreo tormentos, porque tinha um peito,
 Qu'inda sentia;
 Misera escrava! no soffrer cruento,
 Congo! dizia.

AO DR. JOÃO DUARTE LISBOA SERRA.

23 de Agosto.

Mais um pungir de acerrima saudade,
 Mais um canto de lagrimas ardentes,
 Oh! minha Harpa, — oh! minha Harpa desditosa.

Escuta, ó meo amigo: da minha alma
 Foi uma lyra outr'ora o instrumento;
 Cantava n'ella amor, prazer, venturas,
 Até que um dia a morte inexoravel
 Triste pranto de irmão veio arrancar-te!
 As lagrimas dos olhos me cahirão,
 E a minha lyra emmudeceo de magoa!
 Então aventei eu que a vida inteira
 Do bardo, era um perenne sacerdocio
 De lagrimas e dôr; — tomei uma Harpa:
 Na corda da afflicção gemeo minha alma,
 Foi meo primeiro canto um epicedio;
 Minha alma baptizou-se em pranto amargo,
 Na fragoa do soffrer purificou-se!
 Lancei depois meos olhos sobre o mundo,
 Cantor do soffrimento e da amargura;
 E vi que a dôr aos homens circumdava,
 Como em roda da terra o mar se estreita;

Que apenas desfructamos, — miserandos!
 Desbotado prazer entre mil dôres,
 — Uma rosa entre espinhos aguçados,
 Um ramo entre mil vagas combatido.

Voltou-se então p'ra Deos o meo esp'rito,
 E a minha voz queixosa perguntou-lhe:
 — Senhor, porque do nada me tiraste,
 Ou porque a tua voz omnipotente
 Não fez secar da minha vida a seve,
 Quando eu era principio e feto apenas?

Outra voz respondeo-me dentro d'alma:
 — Ardão teos dias como o feno, — ou durem
 Como o fogo de tocha resinosa,
 — Como rosa em jardim sejão brilhantes,
 Ou baços como o cardo montesinho,
 Não deixes de cantar, ó triste bardo. —

E as cordas da minha harpa — da primeira
 Á extrema — da maior á mais pequena,
 Nas azas do tufão — entre perfumes,
 Um cantico de amores exaltarão
 Ao throno do Senhor; — e eu disse ás turbas:
 — Elle nos faz gemer porque nos ama;
 Vem o perdão nas lagrimas contritas,
 Nas azas do soffrer desce a clemencia;
 Sobre quem chora mais elle mais vela!
 Seo amor divinal é como a lampada,
 Na abobada d'um templo pendurada,
 Mais luz filtrando em mais opácas trevas.

Eu o conheço: — o cantico do bardo
 É balsamo ao que morre, — é lenitivo,
 Mas doloroso, mas funereo e triste
 A quem lhe carpe infausto a morte crua.
 Mas quando a alma do justo, espedaçando
 O envolucro de lodo, aos céos remonta,
 Como estrada de luz correndo os astros,
 Seguindo o som dos canticos dos anjos

Que na presença do Senhor se elevão;
 Choro . . . tão bem Jesus chorou a Lazaro!
 Mas na excelsa visão que se me antolha
 Bebo consolações, — minha alma ancea
 A hora em que tão bem ha de asilar-se
 No seio immenso do perdão do Eterno.

Chora amigo; porém quando sentires
 O pranto nos teos olhos condensar-se,
 Que já não póde mais banhar-te as faces,
 Ergue os olhos ao céo, onde a luz móra,
 Onde o orvalho se cria, onde parece
 Que a timida esperança nasce e habita.
 E se eu — feliz! — poder inda algum dia
 Ferir por teo respeito na minha harpa
 A leda corda onde o prazer palpita,
 A corda do prazer que ainda inteira,
 Que virgem de emoção inda conservo,
 Suspenderei minha harpa d'algum tronco
 Em offrenda á fortuna; — alli sosinha,
 Tangida pelo sopro só do vento,
 Ha de mysterios conversar co'a noite,
 De acorde extreme perfumando as brisas;
 Qual Harpa de Sião presa aos salgueiros
 Que não ha de cantar a desventura,
 Tendo cantos gentis vibrado n'ella.

O DESTERRO DE UM POBRE VELHO.

Et dulces moriens reminiscitur Argos.

VIRG.

O! schwer ist's, in der Fremde sterben unbeweint!

SCHILLER.

A aurora vem despontando,
 Não tarda o sol a raiar;
 Cantão aves, — a natura
 Já começa a respirar.

Bem mansa na branca areia
 Onda queixosa murmura,
 Bem mansa aragem fagueira
 Entre a folhagem susurra.

É hora cheia de encantos,
 É hora cheia de amor;
 A relva brilha enfeitada,
 Mais fresca se mostra a flôr.

Esbelta joga a fragata,
 Como um corsel a nitrir;
 Suspensa a amarra tem presa,
 Suspensa, que vai partir.

Em demanda da fragata,
 Leve barco vem vogando;
 Nelle um velho cujas faces
 Mudo choro está cortando.

Quem era o velho tão nobre,
 Que chorava,
 Por assim deixar seos lares,
 Que deixava?

«Ancião, porque te ausentas?
 Corres tu traz de ventura?
 Louco! a morte já vem perto,
 Tens aberta a sepultura.

«Louco velho, já não sentes
 Bater frouxo o coração?
 Oh! que o sente! — É lei d'exilio
 A que o leva em tal sação!

«Não ver mais a cara patria,
 Não ver mais o que deixava,
 Não ver nem filhos, nem filhas,
 Nem o casal, que habitava! . . .

«Oh! que é má pena de morte,
 A pena de proscricção;
 Traz dôres quê martyrisão,
 Negra dôr de coração!

«Pobre velho! — longe, longe
 Vás sustento mendigar;
 Tens de soffrer novas dôres,
 Novos males que penar.

«Não t'ha de valer a idade,
 Nem a dôr tamanha e nobre;
 Tens de tragar vis affrontas,
 — Insultos que soffre o pobre!

«Nada acharás no degredo,
 Que falle dos filhos teos;
 Ninguem sente a dôr do pobre...
 Só te fica a mão de Deos.

«O sol, que além vês raiando
 Entre nuvens de carmim,
 N'outros climas, n'outras terras
 Não verás raiar assim.

«Não verás a rocha erguida,
 Onde t'ias assentar,
 Nem o som bem conhecido
 Do teo sino has de escutar.

«Ha de cahir sobre as ondas
 O pranto do teo soffrer,
 E n'esse abysmo salgado,
 Salgado, se ha de perder.»

Já chegou junto á fragata,
 Já na escada se apoiou,
 Já com voz intercortada
 Ultimo adeos soluçou.

Canta o nauta, e sólta as velas
 Ao vento que o vai guiar;
 E a fragata mui veleira
 Vai fugindo sobre o mar.

E o velho sempre em silêncio
 A calva testa dobrou,
 E pranto mais abundante
 O rosto senil cortou.

Inda se vê branca a vela
 Do navio, que partio;
 Mais além — inda se avista!
 Mais além — já se sumio!

O ORGULHOSO.

Eu o vi! — tremendo era no gesto,
 Terrível seo olhar;
 E o senho carregado pretendia
 O globo dominar.

Tremendo era na voz, quando no peito
 Fervia-lhe o rancor!
 E aos demais homens, como um cedro á relva,
 Se cria sup'rior.

E o pobre agricultor, junto a seos filhos,
 Dentro do humilde lar,
 Quizera, antes que os d'elle, ver de um Tigre
 Os olhos fusilar;

Que a um filho seo talvez quizera o nobre
 Para um Executor;
 Ou para o leito infesto alguma filha
 Do triste agricultor.

Quem ousaria resistir-lhe? — Apenas
 Algum pobre ancião
 Já sobre o seo sepulchro, desejando
 A morte e a salvação.

Alguns dias apenas decorrerão;
 E eis que elle se sumio!
 E a lagem dos sepulchros fria e muda
 Sobre elle já cahio.

E o barbaro tropel dos que o servião
 Exulta com seo fim!
 E a turba applaude; e ninguem chora a morte
 De homem tão ruim.

O COMETA.

AO SR. FRANCISCO SUTERO DOS REIS.

*Non est potestas, quae comparetur ei
 qui factus est ut nullum timeret.*

JOB.

Eis nos céos rutilando igneo cometa!
 A immensa cabelleira o espaço alastra,
 E o nucleo, como um sol tingido em sangue,
 Alvacento luzir véрте agoireiro
 Sobre a pavida terra.

Poderosos do mundo, grandes, povo,
 Dos labios removei a taça ingente,
 Que em vossas festas gyra; eis que rutila
 O sanguineo cometa em céos infindos! . . .
 Pobres mortaes, — sois vermes!

O Senhor o formou terrivel, grande;
 Como indocil cersel que morde o freio,
 Retinha-o só a mão do Omnipotente.
 Alfim lhe disse: — Vai, Senhor dos Mundos,
 Senhor do espaço infindo.

E qual louco temido, ardendo em furia,
 Que ao vento solta a coma desgrenhada,
 E vai, nescio de si, livre de ferros,
 De encontro ás duras rochas, — tal progrede
 O cometa incansavel.

Se na marcha veloz encontra um mundo,
 O mundo em mil pedaços se converte;
 Mil centelhas de luz brilhão no espaço
 A esmo, como um tronco pelas vagas
 Infrenes combatido.

Se junto d'outro mundo acaso passa,
 Comsigo o arrastra e leva transformado;
 A cauda portentosa o enlaça e prende,
 E a astro vai com elle, como argueiro
 Em turbilhão levado.

Como Leviathan perturba os mares,
 Elle perturba o espaço; — como a lava,
 Elle marcha incessante e sempre; — eterno,
 Marcou-lhe largo gyro a lei que o rege,
 — As vezes o infinito.

Elle carece então da eternidade!
 E aos homens diz — e magestoso e grande
 Que jamais o verão; e passa, e longe
 Se entranha em céos sem fim, como se perde
 Um barco no horisonte!

O O I R O .

Oiro, — poder, encanto ou maravilha
 Da nossa idade, — regedor da terra,
 Que dás honra e valor, virtude e força,
 Que tens offertas, oblações e altares, —
 Embora teo louvor cante na lyra
 Vendido Menestrel que pôde insano
 Do grande á porta renegar seo genio!

Outro, sim, que não eu. — Bardo sem nome,
 Com pouco vivo; — sobre a terra, á noite,
 Meo corpo lanço, descansando a fronte
 N'um tronco ou pedra ou mal nascido arbusto.
 Sou mais que um rei co'o meo docel de nuvens
 Que tem gravados scintillantes mundos!
 Com a vista no céu percorro os astros,
 Vagueia a minha mente além das nuvens,
 Vagueia o meo pensar — alto, arrojado
 Além de quanto o olliar nos céos alcança.

Então do meo Senhor me calão n'alma
 D'amor ardente enlevos indiziveis;
 Se tento ás gentes redizer seo nome,
 Queimadoras palavras se atropellão
 Nos meos labios; — prophetica harmonia
 Meo peito aneia, e em borbotões se expande.
 Grandes, Senhor, são tuas obras, grandes
 Teos prodigios, teo poder immenso:
 O pae ao filho o diz, um sec'lo a outro,
 A terra ao céu, o tempo á eternidade!

Do mundo as illusões, vaidade, engano,
 Da vida a mesquinhez — prazer ou pranto —
 Tudo esse nome arrastra, prostra e some;
 Como aos raios do sol desfeito o gêlo,
 Que em ondas corre no pendor do monte,
 Precipite e ruidoso, — arbustos, troncos
 Comsigo no passar rompidos leva.

A UM MENINO.

OFFERECIDA Á EX^{ma} S^{ra} D. M. L. L. V.

I.

Gentil, engraçado infante
 Nos teos jogos inconstante,
 Que tens tão bello semblante,

Que vives sempre a brincar,
 — Dos teos brinquedos te esqueces
 Á noitinha, — e te entristeces
 Como a bonina, — e adormeces,
 Adormeces a sonhar!

II.

Infante, serão as côres
 De varias, viçosas flôres,
 Ou são da aurora os fulgores
 Que vem teos sonhos doirar?
 Foi de algum ente celeste,
 Que de luzeiros se veste,
 Ou da brisa é que aprendeste,
 Que aprendeste a suspirar?

III.

Tens no rosto afogueado
 Um qual retrato acabado
 De um sentir aventurado,
 Que te ri no coração;
 É talvez a voz mimosa
 De uma fada caprichosa,
 Que te promette amorosa
 Algum brilhante condão!

IV.

Ou por ventura es contente,
 Porque no sonho, que mente,
 Phantasiaste innocente
 Algum dos brinquedos teos! . . .
 Senhor, tens bondade infinda!
 Fizeste a aurora bem linda,
 Creaste na vida ainda
 Um'outra aurora dos céos.

V.

O som da corrente pura,
 A folhagem que susurra,
 Um accento de ternura,

De ternura divinal;
 A indizível harmonia
 Dos astros no fim do dia,
 A voz que Memnon dizia,
 Que dizia matinal;

VI.

Nada d'isto tem o encanto,
 Nada d'isto póde tanto
 Como o risonho quebranto,
 Divino — do seo dormir;
 Que nada ha como a Donzella
 Pensativa, doce e bella,
 E a comparar-se com ella ...
 Só de um infante o sorrir.

VII.

Mas de repente chorando
 Despertas do somno brando
 Assustado e soluçando ...
 Foi uma revelação!
 Esta vida acerba e dura
 Por um dia de ventura
 Dá-nos annos de amargura
 E fragoas do coração.

VIII.

Só aquelle que da morte
 Soffreo o terrível córte,
 Não tem dôres que supporte,
 Nem sonhos o acordarão:
 Gentil infante, engraçado,
 Que vives tão sem cuidado,
 Serás homem — mal peccado!
 Findará teo sonho então.

O PIRATA.

(EPISODIO.)

Nas azas breves do tempo
 Um anno e outro passou,
 E Lia sempre formosa
 Novos amores tomou.

Novo amante mão de esposo,
 De mimos cheia, lh'off'rece;
 E bella, apesar de ingrata,
 Do que a amou Lia se esquece.

Do que a amou que longe pára,
 Do que a amou, que pensa n'ella,
 Pensando encontrar firmeza
 Em Lia, que era tão bella!

N'esse palacio deserto
 Já luzes se vêm luzir,
 Que vem nas sedas, nos vidros
 Cambiantes reflectir.

Os echos alegres sôão,
 Sôa ruidosa harmonia,
 Sôão vozes de ternura,
 Sons de festa e d'alegria.

E qual ave que em silencio
 A face do mar desflora,
 Á noite bella fragata
 Chega ao porto, amaina, ancóra.

Cáe da popa e fere as ondas
 Inquieta, esguia falua,
 Que resvala sobre as agoas
 Na esteira que traça a lua.

Já na vacua praia toca;
 Um vulto em terra saltou,
 Que na longa escadaria
 Preságo e torvo enfiou.

Malfadado! por que aportas
 A este sitio fatal!
 Queres o brilho augmentar
 Das bodas do teu rival?

Não, que a vingança lhe range
 Nos duros dentes cerrados,
 Não, que a cabeça referve
 Em mãos projectos damnados!

Não, que os seus olhos bem dizem
 O que diz seu coração;
 Terríveis, como um espelho,
 Que retratasse um vulcão.

Não, que os labios descorados
 Vociferão seu rival;
 Não, que a mão no peito aperta
 Seu pontagudo punhal.

Não, por Deos, que taes affrontas
 Não as sóe deixar impunes,
 Quem tem ao lado um punhal,
 Quem tem no peito ciúmes!

Subio! — e vio com seus olhos
 Ella a rir-se que dançava,
 Folgando, infame! nos braços
 Porque assim o assassinava.

E elle avançou mais avante,
 E vio ... o leito fatal!
 E vio ... e cheio de raiva
 Gravou no meio o punhal.

E avançou ... e á janella
 Sosinha a vio suspirar,
 — Saudosa e bella encarando
 A immensidade do mar.

Como se vira um espectro,
 De repente ella fugio!
 Tal foge a corça nos bosques
 Se leve rumor sentio.

Que foi? — Quem sabe dizello?
 Forão vislumbres de dôr;
 Coração, que tem remorsos,
 Sente continuo terror!

Elle á janella chegou-se,
 Horrivel nada encontrou . . .
 Sómente, ao longe, nas sombras,
 Sua fragata avistou.

Então pensou que no mundo
 Nada mais de seo contava!
 Nada mais que essa fragata!
 Nada mais de quanto amava!

Nada mais! . . . — que lh'importava
 De no mundo só se achar?
 Inda muito lhe ficava —
 Agoa e céos e vento e mar.

Assim pensava, mas n'isto
 Descortina o seo rival,
 Não visto; — a mão na cintura
 Cingio raivosa o punhal!

Mas pensou . . . — não, seja d'ella,
 E tenha zelos como eu! —
 Larga o punhal, e um retrato
 Na dextra mão estendeo.

Porém sentio que inda tinha
 Mais que branda compaixão;
 Miserando! inda guardava
 Seo amor no coração.

Infeliz! não foi culpada;
 Foi culpa do fado meo!
 Nada mais de pensar n'ella;
 Finjamos que ella morreo.

Por entre a turba que alegre
 No baile — a sorrir-se estava,
 Mudo, triste, e pensativo
 Surdamente se afastava.

De manhã — quando o saráu
 Apagava o seo rumor,
 Chegava Lia a janella,
 Mais formosa de pallor.

Chegou-se; — e além — no horisonte
 Uma vela inda avistou;
 E co'a mão tremula e fria
 O telescopio buscou!

Um pavilhão vio na pôpa,
 Que tinha um globo pintado;
 E no mastro da mesena
 Um negro vulto encostado.

Erão chorosos seos olhos,
 Os olhos seos enxugou;
 E o telescopio de novo
 Para essa vela apontou.

Quem era o vulto tão triste
 Parece reconheceo;
 Mas a vela no horisonte
 Para sempre se perdeo.

A VILLA MALDICTA, CIDADE DE DEOS.

AO SEO QUERIDO E AFFECTUOSO AMIGO

A. T. DE CARVALHO LEAL.

Peccata peccavit Jerusalem, et propter
ea instabilis facta est; omnes qui glorifi-
cabant eam, spreverunt illam, quia vide-
runt ignominiam ejus; ipsa autem gemens
conversa est retrorsum.

LAMENT.

I.

O immenso aposento a luz alaga
Com soberbo clarão,
E as mezas do banquete se devolvem
Pelo vasto salão;

E os instrumentos palpitantes são
Frenetica harmonia;
E o côro dos convivas se levanta
Pleno d'ebria alegria!

Alli se ostenta o nobre vicioso
Rebuçado em orgulho, — o rico infame,
Cheio de mesquinhez, — o envilecido,
Immundo pobre no seo manto involto
De miserias, torpeza e villanias;
— A prostituta que alardêa os vicios,
Menospresando a castidade e a honra,
Sem pejo, sem pudor, d'infamia eivada.

E o livre dithyrambo, a atroz blasphemia,
Os cantos immoraes, canções impudicas,
Gritos e orgia involta em negro manto
De fumo e vinho, — os ares aturdião;
E muito além, no meio d'alta noite,
Nos echos, ruas, praças rebatião.

DIAS, CANTOS.

6

II.

Depois, ainda suja a bocca, as faces,
 D'immundo vomitar,
 Com vacillante pé calcando a terra
 Os viras levantar.

A larga porta despedia em turmas
 A nocturna cohorte;
 Ouvia-se depois por toda a parte
 Gritos, horror de morte!

E ninguem vinha ao retinir de ferro,
 Que assassinava;
 Porque era d'um valente o punhal nobre,
 Que as leis dictava.

Outra vez a cahir se emmaranhavão
 Da porta pelo umbral:
 Tinhão tinctas de sangue a face, as vestes,
 Em sangue tincto o punhal.

E vinha o sol manifestar horrores
 Da noite derradeira;
 E a morte vária revelava a furia
 Da turba carniceira.

E o sacrilego padre só vendia
 O tum'lo por dinheiro;
 Vendia a terra aos mortos insepultos,
 O vil interesseiro!

Ou al ficavão, como pasto aos corvos,
 Por sobre a terra núa;
 E ninguem de tal sorte se pesava,
 Que ser podia a sua!

«E Deos maldisse a terra criminosa,
 «Maldisse aos homens della,
 «Maldisse a cobardia dos escravos
 «D'essa terra tão bella.»

III.

E a mortifera peste luctuosa
 Do inferno rebentou,
 E nas azas dos ventos pavorosa
 Sobre todos passou.

E o mancebo que via esperançoso
 Longa vida futura,
 Doido sentio quebrar-lhe as esperanças
 Pedra de sepultura.

E a donzella tão linda que vivia
 Confiada no amor,
 Entre os braços da mãe provou bem cedo
 Da morte o dissabor.

E o tremulo ancião qu'inda esperava
 Morrer assim
 Como um fructo maduro destacado
 D'arvore emfim,

Sentio a morte esvoaçar-lhe em torno,
 Como um bulcão,
 Que affronta o nauta quando avista a terra
 Da salvação.

Era deserta a villa, a casa, o templo —
 Ar de morte soprou!
 Mas a casa dos vis nos seus delirios
 Ebria continuou!

«E Deos maldisse a terra criminosa,
 «Maldisse os homens d'ella,
 «Maldisse a cobardia dos escravos
 «Dessa terra tão bella.»

IV.

Eis o aço da guerra lampeja,
 Do feroso corsel o nitrido,
 Eis o bronzeo canhão que rouqueja,
 Eis da morte represso o gemido.

Já se aprestão guerreiros luzentes,
 Já se enfreião corseis bellicosos,
 Já mancebos se partem contentes,
 Augurando a victoria briosos.

Brilha a raiva nos olhos; — nas faces
 O interno rancor pódes ler;
 Eia, avante! — clamarão os bravos,
 Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eia, avante! — briosos corramos
 Na peleja o imigo bater;
 Crua morte na espada levamos!
 Eia, avante! — ou vencer ou morrer!

Eis o aço da guerra lampeja,
 Do corsel bellicoso o nitrido,
 Eis o bronzeo canhão que rouqueja
 E da morte represso o gemido.

V.

E a selva vomitou homens sem conto
 A voz do omnipotente,
 Como a neve hibernal que o sol derrete,
 Engrossando a corrente.

E em redor d'essa villa se estreitarão,
 Cingidos d'armadura;
 E a villa se doeo no intimo seio
 De tão acre amargura.

Mas os fortes bradarão: — Eia, avante! —
 Promptos a batalhar;
 Mas o braço e valor ante os inimigos
 Se vierão quebrar.

E um anno inteiro sem cessar lutarão,
 Cheios de bizarria,
 Como dois crocodilos que brigassem
 D'um rio a primazia!

E renderão-se emfim, mas de famintos,
 De sequiosos;
 Valentes lidadores forão elles,
 Se não briosos.

VI.

E o exercito contrario entra rugindo
 Na villa, que as suas portas lhe franqueia:
 Rasteiro corre o incendio e surdamente
 O custoso edificio ataca e mina.
 Eis que a chamma roaz amostra as fendas
 Das portas que se abrasão; descortina
 O torvo olhar do vencedor — apenas —
 Lá dentro o incendio só, fóra só trevas!
 Urros de frenesi, de dôr, de raiva
 Escutão dos que, ás subitas colhidos,
 Contra os muros em brasa se arremeção;
 Dos que, perdido o tino, intentão loucos
 Achar a salvação, e a morte encontrão.
 Lá dentro confusão, silencio fóra!
 São carrascos aqui, victimas dentro.
 Geme o travejamento, estrala a pedra,
 Cresce horror sobre horror, desaba o tecto,
 E o fumo ennegrecido se ennovella
 Co' o vertice sublime os céos roçando.
 Como o vulcão que a lava arroja ás nuvens,
 Como ignea columnna que da terra
 Hiante rebentasse, — tal se eleva,
 Tal sobe aos ares, tal se empina e cresce
 A labareda portentosa; e baixa,
 E desce á terra, e o edificio enrola,
 E o sorve inteiro, qual se forão vagas
 Que a dura rocha do alicerce abalão,
 Que a enlação, como a prêa, — e ao fundo pégo
 Levão, deixando o mar branco d'espuma.
 No horror da noite, sibilando os ventos,
 Lingoas pyramidaes do atroz incendio,
 Fumosas pelas ruas estalando,

Tingem da côr do inferno a côr da noite,
 Tingem da côr do sangue a côr do inferno!
 — O ar são gritos, fumo o céu, e a terra fogo.

VII.

E aquelles que inda são e immunes são,
 Os que a peste engeitou,
 Que fome e sede e privações soffrerão . . .
 A espada decepou.

E a donzella tremeo, da mão nos braços
 Não salva ainda,
 Que incitava os prazeres do soldado
 A face linda.

E o fido amante, que de a ver tão bella
 Sentio prazer,
 Sente martyrios por que a vê formosa
 No seo morrer.

Coisa alguma escapou! — Já tudo é cinzas,
 Tudo destruição:
 A columna, o palacio, a casa, o templo,
 O templo da oração!

Meninos, homens e mulheres, — todos
 Já rojão sobre o pó;
 Mas o Deos, o Deos bom já está vingado,
 Por ella já sente dó.

E a villa d'outr'ora mais ruidosa,
 Lá resurgio cidade:
 Por que o Deos da justiça, o das armadas,
 O Deos é de bondade.

QUADRAS DA MINHA VIDA.

RECORDAÇÃO E DESEJO.

AO MEU BOM AMIGO O DR. A. REGO.

Sol chi non lascia eredità d'affetti
 Poca gioia ha dell'urna.

FOSCOLO.

I.

Houve tempo em que os meos olhos
 Gostavão do sol brilhante,
 E do negro véo da noite,
 E da aurora scintillante.

Gostavão da branca nuvem
 Em céo de azul espraçada,
 Do terno gemer da fonte
 Sobre pedras despenhada.

Gostavão das vivas côres
 De bella flôr vicejante,
 E da voz immensa e forte
 Do verde bosque ondeante.

Inteira a natureza me sorria!
 A luz brilhante, o susurrar da brisa,
 O verde bosque, o rosicler d'aurora,
 Estrellas, céos, e mar, e sol, e terra,
 D'esperança e d'amor minha alma ardente,
 De luz e de calor meu peito enchião.
 Inteira a natureza parecia
 Meos mais fundos, mais intimos desejos
 Perscrutar e cumprir; — almo sorriso
 Parecia enfeitar co'os seus encantos,
 Com todo o seu amor compôr, doiral-o,
 Porque os meos olhos deslumbrados vissem-no,
 Porque minha alma de o sentir folgasse.

Oh! quadra tão feliz! — Se ouvia a brisa
 Nas folhas susurrando, o som das agoas,
 Dos bosques o rugir; — se os desejava,
 — O bosque, a brisa, a fôlha, o trepidante
 Das agoas murmurar prestes ouvia.
 Se o sol doirava os céos, se a lua casta,
 Se as timidas estrellas scintillavão,
 Se a flôr desabrochava involta em musgo,
 — Era a flôr que eu amava, — erão estrellas
 Meos amores sómente, o sol brilhante,
 A lua merencoria — os meos amores!
 Oh! quadra tão feliz! — doce harmonia,
 Acordo extreme de vontade e força,
 Que atava minha vida á natureza!
 Ella era para mim bem como a esposa
 Recem-casada, pudica sorrindo;
 Alma de noiva — coração de virgem,
 Que a minha vida inteira abrilhantava!
 Quando um desejo me brotava n'alma,
 Ella o desejo meo satisfazia;
 E o quer que ella fizesse ou me dissesse,
 Esse era o meo desejo, essa a voz minha,
 Esse era o meo sentir do fundo d'alma,
 Expresso pela voz que eu mais amava.

II.

Agora a flôr que m'importa,
 Ou a brisa perfumada,
 Ou o som d'amiga fonte
 Sobre pedras despenhada?
 Que me importa a voz confusa
 Do bosque verde-frondoso.
 Que m'importa a branca lua,
 Que m'importa o sol formoso?
 Que m'importa a nova aurora,
 Quando se pinta no céo;
 Que m'importa a feia noite,
 Quando desdobra o seo véo?

Estas scenas, que amei, já me não causão
 Nem dôr e nem prazer! — Indifferente,
 Minha alma um só desejo não concebe,
 Nem vontade já tem! . . . Oh! Deos! quem pôde
 Do meo imaginar as puras azas
 Cercear, desprender-lhe as niveas plumas,
 Roja-las sobre o pó, calca-las tristes?
 Perante a criação tão vasta e bella
 Minha alma é como a flôr que pende murcha;
 E qual profundo abysmo: — embalde estrellas
 Brilhão no azul dos céos, embalde a noite
 Estende sobre a terra o negro manto:
 Não pôde a luz chegar ao fundo abysmo,
 Nem pôde a noite ennegrecer-lhe a face;
 Não pôde a luz á flôr prestar mais brilho,
 Nem viço e nem frescor prestar-lhe a noite!

III.

Houve tempo em que os meos olhos
 Se extasiavão de ver
 Agil donzella formosa
 Por entre flôres correr.

Gostavão de um gesto brando,
 Que revelasse pudor;
 Gostavão de uns olhos negros,
 Que rutilassem de amor.

E gostavão meos ouvidos
 De uma voz — toda harmonia, —
 Quer pesares exprimisse,
 Quer exprimisse alegria.

Era um prazer, que eu tinha, ver a virgem
 Indolente ou fugaz — alegre ou triste,
 Da vida a estreita senda desflorando
 Com pé ligeiro e animo tranquillo;
 Improvida e brilhante parecendo
 Seos dias desfolhar, uns após outros,

Como folhas de rosa; — e no futuro —
 Ver luzir-lhe sómente a luz d'aurora.
 Era deleite e dôr vê-la tão leda
 Do mundo as afflicções, angustias, prantos
 Affrontar co'um sorriso; era um descanso
 Interno e fundo, que sentia a mente,
 Um quadro em que os meos olhos repousavão,
 Ver tanta formosura e tal pureza
 Em rosto de mulher com alma d'anjo!

IV.

Houve tempo em que os meos olhos
 Gostavão de lindo infante,
 Com a candura e sorriso
 Que adorna infantil semblante.

Gostavão do grave aspecto
 De magestoso ancião,
 Tendo nos labios conselhos,
 Tendo amor no coração.

Um representa a innocencia,
 Outro a verdade sem véo;
 Ambos tão puros, tão graves,
 Ambos tão perto do céo!

Infante e velho! — principio e fim da vida! —
 Um entra neste mundo, outro sae delle,
 Gozando ambos da aurora; — um sobre a terra,
 E o outro lá nos céos. — O Deos, que é grande,
 Do pobre velho compensando as dôres,
 O chama para si; o Deos clemente
 Sobre a innocencia de continuo vela.
 Amei do velho o magestoso aspecto,
 Amei o infante que não tem segredos,
 Nem cobre o coração co'os folhos d'alma.
 Amei as doces vozes da innocencia,
 A rispida franqueza amei do velho,
 E as rigidas verdades mal sabidas.
 Só por labios senis pronunciadas.

V.

Houve tempo, em que possível
 Eu julguei no mundo achar
 Dois amigos extremosos,
 Dois irmãos do meu pensar;

Amigos que compr'hendessem
 Meo prazer e minha dôr,
 Dos meos labios o sorriso,
 Da minha alma o dissabor;

Amigos, cuja existencia
 Vivesse eu co'o meo viver:
 Unidos sempre na vida,
 Unidos — té no morrer.

Amizade! — união, virtude, encanto —
 Consorcio do querer, de força e d'alma —
 Dos grandes sentimentos cá da terra
 Talvez o mais reciproco, o mais fundo!
 Quem ha que diga: Eu sou feliz! — se acaso
 Um amigo lhe falta? — um doce amigo,
 Que sinta o seo prazer como elle o sente,
 Que soffra a sua dôr como elle a soffre?
 Quando a ventura lhes sorri na vida,
 Um a par d'outro — ei-los lá vão felizes;
 Quando um sente afflicção, nos braços do outro
 A afflicção, que é só d'um, carpindo juntos,
 Encontra doce alivio o desditoso
 No thesouro que encerra um peito amigo.
 Candido par de cysnes, vão roçando
 A face azul do mar co'as niveas azas
 Em deleite amoroso; — acalentados
 Pelo sereno espreguiçar das ondas,
 Aspirando perfumes mal sentidos,
 Por vesperina arajem bafejados,
 É jogo o seo viver; — porém se o vento
 No frondoso arvoredado ruge ao longe,
 Se o mar, batendo irado as ermas praias,

Crusadas vagas em novello enrola,
 Com grito de terror o par candente
 Sacode as niveas azas, bate-as, — fogem.

VI.

Houve tempo em que eu pedia
 Uma mulher ao meo Deos,
 Uma mulher que eu amasse,
 Um dos bellos anjos seos.

Em que eu a Deos só pedia
 Com fervorosa oração
 Um amor sincero e fundo,
 Um amor do coração.

Qu'eu sentisse um peito amante
 Contra o meu peito bater,
 Sómente um dia . . . sómente!
 E depois d'elle morrer.

Amei! e o meo amor foi vida insana!
 Um ardente anhelar, cauterio vivo,
 Posto no coração, a remorde-lo.
 Não tinha uma harmonia a natureza
 Comparada a sua voz; não tinha côres
 Formosas como as della, — nem perfumes
 Como esse puro odor qu'ella esparzia
 D'angelica dureza. — Meos ouvidos
 O feiticeiro som dos meigos labios
 Ouvião com prazer; meos olhos vagos
 De a ver não se cansavão; labios d'homens
 Não poderão dizer como eu a amava!
 E achei que o amor mentia, e que o meo anjo
 Era apenas mulher! chorei! deixei-a!
 E aquelles, que eu amei co'o amor d'amigo,
 A sorte, boa ou má, levou-m'os longe,
 Bem longe quando eu perto os carecia.

Conclui que a amizade era um phantasma,
 Na velhice prudente — habito apenas,
 No joven — doudejar; em mim lembrança;
 Lembrança! — porém tal que a não trocará
 Pelos gozos da terra, — meos prazeres
 Forão só meos amigos, — meos amores
 Hão de ser neste mundo elles sómente.

VII.

Houve tempo em que eu sentia
 Grave e solemne afflicção,
 Quando ouvia junto ao morto
 Cantar-se a triste oração.

Quando ouvia o sino escuro
 Em sons pesados dobrar,
 E os cantos do sacerdote
 Erguidos junto do altar.

Quando via sobre um corpo
 A fria lousa cahir;
 Silencio debaixo della,
 Sonhos talvez — e dormir.

Feliz quem dorme sob a lousa amiga,
 Tepida talvez com o pranto amargo
 Dos olhos da afflicção; — se os mortos sentem,
 Ou se almas tem amor aos seos despojos,
 Certo dos pés do Eterno, entre a alleluia,
 E o gozo lá dos céos, e os córos d'anjos,
 Hão de lembrar-se com prazer dos vivos,
 Que chorão sobre a campa, onde já brota
 O denso musgo, e já desponta a relva.

Lagem fria dos mortos! quem me dera
 Gozar do teu descanso, ir asilar-me

Sob o teo sancto horror, e nessas trevas
Do bulicio do mundo ir esconder-me!
Oh! lagem dos sepulchros! quem me dêsse
No teo silencio fundo asilo eterno!
Ahi não pulsa o coração, nê m sente
Martyrios de viver quem já não vive.

HYMNOS.

Singe dem Herrn mein Lied, und du, begeisterte Seele,
Werde ganz Jubel dem Gott, den alle Wesen bekennen!

WIELAND.

MESQUINHO TRIBUTO DE PROFUNDA AMIZADE
AO DR. J. D. LISBOA SERRA.

O M A R.

Frappé de ta grandeur farouche
Je tremble est-ce bien toi, vieux lion que je touche,
Océan, terrible océan!

TURQUETY.

Oceano terrível, mar immenso
De vagas procellosas que se enrolão
Floridas rebentando em branca espuma
N'um pólo e n'outro pólo,
Emfim . . . emfim te vejo; emfim meos olhos
Na indomita cerviz tremulos cravo,
E esse rugido teo sanhudo e forte
Emfim medroso escuto!

D'onde houveste, ó pelago revolto,
Esse rugido teo? Em vão dos ventos
Corre o insano pegão lascando os troncos,
E do profundo abysmo
Chamando á superficie infindas vagas,
Que avaro encerras no teo seio undoso;
Ao insano rugir dos ventos bravos
Sobresáe teo rugido.

Em vão troveja horrisona tormenta:
 Essa voz do trovão, que os céos abala,
 Não cobre a tua voz. — Ah! d'onde a houveste,
 Magestoso oceano?

O' mar, o teu rugido é um echo incerto
 Da creadora voz, de que surgiste:
 Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas
 As vagas compelliste.
 E á noite, quando o céu é puro e limpo,
 Teo chão tinges de azul, — tuas ondas correm
 Por sobre estrellas mil; turvão-se os olhos
 Entre dois céos brilhantes.

Da voz de Jehovah um echo incerto
 Julgo ser teu rugir; mas só, perenne,
 Imagem do infinito, retratando
 As feitura de Deos.

Por isto, a sós contigo, a mente livre
 Se eleva, aos céos remonta ardente, altiva,
 E d'este lodo terreal se apura,
 Bem como o bronze ao fogo.
 Férvida a Musa, co'os teos sons casada,
 Glorifica o Senhor de sobre os astros
 Co'a fronte além dos céos, além das nuvens,
 E co'os pés sobre ti.

O que ha mais forte do que tu? Se erriças
 A coma perigosa, a não possante,
 Extremo de artificio, em breve tempo
 Se afunda e se anniquila.
 És poderoso sem rival na terra;
 Mas lá te vás quebrar n'um grão d'areia,
 Tão forte contra os homens, tão sem força
 Contra coisa tão fraca!

Mas n'esse instante que me está marcado,
 Em que hei de esta prisão fugir p'ra sempre,
 Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue
 Teo sonoro rugido.

Então mais forte do que tu, minha alma,
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,
Quebrará n'um relance o circl'o estreito
Do finito e dos céos!

Então, entre myriadas de estrellas,
Cantando hýmnos d'amor nas harpas d'anjos,
Mais forte soará que as tuas vagas,
Mordendo a fulva areia;
Inda mais doce que o singelo canto
De merencoria virgem, quando a noite
Occupa a terra, — e do que a mansa brisa,
Que entre flôres suspira.

IDEIA DE DEOS.

Gross ist der Herr! Die Himmel ohne Zahl
Sind seine Wohnungen!
Seine Wagen die donnernden Gewölke,
Und Blitze sein Gesspann.

KLEIST.

I.

Á voz de Jehovah infindos mundos
Se formárão do nada;
Rasgou-se o horror das trevas, fez-se o dia,
E a noite foi creada.

Luzio no espaço a lua! sobre a terra
Rouqueja o mar raivoso,
E as espheras nos céos erguerão hymnos
Ao Deos prodigioso.

Hymno de amor a criação, que sôa
Eternal, incessante,
Da noite no remanso, no ruido
Do dia scintillante!

DIAS, CANTOS.



A morte, as afflicções, o espaço, o tempo,
 O que é para o Senhor?
 Eterno, immenso, que lh'importa a sanha
 Do tempo roedor?

Como um raio de luz, percorre o espaço,
 E tudo nota e vê —
 O argueiro, os mundos, o universo, o justo;
 E o homem que não crê.

E elle que póde anniquilar os mundos,
 Tão forte como elle é,
 E vê e passa, e não castiga o crime,
 Nem o impio sem fé!

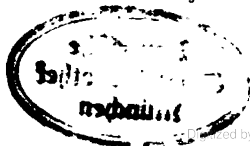
Porém quando corrupto um povo inteiro
 O Nome seo maldiz,
 Quando só vive de vingança e roubos,
 Julgando-se feliz;

Quando o impio commanda, quando o justo
 Soffre as penas do mal,
 E as virgens sem pudor, e as mães sem honra,
 E a justiça venal;

Ai da perversa, da nação maldicta,
 Cheia de ingratição,
 Que ha de ella mesma sugeitar seo collo
 Á justa punição.

Ou já terrivel peste expande as azas,
 Bem lenta a esvoaçar;
 Vai de uns a outros, dos festins conviva,
 Hospede em todo o lar!

Ou já torvo rugir da guerra acesa
 Espalha a confusão;
 E a esposa, e a filha, de terror oppressa,
 Não sente o coração.



E o pae, e o esposo, no morrer cruento,
 Vomita o fel raivoso;
 — Milhões de insectos vis que um pé gigante
 Enterra em chão lodoso.

E do povo corrupto um povo nasce
 Esperançoso e crente,
 Como do podre e carunchoso tronco
 Hastea forte e virente.

II.

Oh! como é grande o Senhor Deos, que os mundos
 Equilibra nos ares;
 Que vai do abysmo aos céos, que susta as iras
 Do pelago fremente,
 A cujo sopro a maquina estrellada
 Vacilla nos seos eixos,
 A cujo aceno os cherubins se movem
 Humildes, respeitosos,
 Cujos poder, que é sem igual, excede
 A hyperbole arrojada!
 Oh! como é grande o Senhor Deos dos mundos,
 O Senhor dos prodigios.

III.

Elle mandou que o sol fosse principio,
 E razão de existencia,
 Que fosse a luz dos homens — olho eterno
 Da sua providencia.

Mandou que a chuva refrescasse os membros,
 Refizesse o vigor
 Da terra hiante, do animal cançado
 Em praino abrasador.

Mandou que a brisa susurrasse amiga,
 Roubando aroma á flôr;
 Que os rochedos tivessem longa vida,
 E os homens grato amor!

Oh! como é grande e bom o Deos que manda
 Um sonho ao desgraçado,
 Que vive agro viver entre miserias,
 De ferros rodeado;

O Deos que manda ao infeliz que espere
 Na sua providencia;
 Que o justo durma, descansado e forte
 Na sua consciencia!

Que o assassino de continuo vele,
 Que trema de morrer;
 Em quanto lá nos céos, o que foi morto,
 Desfructa outro viver!

Oh! como é grande o Senhor Deos, que rege
 A maquina estrellada,
 Que ao triste dá prazer; descanso e vida
 Á mente atribulada!

O ROMPER D'ALVA.

Quand ta corde n'aurait qu'un son,
 Harpe fidèle, chante encore
 Le Dieu que ma jeunesse adore,
 Car c'est un hymne que son nom.

LAMARTINE.

Do vento o rijo sopra as mansas ondas
 Varreo do immenso pego, — e o mar rugindo
 Às nuvens se elevou com furia insana;
 Ennovelladas vagas se arrojárão
 Ao céo co'a branca espuma!
 Raivando em vão se encontrão soluçando
 Na base d'erma rocha descalvada;
 Em vão de furias crescem, que se quebra .
 A força enorme do impotente orgulho
 Na rocha altiva ou na arenosa praia.

Da tormenta o furor lhe accende os brios,
 Da tormenta o furor lh'enfreia as iras,
 Que em teimosos gemidos se descerrão;
 Da quieta noite despertando os echos
 Além, no valle humilde, onde não chega
 Seo sanhudo gemer, que o dia abafa.

Mas a brisa susurrando
 A face do céu varreo,
 Tristes nuvens espalhando,
 Que a noite em ondas verteo.

Além, atraz da montanha,
 Branda luz se patenteia,
 Que d'alma a dôr afugenta,
 Se dentro sentida aneia.

Branda luz, que afaga a vista,
 De que se ama o céu tingir,
 Quando entre o azul transparente
 Parece alegre sorrir;

Como es linda! — Como dobras
 Da vida a força e do amor!
 — Que tão bem luz dentro d'alma
 Teo luzir encantador!

No teo ameno silencio
 A tormenta se perdeo,
 E do mar a forte vida
 Nos abysmos se escondeo!

Porque assim de novo agora
 Que o vento o não vem toldar,
 Parece que vai queixoso
 Mansamente a soluçar?

Porque as ramas do arvoredor,
 Bem como as ondas do mar,
 Sem correr sopro de vento,
 Começão de murmurar?

Sobre o tapiz d'alta relva,
 — Rocio da madrugada —
 Destilla gotas de orvalho
 A verde folha inclinada.

Renascida a natureza
 Parece sentir amor;
 Mais brilhante, mais viçosa
 O calix levanta a flôr.

Por entre as ramas occultas,
 Docemente a gorgear,
 Acordão trinando as aves,
 Alegres, no seo trinar.

O arvoredado n'essa lingoa
 Que diz, porque assim susurra?
 Que diz o cantar das aves?
 Que diz o mar que murmura?

— Dizem um nome sublime,
 O nome do que é Senhor,
 Um nome que os anjos dizem,
 O nome do Creador.

Tão bem eu, Senhor, direi
 Teo nome — do coração,
 E ajuntarei o meo hymno
 Ao hymno da criação.

Quando a dôr meo peito acanha,
 Quando me rala a afflicção,
 Quando nem tenho na terra
 Mesquinha consolação;

Tu, Senhor, do peso insano
 Livras meo peito arquejante,
 Seccas-me o pranto que os olhos
 Vertendo estão abundante.

Tu pacificas minha alma,
 Quando se rasga com pena,
 Como a noite que se esconde
 Na luz da manhã serena.

Tu es a luz do universo,
 Tu es o ser creador,
 Tu es o amor, es a vida,
 Tu es meo Deos, meo Senhor.

Direi nas sombras da noite,
 Direi ao romper da aurora:
 — Tu es o Deos do universo,
 O Deos que minha alma adora.

Tão bem eu, Senhor, direi
 Teo nome — do coração,
 E juntarei o meo hymno
 Ao hymno da criação.

A T A R D E .

Ave Maria! blessed be the hour!
 The time, the clime, the spot where I so oft
 Have felt that moment in its fullest power
 Sink o'er the earth so beautiful and soft. . . .

BYRON.

Oh tarde, oh bella tarde, oh meos amores,
 Mãe da meditação, meo doce encanto!
 Os rogos da minha alma emfim ouviste,
 E grato refrigerio vens trazer-lhe
 No teo remansear prenhe de enlevos!
 Em quanto de te ver gostão meos olhos,
 Em quanto sinto a minha voz nos labios,
 Em quanto a morte me não rouba á vida,
 Um hymno em teo louvor minha alma exhale,
 Oh tarde, oh bella tarde, oh meos amores!

I.

É bella a noite, quando grave estende
 Sobre a terra dormente o negro manto
 De brilhantes estrellas recamado;
 Mas nessa escuridão, nesse silencio
 Que ella comsigo traz, ha um quê de horrivel
 Que espanta e desespera e geme n'alma;
 Um quê de triste que nos lembra a morte!
 No romper d'alva ha tanto amor, tal vida,
 Ha tantas côres, brilhantismo e pompa,
 Que fascina, que attrahe, que a amar convida;
 Não pode supportar - a homem que soffre,
 Orfãos de coração não podem vel-a.

Só tu, feliz, só tu, a todos prendes!
 A mente, o coração, sentidos, olhos,
 A ledice e a dôr, o pranto e o riso,
 Folgão de te avistar; — são teos, — es d'elles.
 Homem que sente dôr folga contigo,
 Homem que tem prazer folga de ver-te!
 Comtigo sympathisão, porque es bella,
 Qu'es mãe de merencorios pensamentos,
 Entre os céos e a terra extasis doce,
 Entre dôr e prazer celeste arroubo.

II.

A brisa que murmura na folhagem,
 As aves que pipitão docemente,
 A estrella que desponta, que rutila,
 Com duvidosa luz ferindo os mares,
 O sol que vai nas agoas sepultar-se
 Tingindo o azul dos céos de branco e d'oiro;
 Perfumes, murmurar, vapores, brisa,
 Estrellas, céos e mar, e sol e terra,
 Tudo existe contigo, e tu es tudo.

III.

Homem que vive agro viver de côrte,
 Indifferente olhar derrama a custo

Sobre os fulgores teos; — homem do mundo
 Mal pode o desbotado pensamento
 Revolver sobre o pó; mas nunca, oh nunca!
 Ha de elevar-se a Deos, e nunca ha de elle
 Na abobada celeste ir pendurar-se,
 Como de rosea flôr pendente abelha.
 Homem da natureza, esse contemple
 De purpura tingir a luz que morre
 As nuvens lá no occaso vacillantes!
 Ha de vida melhor sentir no peito,
 Sentir doce prazer sorrir-lhe n'alma,
 E fonte de ternura inexgotavel
 Do fundo coração brotar-lhe em ondas.

Hora do pôr do sol! — hora fagueira,
 Qu'encerras tanto amor, tristeza tanta!
 Quem ha que de te ver não sinta enlevos,
 Quem ha na terra que não sinta as fibras
 Todas do coração pulsar-lhe amigas,
 Quando d'esse teo manto as pardas franjas
 Sóltas, roçando a habitação dos homens?
 Ha hi prazer tamanho que embriaga,
 Ha hi prazer tão puro, que parece
 Haver anjos dos céos com seos acordes
 A misera existencia acalentado!

IV.

Socia do forasteiro, tu, saudade,
 N'esta hora os teos espinhos mais pungentes
 Cravas no coração do que anda errante.
 Só elle, o peregrino, onde acolher-se,
 Não tem tugurio seo, nem pae, nem 'sposa,
 Ninguem que o espere com sorrir nos labios
 E paz no coração, — ninguem que extranhe,
 Que anceie afflictio de o não ver comsigo!
 Cravas então, saudade, os teos espinhos;
 E elles, tão pungentes, tão agudos,
 Varando o coração de um lado a outro,
 Nem trazem dôr, nem desespero incitão;

Mas remanso de dôr, mas um suave
 Recordar do passado, — um quê de triste
 Que ri ao coração, chamando aos olhos,
 Tão espontaneo, tão fagueiro pranto,
 Que não fora prazer não derramal-o.

E quem — ah tão feliz! — quem peregrino
 Sobre a terra não foi? Quem sempre ha visto
 Sereno e brando deslisar-se o fumo
 Sobre o tecto dos seos; e sobre os cumes
 Que os seos olhos hão visto á luz primeira
 Crescer branca neblina que se enrola,
 Como incenso que aos céos a terra envia?
 Tão feliz! quando a morte involta em pranto
 Com gelado suor lh'enerva os membros,
 Procura inda outra mão co'a mão sem vida,
 E o extremo scintillar dos olhos baços,
 De um ente amado procurando os olhos,
 Sem prazer, mas sem dôr, alli se apaga.
 O exilado! esse não; tão só na vida,
 Como no passamento ermo e sosinho,
 Sente dôres crueis, torvos pezares
 Do leito afflictio esvoaçar-lhe em torno,
 Roçar-lhe o frio, o pallido semblante,
 E o instante derradeiro amargurar-lhe.

Porém, no meo passar da vida á morte,
 Possa co'a extrema luz d'estes meos olhos
 Trocar ultimo adeos com os teos fulgores!
 Ah! possa o teo alento perfumado,
 Do que na terra estimo, docemente
 Minha alma separar, e derramal-a
 Como um vago perfume aos pés do Eterno.

O T E M P L O .

.... Jéhovah déploie autour de nos demeures
Le linceul de la nuit, et la chaîne des heures
Tombe anneau par anneau.

TURQUETY.

I.

Estou só n'este mudo santuario,
Eu só, com minha dôr, com minhas penas!
E o pranto nos meos olhos represado,
Que nunca vio correr humana vista,
Livramento o derramo aos pés de Christo,
Que tão bem suspirou, gemeo sosinho,
Que tão bem padeceo sem ter conforto,
Como eu padeço, e soffro, e gemo, e choro.

Remorso não me punge a consciencia,
Vergonha não me tinge a côr do rosto,
Nem crimes perpetrei; — porque assim choro?
E direi eu por que? — Antes meu berço,
Que vagidos de infante vividouro,
Os sons finaes de um moribundo ouvisse!
Que esperanças que eu tinha tão formosas,
Que mimosos enlevos de ternura,
Não continha minha alma toda amores!
Esperanças e amor, que é feito d'elles?
Um dia me roubava uma esperança,
E sosinho, uma e uma, me deixarão.
Morrerão todas, como folhas verdes
Que em principios do inverno o vento arranca.

E o amor! — podia eu sentil-o ao menos;
Quando eu via a desdita de bem perto
Co' um sorriso infernal no rosto squalido,
Com fome e frio a tiritar demente,
Acenando-me infausta? — quando vinda
Minha hora já sentia, em que os meus labios,
Tremendo de vergonha, soluçassem

Ao f'liz com que eu na rua deparasse,
 De mãos erguidas: Meo Senhor, piedade!
 Eis porque soffro assim, porque assim gemo,
 Porque meo rosto pallido se encova,
 Porque sómente a dôr me ri nos labios,
 Porque meo coração já todo é cinzas.

Menti, Senhor, menti! — porque te adoro.
 No altar profano de belleza esquiva
 Não queimo incenso vão; — tu só me occupas
 O coração, que eu fiz hostia sagrada,
 Apuro de elevados sentimentos,
 Que o teo amor somente asilão, nutrem.
 Quando ao sopé da cruz me chego afflicto,
 Sinto que o meo soffrer se vae mingoando,
 Sinto minha alma que de novo existe,
 Sinto meo coração arder em chammas,
 Arder meos labios ao dizer teo nome.
 Assim a cada aurora, a cada noite,
 Virei consolações beber sedento
 Aos pés do meo Senhor; — virei meo peito
 Encher de religião, de amor, de fogo,
 Que além de infindos céos minha alma exalte.

II.

Quem me dera nas azas d'este vento,
 Que agora tão saudoso aqui murmura,
 Agitando as cortinas, que me encobrem
 Do teo rosto o fulgor, que me não cegue,
 Subir além dos sóes, além das nuvens
 Ao teo throno, ó meo Deos; ou quem me dêsse
 Ser este incenso que se arroja em ondas
 A subir, a crescer, em rolo, em fumo,
 Até perder-se na amplidão dos ares!
 Não qu'ria aqui viver! — Quando eu padeço,
 Surdez fingida a minha voz responde;
 Não tenho voz de amor, que me console,

Corre o meo pranto sobre terra ingrata,
 E dôr mortal meo coração fragôa.
 Só tu, Senhor, só tu, no meo deserto
 Escutas minha voz que te supplica;
 Só tu nutres minha alma de esperança;
 Só tu, ó meu Senhor, em mim derramas
 Torrentes de harmonia, que me abrasão.
 Qual orgão, que resôa mavioso,
 Quando segura mão lhe opprime as teclas,
 Assim minha alma, quando a ti se achega
 Hymnos de ardente amor disfere grata:
 E, quando mais serena, inda conserva
 Effluvios d'esse canto, que me guia
 No caminho da vida aspero e duro.
 Assim por muito tempo reboando
 Vão no recinto do sagrado templo
 Sons, que o orgão soltou, que o ouvido escuta.

TE DEUM.

Nós, Senhor, nós te louvamos,
 Nós, Senhor, te confessamos.

Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes sancto,
 Immenso é o teo poder, tua força immensa,
 Teos prodigios sem conta; — e os céos e a terra
 Teo ser e nome e gloria preconisão.

E o archanjo forte, e o serafim sem mancha,
 E o côro dos prophetas, e dos martyres
 A turba eleita — a ti, Senhor, proclamão
 Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes sancto.

Na innocencia do infante es tu quem fallas;
 A belleza, o pudor — es tu que as gravas
 Nas faces da mulher, — es tu que ao velho
 Prudencia dás, — e o que verdade e força
 Nos puros labios, do que é justo, imprimes.

Es tu quem dás rumor á quieta noite,
 Es tu quem dás frescor á mansa brisa,
 Quem dás fulgor ao raio, azas ao vento,
 Quem na voz do trovão longe rouquejas.

Es tu que do oceano á furia insana
 Pões limites e cobro, — es tu que a terra
 No seo vôo equilibras, — quem dos astros
 Governas a harmonia, como notas
 Acordes, simultaneas, palpitando
 Nas cordas d'Harpa do teo Rei Propheta,
 Quando elle em teo louvor hymnos soltava,
 Qu' ião, cheios de amor, beijar teo solio.

Sancto! Sancto! Sancto! — teos prodigios
 São grandes, como os astros, — são immensos,
 Como arêa delgada em quadra estiva.

E o archanjo forte, e o serafim sem mancha,
 E o côro dos prophetas, e dos martyres
 A turba eleita — a ti, Senhor, proclamao,
 Senhor Deos Sabbaoth, tres vezes grande.

A D E O S

AOS MEOS AMIGOS DO MARANHÃO.

Meos Amigos, Adeos! Já no horizonte
 O fulgor da manhã se empurpurece:
 É puro e branco o céu, — as ondas mansas,
 — Favoravel a brisa; — irei de novo
 Sorver o ar purissimo das ondas,
 E na vasta amplidão dos céos e mares
 De vago imaginar embriagar-me!
 Meos Amigos, Adeos! — Verei fulgindo
 A lua em campo azul, e o sol no occaso
 Tingir de fogo a implacidez das agoas;

Verei horridas trevas lento e lento
 Descerem, como um crêpe funerario
 Em negro esquite, onde repouisa a morte;
 Verei a tempestade quando alarga
 As negras azas de bulções, e as vagas
 Soberbas encastella, esporeando
 O curto bojo de ligeiro barco,
 Que geme, e ruge, e empina-se insoffrido
 Galgando os escarceos, — bem larga esteira
 De phosphoro e de luz traz si deixando:
 Generoso corsel, que sente as cruces
 Agudas de teimosos acicates
 Lacerarem-lhe rabidas o ventre.

Inda uma vez, Adeos! Curtos instantes
 De ineffavel prazer — horas bem curtas
 De ventura e de paz frui comvosco:
 Oasis que encontrei no meo deserto,
 Tepido valle entre fragosas serras
 Virente derramado, foi a quadra
 Da minha vida, que passei comvosco.
 Aqui de quanto amei, do que hei soffrido,
 De tudo quanto almejo, espero, ou temo
 Deslebrado vivi! — Oh! quem me dera
 Que entre vós outros me alvejasse a fronte,
 E que eu morresse entre vós! Mas força occulta,
 Irresistivel, me persegue e impelle.
 Qual folha instavel em ventoso estio
 Do vento ao sopro a esvoçar sem custo;
 Assim vou eu sem tino, — aqui pegadas
 Mal firmes assentando — além pedaços
 De mim mesmo deixando. Na floresta
 O lasso viandante extraviado
 Por todo o verde bosque estende os olhos,
 E cançado esmorece, — cáe, medita,
 Respira mais de espaço, cobra alento,
 E nas solidões de novo eil-o se entranha.
 Vestigios mal seguros sopra o vento,

Ou nivella-os a chuva, ou relva os cobre:
 Talvez que folhas asperas de arbusto
 Mordão vellos da tunica, e denotem
 (Duvida o viajor, que os vê com pasmo)
 Que errante caminheiro alli passasse.

E eu parti! — Não chorei, que do meo pranto
 A larga fonte jaz de ha muito exhausta;
 Ha muito que os meos olhos não gotejão
 O repassado fel d'acre amargura;
 E o pranto no meo peito represado
 Em cinza o coração me ha convertido.
 É assim que um vulcão se torna fonte
 De lympha amarga e quente; e a fonte em ermo,
 Onde não crescem perfumadas flôres,
 Nem tenras aves seos gorgeios soltão,
 Nem triste viajor encontra abrigo.

Rasgado o coração de pena acerba,
 Transido de afflicções, cheio de magoa,
 Miserando parti! tal quando reprobo,
 Adão, cobrindo os olhos co'as mãos ambas,
 Em meio a sua dôr só descobria
 Do Archanjo os candidissimos vestidos,
 E os lampejos da espada fulminante,
 Que o Eden tão mimoso lhe vedava.
 Porém quando algum dia o colorido
 Das vivas illusões, que inda conservo,
 Sem força esmorecer, — e as tão viçosas
 Esp'ranças, que eu educo, se afundarem
 Em mar de desenganos; — a desgraça
 Do naufragio da vida ha de arrojar-me
 Á praia tão querida, que ora deixo.
 Tal parte o desterrado: um dia as vagas
 Hão de os seos restos regeitar na praia,
 D'onde tão novo se partira, e onde
 Procura a cinza fria achar jazigo.

SEGUNDOS CANTOS.

CONSOLAÇÃO NAS LAGRIMAS.

Las lágrimas puras que entónces se vierten,
Acaso divierten
En vez de doler.

ZORRILLA.

Como é bello á meia noite
O azul do céu transparente,
Quando a esphera d'alva lua
Vagueia mui docemente,
Quando a terra não ruidosa
Toda se cala dormente,
Quando o mar tranquillo e brando
Na areia chora fremente!

Como é bello este silencio
Da terra todo harmonia,
Que aos céos a mente arrebatá
Cheia de meiga poesia!
Como e bella a luz que brilha
Do mar na viva ardentia!
Este pranto como é doce
Que entorna a melancolia!

Esta aragem como é branda
Que enruga a face do mar,
Que na terra passa e morre
Sem nas folhas susurrar!
Os sons d'aereo instrumento
Quizera agora escutar,
Quizera magoas pungentes
Neste silencio olvidar!

O azul do céo, nem da lua
 A doce luz reflectida,
 Nem o mar beijando a praia,
 Nem a terra adormecida,
 Nem meigos sons, nem perfumes,
 Nem a brisa mal sentida,
 Nem quanto agrada e deleita,
 Nem quanto embelleza a vida;

Nada é melhor que este pranto
 Em silencio gotejado,
 Meigo e doce, e pouco e pouco
 Do coração despegado;
 Não soro de fel, mas sancto
 Frescor em peito chagado;
 Não espremido entre dores,
 Mas quasi em prazer coado!

CANÇÃO.

Yo no soy mas que un poeta,
 Sin otro bien que mi lira.

ZORRILLA.

Tenho uma harpa religiosa,
 Toda inteira fabricada
 De madeira preciosa
 Sobre o Libano cortada.
 Foi o Senhor quem m'a deo,
 De sanctas palmas coberta,
 Que as notas suas concerta
 Aos sons do salterio hebreo!

Tenho alaúde polido
 Em que antigos Trovadores,
 Em tom de guerra atrevido,
 Cantavão trovas de amores.

Mas chegando a Sancta Cruz,
De volta do meo desterro,
Cortei-lhe as cordas de ferro,
Cordas de prata lhe puz.

Tenho tão bem uma lyra
De festões engrinaldada,
Onde minha alma afinada
Melindres d'amor suspira.
Nas grinaldas, nos festões,
Nas rosas com que s'inflora,
Goteja o orvalho da aurora
Dictámo dos corações.

Eis o que tenho, ó Donzella,
Só harpa, alaúde e lyra;
Nem vejo sorte mais bella,
Nem coisa que lhe eu prefira.
Votei assim ao meo Deos
A minha harpa religiosa,
A ti a lyra mimosa,
O grave alaúde aos meos!

L Y R A .

Coeur sans amour est un jardin sans fleur.
L. HALLEVY.

Se me queres a teos pés ajoelhado,
Ufano de me ver por ti rendido,
Ou já em mudas lagrimas banhado; •
Volve, impiedosa,
Volve-me os olhos;
Basta uma vez!

Se me queres de rojo sobre a terra,
Beijando a fimbria dos vestidos teos,
Calando as queixas que meo peito encerra,

Dize-me, ingrata,
 Dize-me: eu quero!
 Basta uma vez!

Mas se antes folgas de me ouvir na lyra
 Louvor singelo dos amores meos,
 Por que minha alma ha tanto em vão suspira;
 Dize-me, ó bella,
 Dize-me: eu te amo!
 Basta uma vez!

AGORA E SEMPRE.

Pone me pigris ubi nulla campis
 Arbor aestiva recreatur aura,

 Dulce ridentem Lalagen amabo,
 Dulce loquentem.

HORACIO. OD.

Ponhão-me embora na crestada Libya,
 Ou lá nas zonas em que o gelo mora,
 Alli tua alma viverá commigo,
 Alli teo nome!

Ponhão-me em terras que leões só crião,
 Nas altas serras que o condor habita;
 Alli ainda viverá comtigo
 Minha alma ardente.

Faminto e triste na região deserta,
 Co'os pés em sangue de esfarpada estilha,
 Cortado o rosto de gelado vento,
 Madida a coma:

Alli aos urros do leão sedento,
 Aos crebros gritos do condor alpestre,
 Ardendo em chamas deste amor sem termo,
 Direi: Eu te amo!

Duros ferrolhos de prisão medonha
 Escute embora sepultar-me em vida;
 Embora sinta roxear-me os pulsos
 Ferreas algemas;

Embora malhos de tortura infame
 Quebrem-me os ossos no medroso equileo;
 Agudos dentes de tenaz raivosa
 Mordão-me as carnes:

Nas feias sombras da cruel masmorra,
 Nos duros tratos da tortura bruta,
 Quer só commigo, quer em meio ás gentes,
 Direi: Eu te amo!

Mas nunca o gelo, nem a fragoa ardente,
 Nem brutas feras, nem crueza humana
 Farão que eu soffra mais agudas dôres,
 Nem mais penadas!

Reclina-se outro em teo nevado seio,
 Cinge-te o corpo em divinaes caricias,
 Beija-te o collo, beija-te o sorriso,
 Goza-te e vive!

E eu no entanto extorso com dores!
 Praguejo o inferno que nos poz tão longe,
 Louco bravejo, misero soluço . . .
 Desejo e morro!

A VIRGEM.

— Tiene mas de vaporosa sombra,
 De inefable vision que de mujer.
 ZORRILLA.

Linda virgem simelha a linda rosa,
 Que se abre ao romper d'alva;
 Encapellão-se as petalas mimosas,

Lacradas de pudor com rubro sello:
 Cego mortal só lhe respira o incenso;
 Mas della a abelha extrahe seo mel mais puro.

Seo nobre coração é como um templo,
 Onde só Deos habita;
 Alli reina o misterio involto em sombras,
 E maga placidez involta em cantos:
 Só vê isto o profano; mas o antiste
 De Deos a sombra vê, e a voz lhe escuta.

E' como um lago de marmoreo leito
 Sua alma ingenua e bella:
 No fundo não se enxerga o verde limo,
 E a lisa face nos amostra os astros.
 E onde o humilde pastor só vê luzeiros,
 Os anjos lá dos céos contemplão mundos.

E se eu a vejo nos saráos ruidosos,
 C'roda de belleza,
 E a sombra da tristeza irresistivel
 Tingir-lhe o rosto, e desbotar-lhe o riso;
 Na mulher, que outros vêm, descubro o anjo,
 Que as azas d'oiro, que perdeo, lamenta!

Então como que sinto arrebatat-me,
 Sympathica attracção!
 Quizera doces carnes de ternura
 Nas mais delgadas cordas da minha Harpa
 Cantar-lhe, e assim dizer-lhe: «Um canto ao menos
 O acerbo exilio teo torne mais brando!»

Baldado empenho! Começado apenas,
 Afrouxa-se-me o canto;
 Debaixo dos meos dedos mal palpita
 A corda melindrosa da minha Harpa;
 E como em espaço, que até d'ar carece,
 Tangida, o extremo som morre sem echo!

ROSA NO MAR!

Rosa, rosa de amor purpurea e bella,
 Quem entre os goivos te esfolhou da campã!

GARRETT.

Por uma praia arenosa,
 Vagarosa
 Divagava uma Donzella;
 Dá largas ao pensamento,
 Brinca o vento
 Nos soltos cabellos della.

Leve ruga no semblante
 Vem n'um instante,
 Que n'outro instante se alisa;
 Mais veloz que a sua ideia
 Não volteia,
 Não gira, não foge a brisa.

No virginal devaneio
 Arfa o seio,
 Pranto ao riso se mistura;
 Doce rir dos céos encanto,
 Leve pranto,
 Que amargo não é, nem dura.

Nesse logar solitario,
 — Seo fadario, —
 De ver o mar se recreia;
 De o ver, á tarde, dormente,
 Docemente
 Suspirar na branca areia.

Agora, qual sempre usava,
 Divagava
 Em seo pensar embebida;
 Tinha no seio uma rosa
 Melindrosa,
 De verde musgo vestida.

Ia a virgem descuidosa,
 Quando a rosa
 Do seio no chão lhe cahe:
 Vem um'onda bonançosa,
 Qu'impiedosa
 A flôr comsigo retrahe.

A meiga flôr sobrenada;
 De agastada,
 A virge' a não quer deixar!
 Bóia a flôr; a virgem bella,
 Vai trás ella,
 Rente, rente — á beiramar.

Vem a onda bonançosa,
 Vem a rosa;
 Foge a onda, a flôr tão bem.
 Se a onda foge, a donzella
 Vai sobre ella!
 Mas foge, se a onda vem.

Muitas vezes enganada,
 De enfadada
 Não quer deixar de insistir;
 Das vagas menos se espanta,
 Nem com tanta
 Presteza lhes quer fugir.

N'isto o mar que se encapella
 A virgem bella
 Recolhe e leva comsigo;
 Tão fallaz em calmaria,
 Como a fria
 Polidez de um falso amigo.

Nas agoas alguns instantes,
 Fluctuantes
 Nadarão brancos vestidos:
 Logo o mar todo bonança,
 A praia cança
 Com monotonos latidos.

Um doce nome querido
 Foi ouvido,
 Ia a noite em mais de meia:
 Toda a praia perlustrarão,
 Nem acharão
 Mais que a flôr na branca areia.

O A M O R.

Amare amabam.
 S. AGOST.

Amor! enlevo d'alma, arroubo, encanto
 Desta existencia misera, onde existes?
 Fino sentir ou magico transporte,
 (O quer que seja que nos leva a extremos,
 Aos quaes não basta a natureza humana;)
 Sympathica attracção d'almas sinceras
 Que unidas pelo amor, no amor se apurão,
 Por quem suspiro, serás nome apenas?

A inutil chamma reseccou meos labios,
 Mirrou-me o coração da vida em meio,
 E á terra fez baixar a mente errada
 Que entre nuvens, amor, por ti bradava!
 Não te pude encontrar! — em vão meos annos
 No louco intento esperdicei; gelados,
 Uns após outros á cahir precipites
 Na urna do passado os vi; eu triste,
 Amor, por ti clamava; — e o meo deserto
 Aos meos accents reboava embalde.

Em vão meo coração por ti se fina,
 Em vão minha alma te compr'hende e busca,
 Em vão meos labios sofregos cubição
 Libar a taça que aos mortaes off'reces!
 Dizem-na funda, inexgotavel, meiga;
 Em quanto a vejo rasa, amarga e dura!

Dizem-na balsamo, eu veneno a sorvo:
Prazer, doçura, — eu dôr e fel encontro!

Dobrei-me ás duras leis que me impozeste,
Curvei ao jugo teo meo collo humilde,
Feri-me aos teos ardentes passadores,
Prendi-me aos teos grilhões, rojei por terra...
E o lucro? .. forão lagrimas perdidas,
Foi roxa cicatriz qu'inda conservo,
Desbotada a illusão e a vida exhausta!

Celeste emanação, gratos effluvios
Das roseiras do céo; bater macio
Das azas auri-brancas d'algun anjo,
Que roça em noite amiga a nossa esphera,
Centelha e luz do sol que nunca morre;
Es tudo, e mais do qu'isto: — es luz e vida,
Perfume, e vôo d'anjo mal sentido,
Peregrinas essencias trescalando!..
Tão bem passas veloz, — breve te apagas,
Como d'uma ave a sombra fugitiva,
Desgarrada voando á flôr de um lago!

SEMPRE ELLA.

*Per noctem quaesivi, quam diligit
anima mea, et non inveni illam.*

CANT. CANT.

Eu amo a doce virgem pensativa,
Em cujo rosto a pallidez se pinta,
Como nos céos a matutina estrella!
A dôr lhe ha desbotado a côr das faces,
E o sorriso que lhe roça os labios
Murcha ledo sorrir nos labios d'outrem.

Tem um timbre de voz que n'alma echôa,
Tem expressões d'angelica doçura,

E a mente do que as ouve, se perfuma
 De amor profundo e de piedade sancta,
 E exala effluvios d'um odor suave
 De aloes, de myrrha ou de mais grato incenso.

E nessas horas, quando a mente afflicta,
 De dôr occulta remordida, aneia
 Desabrochar-se em confidencia amiga,
 «Neste mundo o que sou? — triste clamava;
 «Pérsica involta em pó, entre ruínas,
 «Erma e sosinha a resolver-me em pranto!

«Flôr desbotada em hastea já roída,
 «De cujo tronco as outras amarellas
 «Já rójão sobre o pó, já murchas pendem!
 «E' sentir e soffrer a minha vida!»
 Merencoria dizia, erguendo os olhos
 Aos céos d'um claro azul, que lhes sorrião.

Náda õ mudo alcyon por sobre os mares,
 E proximo a seo fim desata o canto;
 A rosa do Sarão lá se despenha
 Nas agoas do Jordão: e como a rosa,
 Como o cysne, do mar entre os perfumes,
 Aos sons d'uma Harpa interna ella morria!

E como o pastor que avista a linda rosa
 Nas agoas da corrente, e como o nauta
 Que vê, que escuta o cysne ir-se embalado
 Sobre as agoas do mar, cantando a morte;
 Eu tambem a segui — a rosa, o cysne,
 Que lá se foi sumir clima estranho.

E depois que os meos olhos a perdérão,
 Como se perde a estrella em céos infindos,
 Errei por sobre as ondas do oceano,
 Sentei-me a sombra das florestas virgens,
 Procurando apagar a imagem della,
 Que tão inteira me ficára n'alma!

Embalde aos céos erguendo os olhos turvos
 Meo astro procurei entre os mais astros,
 Qu'outr'ora amiga sina me fadára!
 Com brilho embaciado e luz incerta
 Nos ares se perdeo antes do occaso,
 Deixando me sem norte em mar d'angustias.

MIMOSA E BELLA.
 N'UM ALBUM.

De anno em anno se torna mais formosa,
 E novo brilho, novas graças cria.

CALDAS.

I.

Tão bella es, tão mimosa,
 Qual viçosa
 Fresca rosa,
 Que em serena madrugada,
 Despontada,
 Rorejada
 Foi pelo orvalho do céu;
 E a aurora que tudo esmalta,
 Brilha reflexos de prata
 No orvalho que alli prendeo.

II.

Quando um penar afflictivo,
 Sem motivo,
 D'improviso
 Tua alma occupa e entristece,
 Que padece,
 Que esmorece
 Com aquelle imaginar;
 Augmenta a tua belleza
 Languido véo de tristeza,
 Pallor de quem sabe amar.

III.

Assim murcha a sensitiva,
Sempre viva,
Sempre esquiva;
Assim perde o colorido
Por um toque irreflectido,
Mal sentido:
Assim vai o nenuphar,
Como que soffre e tem magoas,
Esconder-se em fundas agoas,
Té que o sol torne a brilhar.

IV.

Mas tão bem a flôr brincada,
Perfumada,
Debruçada
Sobre a tranquilla corrente;
Logo sente
Vir a enchente
Longe, longe a rouquejar,
Que a pobrezinha desfolha,
Sem lhe deixar uma folha,
Sem deixal-a em seo logar.

V.

Não consintas pois que as magoas,
Como as agoas,
Que das fragas
Furiosas vem tombando,
Vão tomando,
Vão levando
A flôr do teu coração!
Ha na vida u' amor somente,
Um só amor innocente,
Uma só firme paixão.

VI.

Sê antes flôr bemfadada,
 Suspirada,
 Bafejada
 Pela brisa que a namora,
 Pela frescura da aurora,
 Que a colora :
 Á luz do sol se recreia,
 E de noite se retrata
 Da fonte na lisa prata,
 Quando o céu de luz se arreja.

AS DUAS AMIGAS.

. Vivamos juntas
 N'um só logar!
 N'um só logar, ou sejam mansos ares,
 Se alli te exaltas;
 Ou sejam campos, se é alli que a relva
 De pranto esmaltas.

V. HUGO. TRAD.

Já vistes sobre a flôr de manso lago
 Duas aves brincando solitarias,
 Já pousadas na lisa superficie,
 Já levantando o vôo?

Já vistes duas nuvens no horisonte,
 Brancas, orladas com listões de fogo,
 A deslumbrante alvura cambiando
 Ao pôr de sol estivo?

Já vistes duas lindas mariposas,
 Abrindo ao romper d'alva as longas azas,
 Onde reflecte o sol, como um prisma,
 Bellas, garridas côres?

Nem as pombas que vagão solitarias,
 Nem as nuvens do occaso, nem as vagas
 Borboletas gentis que adejão livres
 Em valle ajardinado;

Tanto não prazem, como doces virgem,
 Airosas, bellas, com sorrir singelo,
 Da vida negra e má duros abrólhos
 Impróvidas calcando.

Quanto ha no mundo d'illusões fagueiras,
 De perfume e de amor, guardão no peito,
 Quanto ha de luz no céu mostram nos olhos,
 Quanto ha de bello — n'alma.

Como um jardim seo coração se mostra,
 Seos olhos como um lago transparente,
 Sua alma como uma harpa harmoniosa,
 Seu peito como um templo!

Mas um fraco arruido espanta as aves,
 Uma brisa ligeira as nuvens rasga,
 E uma gota de orvalho ensopa as azas
 Das leves mariposas.

Desgarradas voando as aves fogem,
 Dos castellos dos céos perdem-se as nuvens,
 Nem mais adejão borboletas vagas
 Sobre o esmalte das flôres.

Pois quem resiste ao perpassar do tempo?
 Depois que derramou grato perfume
 Sobre as azas dos ventos que a bafejão,
 A flôr também definha.

Mas um nobre sentir que se enraiza
 No peito da mulher, que menos ame,
 E' como essencia preciosa e grata,
 Que se lacrou n'um vaso.

Repassa-o: depois embora o esgotem;
 Leves emanações, gratos effluvios
 Ha de eterno verter da mesma essencia,
 Talvez porêm mais doces.

S O N H O .

Ah! frown not, sweet lady, unbend your soft brow
 Nor deem me too happy in this!
 If I sin in my dream, I atone for it now,
 Thus doom'd but to gaze upon bliss.

BYRON.

Sonhava esta noite, Donzella formosa,
 Já quando as estrellas tombavão no mar,
 Que eu via a meu lado uma esbelta figura

Divina e mimosa

Sonhar é ventura;

Deixai-me sonhar!

Divina e mimosa, co'um véo se cobria
 D'estrellas fulgentes de brilho sem par;
 O rosto era vosso, era vossa a estatura,

E o anjo dizia

Sonhar é ventura;

Deixai-me sonhar!

E o anjo dizia co'um geito celeste:

«Affectos que em outro não pude encontrar

«Por fim me rendêrão, — paixão lisa e pura.

Que tanto soffreste . . .

Sonhar é ventura;

Deixai-me sonhar!

«Pois tanto soffreste, não devo impiedosa

«Fineza tão grande por fim mal pagar!»

Eis sinto um abraço estreitar-me a cintura,

E uns labios de rosa . . .

Sonhar é ventura;

Deixai-me sonhar!

E uns labios de rosa cobrirem-me a fronte

Com tepidos beijos de férvido amar!

Prazer tão subido após tanta amargura.

Não sei como o conte! . .

Sonhar é ventura;

Deixai-me sonhar!

Não sei como o conte! — nos lábios de rosa
 Vivi encantado sem ver, nem pensar,
 Em quanto apertava a ligeira cintura,
 Cintura mimosa
 Sonhar é ventura;
 Deixai-me sonhar!

Cintura mimosa! — depois vos tecia
 Grinalda que a fronte vos fosse adornar,
 E um cinto de amores com bróche esmaltado
 De meiga poesia! . . .
 Quem tão bem fadado
 Vivera a sonhar!

De meiga poesia, meo bem, minha amada,
 Já pago de quanto me fazeis penar,
 Então vos tangia descantes na lyra,
 Na lyra afinada!
 O sonho é mentira;
 Não quero sonhar!

S O L I D Ã O.

Solo e pensoso i più deserti campi
 Vo misurando a passi tardi e lenti
 E gli occhi porto per fuggire intenti
 Ove vestigio human l'arena stampi.

PETRARCA. *Sonetti.*

Se queres saber o meio
 Por que as vezes me arrebatava
 Nas azas do pensamento
 A poesia tão grata;
 Por que vejo nos meos sonhos
 Tantos anginhos dos céos;
 Vem commigo, ó doce amada,
 Que eu te direi os caminhos,
 Donde se enxérgão anginhos,
 Donde se trata com Deos.

Fujamos longe das villas,
 Das cidades populosas,
 Do vegetar entre as vagas
 Destas côrtes enganosas;
 Fujamos longe, bem longe,
 Deste viver cortesão!

Fujamos desta impureza,
 Só vês cordura por fóra;
 Mas nunca o vicio que mora
 Nas dobras do coração!

Fujamos! que nos importa
 Rodar do carro que passa,
 Esta orgulhosa vã gloria,
 Que se resolve em fumaça?
 Estas vozes, estes gritos,
 Este viver a mentir?

Fujamos, que em taes logares
 Não ha prazer innocente,
 Só alegria que mente,
 Só labios que sabem rir!

Fujamos para o deserto;
 Vivamos alli sosinhos,
 Sosinhos, mas descuidados
 Destes cuidados mesquinhos;
 Tu o azul do espaço olhando
 E eu só a rever-me em ti!

Quando depois nos tornarmos
 A' terra serena e calma,
 Aqui acharei tua alma,
 E tu me acharás aqui.

Ou corramos o oceano
 Que d'immenso a vista cança;
 Dormirei no teu regaço
 Quando o tempo for bonança,
 Quando o batel for jogando
 Em leve ondular sem fim.

Mas nos rancos da procella,
 Nossos olhos encontrados,
 Nossos braços enlaçados,
 Hei de cantar-te, inda assim!

Ou se mais te praz, zombemos
 Das setas que arroja a sorte;
 Vivamos nas minhas selvas,
 Nas minhas selvas do norte,
 Que gemem nenias sentidas
 No seio da escuridão.

Não tem doçura o deserto,
 Não têm harmonia os mares,
 Como o rugir dos palmares
 No correr da viração!

Tu verás como a luz brinca
 Nas folhas de côr sombria;
 Como o sol, pintor mimoso,
 Seos accidentes varia;
 Como é doce o romper d'alva,
 Como é fagueiro o luar!

Como alli sente-se a vida
 Melhor, mais viva, mais pura,
 N'aquella eterna verdura,
 N'aquelle eterno gozar!

Vem commigo, oh! vem depressa,
 Não se esgota a natureza;
 Mas desbota-se a innocencia,
 Divina e sancta pureza,
 Que dá vida aos objectos,
 Feituras da mão de Deos!

Vem commigo, ó doce amada,
 Que são estes os caminhos,
 Donde eu enxergo os anginhos,
 Que tu vês nos sonhos meus.

A UM POETA EXILADO.

Il accuse et son siècle, et ses chants, et sa lyre,
 Et la coupe enivrante où, trompant son délire,
 La gloire verse tant de fiel,
 Et ses vœux, poursuivant des promesses funestes,
 Et son cœur, et la Muse, et tous ces dons célestes,
 Hélas! qui ne sont pas le ciel!

V. Hugo.

Tão bem vaguei, Cantor, por clima estranho,
 Vi novos valles, novas serranias,
 Vi novos astros sobre mim luzindo;
 E eu só! e eu triste!

Ao sereno Mondego, ao Doiro, ao Tejo
 Pedi inspirações, — e o Doiro e o Tejo
 Do misero proscripto repetirão
 Sentidos carmes.

Repetio-mos o placido Mondego;
 Talvez em mais de um peito se gravarão,
 Em mais de uns meigos labios murmurados,
 Talvez soarão.

Os filhos de Minerva, novos cysnes,
 Que a fonte dos amores meigos cria,
 E alguns de Lyzia sonorosos vates,
 Sisudos mestres;

Ouvindo aquelle canto agreste e rudo
 Do selvagem guerreiro, — e a voz do piaga
 Rugindo, como o vento na floresta,
 Prenhe d'augurios;

Benignos me olharão, e aos meos ensaios
 Talvez sorrirão; porém mais predeo-me,
 Quem soffrendo como eu, chorou commigo;
 Quem me deo lagrimas!

Eu pois, que nesta vida hei aprendido
 Só cantar e soffrer, não vejo embalde
 Ao canto a dôr unida, — e os repassados
 Versos de pranto.

Do triste poleá choro a desdita,
 Choro e digo entre mim: «Pobre Canario
 Que fado máo cegou, por que soltasse
 Mais doce canto;

Pobre Orpheo, nestes tempos mal nascido,
 Atraz d'um bem sonhado pelo mundo
 A vagar com lyra — um bem que os homens
 Não podem dar-te!

Se quer esta lembrança a dôr te abraude:
 A vida é breve, e o teo cantar simelha
 Vagido fraco de menino enfermo,
 Que Deos escuta.

PALINODIA.

O céo não te dotou de formosura,
 De attractivo exterior, e a natureza
 Teo peito inficionou co'a vil torpeza
 D'ingrata condição fallaz e impura!

BOCAGE.

Se só por vós, Senhora, corpo e alma,
 Apezar da aversão que tenho ao crime,
 Inteiro me embucei nos seos andrajos,
 Em tremedal de vicios;

Se só por vós descri do que era nobre,
 Por que involto em torpeza immunda e feia,
 As vestes da virtude immaculada
 Rebolquei-as no lôdo;

Se só por vós persegue-me o remorso,
 Que os dias da existencia me consome,
 E entre angustias crueis minha alma anceia,
 — Ludibrio dos meos erros:

Consenti que a moral os seos direitos
 Reivendique uma vez, e que a minha alma
 Das lições que bebo na pura infancia
 Uma hora se recorde!

Agora, agro censor, hão de os meos labios,
 Duras verdades trovejando em verso,
 Fazer de vós, o que a razão não pôde,
 — Mulher ou estatua!

Mentistes quando amor tinheis nos labios,
 Mentistes a compor meigos sorrisos,
 Mentistes no olhar, na voz, no gesto . . .
 Fostes bem falsa! . . .

Falsa, como a mulher que em bruta orgia
 Finge extremos de amor que ella não sente,
 E o rosto off'rece á osculos vendidos,
 Ao sigillo da infamia.

Quantas vezes, Senhora, não cahistes
 Humilhada, á meos pés, desfeita em pranto,
 Chorando — e que choraveis? — a jurar-me . . .
 — Que juraveis então?

Se pois sentistes compaixão amiga
 A cahir gota a gota dos meos labios
 No que eu suppunha cicatriz recente,
 E que era ulcera funda;

Se me vistes os olhos incendidos,
 Sangrar-me o coração no peito afflicto
 Ao fel das vossas dôres, que azedaveis
 Co'o pranto refalsado.

Ouvi! — não ereis bella, — nem minha alma
 Vos amou, que um modello de virtudes,
 — Um sublime ideal — amou somente;
 Vós o não fostes nunca.

Que uma alma como a vossa, já manchada,
 Aos negros vicios mais que muito afeita,
 Já feia, já corrupta, já sem brilho
 Amal-a eu, Senhora!

Deitar-me sob a cópa traiçoeira,
 Que ao longe espalha a sombra, o engano, a morte;
 Recostar-me no seio onde outros dormem,
 Que por ninguem palpita!

Beijar faces sem vida, onde se enxerga
 Visgo nojento d'osculos comprados;
 Crêr no que dizem olhos mentirosos,
 Em prantos de loureira!

Antes curvar o collo envilecido
 Ao jugo vil da escravidão nefanda;
 Beijar humilde a mão que nos offende,
 Que nos cobre de opprobrio!

Antes, possesso d'imprudencia estúpida,
 Brincando remechar no açafate,
 Onde por baixo de mimosas flores,
 O aspide se esconde!

Mas eu, nos meos accessos de delirio,
 Voz importuna de continuo ouvia,
 Cá dentro em mim, a repr'hender-me sempre
 De vos amar . . . tão pouco!

Assim o cego idolatra se culpa,
 Nos espasmos d'ascetica virtude,
 De não amar assaz o vão phantasma,
 De suas mãos feitura.

Porém se luz melhor de cima o aclara,
 Cóspe affronta e desdem, e á chamma entrega
 O cepo vil, que não merece altares,
 Nem d'offrendas é digno!

Releva-se a imprudencia feminina,
 Inda um erro, uma culpa se perdôa,
 Se a desvaira a paixão, se amor a cega
 No mar de escolhos cheio.

O Deos, que mais perdôa a quem mais ama,
 Talvez da vida a negra mancha apaga
 A quem as azas de algum anjo orvalha
 De lagrimas contritas.

Mas não á aquella, em cujo peito móra
 Torpeza só, — onde o amor se cobre
 De vicios — a nutrir-se d'impurezas,
 Como vermes de lôdo.

Se porém te aproveita o meo conselho,
 A' quem, mais do que a mim, tens offendido,
 Que entre os risos do mundo, vê tua alma
 E lê teos pensamentos;

Se não crês n'outra vida alem da morte,
 Roga se quer a Deos, que te não rompa
 A' luz do sol divino da Justiça
 A mascara d'enganos!

Que a rainha da terra inamolgavel,
 — A dura opinião — te não entregue,
 Sosinha, e núa, e d'irrisão coberta,
 A' popular vindicta!

OS SUSPIROS.

Mucha pena ¿verdad? mucha amargura
 Guardaba allá en sus senos escondida
 A despedir-te el alma dolorida,
 Hijo de su cariño y su ternura.

ROMEA.

Muitas vezes tenho ouvido,
 Como languidos gemidos,
 Frouxos suspiros partidos
 D'entre uns labios de coral:
 A fina tez lhes deslustrão,
 Bem como o alento que passa
 Sobre o candor d'uma taça
 De transparente crystal.

Ouvido os tenho mil vezes
 Do coração arrancados,
 Sobre labios desmaiados
 Susurrando esvoaçar!
 Como flôr submarinha
 Da funda gleba arrancada,
 De vaga em vaga arrastada,
 Correndo de mar em mar!

Ouvido os tenho mil vezes,
 Em quanto a lúa fulgura,
 Quando a virgem d'alma pura
 Fita seos olhos no céo:
 Notas de mundo longinquo
 Repassadas de harmonia,
 Diamante que alumia
 A tela de um fino véo!

Tu, virgem por que suspiras?
 Quando suspiras que scismas?
 Em que reflexões te abysmas?
 — Do passado ou do porvir;

Mas não tens *passado* ainda,
 Tudo é flores no presente,
 Brilha o porvir docemente,
 Como do infante o sorrir.

Tu, virgem, por que suspiras?
 — Murmura trepida a fonte,
 De relva se cobre o monte,
 As aves sabem cantar;
 O ditoso tem sorrisos,
 O desgraçado tem pranto,
 A virgem tem mais encanto
 No seo vago suspirar!

Suspirar, ó doce virgem,
 E' da alma a voz primeira,
 A expressão mais verdadeira
 Da sina e do fado teo!
 Vago, incerto, indefinido,
 Tem um quê de inexplicavel,
 Como um desejo insondavel,
 Como um reflexo do céu.

Eu amo ouvir teos suspiros,
 O' doce virgem mimosa,
 Como nota harmoniosa,
 Como um cantico de amor;
 Mais do que a flôr entre as vagas
 Sem destino fluctuando,
 Fólgo de os ver expirando
 Em labios de rubra côr.

Mais que a longinqua harmonia,
 Que o alento fraco, incerto,
 Que o diamante coberto,
 Scintillando almo fulgor;
 Fólgo de ouvir teos suspiros,
 O' doce virgem mimosa,
 Como nota harmoniosa,
 Como um cantico de amor!

QUEIXUMES.

I.

Onde estás, meo senhor, meos amores?
 A que terras — tão longes! — fugiste?
 Onde agora teos dias se escoão?
 Por que foi que de mim te partiste?

II.

Não te lembras! quando eu te rogava
 Não te fosses de mim tão azinha,
 Prometteste-me breve ser minha
 Tua vida, que o mar me roubava.

III.

Tão amigo do mar foste sempre,
 Por que amigos talvez não achaste!
 Nem carinhos, nem prantos te ameigão?
 Nem por mim, que te amava, o deixaste?

IV.

Vejo além o logar onde estava
 Tua esbelta fragata ancorada,
 Mal soffrida jogando afagada
 Do galerno que amigo a chamava.

V.

Da partida era o funebre instante,
 Breve instante de afflictos terrores,
 Quando o mar traiçoeiro, inconstante,
 Me roubava meos puros amores!

VI.

Inda chóro essa noite medonha,
 Longa noite de má despedida!
 Teo amor me deixaste nos braços,
 Nos teos braços levaste-me a vida!

VII.

Oh! cruel, que então foste commigo,
 Que te hei feito que punes-me assim?
 Teo navio que tantos levava,
 Não podia levar mais a mim?

VIII.

Mas a mim! — que importava que eu fosse?
 Não me ouvira a tormenta chorar,
 E morrer me seria mais doce
 Junto a ti, — que o meo triste penar!

IX.

Junto a ti me era a vida bem cara,
 Oh! bem cara! — se ledo sorrias,
 Se pensavas sosinho e profundo,
 Se agras dôres comtigo curtias;

X.

Eu te amava, senhor! — Nem podia
 Dentro em mim, convencer-me que fosse
 Outra vida melhor, nem mais doce,
 Nem que o amor se acabasse algum dia!

XI.

Mas o mar tem lindezas que encantão,
 Tem lindezas, que o nauta namora,
 Tão bem dizem que vozes descantão
 No silencio pacato d'esta hora!

XII.

São de nymphas os mares pejados,
 Tão bem dizem, que sabem magia,
 Que suscitão cruel calmaria.
 Só d'em torno dos seos namorados!

XIII.

Alta noite, bem perto, apparece,
 Como leiva juncada de flôres,
 Ilha fertil em faceis amores,
 Onde o nauta da vida se esquece!

XIV.

Não te esqueças de mim! — Por Sevilha
 Quando o peito de branco marfim
 Perceberes na preta mantilha,
 Sombreado por leve carmim;

XV.

Quando vires passar a Andalusia
 Pelos montes, com ar magestoso,
 Decantando nas modas de que usa
 As loucuras do Cid amoroso;

XVI.

Quando vires a molle Odalisca
 De belleza e de extremos fadada,
 Respirando perfumes da Arabia,
 Em sericos tapises deitada;

XVII.

Quando a vires co'a fronte bem cheia
 De riquezas, de graças ornada,
 Pelo andar do elefante embalada,
 Que alta escolta de eunuchos rodeia;

XVIII.

Quando vires a Grega vagando
 Pelas Ilhas de Cós ou Megára,
 Em sua lingoa, tão doce, cantando
 Seos amores que o Turco roubara;

XIX.

Quando a vires no Carro de Homero,
 Bella e grave e sisuda lavrando,
 Pelos montes melifluos do Hymeto
 A parilha de bois aguilhando;

XX.

Não te esqueção meos duros pesares,
 Não te esqueças por ellas de mim,
 Não te esqueças de mim pelos mares,
 Não me esqueças na terra por fim!

XXI.

Se eu fosse homem, tão bem desejára
 Percorrer estes campos de prata,
 E este mundo, na tua fragata,
 Co'uma esteira cingir d'onda amara.

XXII.

Qu'ria ver a andorinha coitada
 Nos meos mastros fugida poisar,
 E achar no convez abrigada,
 Quando o vento começa a reinar!

XXIII.

Ver o mar de toninhas coberto,
 Ver milhares de peixes brincar,
 Ver a vida nesse amplo deserto
 Mais valente, mais forte pular!

Oh! que o homem fosse eu, mulher tu fosses,
 Ou fosse tempestade ou calmaria,
 Ou fosse mar ou terra, Hespanha ou Grecia,
 Só de ti, só de ti me lembraria!

O mar suas ondas inconstante volve,
 Sem que o seo curso o mesmo rumo leve,
 Assim dos homens a paixão se move,
 Fallaz e vária, assim no peito ferve!

Meditados enganos sempre encobre
 O mesmo que ao principio ardente amava;
 Oxalá não diga eu que me enganava,
 Que teo peito julguei constante e nobre!

Oh! que o homem fosse eu, mulher tu fosses,
 Ou fosse tempestade ou calmaria,
 Ou fosse mar ou terra, Hespanha ou Grecia,
 Só de ti, só de ti me lembraria!

AO ANNIVERSARIO DE UM CASAMENTO.

A MRS. A. N. V. DA G.

A filha d'Albion bem vinda seja
 Ao solo brasileiro!
 Bem vinda seja ás margens florescentes
 Do Rio hospitaleiro!

Qu'importa que te acene a Patria ao longe,
 Que vejas incessante
 As memorias, os templos, os palacios
 Da Cidade gigante?

A patria é onde quer que a vida temos
 Sem penar e sem dôr;
 Onde rostos amigos nos rodeião,
 Onde temos amor:

Onde vozes amigas nos consolão
 Na nossa desventura,
 Onde alguns olhos chorarão doridos
 Na erma sepultura;

A patria é onde a vida temos presa:
 Aqui tão bem ha sol!
 Tão bem a brisa corre fresca e leve
 Da manhã no arrebol!

Aqui tão bem a terra produz flores,
 Tão bem os céos têm côr;
 Tão bem murmura o rio, e corre a fonte,
 E os astros têm fulgor!

Aqui tão bem se arrelva o prado, o monte,
 De mimoso tapiz;
 Nas azas do silencio desce a noite
 Tão bem sobre o infeliz!

A filha d'Albion bem vinda seja
 Ao solo brasileiro;
 Bem vinda seja ás margens florescentes
 Do Rio hospitaleiro!

Compridos annos e folgados viva
 Neste ditoso clima,
 E veja á par dos filhos seos queridos
 Crescer do esposo a estima!

Possa eu tão bem do seo feliz consorcio
 De novo em cada anno
 Soltar um hymno de amizade extreme,
 Um canto mais que humano!

24 de Março.

CANTO INAUGURAL.

Á MEMORIA DO CONEGO JANUARIO DA CUNHA BARBOSA.

Onde essa voz ardente e sonora,
 Essa voz que escutámos tantas vezes,
 Polida como a lamina d'um gladio,
 Essa voz onde está?

No rosto popular severa e forte,
 No pulpito serena, amiga e branda,
 Pelas naves do templo reboava,
 Como oração piedosa!

E a mão segura, e a fronte audaciosa,
 Onde um vulcão de ideias borbuhava,
 E o generoso ardor de uma alma nobre
 — Onde párao tão bem?

Novo Colombo audaz por novos mares,
A sonda em punho, os olhos nas estrellas,
Co'as bronzeas quilhas retalhando as vagas
Do inhospito elemento;

Porfioso e tenaz no duro empenho,
No manto do porvir bordava ufano,
Sob os tropheos da liberdade sacra,
Os destinos da Patria!

Nocturno viajor que andou vagando
A noite inteira, a revolver-se em trevas,
Onde te foste, quando o sol roxeia
Nuvens de um céo mais puro?

Seccou-se a voz nas fauces resequidas,
Parou sem força o coração no peito,
Quando somente um pé firmava a custo
Na terra promettida!

E a mão cançada fraquejou . . . pendeo-lhe,
Inda a vejo pendente, sobre os paginas
Da patria historia, onde gravou seo nome
Tarjado em letras d'oiro.

Pendeo-lhe . . . quando a mente escandecida
Talvez quadro maior lhe affigurava
Que a luta acerba do Titan brioso,
Ultima prole de Saturno.

Inveja Claudiano pincel valido,
Que nos retrata o cataclysmo horrendo,
Que elle — poeta — não achou nos combros
Da ignivoma Tessalia!

Inveja! . . mas ás formas do Gigante
Sorri-se o grande Homero; — e o cego Bardo
Da verde Erin, entre os heróes famosos
Prazenteiro o recebe!

Dorme, ó lutador, que assaz lutaste!
 Dorme agora no gelido sudario;
 Foi duro o afan, asperrima a contenda,
 Será fundo o descanso.

Dorme, ó lutador, teo somno eterno;
 Mas sobre a louza do sepulchro humilde,
 Como na vida foi, surja o teo busto
 Austero e glorioso.

Columna inteira em combros derrocados,
 Rolo encerado, que já beija as praias
 Do remoto porvir, — seguro e salvo
 Dos naufragios d'um seculo;

Dorme! — não serei eu quem te desperte,
 Meos versos . . . não serão: — palmas sem graça,
 Ou pobre rama d'arvore funerea,
 Pyramidal cypreste.

São flôres que desfolha sobre um tumulo
 Singelo, entre um rosal, quasi fagueiro,
 Piedosa mão de peregrino extranho,
 Que alli passou acaso!

TABYRA.

DEDICATÓRIA

AOS PERNAMBUCANOS.

Salve, terra formosa, ó Pernambuco,
Veneza Americana, transportada
 Boiante sobre as agoas!
Amigo genio te formou na Europa,
Genio melhor te despertou sorrindo
Á sombra dos coqueiros.

Salve, risonha terra! são teos montes
Arrelvados, inumeros teos valles,
 Cujas veias são rios!
Doces teos prados, tuas varzeas fertéis,
Onde reluz o fructo sasonado
 Entre o matiz das flores!

Outros, patria d'heroes, teos feitos cantem,
E a bella historia de colonia exaltem,
 E os nomes forasteiros;
Não eu, que nada almejo senão ver-vos,
Tú e Olinda, ambas vós, co'os olhos longos,
 Expraiados no mar!

Ambas vós, sobre tudo americanas,
 Doces flores dos mares de Colombo,
 Filhas do norte ardente!
 Virgens irmãs, que vão de mãos travadas
 Sorrirem d'innocencia á propria imagem,
 Que luz em claro arroyo.

Andei, por vós somente, em vossas matas,
 Colhendo agrestes flores na floresta,
 Não respiradas nunca,
 Singelas, como vós, — como vós, bellas,
 Ennastrei-as em forma de grinalda
 Fino, extreposito amante!

Não vivem muito as flores: são meos versos
 Ephemerous como ellas; côr sem brilho,
 Ou perfume apagado,
 Ou trino fraco d'ave matutina,
 Ou echo de um baixel que passa ao longe
 Com descante saudoso.

T A B Y R A.

(POESIA AMERICANA.)

Les peaux rouges, plus nobles, mais plus infortunées que les peaux noires, qui arriveront un jour á la liberté par l'esclavage, n'ont d'autre recours que la mort, parce que leur nature se refuse á la servitude. * * *

I.

E' Tabyra guerreiro valente,
 Cumpre as partes de chefe e soldado;
 E' caudilho de tribu potente,
 — Tobajaras — o povo senhor;
 Ninguem mais observa o tratado,
 Ninguem menos de p'rigos se aterra,
 Ninguem corre aos acenos da guerra
 Mais depressa que o bom lidador!

II.

Seo viver é batalha aturada,
 Dos contrarios a traça aventando;
 E' dispor a cilada arriscada,
 Onde o imigo se venha metter!
 Levão noites com elle sonhando
 Potiguares, que o virão de perto;
 Potiguares, que assellão por certo
 Que Tabyra só sabe vencer!

III.

Mil enganos lhe têm já tecido,
 Mil ciladas lhe têm preparado;
 Mas Tabyra, fatal, destemido,
 Tem feitiço, ou encanto, ou condão!
 Sempre o plano da guerra é frustrado,
 Sempre bravo fronteiro apparece,
 Que os enganos crueis lhes destece,
 Face a face, arco e setas na mão.

IV.

Já dos Luzos o troço apoucado,
 Paz firmando com elle traidora,
 Dorme illeso na fé do tratado,
 Que Tabyra é valente e leal.
 Sem Tabyra dos Luzos que fôra?
 Sem Tabyra que os guarda e defende,
 Que das pazes talvez se arrepende
 Já feridas outr'ora em seo mal!

V.

Chefe stulto d'um povo de bravós,
 Mas que os piagas victorias te fadem,
 Hão de os teos, miserandos escravos,
 Taes triunfos um dia chorar!
 Caraibas taes feitos applaudem,
 Mas sorrindo vos forjão cadeias,
 E pesadas algemas, e peias,
 Que traidores vos hão de lançar!

VI.

Chefe stolido, insano, imprudente,
 Sangue e vida dos teos malbaratas?!
 Mingua as forças da tribu potente,
 Vencedora da raça Tupi!
 Hão de os teos, acoçados nas matas
 Mal feridos, sangrentos, ignavos,
 Não podendo viver como escravos,
 Dar o resto do sangue por ti!

VII.

Vivem homens de pel' côr da noite
 Neste solo, que a vida embelleza;
 Podem, servos, debaixo do açoite,
 Nénias tristes da patria cantar!
 Mas o indio que a vida só préza
 Por amor dos combates, e festas
 Dos triunfos sangrentos, e sestas
 Resguardadas do sol no palmar;

VIII.

Ocioso, indolente, vadio,
 Ou activo, incançavel, fragueiro;
 Já nas matas, no bosque erradio,
 Já disposto a lutar, a vencer;
 Ama as selvas, e o vento palreiro,
 Ama a gloria, ama a vida; mas antes
 Que viver amargados instantes,
 Quer e pode e bem sabe morrer!

IX.

Eia, avante! ó caudilho valente!
 Potiguares lá vêm denodados;
 Tão cerrado concurso de gente,
 Ninguem vio nestas partes assim!
 Poucos são, mas briosos soldados;
 Não são homens de aspecto jocundo!
 Restos são, mas são restos d'um mundo;
 Poucos são, mas soldados por fim!

X.

Os seos velhos disserão comsigo,
 Discutindo os motivos da guerra:
 «E' Tabyra — cruel, inimigo,
 Já nem crê, renegado, em Tupan!»
 Pés robustos lá batem na terra,
 Pó ligeiro se expande nos ares:
 Era noite! milhar de milhares
 São armados, mal rompe a manhã.

XI.

Vêm soberbos, — o sol luz apenas!
 Confiados, galhardos, lustrosos,
 Vêm bizarros nas armas, nas pennas,
 Atrevidos no accento e na voz!
 Um d'entre elles, dos mais orgulhosos,
 Sóbe á pressa nas aspas d'um monte:
 Dalli brada, postado defronte
 De Tabyra — com geito feroz:

XII.

«O' Tabyra, Tabyra! aqui somos
 A provar nossas forças contigo;
 Dizes tu que vencidos já fomos!
 Dil'-o tu, não n'ó diz mais ninguém.
 Ora eu só a vós todos vos digo:
 Sois cobardes, irmãos de Tabyra!
 Propagastes solemne mentira,
 Que vencer não sabemos tão bem.

XIII.

«Para o vosso terreiro vos chamo,
 Contra mim vinde todos, — sou forte:
 Occorrei ao meo nobre reclamo!
 Aqui sou, nem me parto daqui!
 Vinde todos em densa cohorte:
 Travaremos combate sangrento,
 Mas por fim do triumpho cruento
 Direis vós, se fui eu quem menti.»

XIV.

Disse o arauto: eis a turba ufanosa
 Lhe responde, arco e setas brandindo,
 Pés batidos, voz alta e ruidosa:
 — Bem fallado, ó guerreiro, mui bem!
 Assim é; mas Tahyra rugindo,
 Resentido de offensas tamanhas,
 O rancor mal encobre das sanhas,
 Que não lava no sangue de alguém.

XV.

Raso outeiro alli perto se offrece:
 Vinga-o prestes, hardido, açodado! . . .
 Como leiva de pallida messe,
 Já madura, tremendo no pé;
 Todo o campo descobre occupado
 Por guerreiros, — no extremo horisonte
 Não destingue nas faldas do monte,
 O que é gente, o que gente não é.

XVI.

Não se abala o preclaro guerreiro,
 Do que vê seo valor não fraqueia;
 Diz comsigo: «Um só golpe certo
 Vai de todo esta raça apagar!
 Juntos são, mas são meos!» — Já vozeia;
 Logo os seos lhe respondem gritando,
 Taes rugidos, taes roncões soltando
 Que aos seus proprios deverão turbar!

XVII.

Diz a fama que então de assustadas
 Muitas aves que o espaço crusavão,
 De pavor subitaneo tomadas,
 Descahião pasmadas no chão:
 Já com silvos e atitos voavão
 Muitas outras, que o triste gemido
 No conflicto, abafado e sumido,
 Talvez derão, — mas fraco, mas vão!

XVIII.

Eis que os arcos de longe se encurvão,
 Eis que as setas aladas já voão,
 Eis que os ares se cobrem, se turvão,
 De frexados, de surdos que são.
 Novos gritos mais altos reboão,
 Entre as hostes se apaga o terreno,
 Já tornado apoucado e pequeno,
 Já coberto de mortos o chão!

XIX.

Peito a peito encontrados afoutos,
 Braço a braço travados briosos,
 Fervem todos inquietos, revoltos,
 Qu'indicisa a victoria inda está.
 Todos movem tacápes pesados;
 Qual resvala, qual todo se enterra
 No imigo que morde na terra,
 Que sepulcro talvez lhe será.

XX.

«Mas Tabyra! Tabyra! que é delle?
 «Onde agora se esconde o pujante?»
 — Não n'ó vedes?! — Tabyra é aquelle
 — Que sangrento, impiedoso la vai!
 — Vel-o-heis andar sempre adiante,
 — Larga esteira de mortos deixando
 — Traz de si, como o raio cortando
 — Ramos, troncos do bosque, onde cai. —

XXI.

«Foge! foge! leal Tobajara;
 «Quantos arcos que em ti fazem mira?!»
 — Muitos são; porém medos encara
 — Face a face, quem é como eu sou! —
 Muitas setas cravejão Tabyra:
 Bello quadro! — mas vel-o era horrivel!
 Porco-espim que sangrado e terrivel
 Duras cerdas raivando espetou!

XXII.

Tem um olho d'um tiro frexado!
 Quebra as setas que os passos lh'impedem,
 E do rosto, em seo sangue lavado,
 Frexa e olho arrebatá sem do!
 E aos imigos que o campo não cedem,
 Olho e frexa mostrando extorquidos
 Diz, em voz que mais erão rugidos:
 — Basta, vis, por vencer-vos um só!

XXIII.

E com furia tão grande arremettem,
 Com despego tão nobre da vida;
 Tantos golpes, tão fundos repetem,
 Que senhores do campo já são!
 Potiguares lá vão de fugida,
 Inda á fera mais torva e bravia
 Disputando guarida d'um dia
 No mais fundo do vasto sertão!

XXIV.

Potiguares, que a aurora risonha
 Vio nação numerosa e potente,
 Não já povo na tarde medonha,
 Mas só restos d'um povo infeliz!
 Insepultos na terra inclemente
 Muitos dormem; mas ha quem lh'inveja
 Essa morte do bravo em peleja,
 Quem a vida do escravo maldiz!

XXV.

«Este o conto que os Indios contavão,
 «A deshoras, na triste senzalla;
 «Outros homens alli descançavão,
 «Negra pel'; mas escrâvos tão bem.
 «Não choravão; somente na falla
 «Era um quê da tristeza que mora
 «Dentro d'alma do homem que chora
 «O passado e o presente que tem!»

HYMNOS.

A L U A.

Figlia del ciel, sei bella!
Ma verrà notte ancor, che tu, tu stessa
Cadrai per sempre, e lascerai nel cielo
Il tuo azzurro sentier!

CESAROTTI.

Salve, ó Lua candida,
Que traz dos altos montes
Erguendo a fronte pallida,
Dos negros horisontes
As sombras melancolicas
Vens ora afugentar!

Salve, ó astro fulgido,
Que brilhas docemente,
Melhor que o lume tremulo
D'estrella inquieta, ardente,
Melhor que o brilho esplendido
Do sol ferindo o mar!

Salve, ó reflexo tenue
Da eterna luz preclara
Nas nossas noites horridas;
Qual sol que em lympha clara
Desponta os raios vividos,
Em tarja multicolor;

Es como a virgem púdica,
 Que amor no peito encerra;
 Mas só, mas solitaria,
 Vagando aqui na terra,
 Treplica o sello mystico
 Do não sabido amor!

Eu te amo, ó Lua candida,
 No gyro somnolento,
 E o teo cortejo madido
 De estrellas, e do vento
 O sopro merencorio,
 Que á noite dá frescor.

Por teos influxos magicos
 Minha alma aos sons do canto
 Revive; e os olhos humidos
 Gotejão triste pranto,
 Que orvalha a chaga tepido,
 Que mingua a antiga dôr!

Em gelido sudario
 De neve alvi-nitente,
 Por terras vi longinquas,
 Durante a noite algente,
 A tua luz benefica
 Luzir meiga do céu.

Nos mares solitarios
 Tão bem a vi! — nas vagas
 Brincava o lume argenteo,
 Cantava o nauta as magas
 Canções, no voluntario,
 Cançado exilio seo!

Tão bem a vi na limpida
 Corrente vagarosa;
 Tão bem nas densas arvores
 De selva magestosa,
 Coando os raios lubricos
 No lobrego palmar.

E eu só e melancolico
 Sentado ao pé da veia,
 Que a deslizar-se tímida
 Beijava a branca areia;
 Ou já na sombra tetrica
 Da mata secular;

Em devaneio placido
 Velava, em quanto via
 Ao longe — os altos pinheiros
 Da negra serraia,
 — Disformes atalaia,
 Que sempre allí serão!

No róiido silencio
 Minha alma se exaltava;
 E das visões phantasticas,
 Que a lua desenhava,
 Seguia os traços aureos,
 Tremendo em negro chão!

Pensava ledo, improvido,
 Até que de repente
 Da minha vida misera
 Se me antolhava á mente
 A quadra breve e rapida
 Do malfadado amor.

Então fugia attonito
 O bosque, a selva, a fonte,
 E as sombras, e o silencio;
 Bem como o cervo insonte,
 Que ás setas foge pavido
 Do fero caçador!

Salve, ó astro fulgido,
 Que brilhas docemente,
 Melhor que o lume tremulo
 D'estrella inquieta, ardente,
 Melhor que o brilho esplendido
 Do sol ferindo o mar.

Eu te amo, ó Lua pallida,
 Vagando em noite bella,
 Rompendo as ñuvens turbidas
 Da rispida procella;
 Eu te amo até nas lagrimas
 Que faces derramar.

A NOITE.

Noite, melhor que o dia, quem não te ama!
 Quem não vive mais brando em teu regaço!
 FILINTO.

Eu amo a noite solitaria e muda,
 Quando no vasto céo fitando os olhos,
 Alem do escuro, que lhe tinga a face,
 Alcanço deslumbrado
 Milhões de sóes a divagar no espaço,
 Como em salas de esplendido banquete
 Mil tochas aromaticas ardendo
 Entre nuvens d'incenso!

Eu amo a noite taciturna e quêda!
 Amo a doce mudez que ella derrama,
 E a fresca aragem pelas densas folhas
 Do bosque murmurando:
 Então, máo grado o véo que envolve a terra,
 A vista do que vela enxerga mundos,
 E apezar do silencio, o ouvido escuta
 Notas de ethereas harpas.

Eu amo a noite taciturna e quêda!
 Então parece que da vida as fontes
 Mais faceis correm, mais sonoras soão,
 Mais fundas se abrem;
 Então parece que mais pura a brisa
 Corre, — que então mais funda e leve a fonte
 Mana, — e que os sons então mais doce e triste
 Da musica se espargem.

O peito aspira soffregos ar de vida,
 Que da terra não é; qual flôr nocturna,
 Que bebe orvalho, elle se embebe e ensópa

Em extasis de amor:

Mais directas então, mais puras devem,
 Calada a natureza, a terra e os homens,
 Subir as orações aos pés do Eterno

Para afagar-lhe o throno!

Assim é que no templo magestoso
 Rebôa pela nave o som mais alto,
 Quando o sacro instrumento quebra a augusta

Mudez do sanctuario:

Assim é que o incenso mais direito
 Se eleva na capella que o resguarda,
 E na chave da abobada topando,

Como um docél, se expraia.

Eu amo a noite solitaria e muda;
 Como formosa dona em regios paços,
 Trajando ao mesmo tempo luto e galas

Magestosa e sentida;

Se no dó attentais, de que se enluta,
 Certo sentis pezar de a ver tão triste;
 Se o rosto lhe fitais, sentis deleite

De a ver tão bella e grave!

Considerai porèm o nobre aspecto,
 E o póрте, e o garbo senhoril e altivo,
 E as fallas poucas, e o olhar sob'rano,

E a fronte levantada:

No silencio que a véste, adorna e honra,
 Conhecendo por fim quanto ella é grande,
 Com voz humilde a saudareis rainha,

Curvado e respeitoso.

Eu amo a noite solitaria e muda,
 Quando, bem como em salas de banquete
 Mil tochas aromaticas ardendo,

Girão fúlgidos astros!

Eu amo o leve odor que ella diffunde,
 E o rorante frescor cahindo em per'las,
 E a magica mudez que tanto falla,
 E as sombras transparentes!

Oh! quando sobre a terra ella se estende,
 Como em praia arenosa mansa vaga;
 Ou quando, como a flôr d'entre o seo musgo,
 A aurora desabrocha;
 Mais forte e pura a voz humana sôa,
 E mais se accôrda ao hymno harmonioso,
 Que a natureza sem cessar repete,
 E Deos gostoso escuta.

A TEMPESTADE.

*Fervescere faciet, quasi ollam,
 profundum mare.*

JOB 41, 42.

I.

De côr azul brilhante o espaço immenso
 Cobre-se inteiro; o sol vivo luzindo
 Do bosque a verde coma esmalta e doira,
 E na corrente dardejando á prumo
 Scintilla e fulge em laminas doiradas.
 Tudo é luz, tudo vida, e tudo cores!
 Nos céos um ponto só negreja escuro!

Eis que das partes, onde o sol se esconde,
 Brilha um clarão fugaz pallido e breve:
 Outro vem apoz elle, inda outro, muitos;
 Succedem-se frequentes, — mais frequentes,
 Assumem côr mais viva, — inda mais viva,
 E em breve espaço conquistando os ares
 Os horisontes co'o fulgir roxeião.

Qual mancha d'oleo em tela assetinada
 Que os fios todos lhe repassa e embebe;
 Ou qual abutre do palacio aereo
 Tombando acinte, — no descer sem azas
 Um ponto só, — até que em meia altura
 Abrindo-as, paira magestoso e horrendo:
 Assim o negro ponto avulta e cresce,
 E a cupola dos céos de côr medonha
 Tinge, e os céos alastra, e o espaço occupa.
 A abobada de trevas fabricada
 Descança em capiteis de fogo ardente!

De quando em quando o vento na floresta
 Silva, ruge, e morre; e o vento ao longe
 Rouqueja, e brama, e cava-se empolado,
 E aos pincares da rocha ennegrecida
 De iroso e mal soffrido a espuma arroja!
 Raivoso turbilhão comsigo arrastra
 O argueiro, a folha em vortice espantoso;
 No valle arranca a flôr, sacode os troncos,
 Na serra abala a rocha, e move as pedras,
 No mar os vagalhões incita e crusa.

II.

Os sons da tempestade ao longe escuto!
 Concentra a natureza os seus esforços
 Primeiro que entre em luta; não lampeja
 Invio fogo nos céos; não sopra o vento:
 E' tudo escuridão, silencio e trevas!
 Somente o mar de soluçar não cessa,
 Nem de rugir as ramas buliçosas,
 Nem de soar confuso borborinho,
 Incompr'ensivel, como que sem causa,
 Immenso como o echo de mil vozes
 No céu de extensa gruta repulsando.

Silencio! perto vem a tempestade!
 Gravidas nuvens de fataes coriscos,

Sem rumo, como não em mar desfeito,
 Em muda escuridão negros phantasmas,
 Indistinctos, sem forma, — ondulão, jogão.
 Logo poder occulto impelle as nuvens,
 Attrahem-se os castellos tenebrosos,
 Embatem-se nos ares, — brilha o raio,
 E o ronco do trovão após rimbomba!

III.

Ruge e brame, sublime tempestade!
 Desprende as azas do tufão que enfreias,
 Despega os élos do veloz corisco
 E as nuvens rasga em rubidas cratéras.
 Os fuzis da cadeia temerosa
 Desfaz e quebra; e o espaço e as nuvens
 Do teo açoite aos lategos bramindo,
 Occupem de pavor os céos e a terra.
 Ruge, e o teo poder mostra rugindo;
 Que assim por teos influxos me commoves,
 Que todo me electrizas e me arroubas!

Qual foi Mazeppa no veloz ginete
 Por desertos, por syrtes arenosas
 Jungido e preso e attonito levado;
 Assim minha alma sobe e vai contigo,
 E vinga os teos palacios mais subidos,
 Contempla os teos horrores, e dos astros
 No prazer, que lhe dás, toda embebida,
 Máo grado teo horror, folga contigo!
 Parece que alli tem a regia c'roa
 Que o feliz condemnado achou na Ukraina.
 Ruge, ruge embora, ó tempestade!

IV.

Emfim descendo a chuva copiosa
 Nuvens, bulcões desfaz; os rios crescem,
 De perolas a relva se matisa,
 O céu de puro azul todo se arreia,
 Sorri-se a natureza, e o sol rutila!

V.

Assim, meo Deos, assim será no dia
Do final julgamento, quando o anjo
Soprar a tromba que desfez os muros
De Jerichó soberba!

O mar sobrepujando os seus limites,
Com rancos temerosos, nunca ouvidos,
Virá para sorver, com furia brava,
Ilhas e continentes.

O sol, perdendo o brilho e a natureza,
Não luz, mas puro fogo, ha de accender-se,
Como o fogo sagrado, que se prende
Nas cortinas do templo.

Os orbes dos seus eixos desmontados,
No abysmo hão de cahir com grande estrondo,
E, redomas de vidro, hão de partir-se
Em pedaços sem conto.

Do abysmo as solidões hão de acordar-se!
Flammivomos vapores condensados,
Té nós, e alem de nós, hão de elevar-se
Em pavoroso incendio.

O ar ha de accender-se, a terra em fogo
Tornar-se, como o ferro ardendo em fragoa.
Coalhar-se o mar e em aspera seccura
Converterem-se as ondas.

E nesta confusão de fumo e chammas,
Neste cháos, que a mente mal alcança,
Quando nada existir de quanto existe,
Será vencida a morte.

Logo, á um só dizer do Omnipotente,
O pó segunda vez ha de animar-se,
E os mortos, mal soffrendo a luz da vida,
Attonitos, pasmados;

Hão de erguer-se na campa, inteiros, vivos,
E como Adão, a tatear os membros,
Estranhos a existencia já vivida,

Perguntarão: Quem somos?

Então, Senhor, então, — tu o disseste —
Virás cheio de gloria e magestade,
Em solio de luzeiros resplendente,
E em celeste cortejo!

Virás, sol da justiça, em fins do mundo
Acalmar a procella, e quando aos mortos
Disseres tu, quem es, — lembrar-nos-hemos,
Senhor, do que já fomos.

Feliz então quem só viveo contigo,
Quem n'ancora da fé prendeo sua alma,
Quem só em ti fundou sua esperança,
Pequeno e humilde!

Feliz então quem tua lei guardando,
Seos passos graduou nos teos caminhos;
Quem dia e noite revolveo consigo,
Como aplacar-te.

NOVOS CANTOS.

O HOMEM FORTE.

Impavidum ferient . . .

HORAT.

O modesto varão constante e justo
Pensa e medita nas lições dos sábios
E nos caminhós da justiça eterna
Gradúa firme os passos.

O brilho da sua alma não mareia
A luz do sol, nem do carvão se tisa;
Morre pelo dever, austero e crente,
Confessando a virtude.

Pode a calúnia denegrir seos feitos,
Negar-lhe a inveja o merito subido;
Pode em seo damno conspirar-se o mundo
E renegal-o a patria!

Tão modesto nos paços de Locullo,
Como encerrado no tonel do Grego,
Nem o transtorná a aragem da ventura,
Nem a desgraça o abate.

A tyrannos preceitos não se humilha,
Ante o ferro do algoz não curva a fronte,
Não faz callar da consciencia o grito,
Não nega os seos principios.

Antes, seguro e firme e confiado
 No tempo, vingador das injustiças,
 Co'os pés no cadafalso e a vista erguida
 Se mostra imperturbavel.

Soffre martyr e expira! A patria emtorno
 Do seo sepulchro o chora, onde a virtude,
 Affeita ao luto e á dor, de novo carpe
 Do justo a flebil morte!

D I E S I R A E.

Jaz o mundo corrupto! — a terra ingrata
 Fructos de maldicção produz somente;
 E em quanto os homens ao mercado affluem,
 Vazio o templo do Senhor se enluta,
 Empoeira-se o altar, e pelas naves,
 Gretadas, rotas pela mão do tempo,
 De canticos e preces deslembradas,
 A voz de Deos já não rebôa immensa!

Tudo porêem conserva o mesmo aspecto:
 O sol gyrando, e na apparencia o mesmo,
 Do anno as quadras compassado alterna;
 E os astros, seos irmãos, gravitão sempre
 D'abobada celeste. A terra é a mesma;
 As aguas pelos valles se deslisão,
 Ou d'alpestres montanhas se despenhão
 Co'os mesmos sons, co'a mesma queda: as brisas
 Inda conversão nos soturnos bosques;
 A mulher, a mais bella creatura,
 Nas suas proprias perfeições compraz-se,
 Como quando, no Eden, as pulchras formas
 Pasmou de ver representadas n'agua,
 E de as ver se ufanou. Inda conserva
 O mesmo orgulho e intelligencia o homem,

O rei da criação, o deos creado,
 De quando vinhão, por pedir-lhe os nomes,
 Cetaceos, aves e os reptis e aquellas
 Criaturas-montanhas, que passárão
 Entre Adão e Noé á flor da terra!

Tudo o mesmo se mostra; mas a alma,
 Esse mundo interior, esse outro templo,
 Onde gravára o proprio Deos seo nome,
 Como os templos de pedra, jaz sem lume,
 Jaz como o predio a desfazer-se em ruinas,
 Onde um guarda solícito não móra,
 E entregue as aves más, que em chilros pregão,
 Que alli na ausencia do senhor imperão.

Da divina bondade cheio o vaso
 Já transborda de cholera e justiça
 E o largo rio do perdão saudavel,
 Que mais não corra, impece: Sanctas aguas
 Por cuja causa os seculos já virão,
 Sem justa punição, offensas graves;
 Que o Senhor consentisse persistirem
 Os máos no mal, á espera d'emmendal-os;
 Que triumphasse a malvadeza; e o crime,
 Vexando os bons, senhoreasse a terra.

Mas Deos, que fôra outrora pae clemente,
 Dando começo ao reino da justiça,
 Em austero juiz se ha convertido.
 Como um carro, que vae d'encontro ao abysmo,
 Perfaz o sol precipite o seo gyro,
 Indo a tocar a temerosa méta
 Prevista dos prophetas. Um archanjo
 Com mão robusta inda retem os élos
 Da cadeia do tempo, em quanto a outra
 Da vida o livro volumoso sélla
 Com sete bronzeos sellos. Deos offeso
 Tira os olhos do mundo, e o mundo ha sido!

Quem podera pintar as discordancias
 Em que labora a natureza! Crescem
 Da terra igneos vapores, suffocando
 O que respira, o que tem vida: os montes
 Em crateras se rásão, que vomitão
 Fumo e lava incessante; o mar s'empola
 E em furia ardendo, arroja aos altos cimos
 Crusados vagalhões, qual se tentára
 Sôvertel-os: os ventos se contrastão!
 Novos prodigios, novos monstros surgem!
 O mar se torna em sangue, o sol em fogo,
 O Universo em mansão d'afflictas dores,
 O homem soffre, blasphema e desespera,
 E vendo os mundos desabar precipites,
 Um grito sóta d'horroroso transe,
 Como de náó, que em alto mar s'afunda
 E rola os restos n'amplidão das aguas.

Satisfiez-se o Senhor. Que resta? — O cháos,
 O horror, a confusão, o vulto enorme
 Do tempo, que escurece o fundo abysmo,
 Onde por todo o sempre jaz captivo;
 E da morte o cadaver gigantesco
 Quasi occupando a superficie inteira
 D'um mar de chumbo, escuro e sem rumores.
 Da gloria do Senhor um raio apenas,
 Lá dos confins do espaço despedido,
 Fere da morte o rosto macilento
 De tudo quanto foi, e quanto existe!

ESPERA!

Quem ha no mundo que afficções não passe,
 Que dores não suporte?
 Mais ou menos d'angustias cabe a todos,
 A todos cabe a morte.

A vida é um fio negro d'amarguras
 E de longo soffrer;
 Simelha a noite; mas fagueiros sonhos
 Podem de noite haver.

Por que então maldiremos este mundo
 E a vida que vivemos,
 Se nos tornamos do Senhor mais dignos,
 Quanto mais dôr soffremos?

Quantos cabellos temos, elle o sabe;
 Elle póde contar
 As folhas que ha no bosque, os grãos d'areia
 Que sustentão o mar.

Como pois não será elle comnosco
 No dia da afflicção?
 Como não ha de computar as dores
 Do nosso coração?

Como ha de ver-nos, sem piedade, o rosto
 Coberto d'amargura;
 Elle, senhor e pae, conforto e guia
 Da humana creatura?

Se o vento sopra, se se move a terra,
 Se iroso o mar fluctúa;
 Se o sol rutila, se as estrellas brilhão,
 Se gyra a branca lúa;

Deos o quiz, Deos que mede a intensidade
 Da dôr e da alegria,
 Que cada ser comporta — n'um momento
 D'arroubo ou d'agonia!

Embora pois a nossa vida corra
 Alheia da ventura!
 Alem da terra ha céos, e Deos protege
 A toda creatura!

Viajor perdido na floresta á noite,
 Assim vago na vida;
 Mas sinto a voz que me dirige os passos
 E a luz que me convida.

A S A U D A D E.

Saudade, ó bella flor, quando te faltem
 Coração ou jardim, onde tu cresças;
 Vem, vem ter commigo;
 Deixa os que te não seguem,
 Terás em peito amigo
 Lagrimas, que te reguem,
 Espaço, em que floresças.

Das pegadas da ausencia tu despontas,
 Entre as memorias cresces do passado,
 Quando um objecto amado
 Quando um logar distante,
 Noite e dia,

Nos enluta e apouquenta a fantasia.
 Vem, ó Saudade, vem
 A mim tambem

Consolar de gemidos suspirosos
 E de partidos ais!

Oh! seja a punição dos insensíveis
 Não te sentir jamais!

Propicia Deosa, e se não fosse a esperanza,
 Deosa melhor da vida; qu'insensato,
 A quem mitigas turbidos pezares
 Haverá tão ingrato

Que te não queime incenso em teos altares?
 O *presente* o que é? — Breve momento
 D'incommodo ou desgraça
 Ou de prazer, que passa
 Mais veloz que o ligeiro pensamento.

Véo escuro,
 Que nem sempre a illusão nos adelgaça,
 Nos encobre os caminhos do futuro.
 O que nos resta pois? — Resta a saudade,
 Que dos passados dias
 De magoas e alegrias
 Balsamo sancto extrahe consolador!
 Resta a saudade, que alimenta a vida
 Á luz do facho que adormenta a dôr!
 Hera do coração, memoria delle,
 O' Saudade, ó rainha do passado,
 Simelhas a romantica donzella
 De roupas alvejantes
 Nas ruinas de castello levantado:
 Grinaldas fluctuantes,
 Que das fendas brotarão,
 Movem-se do nordeste
 Ao sopro agudo e frio;
 Em quanto vendo-o ao longe o senhorio,
 De posses decahido,
 D'invernos alquebrado,
 Recorda triste os annos que passarão!
 Em que plagas inhospitas e duras
 Não me tens sido companheira e amiga?
 Em que hora, em que instante
 De fólga ou de fadiga
 Já deixei de sentir o penetrante
 Espinho teo, a repassar-me todo
 D'um prazer melancholico e suave?
 Pois nasces nos desertos da tristeza,
 O' Saudade, ó rainha do passado!
 Quando te falte gleba, onde tu cresças,
 Vem, vem ter commigo;
 Deixa os que te não seguem,
 Terás em peito amigo
 Lagrimas, que te reguem,
 Espaço, em que floresças!

Entra em meo coração, occupa-o todo,
 Fibra por fibra enlaça-te com elle,
 Desce com elle á sepultura; e quando
 Jazer eu na eternidade,
 Minha flôr, minha saudade,
 Tu procura a aura celeste,
 Rompe a terra, transforma-te em cypreste,
 Qu'enlute o meo jazigo;
 E ao meneio das ramas funerarias,
 Meo derradeiro amigo,
 Descance morto quem viveo contigo.

NÃO ME DEIXES!

Debruçada nas aguas d'um regato
 A flôr dizia em vão
 Á corrente, onde bella se mirava
 «Ai, não me deixes, não!»

«Commigo fica ou leva-me contigo
 «Dos mares á amplidão,
 «Limpido ou turvo, te amarei constante;
 «Mas não me deixes, não!»

E a corrente passava; novas aguas
 Após as outras vão;
 E a flôr sempre a dizer curva na fonte:
 «Ai, não me deixes, não!»

E das aguas que fogem incessantes
 Á eterna successão
 Dizia sempre a flôr, e sempre embalde:
 «Ai, não me deixes, não!»

Por fim desfallecida e a côr murchada,
 Quasi a lamber o chão,
 Buscava inda a corrente por dizer-lhe
 Que a não deixasse, não.

A corrente impiedosa a flôr enleia,
 Leva-a do seo torrão;
 A afundar-se dizia a pobrezinha:
 «Não me deixaste, não!»

Z U L M I R A.

Sonhara-te eu na veiga de Granada,
 Tapetada de flores e verdura,
 Onde o Darro e Xenil no lento gyro
 Volvem a lympha pura.

Alli te vejo em leda comitiva
 Dos gentis cavalleiros do oriente,
 Quando, deposta a malha do combate,
 Vestem da paz a seda reluzente.

Alli te vejo n'um balcão sentada,
 Grande preço da maura architectura,
 Pejando as azas das nocturnas brisas
 D'um canto de ternura.

Alli te vejo, sim; mas mais me agrada
 O que se m'afigura n'outro instante,
 Ver-te em vistosa tenda d'ouro e sedas,
 Levantada no dorso do elefante.

E em roda, ao largo, o sequito pomposo
 D'eunuchos a teo gesto vacillantes
 Em cujas fronteiras negras se destacão
 Alvissimos turbantes.

E pergunto quem es? — Então me dizem
 Ciosos de guardar o seo thesouro,
 Nome tão doce aos labios, que parece
 Escrever-se em setim com letras d'ouro.

A UMA POETIZA.

— Donde vens, viajor? —
 — De longe venho.
 — Que viste?
 — Muitas terras.
 — E qual dellas
 Mais te soube agradar?
 — São todas bellas;
 Fundas recordações de todas tenho.

E admiraste o que?
 — Ah! onde as flores
 Cada vez a manhã tornão mais linda,
 Onde gêmeo Paraguassú de amores
 E os echos fallão de Moema ainda;

Alli, Sapho christã, virgem formosa,
 A vida aos sons da lyra dulcifica:
 D'escutar a sereia harmoniosa
 Ou de vel-a, a vontade presa fica!

BARIA — 1852.

ANGELINA.

E' gentil e linda e bella,
 E eu sei que m'arrouba o vel-a
 Tão divina:
 A-lyra seos cantos cesse;
 Mas minha alma não s'esquece
 D'Angelina!

Outro louve os seus cabellos,
 Cante a luz dos olhos bellos
 Que fascina;
 E o leve sorrir donoso
 Que irradia o rosto airoso
 D'Angelina!

Os dotes diga que apura,
 Quando em languida postura
 Se reclina;
 Que s'ergue, se acaso passa,
 Susurro que applande a graça
 D'Angelina!

Que de amor quando suspira
 O bardo quebrara a lyra,
 De mofina;
 Que jamais poderão cantos
 Pintar ao vivo os encantos
 D'Angelina.

Que da sua alma a pureza
 Equipara-se á belleza
 Peregrina;
 Que amor seu throno tem posto
 N'alma, no talhe e no rosto
 D'Angelina.

Eu que não sei descrevel-a,
 Só sei que me arroubo ao vel-a
 Tão divina;
 A lyra seus cantos cesse,
 Mas minha alma não s'esquece
 D'Angelina!

R O L A.

Desque amor me deo que eu lêsse
Nos teos olhos minha sina,
Ando, como a peregrina
Rola, que o esposo perdeo!
Seja noite ou seja dia,
Eu te procuro constante:
Vem, oh! vem, ó meo amante,
Tua sou e tu és meo!

Vem, oh vem, que por ti clamo;
Vem contentar meos desejos,
Vem fartar-me com teos beijos,
Vem saciar-me de amor!
Amo-te, quero-te, adoro-te,
Abraso-me quando em ti penso,
E em fogo voraz, intenso,
Anceio louca de amor!

Vem, que te chamo e te aguardo,
Vem apertar-me em teos braços,
Extreitar-me em doces laços,
Vem pousar no peito meo!
Que, se amor me deo que eu lêsse
Nos teos olhos minha sina,
Ando, como a peregrina
Rola, que o esposo perdeo.

AINDA UMA VEZ — ADEOS! —

I.

Emfim te vejo! — emfim posso,
Curvado a teos pés, dizer-te,
Que não cessei de querer-te,
Pezar de quanto soffri.
Muito penei! Crúas ancias,
Dos teos olhos afastado,
Houverão-me acabrunhado,
A não lembrar-me de ti!

II.

D'um mundo a outro impellido,
Derramei os meos lamentos
Nas surdas azas dos ventos,
Do mar na crespas cerviz!
Baldão, ludibrio da sorte
Em terra estranha, entre gente,
Que alheios males não sente,
Nem se condóe do infeliz!

III.

Louco, afflicto, a saciar-me
D'aggravar minha ferida,
Tomou-me tédio da vida,
Passos da morte senti;
Mas quasi no passo extremo,
No ultimo arcar da esp'rança,
Tu me vieste á lembrança:
Quiz viver mais e vivi!

IV.

Vivi; pois Deos me guardava
 Para este logar e hora!
 Depois de tanto, senhora,
 Ver-te e fallar-te outra vez;
 Rever-me em teo rosto amigo,
 Pensar em quanto hei perdido,
 E este pranto dolorido
 Deixar correr a teos pés.

V.

Mas que tens? Não me conheces?
 De mim afastas teo rosto?
 Pois tanto pôde o desgosto
 Transformar o rosto meo?
 Sei a afflicção quanto póde,
 Sei quanto ella desfigura,
 E eu não vivi na ventura
 Olha-me bem, que sou eu!

VI.

Nemhumã voz me diriges! . . .
 Julgas-te acaso offendida?
 Déste-me amor, e a vida
 Que m'a darias — bem sei;
 Mas lembrem-te aquelles feros
 Corações, que se metterão
 Entre nós, e se vencerão,
 Mal sabes quanto lutei!

VII.

Oh! se lutei! . . . mas devera
 Expôr-te em publica praça,
 Como um alvo á populaça,
 Um alvo aos dicterios seos!
 Devera, podia acaso
 Tal sacrificio acceitar-te
 Para no cabo pagar-te,
 Meos dias unindo aos teos?

VIII.

Devera, sim; mas pensava,
 Que de mim t'esquecerias,
 Que, sem mim, alegres dias
 T'esperavão; e em favor
 De minhas preces, contava
 Que o bom Deos me acceitaria
 O meo quinhão de alegria
 Pelo teo quinhão de dôr!

IX.

Que me enganei, ora o vejo;
 Nadão-te os olhos em pranto,
 Arfa-te o peito, e no entanto
 Nem me podes encarar;
 Erro foi, mas não foi crime,
 Não te esqueci, eu t'o juro:
 Sacrifiquei meo futuro,
 Vida e gloria por te amar!

X.

Tudo, tudo; e na miseria
 D'um martyrio prolongado,
 Lento, cruel, disfarçado,
 Que eu nem a ti confiei;
 «Ella é feliz (me dizia)
 «Seo descanso é obra minha.»
 Negou-m'o a sorte mesquinha . . .
 Perdôa, que me enganei!

XI.

Tantos encantos me tinhamo,
 Tanta illusão me afagava
 De noite, quando acordava,
 De dia em sonhos talvez!
 Tudo isso agora onde para?
 Onde a illusão dos meos sonhos?
 Tantos projectos risonhos,
 Tudo esse engano desfez!

XII.

Enganei-me! . . . — Horrendo chãos
 Nessas palavras se encerra,
 Quando do engano, quem erra,
 Não póde vóltar atraz!
 Amarga irrisão! reflecte:
 Quando eu gozar-te pudera,
 Martyr quiz ser, cuidei qu'era . . .
 E um louco fui, nada mais!

XIII.

Louco, julguei adornar-me
 Com palmas d'alta virtude!
 Que tinha eu bronco e rude
 Co'o que se chama ideal?
 O meo eras tu, não outro;
 Stava em deixar minha vida
 Correr por ti conduzida,
 Pura, na ausencia do mal.

XIV.

Pensar eu que o teo destino
 Ligado ao meo, outro fôra,
 Pensar que te vejo agora,
 Por culpa minha, infeliz;
 Pensar que a tua ventura
 Deos *ab eterno* a fizera,
 No meo caminho a puzera . .
 E eu! eu fui que a não quiz!

XV.

Es d'outro agora, e p'ra sempre!
 Eu a misero desterro
 Vólto, chorando o meo erro,
 Quazi descrendo dos céos!
 Dóe-te de mim, pois me encontras
 Em tanta miseria posto,
 Que a expressão deste desgosto
 Será um crime ante Deos!

XVI.

Dóe-te de mim, que t'imploro
Perdão, a teos pés curvado;
Perdão! . . de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miseria,
Da dôr que me rala o peito,
E se do mal que te hei feito,
Tambem do mal que me fiz!

XVII.

Adeos qu'eu parto, senhora;
Negou-me o fado inimigo
Passar a vida contigo,
Ter sepultura entre os meos;
Negou-me nesta hora extrema,
Por extrema despedida,
Ouvir-te a voz commovida
Soluçar um breve Adeos!

XVIII.

Lerás porêem algum dia
Meos versos, d'alma arrancados,
D'amargo pranto banhados,
Com sangue escriptos; — e então
Confio que te commovas,
Que a minha dôr te apiade,
Que chores, não de saudade,
Nem de amor, — de compaixão.

O S O M N O.

Nas horas da noite, se junto a meo leito
 Houveres acaso, meo bem, de chegar,
 Verás de repente que aspecto risonho
 Que toma o meo sonho,
 Se o vens bafejar!

O anjo, que ao somno preside tranquillo,
 Ao anjo da terra não ceda o logar;
 Mas deixe-o amoroso chegar-se ao meo leito,
 Unir-me a seo peito,
 D'amor offegar.

As notas que exhalão as harpas celestes,
 Os gozos, que os anjos só podem gozar,
 Talvez tambem frúa, se ao meo peito unida
 T'encontro, ó querida,
 No meo acordar!

SE EU FOSSE QUERIDO!

Se eu fosse querido d'um rosto formoso,
 Se um peito extremoso — pudesse encontrar,
 E uns labios macios, que expirão amores
 E abrandão as dores — de alheio penar;

A tantos encantos minha alma rendida,
 Votara-lhe a vida — que Deos me quiz dar:
 Constante a seo lado, seos sonhos divinos
 Aos sons dos meos hymnos — quizera embalar.

Depois, quando a morte viesse impiedosa
 Da amante extremosa — meos dias privar,
 De funda saudade minha alma rendida
 Votara-lhe a vida — que Deos me quiz dar.

A FLOR DO AMOR.

Já lento o passo, no cahir da tarde,
 Lá nos desertos d'abrasada areia,
 Que o vento agita, porém não recreia,
 Da caravana o conductor parou.
 Armão-se ápressa tendas alvejantes,
 Rumina placido o frugal camêlo;
 Porém a nuvem d'arabes errantes
 Se achega á presa, que de longe olhou.

E já, tomada a refeição nocturna,
 Junto a fogueira, que derrama vida,
 Descanção todos da penosa lida
 Á voz canora, que o cantor alçou!
 Confuso o ouvido um borborinho alcança,
 As armas toma o arabe prudente;
 Mas logo pensa, regeitando a lança:
 «Foi o grunhido que o chacal soltou.»

Ouvidos todo e curioso enlevo,
 Torna de novo a retomar seo posto;
 Pela fogueira alumiado o rosto,
 Bebendo as vozes que o cantor soltou;
 Simelha a terra, quando aberta em fendas
 Da noite o orvalho sequiosa espera;
 E o corsel arabe encostado ás tendas
 Os sons lhe escuta, e de os ouvir folgou.

«Algures cresce (o trovador cantava)
 Sempre fresca e virente e sempre bella,
 Por influxo e poder de maga estrella,
 Mimosa, pura e delicada flôr!
 Jazendo em sitio escuso e solitario,
 Esforços é mister p'ra conhecel-a,
 Que diz a forte lei do seo fadario
 Que a não descubra acaso o viajor.

«Alva do albor dos lírios odorosos,
 Tem a modestia da violeta esquiva,
 E o prompto retrahir da sensitiva,
 Que parece vestir-se de pudor!
 Assim, á luz da cambiante aurora,
 Mudando um pouco a resplendente alvura,
 De uns toques de carmim s'esmalta e córa
 A graciosa e pudibunda flôr.

«Faz-se mais puro o ar, mais brando o clima,
 Onde cresce; amenisção-se os logares,
 Tornão se menos agros os pezares
 E menos viva, e quasi nulla a dôr;
 Fresca e branda alcatifa o chão matisa,
 Com doce murmúrio as aguas correm,
 E o leve sopro do correr da brisa
 Volupia embebe em magico frescor!

«Feliz aquelle que a encontrou na vida,
 Que onde ella nasce tímida e fagueira
 Não s'ennovela a mó d'atra poeira,
 Tangida pelo súmiu' abrasador!
 Alli sorri-se oasis venturoso,
 Qu'entre deleites o viver matisa,
 E ao que vai triste, afflicto e sem repouso
 Chama a descanso do comprido error!

«Feliz e mais que se, perdido, achára
 Confôrto e auxilio no kathá, seo guia,
 Que o leva a fonte perennal e fria
 Onde se apaga o sitibundo ardor.
 Tão feliz, qual talvez se o precedesse
 Nos desertos a benção do propheta,
 Que por fanal nocturno lhe accendesse
 Maga estrella de limpido fulgor.

«Ai! porém do que a vê, e a não conhece,
 Do que a suspira em vão, e a em vão procura,

Ou que achando - a, desiste da ventura
 Por não entrar no oasis seductor.
 Essa flôr descoberta por acerto
 Nunca mais a verás! colhe, insensato,
 Colhe abrolhos da vida no deserto;
 Pois despresaste a que produz o amor!»

Assim cantava o trovador; e todos
 Ouvem-no com prazer de dôr travado,
 Que mais do que um talvez terá deixado
 Atraz de si a pudibunda flôr!
 No emtanto a nuvem d'arabes errantes
 Chega-se á presa, que avistou de longe;
 E dos corseis, que alentão offegantes,
 Precede a marcha turbido pavor!

E, nado o sol, aquelle que passava
 Pelos desertos d'abrasada areia,
 Que o rubro sangue de cruor rocheia,
 A um lado o rosto, pallido, voltou!
 Ninguem as mortes lastimaveis chora,
 Ninguem recolhe os restos inseultos,
 E o mesmo orvalho, que goteja a aurora,
 Sem borrifal-os, no areial ficou!

Quem saberá do seo destino agora?
 Ninguem! Somente em climas apartados
 Miseranda mulher lastima os fados
 De filho ou esposo, que jamais tornou!
 Talvez porêm, traz de montões d'areia,
 Nobre corsel sem cavalleiro assoma,
 E alonga a vista, de pezares cheia,
 Té onde a vida seo senhor deixou!

A SUA VOZ.

Por que ficasse a vida
 Por o mundo em pedaços repartida.
 CAMÕES CANÇ. X.

Ouvi-a! A sua voz me despertava
 Tudo quanto de bom conservo n'alma.
 Retrato o pudor no rosto,
 E um suave dizer, um timbre doce
 De voz, uma piedade extreme e sancta,
 Que as mais profundas chagas animava,
 D'ambrozia e de mel lhe ungia os labios.

Ouvi-a! A sua voz era mais branda,
 Mais impressiva que o cantar das aves!
 A aragem qu'entre flores se deslisa
 E mal remeche a timida folhagem,
 A veia de chrystal que triste sôa,
 O saudoso arrulhar de mansas pombas,
 As proprias notas d'um cantar longinquo
 Ou de instrumento a conversar co'a noite,
 Menos que a sua voz impressionavão!

Menos que a sua voz! — Os dois mais fortes,
 Os dois mais puros sentimentos nossos
 — A saudade e o amor, — as mais profundas
 Das merencorias solidões da terra
 — As florestas e o mar, — um scismar vago,
 Um devaneio, uns extasis sem termo
 D'alma perdida por um céu de amores,
 Tanto como a sua voz não arroubavão!

Tanto como a sua voz! — somente o forão
 Dulces notas de mysticos salterios
 Té nós de um astro em outro repetidas.
 Foi isto o que senti, quando a escutava,

Fluente, armoniosa, discorrendo
 Em pratica singela, sobre assumptos
 Diversos, sobre flores, menos bellas
 Do que o seo rosto, e céos, como ella, puros.
 Mas quem n'a ouvira conversar de amores
 Trouxera n'alma como uma harpa eolia,
 Dia e noite vibrando,
 Como um cantar dos anjos
 Do coração a estremecer-lhe as fibras!

SE SE MORRE DE AMOR!

Meere und Berge und Horizonte zwischen den
 Liebenden — aber die Seelen versetzen sich
 aus dem staubigen Kerker und treffen sich im
 Paradiese der Liebe.

SCHILLER. *Die Räuber.*

Se se morre de amor! — Não, não se morre,
 Quando é fascinação que nos surprende
 De ruidoso saráu entre os festejos;
 Quando luzes, calor, orchestra e flores
 Assomos de prazer nos raião n'alma,
 Que embellezada e solta em tal ambiente
 No que ouve, e no que vê prazer alcança!

Symphathicas feições, cintura breve,
 Graciosa postura, porte airoso,
 Uma fita, uma flor entre os cabellos,
 Um quê mal definido, acaso podem
 N'um engano d'amor arrebatat-nos.
 Mas isso amor não é; isso é delirio,
 Devaneio, illusão, que se esvaece
 Ao som final da orchestra, ao derradeiro
 Clarão, que as luzes no morrer despedem:
 Se outro nome lhe dão, se amor o chamão,
 D'amor igual ninguem succumbe á perda.

Amor é vida; é ter constantemente
 Alma, sentidos, coração — abertos
 Ao grande, ao bello; é ser capaz d'extremos,
 D'altas virtudes, té capaz de crimes!
 Compr'hender o infinito, a immensidade,
 E a natureza e Deos; gostar dos campos,
 D'aves, flores, murmurios solitarios;
 Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
 E ter o coração em riso e festa;
 E á branda festa, ao riso da nossa alma
 Fontes de pranto intercalar sem custo;
 Conhecer o prazer e a desventura
 No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
 O ditoso, o miserrimo dos entes:
 Isso é amor, e desse amor se morre!

Amar, e não saber, não ter coragem
 Para dizer que amor que em nós sentimos;
 Temer qu'olhos profanos nos devassem
 O templo, onde a melhor porção da vida
 Se concentra; onde avaros recatamos
 Essa fonte de amor, esses thesouros
 Inexgotaveis, d'illusões floridas;
 Sentir, sem que se veja, a quem se adora,
 Compr'hender, sem lhe ouvir, seos pensamentos,
 Seguil-a, sem poder fitar seos olhos,
 Amal-a, sem ousar dizer que amamos,
 E, temendo roçar os seos vestidos,
 Arder por afogal-a em mil abraços:
 Isso é amor, e desse amor se morre!

Se tal paixão porêem emfim transborda,
 Se tem na terra o galardão devido
 Em reciproco affecto; e unidas, uma,
 Dois seres, duas vidas se procurão,
 Entendem-se, confundem-se e penetrão
 Juntas — em puro céo d'extasis puros:
 Se logo a mão do fado as torna extranhas,

Se os duplica e separa, quando unidos
 A mesma vida circulava em ambos;
 Que será do que fica, e do que longe
 Serve ás borrascas de ludíbrio e escarneo?
 Póde o raio n'um pincaro cahindo,
 Tornal-o dois, e o mar correr entre ambos;
 Póde rachar o tronco levantado
 E dois cimos depois verem-se erguidos,
 Signaes mostrando da alliança antiga;
 Dois corações porém, que juntos batem,
 Que juntos vivem, — se os separão, morrem;
 Ou se entre o proprio estrago inda vegetão,
 Se apparencia de vida, em mal, conservão;
 Ancias crúas resumem do proscripto,
 Que busca achar no berço a sepultura!

Esse, que sobrevive a propria ruina,
 Ao seo viver do coração, — ás gratas
 Illusões, quando em leito solitario,
 Entre as sombras da noite, em larga insomnia,
 Devaneando, a futurar venturas,
 Mostra-se e brinca a apetevida imagem;
 Esse, que á dôr tamanha não succumbe,
 Inveja a quem na sepultura encontra
 Dos males seos o desejado termo!

A MORTE É VARIA.

(TRADUCÇÃO.)

A morte é vária e multiforme, e múda
 De trajas e de mascaras mais vezes
 Qu'uma cançada actriz;
 Nem sempre é, qual se pinta, o negro espectro
 D'ironico sorriso e brancos dentes,
 E d'horrido cariz.

Nem todos seos vasallos são poeira
 No resalto de pedra adormecidos
 Por sob as arcarias;
 A pallida libré nem todos vestem,
 Nem sobre todos jaz murada a porta
 Nas cryptas sombrias!

Diversa a natureza é d'outros mortos:
 Nestes que a sanie e podridão consomem,
 Vê-se o nada palpavel;
 Vê se o enojo, o horror, a sombra espessa
 E o esfaimado esquite, abrindo as fauces,
 Qual monstro insaciavel!

Cabe a outros porêem que sem dôr vemos
 Passar, gyrar no turbilhão dos vivos,
 De carne inda vestidos,
 O nada inda encuberto; cabe a interna
 Morte, que ninguem sabe, nem chóra,
 Nem mesmo os mais queridos!

Pois, se vamos a ver nos cymiterios
 As campas, ou illustres ou sem nome,
 De marmore ou torrão;
 Ou tenhamos alli amiga palpebra,
 Ou não, — do teixo á sombra descansada,
 Quer choremos, quer não!

«Jazem» dizemos. Os nomes desaparecem
 Sob a relva; o verme nesses olhos
 Enréda a teia crúa!

Por entre as pranchas do caixão despontão
 Hirtos cabellos, e em pó funereo envolta
 Branqueja a ossada núa.

Os herdeiros não temem que mais vólte;
 Esquecerão-n'o já: seos cães se lembrão,
 Soltando uivos de dôr!

Acama-se a poeira em seos retractos:
 Já não tem mais rivaes, não tem amigos,
 Nem odios, nem amor!

Da morte o anjo, em lagrimas de pedra
 Vemos sosinho e mudo a pranteal-o,
 Estatua da afflicção:
 A cova toma o corpo, o olvido o nome,
 Tem por lençóes seis pés d'humida terra
 Mortos, bem mortos são !

E dos olhos talvez se vos deslise
 O pranto sobre a relva, pelo orvalho
 E chuva humedecida;
 Que na triste mansão os regozije,
 E por essa oblação enternecidos
 Um resto achem de vida.

Mortos do coração ninguém os chóra,
 Ninguém, se a um destes vê, lhe diz piedoso:
 «Seja o Senhor contigo.»
 Curão do morto, lavão-lhe as feridas;
 Mas a alma estala sem que alguém se dôa,
 Nem mesmo o mais amigo !

Ha contudo pungentes agonias
 Nunca sabidas, dores horrorosas
 Mais do que se não crê;
 Almas ha que tem cruz e passamento,
 Sem aureola d'ouro e a mulher pallida
 E desgrenhada — ao pé.

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO.

J'ai fait de ma chambre la cellule d'un cloître, j'ai béni et sanctifié ma vie et ma pensée; j'ai raccourci ma vue et j'ai éteint devant mes yeux les lumières de notre âge: j'ai fait mon coeur plus simple, et l'ai baigné dans le bénitier de la foi catholique; je me suis appris le parler enfantin du vieux temps: et j'ai écrit! . . .

STELLO.

LOA DA PRINCEZA SANCTA.

Bom tempo foy o d'outr'ora
 Quando o reyno era christão,
 Quando nas guerras de mouros
 Era o rey nosso pendão,
 Quando as donas consumião
 Seos teres em devação.

Dava o rey huma batalha,
 Deos lhe acudia do céu;
 Quantas terras que ganhava,
 Dava ao Senhor que lhas deo,
 E só em fazer mosteyros
 Gastava muito do seo.

Se havia muitos Iffantes,
 Torneyo não se fazia;
 He esse o estilo de Frandres,
 Onde anda muita heregia:
 Para os armar cavalleiros
 A armada se apercebia.

Chamava el-rey seos vassallos
 E em côrtes logo os reunia:
 Vinha o povo attencioso,
 Vinha muita cleregia,
 Vinha a nobreza do reyno,
 Gente de muita valia.

Quando o rey tinha-los juntos
 Começava a discursar:
 «Os Iffantes já são homens,
 Vou-me ás terras d'alem-mar
 Armal-os hy cavalleiros;
 Deos Senhor m'ha de ajudar.»

Não concluia o pujante
 Rey -- de assi lhes propor,
 Clamavão todos em grita
 Com vozes de muito ardor:
 «Seremos nessa folgança,
 Honra de nosso Senhor!»

E logo todos em sembra,
 Todos gente mui de bem,
 Na armada se agazalhavão,
 Sem se pezar de ninguem;
 E os Padres de Sam Domingos
 Hião com elles tambem.

Hião, si, os bentos Padres:
 E que assi fosse, he rezão,
 Que o sancto em guerras d'Igreja
 Foy hum bom sancto christão:
 Queimou a muitos hereges
 No fogo da expiação!

Quando depois se tornava
 Toda a frota pera cá,
 Primeiro se perguntava,
 «Que terras temos por lá?»
 Quem em Deos tanto confia,
 Sempre Deos por si terá.

El-rei tornava benino,
 Como coisa natural:
 «Temos Ceita, Arzilla ou Tangere,
 «Conquistas de Portugal!»
 E todos, a voz em grita,
 Clamavão: real! real!

Bom tempo foy o d'outr'ora
 Quando o reyno era christão;
 Os moços davão-se á guerra,
 As moças á devação:
 Aquella terra de mouros
 Vivia em muita afflicção.

Deo-nos Deos tantas victorias,
 E tanto pera louvar,
 Que os Padres de Sam Domingos
 Ja não sabião rezar;
 Todo-lo tempo era pouco
 Pera louvores cantar!

Sendo tantas as batalhas,
 Nem recontro se perdeo!
 Aquelles Padres coitados
 Não tinhão tempo de seo;
 Levavão todo cantando
 Louvores ao pay do céu.

Louvores ao pay do céu,
 Que eu inda possa trovar,
 Quando não vejo nos mares
 Nossas quinas tremolar;
 Mas somente o templo mudo,
 Sem guarnimentos o altar!

Vejo os sinos apeados
 Dos campanarios subtiz,
 E a prata das sacristias,
 Servida em misteres vis,
 E ante os leões de Castella
 Dobrada a Luza cerviz!

Cant'eu, em bem que sou Padre,
 Diga que sou Portuguez:
 Arço de ver nossas coizas
 Hirem todas ao revez,
 Arço de ver nossa gente
 Andar comnosco ao envez.

Mercê de Deos! minha vida
 He vida de muita dura!
 Vivo esquecido dos vivos
 Na terra da desventura;
 Vivo escrevendo e penando
 N'um canto de cella escura.

Do meo velho breviario
 Só deixarei a leitura
 Pera escrever estes carmes,
 Remedio á nossa amargura;
 O corpo tenho alquebrado,
 Vive minha alma em tristura.

Que armada de tantas velas,
 Que armada he essa qu'hy vem?
 Vem subindo Tejo acima,
 Que fermosura que tem!
 Nas praias se apinha o povo,
 E as cobre todas porém.

Dão signays as fortalezas,
 Respondem signays de lá:
 Vem el-rey victorioso!
 Quem de gaudio se terá?
 O mar he todo bonança,
 O céu mui sereno está!

Ôco bronze fumo e fogo
 Já começa a despejar;
 Acordão alegres echos
 Os sinos a repicar;
 Grita e folgança na terra,
 Celeuma e grita no mar!

Vinde embora mui depressa
 Senhores da capital!
 Vinde ver Affonso quinto,
 Rey, senhor de Portugal;
 Vem das terras africanas
 Dar-vos festança real.

Nossos reys forão outr'ora
 Fragueiros de condição;
 Dormião quasi vestidos,
 Espada nua na mão;
 Nem repoisavão de noite
 Sem fazer sua oração.

Empresa não commettião
 Sem primeiro commungar,
 Sem fazer voto á algum sancto
 De tenção particular;
 Porém victorias houverão,
 Que são muito de espantar!

Os vindouros esquecidos
 Da protecção divinal,
 Conhecerão os poderes
 Da benção celestial,
 Se contarem os mosteyros
 Das terras de Portugal!

Nossas capellas que temos,
 Nossos mosteyros custosos,
 São obras sanctas de Sanctos,
 Obras de reys mui piedosos;
 São brados de pedra viva,
 Que prégão feitos briosos.

Alguns já agora escarnecem
 Dos templos edificados;
 Dizem que foram mal gastos
 Os bens com elles gastados:
 Eu creio (Deos me perdôe)
 Que são incréos disfarçados!

E mais prasmão dos feitos
 De pedra, que Memphis tem,
 Sem ter olhos pera Mafra,
 Pera Batalha ou Belem!
 Oh! se a estes conheceras,
 Meo Frey Gil de Santarem!

N'aquella villa deserta
 Ainda se me afigura
 Ver elevar-se nas sombras
 Tua válida estatura,
 E ouvir a voz que intimava
 Ao rey a sentença dura!

E mais a tacha que tinha
 Era ser fraco, e não mais!
 Tu, meo Sancto, que fizeras,
 Se ouviras a estes tais,
 Que nos assacão motejos
 A's nossas obras reais!

Mas vós, quem quer qu'isto lerdas
 Relevai-me esta tardança;
 São achaques da velhice:
 Vivemos de remembrança
 E em longas fallas fazemos
 De tudo commemorança.

Já el-rey Affonso quinto
 Nas suas terras pojou:
 Alegre o povo o recebe,
 Alegre el-rey se mostrou;
 Abrio-se em alas vistas,
 El-rey entre ellas passou.

Vem os muzicos troando
 Nos atabales guerreiros,
 Tangem outros istromentos
 Desses climas forasteiros,
 E traz elles vêm marchando,
 Passo a passo, os prisioneiros.

São elles mouros gigantes
 De bigodes retorcidos,
 Caminhão a passos lentos,
 Com sembrantes de atrevidos.
 Causa medo vél-os tantos,
 Tam membrudos, tam crescidos!

São homens de fero aspeito,
 Homens de má condição,
 Que vivem na lei nojenta
 Do seo nojento alkorão,
 Que — vinho? nem querem vê-lo,
 Só por que o bebe um christão!

Vêm as moiras depois delles,
 Rostos cobertos com véos;
 Bem que filhas d'Agarenos,
 São tambem filhas de Deos;
 Se forão christans ou freiras,
 Serião anjos dos céos.

Luzião os olhos dellas
 Como pedras muito finas;
 Devião ser finas bruxas,
 Inda qu'erão bem meninas,
 Que estas moiras da mourama
 Nascem ja bruxas cadimas

Huma dellas que lá vinha
 Olhou-me á travez do véo!..
 Foy aquillo obra do demo,
 Quasi, quasi me rendeo!
 Pensei nella muitas vezes,
 Valerão -me anjos do céo!

Via as largas pantalonas,
 E o pesinho delicado ...
 Como póde pensar nisto
 Hum pobre frade cançado,
 Hum padre da Observancia,
 Que sempre come pescado?!

Emfim, dizer quanto vimos
 Não cabe neste papel;
 Vinhão muitas alimarias,
 Como achadas a granel;
 Vinha o iffante brioso,
 Montado no seo corssel.

Vinhão pagens e varletes,
 Vinhão muitos escudeiros,
 Vinhão do sol abrazados
 Nossos robustos guerreiros;
 Vinha muita e boa gente,
 Muitos e bons cavalleiros!

A Princesa Dona Joanna
 Sahio dos Paços reais;
 Era moça, e muito airosa,
 E dona de partes tais,
 Que todos lhe qu'rião muito,
 Estranhos e naturais!

Foy requerida de muitos
 E muito grandes senhores,
 Por fama que della tinhão,
 E por copia de pintores,
 Que muitos vinhão de fóra
 Ao cheiro de seos louvores.

E diz-se d'hum rey de França,
 Ludovico, creio eu:
 Hum pobre frade mesquinho
 Só trata em coisas da céo;
 Sabe elle que muito sabe,
 Se a bem morrer aprendeo.

Pois diz-se do rey de França,
 O onzeno do nome seo,
 Que vendo hum retrato destes
 Pera si logo entendeo,
 Qu'era prodigio na terra
 Quem tanto tinha do céo.

E logo sem mais tardança
 Cahio, giolhos no chão,
 No feltro traz arrelíquias,
 Assi uza hum rey cristão;
 O seo feltro poz diante,
 E fez hy sua oração!

Sahio a real Princeza,
 Sahio dos Paços reais
 Nos pulsos ricas pulseiras,
 Na fronte finos ramais;
 De longe seguem-lhe a trilha
 Muitos bons homens segrais.

Traçava hum mantéo vistoso
 Sobolas suas espaldas,
 E as largas roupas na cinta
 Prendia em muitas laçadas;
 Seos olhos valião tanto
 Como duas esmeraldas.

Tinha elevada estatura
 E meneyo concertado,
 Solto o cabello em madeixas,
 Pelas costas debruçado:
 Cadeixo de fios d'oiro,
 Franjas de templo sagrado.

Vinha assi a regia Dona,
 Vinha muito pera ver:
 O povo em si não cabia,
 Quando a via, de prazer;
 Era ella sancta ás occultas
 E anjo no parecer!

Debaixo das telas finas
 E dos brocados luzidos,
 Trazia á raiz das carnes
 Duros cilícios cozidos
 E humas crinas muito agras,
 Tudo extremos mui subidos.

Passava noites inteiras
 No oratorio a rezar,
 Dormia depois na pedra
 Sem ninguem o suspeitar:
 Extremos tais em princeza
 Quem n'os ha de acreditar?

No dia de lava-pés
 Ordenava ao seo Vedor,
 Trazer-lhe doze mulheres;
 E depois, com muita dôr,
 Chorando os pés lhes lavava,
 Honra de nosso Senhor!

E depois de os ter lavado,
 Não perdia a occasião,
 Despedia a todas juntas
 Com sua esmola na mão:
 Dizia que era humildade,
 E obra de devação.

E as mendigas prasmadas
 Sahião de tal saber,
 E perguntavão, quem era
 Aquella sancta mulher?!
 Máos peccados que ella tinha
 Só pera assi proceder!

O mesmo Vedor foy quem
 Isto despois revelou,
 Quando aquella humanidade
 Em o Senhor descançou;
 Dona Joanna era já morta,
 Elle porém m'o contou.

Mas sendo tanto o resguardo
 Que guardava em coisas tais,
 Sabião algo os estranhos
 Por muitos certos signais,
 Que o ar he todo perfume,
 Se a terra he toda rosais.

He coisa de maravilha
 Que me faz scismar a mi,
 Que as donas d'hoje pareção
 Huns camafêos d'alfim,
 Não donas de carne e osso;
 As donas d'outr'ora — si.

Hoje leigos de nonnada
 (He lhes o demo caudel)
 Praguejão a meza escaça
 E as arestas do burel;
 Querem mimos e regalos,
 E jejuns a leite e mel.

Lá caminha Dona Joanna,
 Regente de Portugal;
 Traz sobre si muitas joias
 Do thesouro paternal;
 Deos lhe pôz graça divina
 Sobre a graça natural.

«Acostou-se a comitiva,
 Muito senhora de si:
 Perante el-rey se agiolha,
 Disse-lhe el-rey: não assi!
 E ao peito a cinge dizendo:
 Não a meos pés, mas aqui!»

«Sois hum bom pay, Senhor rey,
 Tornou-lhe a sancta Princeza:
 Eu que sou vassalla vossa
 E filha por natureza,
 Peço mercê como aquella,
 Como esta peço fineza.»

Ficarão logo suspensos
 Todos que erão aly,
 Ficarão como enleitados,
 Enleio tal nunca vi!
 Eis que a Princeza medrosa
 Começa a propor assi.

El-rey não lhe respondera;
 Que lhe havia responder?
 Boa filha Deos lhe dera.
 Que lhe havia defender?
 Sorriu-se, o bom rey quizera
 Muito por ella fazer.

A Princeza disse entonces:
 «De alguns capitães antigos
 Tenho lido, Senhor rey,
 Que, vencidos os imigos,
 Tornavão, a Deos fazendo
 Sacrificios mui subidos.

«Vião as coisas melhores
 Que dos seos reynos havião,
 E logo lh'as offertavão;
 E mercês tambem fazião,
 No dia do seo triumpho
 A los que justas pedião.

«Deslembrar a usança antiga
 Fôra de grande estranheza;
 Agora sobre maneira,
 Perfeita tamanha empreza,
 De tanto lustre aos do reyno,
 De tal honra a vossa Alteza.

«Digo pois a vossa Alteza,
 E digo com muita fé,
 Deve a offerta ser tamanha
 Quammanha foy a mercê,
 Não do nobre rey pujante,
 Mas do sancto rey qual he.

«A offerta que vos fizerdes,
 Será mercê paternal:
 Se quereis que corresponda
 Ao favor celestial,
 Deve ser coisa mui alta,
 Deve ser coisa real.

«Ao Deos que vence as batalhas
 Dai-lhe a filha muito amada;
 Dai-lhe a só filha que tendes
 Em tantos mimos criada:
 Será a offerta bem quista
 E do Senhor acceptada.

«E eu a quem mais custou
 De medos, esta jornada,
 Que muitas noites orando
 Passei em pranto banhada,
 Sou eu, Senhor, quem vos peço
 Ser a hostia a Deos votada.»

Que sancta que era a Princeza,
 Que extremos de devação!
 Nos sembrantes dos presentes
 Vio-se, e não era razão,
 Que a nenhum delles prazia
 Deferir tal petição.

Sobr'esteve um pouco e mudo,
 El-rey, por que muito a amava:
 Aquelle dizer da filha
 Todo o prazer lhe aguava,
 Aquelle pedir sem dó
 Todo o ser lhe transtornava.

Encostou-se ao hombro della
 O pobre velho cançado,
 Chorou o triumpho breve
 E o prazer mal rematado,
 Não como rey valeroso,
 Mas como pay anojado.

El-rey despois mais tranquillo
 Rompeo o silencio alfi';
 E entre afflicto e satisfeito
 Disse á filha: Seja assi! . .
 Velhos guerreiros vi eu
 Chorarem tambem aly.

Cant'eu perdido entre o vulgo
 Não sei que tempo gastei,
 Nem sei de mim que fizeram,
 Nem tam pouco se chorei;
 Foi traça da providencia:
 Nisto commigo assentei.

Foy Jephté corajoso,
 O forte rey de Judá;
 Volta coberto de loiros,
 Quem primeiro encontrará?
 Sente a filha, torce o rosto . . .
 Nada ao triste valerá.

Qual d'estes dois sacrificios
 Soube a Deos mais agradar?
 Vai a Hebreia constrangida
 Depor o collo no altar,
 Vai a christã jubilosa!
 São ambas pera pasmar.

Depois n'hum dia formoso,
 Era no mez de Janeiro,
 Houve huma scena vistosa
 Dentro de hum pobre mosteyro;
 Fundou-o Brites Leytoa,
 Dona mui nobre d'Aveiro.

Huma princeza jurada,
 Sobrinha d'altos Iffantes,
 Filha de reys soberanos,
 Senhora das mais pujantes,
 Era a primeira figura,
 Espantava os circumstantes.

Aly humilde e curvada,
 Pesar de todos os seos,
 Gíolhos sobre o ladrilho
 E as mãos erguidas aos céos,
 Ouvi — exigua mortalha
 Pedir polo amor de Deos.

Cantemos todos louvores,
 Louvores ao Senhor Deos:
 Os anjos digão seo nome,
 Rostos cobertos com véos;
 Leião - n'os os homens escripto
 No liso campo dos céos.

Bom tempo foy o d'outrora
 Quando o reyno era christão,
 Quando nas guerras mouriscas
 Era o rey nosso pendão,
 Quando as donas consumião
 Seos teres em 'devação.

«Isto escreveo Frei Antão
 De vida mui alongada,
 Nossa Senhora da Escada
 O teve por Capellão.»

GULNARE E MUSTAPHA'.

Deos Senhor foy quem nos céos
 Pendurou milhões de estrellas,
 Foy quem matisou a terra
 De froles varias e bellas,
 Quem ao mar por ser pujante
 Areias deo por cancellas.

Mandou mais qu'arvoles fortes
 Das sementes germinassem,
 Que déssem froles mimosas,
 Que perfumes trescalassem,
 E mais fez que em tempo azado
 As froles fructificassem.

Pois aquelle anjo das trevas,
 Imigo da humanidade,
 Nas arvoles poz carcoma,
 Poz na frol muita ruindade,
 Poz nos céos a nuvem negra,
 Poz no mar a tempestade.

Nem só nas coisas terrenas
 Damna, e faz mal o tredo,
 A alma tambem por mil modos
 Tenta com geito e sabor,
 Que troca o prazer celeste
 Em penas d'eterna dôr!

Mas não foy jamais que Deos
 Em tal feito consentisse,
 Senão porque suas posses
 O homem bem claro visse;
 Que sem elle fôra o mundo
 Maldade só e sandice.

Mas que mal ha hy na terra
 Que não venha pera bem?
 Os d'aqui desta amargura
 Dão coyta, e gloria porêm;
 Dos outros que traz o demo
 Deos o remedio lá tem.

Do mal que me foy commigo
 Acontecido, al não sei,
 Senão que por amor d'elle
 Muito má vida levei,
 Que me dá coyta mui grave
 Do mal que me comportei.

Como já fiz penitencia,
 Ora farei confissão;
 Tal será, qual foy o escand'lo
 De que fui occasião:
 Não me tomem por modelo,
 Mas tomem de mi licção.

Não he pera honra minha,
 Mas pera honra dos céos,
 Que eu direi publicamente
 Os feios peccados meos;
 Toda a vergonha foy minha,
 Toda a honra cabe a Deos.

He uso assi na milicia
 Celeste, e mais na d'aqui:
 Dá batalha o cabo experto,
 Desses muitos que ha per hy;
 Toda a preza aos seos concede,
 Só lôa quer pera si.

A Princeza Dona Joanna
 Já vive dentro d'Aveiro;
 Comsigo trouxe os escravos,
 Que lhe trouxe o rey fragueiro;
 O que ás terras africanas
 Passou, e voltou primeiro.

Vierão aquelles feios
 Netos d'Agar, inda mal!
 Traçando vastas roupagens
 A' maneira oriental;
 Larga fxa na cintura,
 Na fxa largo punhal.

Era pasmo vel-os juntos
 Polas ruas passear,
 Passo á passo — graves, mudos,
 Com doairos d'espantar,
 Profundas rugas na frente,
 Rugas de mão meditar.

Levar traz si tanta gente
 Nunca a ninguem vi assi;
 Nem folias, nem cantares
 Vi com tal cauda apoz si,
 Bôdo, nem festa d'orago,
 Bufão, e nem bolati'.

Mas quem vio acaso as turbas
 Correrem traz algum bem?
 Vão todas apoz engodos,
 Apoz maldades tambem;
 Mas seguir a Deos por gosto
 Nem as vi, nem vio ninguem.

Com estes mouros descritos
 Vierão tambem aquellas
 Moiras, filhas da Mourama,
 Donas, creio, muito bellas;
 No trato e no galanteio
 Outras que tais Magdanellas.

Vinha tambem a menina,
 Aquella moira fatal,
 Que nas ruas de Lisboa
 Vi no cortejo real:
 Cortejo del-rey Affonso
 Vi-o eu, só por meo mal!

Quantas coisas que trazia,
 Nulla rem lhe estava mal;
 Dizião que tudo nella
 Tinha graça natural,
 Era coisa preciosa,
 Como coisa oriental.

Aquella abelha sem dardo,
 Aquella pomba sem fel
 Passava noites inteiras
 Tangendo n'hum arrabel,
 Coando vivas saudades
 Dos labios, em leite e mel.

E, alta noite, nas trevas
 Ouvindo na solidão
 Aquelle triste instrumento,
 Al não disseras, senão
 Que o mesmo demo voltado
 Era n'aquella feição.

Zagales porêem da serra
 Mil vezes, no fim do dia,
 Polos montes não buscava
 A sua ovelha erradia;
 Mas no bordão apoiado,
 De si mesmo se esquecia.

Cant'eu vendido e prasmado
 De todos e mais de mi,
 Mil vezes fugi da cella,
 Té das matinas fugi,
 Mil vezes, durante a noite,
 Aquelle instrumento ouvi.

Mil vezes! . . e não sei como
 Isto foy, que o não sentia,
 Quando mal me precatava,
 Dava commigo que ouvia
 Dilatar-se polos valles
 Aquella doce harmonia.

Assi todo embevecido
 Bons sonhos que então sonhei,
 Boas venturas que tive,
 Bons scismares que scisme!
 Esqueci-me de ser frade!
 Como isto foy, já não sei.

E se ás vezes me lembrava
 Do juramento que dei,
 Do encargo que me tomára,
 E das vestes que eu tomei,
 Chorava; e não sei bem como
 Em pranto não me afundei.

Derramei n'aquellas brenhas,
 Cheio d'extranha afoiteza,
 Palavras dadas ao vento
 Com muito feia crimeza,
 Contra mi e contra todos,
 Contra toda a natureza.

Polas serras, polos matos,
 Polas voltas dos caminhos
 Rojei nas sarças mordentes
 E nos cardos montesinhos,
 Rasgando os brancos vestidos
 N'aquellas matas d'espinhos.

E não sei, oh! não sei como
 Todo eu não fiquei aly,
 Como eu que por tantas vezes
 Rosto nas rochas feri,
 Não perdi o ser de todo,
 Nem siquer ensandeci.

Então ao Senhor clamava:
 «Cegueira, Senhor, me dás!
 Cinge-me os rins larga zona
 De ferro, e bem me não traz;
 Trago cilícios mordentes,
 Usando burel mordaz.

«Abro e vejo o livro sancto,
 E vejo que não sei ler!
 Aquelles sanctos dictames
 Já n'os não sei compr'hender;
 Enojo occupa minha alma,
 Hei pavor de me perder!»

Donde pois me vinha a mi
 No proprio bem ver o mal?
 Conheci no meo exemplo,
 Que m'era do ser fatal:
 Senhor, teo sancto remedio
 He triaga cordial.

Bem como o ferro na fragoa,
 No soffrer a alma se apura,
 Assi que disse eu commigo
 Que a triaga tambem cura,
 Quanto mais amarga e punge,
 Poder de sua amargura.

Aquella negra peçonha
 Lavrando foy pouco e pouco;
 Rohia coyta d'amores
 Miôlo cavado e ôco,
 Já era o mal dentro d'alma,
 E eu delle rendido e louco.

Dizião meos bentos Padres:
 «Que he feito de Frei Antão?
 Negra dôr o tem por certo,
 Negra dôr de coração:
 O demo o fez, porque visse
 Turbada tal perfeição.

«Parece já de esquecido
 Que nem de si tem lembrança!
 A taboa se achega apenas,
 Não toma a sua pitança;
 Té nos officios divinos
 Perdeo a sua trigança.

«Sahe á noite muitas vezes,
 Diz o bom do Guardião:
 Sahir á noite, á deshoras,
 Certo não he devação:
 Que faz de noite nas ruas
 Hum padre, ou frade ou christão?»

Com tudo alguns dos mais velhos
 Dizião: «Que ha hy de mal?
 O quer que he que o perturba,
 Coisa não he natural:
 Deve ser condão divino
 Ou graça celestial!

«Pois hum sancto como aquelle!
 Quem he que o ha de tentar?»
 Eis senão quando começa
 Voz, não sei donde, a zoar
 Que Frei Antão ja não sabe
 No seo rosairo rezar!

E o caso foy que hum noviço
 Tirou-mo só de matreiro,
 Tendo-o fechado comsigo
 Por novena ou mez inteiro;
 E eu d'outro me não provêra,
 Sendo que tinha dinheiro!

Todo los meos defensores
 Voltarão-se contra mi;
 Dizião que era mal feito
 Hum sancto mentir assi:
 Seja-me Deos testemunha,
 Nem sancto sou, nem menti.

Logo em Communitade
 Propoz-me o Provincial:
 «Dizei *peccavi*, meo Padre,
 Que voz have des tão mal,
 Que não rezades as rosas
 Da virgem celestial!»

Ouvido que foy por mi
 Tão solemne mandamento,
 Ámi, que primara sempre
 Adentro do meo convento,
 Não sei que pejo maldicto
 Acorreo-me ao pensamento.

Não era feio o peccado,
 Mas confessal-o; e assi
 Fiquei de pavor tranzido,
 Mal que tal preceito ouvi:
 Homem não era de carne,
 Montanha de pedra — si.

Torvado, calado e mudo
 Nada não soube dizer;
 Nem confessar meo peccado,
 Nem ao menos responder:
 Ficárão como suspensos
 Os que erão aly a ver.

O grave Provincial
 Rompe o silencio, e «Azinha
 Trazei, disse elle, o hyssope,
 Mais a benta caldeirinha;
 Ver demo em corpo de frade
 Coisa não he comezinha!»

Corre afanado o Sacrista
 Pera a sua sacristia,
 Tráz prestes a caldeirinha
 Banhada inteira na pia;
 Rezava mil rezas suas,
 Mil esconjuros dizia.

Do Sacrista amedrontado
 Recebe o Provincial
 O hyssope todo molhado,
 Dizendo sacerdotal:
 «Fugide, partes adversas,
 Demonio, espirito do mal.

«E mais deixa a criatura
 Por amor de quem Jezus
 Soffreo marteyro affrontoso,
 E morte vil n'huma cruz;
 Em nome do Padre e Filho
 E Espirito, que sempre luz!»

Ouvido aquelle exorcismo,
 Cego de toda a razão,
 Larguei-me do refeitório,
 Fugindo como hum ladrão:
 Clamárão todos em grita:
 «Chantou-se nelle o Legião!»

Enfiei os claustros todos,
 Passei pola portaria,
 Achei-me em logar, de noite,
 Que eu mesmo não conhecia:
 Os sons do arrabel mourisco
 Somente daly se ouvia.

No entanto os Padres prudentes
 Discursavão entre si,
 Dizião dos esconjuros
 Que mal cabião em mi,
 Que era grande sacrilegio
 Usarem commigo assi.

Ai! sacrilego era o homem
 Que ao inferno se vendia,
 Era o christão que adorava
 As filhas da idolatria,
 Que dentro em si tinha o Demo,
 E o Demo em si não sentia;

Era o Padre que trocára
 O amor de seo Senhor
 Por amor d'huma Donzella,
 Filha d'aquelle impostor,
 Mafoma, falso propheta,
 Mafoma, judêo tredor!

A princeza Dona Joanna
 Mandou ao nosso Convento:
 Qu'eu prestes vá ter com ella
 Manda por seo mandamento;
 Não quer demora, nem falta,
 Negocio diz de momento.

Qual seja o negocio urgente
 Não m'o diz a mensageira;
 Não sabe coiza de certo,
 Não dirá coisa certa:
 O habito á pressa enfió,
 Tomando-lhe a dianteira.

E logo, chamada á grade,
 Veio a Princeza real:
 «Meo Padre, disse-me entonces,
 He fóra do natural
 Qu'eu tenha escravos, e mouros,
 Rainha de Portugal.

«Ide vós porêem chamal-os
 Pera o rebanho christão;
 Cazade-os vós muito embora,
 Que bem dahy haverão:
 Eu lhes darei corpo livre,
 Deos Senhor a salvação.»

Siquer huma só palavra
 Não tive n'aquelle ensejo,
 Sustou-m'a já na garganta
 Não sei que mesquinho pejo;
 Por confessar meo peccado
 Em vão trabalho e forcejo.

Vergonha foy o que eu tive,
 Vergonha que todos têm;
 Ultimo fructo colhido
 N'aquelles jardins do Eden;
 O Demo o tocou primeiro:
 Todo o seo mal dahy vem!

Como está no fundo lago
 O verde limo acamado,
 Assi deitado e mimoso
 Brilha lustre avelludado;
 Tal é aquella vergonha,
 Que vem apoz o peccado.

Mas remechei nas raizes
 Do limo que he tão viçoso,
 E vereis como se prendem
 No fundo impuro e lodoso:
 Aly com ellas se abraça
 O feio verme asqueroso!

Aly mil serpes occultas
 Vivem, cruzando laçadas,
 Muitos sapos bufadores,
 Muitas rãs esverdinhas;
 Humas coizas de má sina,
 Outras coizas mal fadadas.

He força fallar a moira!
 Disse commigo, e assi
 Andava curtas passadas
 Por não chegar; ai de mi!
 Tem termo toda a jornada,
 Cheguei! porque não morri?

Já d'aquelles outros mouros,
 Tão feros, não se me dava;
 Mas de suor de maleitas
 O corpo se me banhava,
 Quando d'aquella menina
 Moirisca, me recordava.

Lançado em covil de feras
 Foy o sancto Daniel,
 Fui eu no covil lançado
 D'aquella gente infiel;
 Era elle experto em tais lutas,
 Eu em tais lutas novel.

Entrei no quarto da moira
 Leixando a mais gente vil,
 Ardia doce perfume
 Em transparente viril;
 Sobre um bofete lavrado
 Vi hum lavrado gomil.

Tinha o quarto huma só porta
 Que hum reposteiro cobria,
 E hum pano de seda verde
 Sobre a estreita gelosia,
 E mais hum denso tapete,
 Que o som dos passos comia.

Trazia a moira mimosa
 Vestes de branco setim
 Entreteladas parece
 De coiza de bocachim,
 E humas largas pantalonas,
 Respirando benjoim.

Trazia hum jubão mui justo
 De seda azul anilado,
 Com longas mangas perdidas,
 De carmim todo ferrado,
 Cômoo se fôra hum alfange,
 Na cintura recurvado.

Coifa branca auri-bordada
 A negra coma apertava;
 Que doces anneis brincados
 A negra coma formava,
 Quando por vezes no collo
 De neve — se debruçava!

Sob as largas pantalonas
 Hum pesinho delicado
 Sahia nusinho e bello,
 Mimoso e branco e nevado;
 Em chapins dos mais pequenos
 Parecia andar folgado.

Em cada hum dos seos dedinhos
 Trazia a moira hum anel;
 Meio deitada, á desleixo,
 Tangia no arrabel;
 Tangia-o com tanta graça,
 Nem que fôra hum menestrel.

A lettra que ella cantava
 Era de lingua algemia;
 Era qual trinar das aves
 As notas em que gemia
 Saudades de longes terras
 Em peregrina harmonia!

Era menina e formosa,
 Nunca lhe vi sua igual!
 Coiza assim tam primorosa
 E tanto celestial,
 Ou era filha dos anjos,
 Ou filha do pay do mal.

Deos Senhor, entre luzeiros,
 E o demo em sua cegueira,
 Fazem quasi as mesmas coizas
 Mas por diversa maneira;
 O demo como quem he,
 Deos como luz verdadeira.

Pois este pôz a virtude
 Entre afflicções dolorosas,
 Qual frol de rosa entre espinhos;
 Em ledices enganosas
 Pôz o demo o seo peccado,
 Qual feia serpe entre rosas.

Quanto o sol mais se abaixava,
 Tanto mais alto gemia
 Aquella moira mimosa,
 Que as suas magoas carpia:
 He hora que espalha enlevos
 A hora do fim do dia!

O passaro então das ramas,
 Louvor a nosso Senhor!
 Ultimo vôo desprega
 E hum doce grito de amor;
 Nas pennas esconde o bico,
 Nem teme o visgo tredor.

As froles do sol viuvas
 Definhão, só de tristura:
 O mar soluçando geme,
 Mais alto a fonte murmura,
 Reina o silencio que falla,
 Bafeja a doce frescura.

«Vistes vós meo bem amado,
 (Dizia a filha d'Allah)
 «Vistes vós meo bem amado,
 «O meo senhor Mustaphá!
 «Se o vistes, dizei-me onde!
 «Por alma vossa, onde está?

«A noite o deixou fechado
 «Portas a dentro do harem:
 «Sorvia aquelles perfumes,
 «Que lá d'Arabia nos vem;
 «Trajava os reais vestidos,
 «Que lhe cahião tão bem.

«Já era sobre-manhã
 «Quando de mi se apartou;
 «Seo negro corsel d'Arabia
 «D'um pulo só cavalgou,
 «E o sol que vinha raiando
 «Lá na montanha o topou.

«Vio daly seos bons guerreiros,
 «Em alas promptos estão;
 «De fronte mal enxergava
 «O troço do rey christão;
 «Disse o crente musulmano:
 «Allah m'os trouxe, meos são!

«Allah! lhes grita o guerreiro,
 «Respondem-lhe os seos: Allah!
 «Gritão Christãos: Sam Tiago!
 «E o meo senhor Mustaphá
 «Desceo então da montanhá,
 «Que nunca mais subirá.

«Desceo elle da montanha
 «Qual rocha descommunal,
 «D'agudo cimo tombando,
 «Arrazando o pinheiral;
 «Mas a rocha em fundo valle
 «Faz-se pedaços, em mal!

„Desceo elle ao fundo valle,
 „Como o tufão queimador;
 „Polos christãos inimigos
 „Cortou sem pena e sem dôr;
 „Raio d'esforço na guerra
 „Foy Mustaphá, meo Senhor!

„Mas o vento do deserto
 „Depois de médas formar
 „Das areias que agglomera,
 „Onde he que vai acabar?
 „Mafoma e Allah que mo digão,
 „Que eu não sei senão chorar!

„Allah quebrou teo orgulho,
 „Meo bom senhor Mustaphá!
 „Allah quebrou teo orgulho,
 „Mas quando se acabará
 „Vida que vives de escravo,
 „Vida que levas tam má?

„Doces Huris do Propheta,
 „Lá do palacio de Allah,
 „Olhavão cá pera baixo
 „Só pera ver Mustaphá!
 „Guerreiro não foi como elle,
 „Como elle ninguem será.

«De ser elle o meo amado,
 «Ai que já fui bem feliz!
 «De ser elle o meo amado
 «Tinhão-me inveja as huris:
 «Ora não ha quem m'inveje!
 «Foy Allah que assim o quiz.

«Ora não ha quem m'inveje!
 «Tenho no peito afflicção;
 «Escrava sou d'hum escravo,
 «Escravo d'hum vil christão!
 «Mesquinha, que ainda o amo;
 «Trago-o aqui no coração!»

Então pera junto della
 Cheguei-me sem ser sentido;
 Fallei-lhe em som cavernoso,
 Medonho e baixo no ouvido:
 ¿Por que assi amas o escravo?
 Disse eu, do meo mal vencido.

Foy certo o espirito malvado
 Quem pera ally me arrastou,
 Quem nos meos castos ouvidos
 Palavras tais derramou,
 Quem aos pés da moça moira
 O velho padre acurvou.

Era elle quem nos meos hombros
 Pezava co'o pezo seo,
 Quando a moira espavorida
 Do vasto leito se ergueo:
 Vendo-me ally de giolhos,
 Baixou de medrosa o véo.

O véo baixou de corrida,
 Mas antes seos olhos vi;
 Aquelles olhos fermosos
 Lavar-me o rosto senti,
 Tocar-me no fundo d'alma,
 Tirar-me todo de mi.

Luz que vi d'aquelles olhos!
 Ora bem se me afigura
 A lua rasgando as trevas
 Em meio de noite escura:
 Vi Diana, a caçadora,
 N'aquella hardida postura.

Mas a moira de repente
 Hum grito franzino dá!
 De mi se parte voando,
 ¿Senhor Deos, o que será?
 Volto prestes a cabeça . . .
 Vejo o mouro Mustaphá!

Em roda do seo pescoço
 A moira os braços prendeo;
 Arfa-lhe o peito açodado;
 Pera traz roja o seo véo,
 Off'rece o rosto mimoso
 Aos beijos d'aquelle incréo!

Era assi qual amorosa
 Hera que hum robre vingou;
 Ligou-se estreita com elle,
 Do tope se debruçou,
 Folha metteo pelas folhas,
 Vida com vida cazou.

«Gulnare, disse-lhe o mouro,
 Gulnare, meo doce amor,
 Melhor que a rosa da Persia,
 Que arabio incenso melhor,
 Frol dos jardins do propheta,
 Que das mate a minha dôr!»

Responde a moira mimosa :
 «Dizes bem, meo Mustaphá;
 O fogo chegou-se ao incenso,
 O incenso effuvios dará;
 O sol scintilla na rosa,
 A rosa resurgirá.»

Abelha, tornou-lhe o mouro,
 Que susurras de agastada;
 Herva, que as folhas constringes,
 De estranho corpo tocada;
 Quem tocou na minha abelha,
 Quem na herva delicada?

Ella entonces de malquista
 Deo-lhe d'olhos pera mi;
 Sancto Jezus! em que apertos
 N'aquelle ensejo me vi,
 Prendera-me força occulta,
 Foy porêem que não fugi!

Trazia o moiro atrevido
 Adaga no boldrié;
 Deixar a moiros com armas,
 Gente de baixa ralé,
 Em que escravos de Princeza,
 He certo extranha mercê!

A mão no punho da adaga,
 A passo, vem sobre mi;
 Trinca as pontas do bigode,
 Quais cerdas de javali;
 A barba toda se erriça,
 Que feio rosto lhe vi!

Os olhos que me lançou,
 Jamais não vi seos iguais;
 Devião ser puro fogo,
 Senão faiscas fatais
 D'aquelle sol do deserto,
 Que abraza e funde areais.

Negros olhos de panthera,
 Luzindo em feia spelunca;
 Olhos, que o gyro do sangue
 Nas veias demora e trunca;
 Olhos cheios de carniça
 E della não fartos nunca.

A mi chegou-se, inquirindo,
 „Que vieste aqui fazer?“
 Fiquei deslogo tremendo,
 Sem lhe poder responder:
 „Senhor, . . . em nome do ceo! . . .
 Disse eu; que havia dizer?

„Em nome das tres pessoas
 „Da trindade, em huma só,
 „Eu vos rógo, senhor mouro,
 „Que siquer tenhades dó
 „Da alma vossa arriscada,
 „Já não do corpo, que he pó.“

N'aquelle ensejo apertado
 De sancto ardil me vali;
 Lembrou-mo o exemplo sagrado
 Da forte hebréa Judith!
 Ser isso influxo divino
 Sabendo fiquei daly.

Tornou-me o mouro descrido:
 „E a mi que m'importa mais
 „Que viver entre valentes,
 „Em gozes celestiais,
 „Entre jardins prazenteiros,
 „Entre fagueiros rosais?

„Tu me fallas dos teos Deoses!
 „Ha outros sem ser Allah?
 „Allah, que o vôo dirige
 „Do bemfasejo Kathá!
 „Christão, dos teos falsos Deoses
 „Bem pouco a mi se me dá.

„Digo-te eu, que elles não podem,
 „Mais que digas que são trinos,
 „Suster no ar do propheta
 „Os sanctos restos divinos,
 „Que a Meca chamão por anno
 „Milhares de peregrinos.“

Ouvindo aquellas blasfemias,
 Senti arrojo dos céos;
 Hia fallar, mas o mouro
 Tornou-me: „Só Deos he Deos,
 „E Mafoma o seo Propheta,
 „Em que pêze isto aos increos!

„O que penso, sem resguardo
 „Dirt'o-hei, christão, alfim;
 „Não uza como vós outros,
 „Mahometano Muezzin,
 „Não vai á caza dos crentes,
 „Não leva tenção ruim.

„Não rója, não, de giolhos
 „Aos pés de christã donzella;
 „Mas lá dentro da Mesquita
 „Vive sempre e sempre vela,
 „Ou do alto minarete
 „Á prece os crentes appella.

„Portas á dentro do templo,
 „Imagem da crença pura:
 „De alto do minarete,
 „A imagem d'Allah figurá,
 „Bradando incessante e sempre
 „Aos homens, daquella altura.“

„He assi entre vós outros,“
 Tornei-lhe, que entre nós não.
 „Queremos em cada caza
 „Hum templo de devação,
 „Em cada peito hum sacrario,
 „Hum padre em cada christão.“

Sobresteve mudo e quedo,
 E como que reflectia
 O moiro, que me parece
 A graça já presentia;
 A graça que o céo nos manda,
 Como orvalho em noite fria.

Mas não era inda chegado
 Aquelle ensejo feliz,
 Que passado curto prazo,
 Severo o moiro me diz:
 „O que Deos faz he bem feito:
 „Mouro nasci, não me fiz!

„Deixemos pois tal assumpto,
 „Delle não quero tratar;
 „Ou antes dizei, bom Padre,
 „Qu'hides carreira tomar,
 „Adoptando novo ensino,
 „Novo modo de pregar.

„Andai por essas estradas
 „E dizei á vossa gente:
 „A vós que mal vos hão feito
 „Os homéns lá do oriente,
 „Que vos livrarão dos godos,
 „E do servir inclemente?

- „As vossas artes que tendes
 „Cujo as havedes? — de quem?
 „Donde vêm ás vossas terras
 „Campos de lavra que têm,
 „E as torres acastelladas,
 „E as mesquitas, donde vêm?
 „Quem nos vossos negros montes
 „As alcáçovas plantou,
 „Como candido turbante,
 „Que na frente se enrolou
 „De hum homem da côr da noite,
 „Que a Nubia ardente engendrou?
 „Ou s'isto melhor te praz:
 „São obras de reys pujantes,
 „Tendas ricas e pomposas
 „No dorso dos elefantes;
 „Cr'oas de pedra lavrada
 „Na frente d'altos gigantes.“

Estes mouros na verdade
 Qu'esprito e graça que têm?
 Quando vos dizem mentiras,
 Sabem dize-las taõbem,
 Que havemos de perdoar-lhes,
 E em cima querer-lhes bem.

Mas andão tanto enfrascados
 No seo maldicto alkorão,
 Que era de ser o primeiro
 A soffrer condemnação
 N'aquelle sancto concilio,
 Honra do nome christão.

Se d'algo me peza a mi,
 Hé só polos não ver mais;
 Fazião prompta justiça
 Destes e d'outros que tais:
 Ardião com seos authores
 Em bons applausos gerais.

Se delles houvesse agora,
 De que pró nos não seria?
 Vive tal livro entre gabos,
 Que ally no fogo arderia,
 Com pasmo de seos authores,
 Que os têm por coiza mui pia.

E d'outros que só por artes
 Fruem da voga que têm,
 Que não sei onde he seu preço,
 Nem donde apreço lhe vem,
 Senão por vias occultas,
 Que as não descobre ninguem!

Mas deixemos estas coisas,
 Que não são de boa avença!
 O livro que eu reprovára
 Por muito justa sentença
 Trouxera-me coyta grave,
 Com mais grave malquerença.

Deixemos pois estas coisas;
 Bem qu'eu não saiba fallar,
 Senão com longos rodeios:
 (Vem-me o séstro de pregar)
 Quando me julgo no cabo,
 Mais longe estou de acabar.

„Mouro, n'aquella batalha,“
 Disse eu, „ouvidos me dá,
 „Quando o reyno teo perdeste,
 „Não chamaste por Allah?
 „Não te ouvio! -- chama por Christo,
 „E Christo, Deos, te ouvirá.

„Vás as terras da Moirama,
 „Ou fiques em Portugal,
 „Senhor serás do teo corpo,
 „Vida terás natural:
 „Vê, se Gulnare formosa
 „O teo propheta não val!

„A moira que não foy feita
 „Pera servir a senhor,
 „Que de bella e de mimosa,
 „Parece que o mesmo amor
 „O corpo tem de quebrar-lhe,
 „E de apagar-lhe o candor.

„A moira doce nascida,
 „Doce creada; perol
 „Que só sabe apavonar-se
 „Da manhã polo arrebol,
 „Não nos jardins destas partes,
 „Mas onde mais queima o sol.

„A moira bella e mimosa!
 „Avezinha pipitante,
 „Qu'ama ar puro, espaço livre,
 „E céo de cor deslumbrante,
 „Que o vôo fugaz desprega,
 „Quando o sol he mais brilhante!

„Ai! não guardes a avezinha
 „Dentro de estreita prisão,
 „Não mudes a frol mimosa,
 „Que bem está no seo torrão:
 „Vai ás terras da Moirama;
 „Se queres hir, sê christão.“

Huma lagrima brilhante,
 Como que a furto luzia
 Nos olhos da moça moira,
 Que o moço moiro cingia;
 Em que nada lhe dicesse,
 Muitas coisas lhe pedia.

Em que algo não lhe escutasse,
 O mouro bem compr'endia
 Que mudas fallas fallava
 O pranto que ella vertia:
 Saudades erão da Patria,
 Que o mouro em sonhos só via.

Como havia resistir-lhe,
 Se ella pedia chorando;
 Se o mal por que ella passava,
 Tambem 'stava elle passando;
 Se o bem, que lh'ella pedia,
 Lhe estava dentro fallando?

Mas quando os vi abraçados
 E aquelle amor entendi,
 Do effeito das minhas vozes
 Eu mesmo me arrependi;
 Cravei as unhas no peito,
 Pesar de morte senti.

Té cheguei a ter desejos
 De ouvir-lhes hum não revel,
 E que então a moça moira,
 E mais o mouro donzel
 Parassem no fundo inferno,
 Provassem, como eu, seo fel.

Mas n'hum coração sincero
 Que poder que o pranto tem,
 Quando no peito o sentimos,
 Quando de huns olhos nos vem,
 Que fôra morrer por elles
 Prazer e mui grande bem!

Pedido tam gracioso
 O mouro agreste rendeo;
 De leixar o seo Mafoma
 Logo desly prometteo,
 Deixando a avença do demo,
 E os ritos do culto seo!

Já me não sinto enleiado
 Se o padre Adão manducou
 Aquelle fructo do Eden ;
 Foy Eva quem lh'o offertou,
 Eva, mulher e sozinha,
 A qu'elle primeiro amou.

Mas quem tem visto mulheres,
 E tem a sua mulher,
 Ceder-lhe do seo proposto
 Por mero condescender!
 Se não he coisa do demo,
 Não sinto o que possa ser.

Mas fez mais a linda moira!
 Que sem me fazer pedido,
 Entendi que por amores
 Não devia andar perdido ;
 Quando por outro era amada,
 Por outro della querido.

Hum pobre frade coitado
 Bem sabe que nade tem
 Nesta vida mal passada,
 Onde quitou todo o bem ;
 Ninguem que vele por elle,
 Sobre quem vele — ninguem!

Curar da may enfermada
 Bem pode o homem segral ;
 Ha sempre casta donzella,
 Que se dôa do seo mal:
 O frade só, despojado
 Vive do fôro humanal.

Viverão aquelles mouros
 Depois desta occasião,
 Muitos annos bem logrados,
 Em amor e devação;
 Louvor ao sancto baptismo!
 Louvor ao nome christão!

Mas quando foy que nos veio
 Aquella peste primeira,
 Seta que o alvo attingia
 De bem talhada e certa,
 Chegou ao christão novato
 Hora vital derradeira.

E a moira por este evento,
 Cheia de muita afflicção,
 Recolheo - se irmã noviça
 No convento d'Azeitão,
 Onde viveo muitos annos
 Em aturada oração.

Madres d'aquelle convento
 Dizem que a virão rezar,
 Em extasis jubilosas,
 Suspensa, erguida no ar;
 Favor do esposo divino,
 Milagres do muito amar!

Ouvindo aquelles extremos,
 Commigo logo assentei
 Que eu fôra hum pastor perdido,
 Que nas sombras divaguei,
 Té qu'huma ovelha esgarrada,
 Mercê de Deos, encontrei!

E a moira que eu tanto amára,
 Desly se me figurou
 Candida lâ d'ovelhinha,
 Que a sarça agreste cardou;
 Ficou na sarça prendida,
 Ao vento se meneou.

E alguém que ally divagava,
Felpas da lã recolheo,
Bateo-as na fonte pura,
E em branca tela as teceo;
Depois no altar consagrado
Ao Senhor Deos off'receo.

A mão de Deos poderoso
Bem claro se vê então,
Quando o torpe ismaelita
Faz-se devoto christão:
Só elle hum bom diamante
Póde fazer do carvão.

Mudar o vicio em virtude,
E a fraqueza em valor,
E o calor em frescura,
E a frescura em calor,
E tudo assi por davante,
Só elle, que é Deos Senhor.

Louvor a Deos nas alturas!
E aos homens de bom talante
Na terra paz e ventura;
Paz e ventura constante,
Senão na vida que passa,
Na vida que sempre dura.

S O L Á O

DO SENHOR REY DOM JOÃO.

Ora pois direi hum feito
 Do senhor rey Dom João,
 Segundo que foy do nome,
 Primeiro na devação,
 Primeiro mais que o primeiro,
 Mais que nenhum rey christão.

Nem sempre rezar no côro,
 Nem sempre velar convem;
 He mister algum descanso,
 Alguma folga tambem,
 Entre o labor já passado
 E o novo, que perto vem.

Ao duro mal que passamos
 Algum remedio he mister:
 E se a nenhum conhecemos,
 Que mais nos ha de valer
 Que recordar o passado
 E contos d'elle fazer?

He assi que no mar alto
 O cançado mareante
 Luta em vão contra a tormenta
 E contra o vento inconstante;
 Negras vagas se encapellão,
 Negra morte tem diante.

Quando n'aquelle deserto
 Languidos olhos estende,
 Vê mar que ferve revolto
 E chuva que do céu pende:
 Como deixou seu alvergue,
 O triste não comprehende!

Sembrão-lhe então formidaveis
 Os p'rigos que elle affrontou;
 Figura risonhos quadros
 Dos gozos que já gozou,
 Do que na terra o convida,
 Dos que na terra deixou.

Do que outrora foy passado
 E mais do que vai passando,
 Medonho e máo paralelo
 Vai o mesquinho traçando;
 Dôr de espinhos penetrantes
 O peito lhe está varando.

Dias lembrar já passados
 E já passada ventura,
 Quando o viver he tormento,
 Tormento que sempre dura,
 He certo desdita grande
 E muito grande amargura.

Mas vede o que val a vida!
 He aquella aventurada,
 Se dizemos verdadeiros:
 Houve hum dia, huma hora, hum nada,
 Não do pezar combatida,
 Mas do prazer bafejada.

Simelha quem pola calma
 O dia inteiro vagou,
 Depois no marco da estrada
 Cançado e triste quedou;
 Ally thesouro sem dono,
 Ventura sua, encontrou.

Era na sancta semana,
 Semana de devação!
 Com jejuns e penitencias
 Apresta-se o bom christão
 Pera os mysterios mais altos
 Da mais alta religião.

Quantas coizas que nos fallão
 N'aquelle passo sagrado
 D'aquelle homem divino,
 D'aquelle Deos humanado,
 Que por amor de seos filhos,
 Ingratos, foy maltratado!

Não foy por odio ou vingança,
 Mas por dinheiro trahido!
 Por hum homem refalsado,
 Por hum discip'lo querido;
 Trahido por meio infame! . . .
 Hum falso beijo vendido!

Foy mister por mór tormento,
 Que morresse polos seos!
 Entregue por hum eleito
 Nas garras dos Fariseos,
 Homem morreo polos homens,
 Morreo judeo por judeos.

C'roou a fronte sagrada
 C'roa d'espinhos tecida,
 Correrão dados infames
 Em taboa vil, denegrada;
 Em hastea foy rematada
 Tunica em sangue tingida.

Tormentos, baldões e mófa
 Quem mais do qu'elle soffreo?
 Quem mais comprido martyro,
 Quem mais affronta e labéo?
 Tal foy que o homem divino
 O rosto ao calix torceo.

Tal foy que o Deos humanado
 Disse ao Deos, que era seu pay:
 « Senhor Deos, s'inda he possivel,
 Do vosso intento tornai;
 Este calix de amargura
 Dos labios meos affastai! »

Carpindo males alheios,
 Quantos não vemos per hy,
 Que nem siquer se recordão
 De quanto soffreo por si,
 Hum Deos na cruz affixado,
 Mil dores soffrendo ally!

Ante esta victima augusta
 Da mais feroz crueldade,
 Cala quanto o homem soffre,
 Quanto soffre a humanidade:
 Tormento não foy como elle,
 Não foy como ella impiedade.

E comtudo alguns increos
 E refalsados atheos,
 Guardão n'as extasis todas
 E mais os transportes seos,
 Pera Socrates que morre,
 Que não pola dôr de hum Deos!

E não vê a cega gente,
 Imiga de toda luz,
 Que longe que vai do Grego
 Ao Nazareno Jezus,
 E da masmorra ao calvario,
 E da cicuta a huma cruz!

E aos effeitos da morte
 Não attenderão tambem:
 Se emparelhamos ideas
 A's coizas que corpo tem;
 Entre elles vai mór distancia,
 Que vai da Grecia á Belem.

Morre o Grego, e não dá frutos;
 Morre Jezus por nos dar
 A ley do céo pera a terra;
 Ley que só pôde lavar
 O sangue do hom cordeiro
 Dos falsos Deoses no altar.

Vivem algozes d'aquelle,
 E huns homens apenas são;
 Em quanto os algozes deste,
 Em que povo de eleição,
 Sumirão-se, como argueiro
 Nas azas d'hum furacão.

Era na sancta semana,
 Semana de devação:
 Comsigo mesmo propunha
 O senhor rey Dom João:
 «Confessarei minhas culpas,
 Que alem de rey, sou christão.

«Ao Senhor, pay de nós todos,
 Meos erros confessarei;
 Que me dê força indomavel
 Pera guardar minha ley,
 Pera punir os culpados;
 Que alem de christão, sou rey.»

Azinha chamando hum pagem
 Lhe diz, e lhe ordena assi:
 «Hide aos Padres Dominicos
 (Melhor lhes quero que a mi)
 Dir-lhes-heis que sou lá prestes,
 Que vou commungar ally.»

Veio logo o mensageiro
 Com a mensagem real;
 Recado qu'el-rey lhe dera,
 Dá elle ao Provincial.
 «He certo mercê mui grande,
 Responde, — tenho -a por tal.»

Ao padre Thomaz da Costa
 Chama n'huma Ave-Maria;
 Sabia o bom do Prelado
 O muito qu'el-rey lhe qu'ria:
 De tam lisongeiro acerto
 Comsigo mesmo sorria.

Demais que o bom do Prelado
 Dizia com bem justeza:
 «Prazer aos Reis cá da terra
 Não he nenhuma vileza;
 Praz a Deos que lhes prazamos,
 Pois vem delle a realeza.»

Apresta-se com trigança
 Tudo quanto era mister:
 Sabia o Padre Thomaz
 Encargos do seo dever;
 «Vergar colossós, dizia,
 Quem tem posses de o poder?

«Sob as mãos do jardineiro
 Torto arbusto lá se ageita;
 Mas onde existe essa força
 Que hum rudo tronco sugeita,
 Se a força he balda no tronco,
 Se o tronco a força regeita?

«Em bem do pastor sagrado,
 Que por mercê divinal
 Vive no ermo escondido,
 Como hum singelo zagal;
 Cúra pastor de pastores,
 Não de pessoa real.

«He facil o seo encargo,
 Pejo, nem dôr lhe não traz;
 Não he assi nos palacios,
 Onde só vejo disfraz:
 Vêm logo as razões de estado,
 Inventos de Satanaz.

«Vêm logo as leys cá da terra
 Contrapor-se ás leys dos céos:
 Sêde christãos, reys senhores,
 Ou então de todo incréos!
 Leys dos homens não se cazão,
 Não seguem ás leys de Deos.

«Não ligueis n'hum só consorcio
 Terrã feia e céo luzente:
 Leys da terra a terra buscão,
 Como a raiz da semente;
 Leys do céo os céos procurão,
 Como flor que o sol presente.»

Era aly na pedra raza
 O senhor rey Dom João;
 Ante o velho sacerdote
 Fazia a sua oração,
 As mãos em cruz sobre o peito,
 Giolhos postos no chão.

Armas que sempre cingia,
 Todalas tinha despido;
 Não tinha sedas, nem joias,
 Mas peito d' aço batido:
 Era qual homem vivente
 Em ferrea prizão mettido.

Curva-se hum rey poderoso
 Perante hum homem de pé;
 Perante hum Padre coitado,
 Que nada tem, nada he:
 Licção profunda e subida,
 Preceitos da nossa fé!

Portas á dentro do templo,
 Onde Deos eterno habita,
 Onde aquelle amor sem zelos
 Somente os peitos agita,
 Nas differenças do mundo
 Fiel christão não cogita.

Foy assi na antiga Roma
 Polas festas saturnais,
 Folgavão, senhor e servo,
 Como se forão iguais;
 Mas o que lá foy licença,
 Aqui são leys divinais:

Aqui são todos curvados,
 Todos — o servo, o senhor;
 Aquelles que a vida fruem,
 E aquelles que só tem dôr;
 Pobres, que almeirão a morte,
 Ricos, que á morte hão pavor.

Nem he por vil comezaina,
 Que ally reunidos estão;
 Mas sim, por que a Deos importa
 Que não haja distincção
 Entre irmãos, no patrio abrigo,
 Rezando a mesma oração.

Sóbe assi aquella prece
 Da multidão apinhada,
 Qual lisongeiro perfume
 Das flores d'huma grinalda;
 Tem huma odor, outra espinhos,
 Outras tem côr, outras nada.

Era aly na pedra raza
 O senhor rey Dom João;
 Já disse as culpas que tinha,
 Já fez a sua oração:
 O Padre vai ministrar-lhe
 A hostia da communhão.

Tem no rosto grave e serio
 Expressão nobre e subida;
 Maneiras cheias de brio
 Em postura comedida,
 Parece que vão mostrando
 Quanto val o pão da vida.

Parece que mostra, quanto
 Por vil e baixo se tem,
 Merecendo honra tamanha,
 Que a não merece ninguem;
 Dahy lhe vem ser humilde,
 Nobreza dahy lhe vem.

Perfez-se o rito sagrado,
 Vai ser dado o sacramento;
 Principia el-rey — *confiteor*, —
 Quando n'aquelle momento
 Surge ao pé d'elle um guerreiro
 De marcial hardimento.

Tinha feroz catadura,
 Só aço e ferro vestia,
 Polas grades da vizeira
 Raios de luz despedia:
 Medonho e fero apparato
 Nas sombras da sacristia.

Era o rey brioso e forte,
 Homem de muito valor,
 Mas olhos lançou á espada
 A furto! . . . seja o que for,
 Não creio que homens d'aquelles
 Possão jamais ter pavor.

Em voz carregada e forte
 Assi começa o guerreiro:
 «Em nome do Senhor Deos,
 Meo Padre, aqui vos requeiro;
 O senhor rey não commungue,
 Pois que não he justiceiro.»

A hostia das mãos do Padre
 Cahio do calix no fundo;
 El rey carrega os sobr'olhos...
 Certo não era jocundo
 Affrontar de rosto a rosto
 As sanhas de João segundo.

Era então fresca a memoria
 De hum caso máo, miserando:
 De noite se ergueo a forca;
 Mas quando o sol foy raiando,
 Não vio ninguem mais a forca,
 Nem mais ao duque Fernando!

Comtudo o bravo guerreiro
 Sanhas do rey não quiz ver;
 Não ha que lhe ponha embargos,
 Nem que lhe possa empecer:
 «Senhor, sou Padre Tavares!»
 Fita-o el-rey sem querer.

Depois lhe diz (que tal nome
 Quebrára a furia real):
 «Em bem, meo bravo guerreiro!
 Mas esse trem, de que val?
 Somos em terras d'Hespanha,
 Ou somos em Portugal?»

— «Senhor, não uzo brocados:
 Vedes-me assi, e he razão,
 Que haveades os meos haveres
 Sem me deixardes, senão
 Armas comidas no peito,
 Armas gastadas na mão.

— «Fui ter ao vosso palacio,
Ninguem me não conheceo;
Quantos ally são comvosco,
Eu vos direi, senhor meo:
Nunca os eu vi nos combates,
Nunca na guerra os vi eu!

— «Voltei d'ally, protestando
Jamais não voltar ally;
Conheceis as minhas armas,
Se não conheceis a mi;
Vesti-me á modo de guerra,
Vim ter comvosco, — eis-me aqui!

— «As minhas alcaydarias
De Portal'gre e Assumar,
Senhor rey, vós m'as tirastes,
O que se chama tirar;
Ficavão perto da raya,
Máo azo de guerrear.

— «Das minhas alcaydarias
Eu tinha as rendas reais;
As guerras já são passadas,
Porque ora m'as não tornais?
Mal cabe em reys a cubiça,
Senhor, se m'as cubiçais.

— «Nem porque o velho guerreiro
Já nada vos presta e val,
Vos deveis portar com elle,
Qual dono pouco leal,
Que o seo corsel de batalla
Despreza no almargeal.

— «Assi que, Senhor, vos digo
Que vos não peço mercê;
Aquillo que me he devido,
Só peço que se me dê! —»
Prouve ao rey aquelles ditos
E mais o geito que vê.

Depois a mão estendendo
 Ao seo leal lidador:
 «Nós vos faremos justiça,
 Assi como justo for;
 Tendes a nossa palavra,
 Seja-vos ella penhor!»

Alegre o Padre Thomaz
 O seo mister rematou;
 Hostia tomada do calix
 Aos labios do rey chegou,
 El-rey d'hum copo doirado
 Hum gole d'agoa tomou.

Mimoso tempo d'outrora
 Qual nunca mais o verei,
 Nem tam inteiros sugeitos,
 Hum ao outro dando a ley:
 No Paço o rey ao vassallo,
 Na Igreja o vassallo ao rey!

S O L Á O

DE GONÇALO HERMIGUEZ.

Não ha mais d'aquelle tempo,
 Em que era tudo lhaneza!
 Acções e vida e costumes
 Desta gente portugueza,
 Por tal geito se trocarão,
 Que he hoje tudo impureza.

Não trato d'este ou d'aquelle,
 Pois ha em tudo exeições;
 Mas trato da grande lépra
 Que vejo hy nos corações:
 Desprêso do amor da gloria
 E apêgo ás ruins tenções.

Outrora, sabeis vós como
 Garboso Donzel se havia
 Por captar nobres extremos
 Da moça que requeria,
 Sempre grave, honesto e brando,
 Sempre uzando cortezia?

Não trescalava pivetes,
 Fitas, nem laços comprava,
 Nem toda a manhã divina
 Seos enfeites concertava,
 Nem nos chapins se revia,
 Nem nos cabellos primava.

Não corria seca e meca
 Traz de mimosa donzella,
 Que nas ruas lobrigava;
 E por ver mais perto a bella
 Não hia ao templo sagrado,
 Somente por amor della.

Nem as noites janeirinhas
 Mais compridas e mais frias,
 Levava mofino amante,
 Por baixo das gelozias,
 Desenfiando hum rosairo
 De trovas e ninharias.

Jamais não foy esse o estilo
 Do moço em armas novel,
 Em que experto dedilhasse
 Na lyra do menestrel,
 No tempo em que, não domada,
 Lutava a gente infiel.

Por mais que amores amasse,
 Por mais que fosse gentil,
 Ninguem n'ó vira a deshoras,
 Como homem de tenção vil,
 Como hum ladrão que de medo
 Vai passo e manso e subtil.

Não pedia manto ás sombras,
 Nem ao silencio mercê,
 Nem do sol se arreceiava,
 Como homem que pouco vê,
 Nem da lua appellidada
 A casta, não sei porquê.

Mas antes no amphitheatro,
 Coberto de espectadores,
 Onde mais povo corria,
 Mais bellas e justadores,
 Na arena se apresentava
 Com letra e tenções d'amores.

No meio d'aquella chusma
 D'arautos e passavantes,
 Mantenedores do campo
 Reys d'armas e circumstantes,
 Feixes d'armas resplendentes,
 Ondas de plumas brilhantes:

Entrava o novel guerreiro
 No cerco dos justadores!
 De alguma dona sizuda
 Na charpa trazia as cores;
 Tinhão amores ás claras,
 Por que erão nobres amores.

Silêncio! que sôa a trompa,
 A justa vai começar!
 Entre si ferem mil lutas
 Guerreiros a par e par:
 Da lança feita pedaços
 Voão estilhas ao ar.

Levão logo mão da espada;
 Que feios golpes se dão!
 Abolão-se capacetes,
 Talhão-se arnezes; e a mão
 Certeira ao travez da malha,
 Vai direita ao coração.

La sôa de novo a trompa,
 Proclama-se o vencedor,
 Que aos pés da bella entre as bellas
 O seo trophéo vem depor:
 Ao mais valente a mais bella,
 Ao mais gentil mais amor.

Era a ley, — e até parece
 De acordo co'a natureza,
 Que se compraz no consorcio
 Da força co'a gentileza;
 Mais alma com mais coragem,
 Mais brio com mais nobreza.

A abelha construe seos favos
 Em troncos alevantados;
 E eis a hera graciosa,
 Que em abraços apertados
 Não cinge mesquinho junco,
 Mas carvalhos alentados.

Boa era a ley! — mas eu creio
 Que lhe descubro hum senão;
 Quem nos diz que o mais valente
 Deva de ter mais razão,
 Porque seja a sua dona
 Como hum vaso d'eleição?

Seria coiza de ver-se,
 E coiza de mui folgar,
 Ver um dragão de mulher,
 Chamada a bella sem par,
 A' pura força de espada,
 Sem mais pôr, nem mais tirar!

He bella: e al não digais,
 Sob pena d'hum fendente,
 Que vem do céo, como hum raio,
 Provar ao villão que mente,
 Co'os dentes que tem na bocca,
 Como hum perro maldizente!

Fosse o caso como fosse,
 He certo que d'ahy vem
 A's nossas donas de agora,
 Aquelle sestro que têm
 De amarem a militança
 Melhor do que a nenhum bem.

Qual não gosta de ser bella,
 Ao menos de o parecer?
 Em quanto muitas . . . Deos meo,
 Eu me sei compadecer,
 Soffro o mal que os outros passão,
 Mais talvez que o meo soffrer.

Muitas ha hy, que eu conheço,
 Que aqui na terra não são,
 Senão porque as vós mandastes,
 Meo Deos, por occasião
 De tedio e nojo ao peccado,
 E morte da tentação.

Té os moços, que as namorão,
 Dirão no confessional,
 Jurando por Deos eterno
 E pola vida eternal,
 Que se fallão d'elle e della,
 He puro aleive e não al.

Vede pois qual não seria
 O pasmo dessa donzella,
 Proclamada ao meio dia
 Fermosa como huma estrella,
 Sem que houvesse ah y no mundo
 Coiza melhor, nem mais bella!

Logo no fraco bestunto
 Julgára, sem mais razão,
 Que n'este mundo mesquinho
 He tudo engano e huzão,
 E té que a propria belleza
 He coiza de convenção!

Era assi que n'outras eras
 Garboso donzel se havia
 Por captar nobres extremos
 Da moça que requeria,
 Á ponta de fina espada
 E arrojos de valentia.

No tempo de Alphonso Henriques,
 Que foy nosso rey primeiro,
 Havia na sua côrte,
 Côrte de rey mui fragueiro,
 Hum tal Gonçalo Hermiguez,
 Destemido cavalleiro.

Era moço e mui donoso,
 De mui boa nomeada:
 Fiava el-rey muito delle,
 E a raynha Mafalda
 Folgava de ouvir-lhe os cantos
 Aos sons da lyra afinada.

Portas a dentro do Paço
 Não tinha nenhum rival
 Em compor trovas mimosas;
 E no campo e no arrayal
 Não n'ò havia mais valente,
 Mais forte, nem mais leal.

Quanta sanha que elle tinha,
 Votára a gente infiel,
 Porque o pay lhe havião morto,
 Era elle ainda novel;
 Vel-os porêem não podia,
 Nem pintados no papel.

Era o mesmo ver a hum destes
 E entrar logo em sanha tal,
 Que era força ter mão d'elle,
 Ou saltava-lhe ao gorjal
 Pera torcer-lhe o gasnate,
 Como se fôra hum pardal.

Mas se tinhão tento n'elle,
 Era outro conto ruim!
 Cabia logo em desmaios,
 Que era hum desmaio sem fim!
 Dó era ver tal sujeito
 Prostrado e defuncto assi.

Andava sempre occupado
 Em perpetua correria
 Polas terras do mourisco,
 E muito mal lhes fazia;
 Dava porêem mór realce
 Ao nome que já trazia.

Como fosse e os companheiros
 Em hum saráo folgazão,
 Lembrou-se que perto vinha
 A noite de Sam João,
 Azado ensejo de aos Mouros
 Fazer-se affronta e lezão.

Cheia de bello hardimento,
 Aquella nobre nobreza
 Por amor de seos amores
 Commette tam grande empreza,
 Qual a de hir terras de Mouros
 Com feros, ronco e braveza.

Qual apresta o seo ginete,
 Qual a fita dependura
 No collo nunca domado;
 Qual a pesada armadura
 Inverga, e ahy se recolhe,
 Como em arce mui segura!

Qual a Deos por testemunha
 Toma da sua tenção,
 Qual aos pés da sua dona
 Requer-lhe extremo condão,
 Extremo volver dos olhos,
 Extremo apertar da mão!

Qual desly toma algum nome
 Por grito de accommetter,
 Que nas lidas e pelejas
 Saberá fazer valer!
 Qual sente o nojo futuro,
 Em mal, que lá vai morrer!

Mas nunca será que o rosto
 Mostre o que n'alma lhe mora:
 Quem vio a morte passar-lhe
 De perto, já não descora
 Por hum presagio funesto,
 Sendo ella coiza d'huma hora.

Aquelles bons cavalleiros
 Azinha promptos estão;
 Lá se partem de Coimbra,
 Montes alem já lá vão!
 Ninguem vio mais escolhido,
 Nem mais luzido esquadrao.

Entre elles por mais robusto
 Gonçalo Hermiguez campeia;
 Diz seo porte sublimado,
 Que de nada se arreceia,
 Mas antes que a todos repta,
 De tanto que o collo alteia!

Caminho vão de Lisboa
 Com todo apercebimento!
 Não convem que se apreatem
 D'aquelle accommettimento
 Mouros que vivem na regra
 Do seo alkorão nojento!

Sabeis a regra qual seja?
 He viver dentro do harem,
 Dizendo mal do toicinho
 E mais do vinho tambem,
 Sem que lhe pêze este mundo,
 Sem que lhe pêze ninguem!

He vegetar entre flores,
 He viver vida folgada,
 Aspirando incenso e odores
 Em molleza effeminada,
 Nem que fosse huma odalisca,
 Ou mulher alambicada.

Pozerão todos a mira
 Em Alcacere do Sal,
 Covil de feras humanas,
 Não de cordeiros curral;
 Nó gordio do vil mourisco,
 O ferro o corta, não al!

Os que por terra a demandão
 Vão em procura d'Almada,
 Alcáçova dura e forte,
 Em rija pedra assentada,
 Como pedra preciosa
 Em ferrea c'roa engastada.

Outros lá vão Tejo arriba!
 O' Tejo, quanto me he grata
 Essa placida corrente,
 Quando a lua se retrata,
 Chovendo chuva de raios,
 No teo chão de lisa prata!

Que doce que he teo remanso,
 Quando manso o vento gyra,
 Que nas folhas rumoreja,
 E como que ally suspira
 Melindres d'amor suave,
 Que nem tangidos na lyra!

Que arroubos que infiltras n'alma,
 Quando vai ao som das agoas
 Navegando o passageiro;
 Já, se as tem, não sente as fragoas,
 Que no peito a dôr derrama,
 Como huma enchente de magoas!

Mas talvez dos cavos olhos
 Polas faces a correr
 Sinta o pranto represado
 Polo seo muito soffrer:
 Corra embora, qu'esse pranto
 Dôr não he, senão prazer!

Que neste val' de amarguras,
 Onde viemos penar,
 Por cada dia hum marteyro
 Por cada instante hum pezar,
 He bem feliz quem só passa
 Dores que fazem chorar!

Não sei ledice o que seja,
 Nem o que seja prazer;
 Nunca os senti n'esta vida,
 Nem n'os posso conhecer;
 Que não sou dos bemfadados,
 E nunca o não hei de ser!

Mas o pranto extravasado
 Não he quem nos dá morrer,
 Nem quem o viço dos annos
 Faz seccar e emmurcheçar;
 He antes aquelle pranto
 Que não sabemos verter.

Lá vão hindo Tejo acima,
 Olhos longos polo mar,
 Lá onde enchergão Lisboa
 Com fogueiras de espantar;
 Fogo accendido na terra
 Sóbe em centelhas ao ar!

D'aquelles fogos accessos
 Em roda os velhos estão,
 E as donzellas feiticeiras
 Com sorriso folgazão,
 Cantando coytas de amores,
 Quites de coytas então.

He a noite milagrosa
 Do Bautista milagroso,
 Té dos mouros da mourama
 Havido por glorioso:
 Folgão nobres e senhores,
 Folga o 'villão descuidoso.

Horas de noite folgada
 Não tardão, não têm vagar:
 A noite assi do Bautista
 Vai serena a escorregar,
 Como areia da ampulheta,
 Hum grão e outro a tombar!

Vai assi como o perfume
 Respirado d'uma frol,
 Que não vemos, mas sentimos;
 Que sentimos no arrebol
 Da manhã, que pola terra
 Se espalha em antes do sol!

Vai assi como o rocio
 De serena madrugada,
 Rorejado gota a gota
 De branca nuvem prenhada
 Sobre o calice musgoso
 De huma flor avelludada.

Vai assi, qual sóe prender-se,
 Em quem de amores não cura,
 Doce peçonha de amores:
 Donzella de vida pura,
 Quando ha temores de havel-o,
 He qu'elle já não tem cura.

Do Alcacer as lindas filhas,
 Já era nascida a aurora,
 Pera ver uma corrida
 Sahirão portas a fóra,
 E mais pera colher flores,
 Persuadidas da hora.

Logo sahidas no prado
 Forão, qual sohem de ser
 Mansas agoas d'hum regato
 Em chão sem leito a correr,
 Cada qual por seo caminho,
 Cada qual a seo prazer!

Desly pulando e cantando
 Vão nas matas de alecrim,
 Colhem a rosa corada
 E a branca flor do jasmim;
 Brincão brinquedos contentes,
 Folgão folguedos sem fim!

Oh! que festas! que alegrias!
 Que arruido vai no prado!
 Que bem cantado rimance,
 Que soláo tãobem cantado!
 Não têm as aves atito,
 Nem gorgeio mais brincado!

Oh! que vozes melindrosas,
 Que accentos encantadores
 N'aquelle prazer d'huma hora!
 As moças vão colher flores,
 E os moços que vão com ellas
 Vão lá por colher amores.

Eis nisto . . . estranho arruido!
 Rouca trompa abala o ar;
 Logo assomão cavalleiros
 Com figuras de espantar:
 Allah nos valha, mofinas!
 Dizem moiras a chorar.

Allah! repetem n'os Mouros,
 Vendo o pendão portuguez;
 E do alfange recurvado
 Levão mão sem pavidez!
 Feios golpes se preparão,
 Outra folgança outra vez!

Retine o ferro no ferro,
 Talhão-se cotas e arnezes;
 O fino alfange mourisco
 Abre o elmo aos portuguezes;
 E a espada que bem degola,
 Bem multiplica os revezes.

Lá chega o alarma á Cidade!
 Lá vem mouros descançados
 Em descançados ginetes:
 Cavalleiros esforçados,
 Que por Christo Deos pelejão,
 Não têm de que ter cuidados.

Gonçalo Hermiguez, o cabo,
 Avante! brada, e não al:
 Brilha o valente nas lides,
 Que ally não acha rival,
 Aquelle cabo entre todos
 Sanhudo e forte e fatal.

Maneja tam facilmente
 O seo pesado montante,
 Que Alcides com sua clava,
 E nem o Titan gigante,
 Serra a serra sobrepondo
 Não tinha aquelle semblante.

Eilo vai per entre os mouros,
 Abre entre elles larga estrada;
 Quem fica em prisão de guerra,
 Quem lá foge em debandada!
 Ficão moiras prisioneiras,
 Mulheres — gente coitada!

Gonçalo Hermiguez em tanto
 Vio que longe lhe fugia
 Linda moira desmaiada,
 Que hum moço mouro cingia,
 Dando d'esperas ao bruto,
 Que mais que o vento corria!

Vai sobre elles sem tardança:
 Com quanto de arremeção
 Matal-o tambem podera,
 Certo o fizera, senão
 Temesse que a moira bella
 Morresse de sua mão.

Mais logo que foy com elle,
 D'hum golpe que despedio,
 Cerce o cortou pelo meio:
 Golpe assi nunca se vio!
 E a moira tomando em braços,
 Azinha daly fugio.

Passou terrivel com ella
 Por meio da gente fera;
 Quem n'o vira tam sanhudo,
 Leão raivoso dissera,
 Passando a travez dos homens
 Com a preza que fizera.

Eis nasce novo combate,
 Nova peleja maior!
 Muitos homens contra hum homem,
 Contra hum forte lutador;
 Mas hum só que a todos vence
 Em força, esforço, e valor!

Mal podia a mão sinistra
 Vibrar a sangrenta espada,
 Co'o pejo d'aquella moira
 Disputada e desmaiada,
 Cujo corpo em dois pendia,
 Como huma frexa quebrada.

Mas inda assi despedia
 Hum golpe e outro cruel:
 E de encontro á este, á aquelle
 Mandava o seo bom corsel,
 Que a turba multa alastrava
 Aos pés do nobre donzel.

Quando a ventura he incerta,
 Acerta em aventurar
 Quem a empreza disputada
 Tem desejos de acabar:
 Só elle demóra em terra,
 Que os seos já são sobre o mar!

Torce as redeas ao ginete,
 Larga carreira arrepia,
 Larga estrada co'o montante
 Por entre os mouros se abria,
 Despedia muitos golpes,
 Muitos estragos fazia.

Chega a praia, os seos avista
 Mas os mouros perto vêm!
 Como isto vio, torce o rosto,
 Medonho como ninguem;
 Temem-se mouros de o verem;
 Párão, como elle, tambem!

Vão assi feros monteiros
 Traz d'hum urso mal sangrado,
 Que de repente a carreira
 Revira, e vólta agastado:
 Parão monteiros ao vel-o
 Raivoso e mal assombrado.

E a fera d'aquelle pasmo,
 Sabendo, em seo bem, valer-se,
 Vai a passos descansados
 Em densa mata esconder-se,
 Sem temor da montaria,
 Sem dos monteiros temer-se.

Tal o forte Traga-mouros
 Salta dentro do baixel;
 Na praia ficão pasmados
 Mouros, do feito novel,
 Tamanho, que nem sonhado
 Foy jamais por menestrel.

E os companheiros aos ventos
 Desfraldão velas e panos,
 Deixando as praias tingidas
 Em sangue por muitos annos;
 Quantos bastem, porque chorem
 Seo dezar os musulmanos.

Aos alegres companheiros
 Disse o guerreiro feliz:
 «Das prezas, que nos fizemos,
 Quero tam só a que eu fiz,
 A moira que por seo nome
 Fatima em Turco se diz!»

Então aquelle seo canto
 Principiou a compor:
 Cant'eu, por vergonha minha,
 Em bem que o saiba de cór,
 Digo que sal lhe não acho,
 Nem sei de coiza pior.

Mas era o soláo por certo
 Aos tempos accommodado,
 Que de outro cantar não acho
 Que fosse mais decantado,
 Nem Figueiral Figueredo,
 Nem o Ficade coitado.

E a moira já bautisada
 Pertenceo ao lidador,
 Duas vezes conquistada
 Polo donzel, seo senhor,
 Primeiro á força de espada,
 Depois á força de amor.

Era assi n'aquelle tempo
 Coiza sabida e seguida,
 Remanso depois da gloria,
 Descanço depois da lida,
 E a fé que espera e milita
 Nos actos todos da vida!

Vede vós quamanho he o lucro,
 Que lucra a moira pagã,
 Desposando o cavalleiro,
 Tornada e feita christã;
 He vida e sangue de hum homem,
 Não de infieis barregã!

He como tropheo ganhado
 Em guerras de religião
 Por algum peito devoto,
 Que por sua devação
 Prometteo dependural-o
 Dentro de templo christão.

O canto aqui finaliso!
 Não devo d'hir por diante,
 Narrando casos da vida
 Per natureza inconstante,
 Trabalhos que sempre durão,
 Prazer que dura hum instante!

Foy o cabo dos amores
 A moça moira acabar
 E sobre hum covão aberto
 Hum homem posto a chorar,
 Hum homem de dó coberto,
 A carpir-se, a prantear!

ULTIMOS CANTOS.

AO

MEU CARO E SAUDOSO AMIGO

O DR. ALEXANDRE THEOPHILO DE
CARVALHO LEAL

OFFERENDO-LHE ESTE VOLUME DE POESIAS,
quando pela primeira vez forão impressas. *)

Eis os meus ultimos cantos, o meu ultimo volume de poesias soltas, os ultimos harpejos de uma lyra, cujas cordas forão estalando, muitas aos balanços asperos da desventura, e outras, talvez a maior parte, com as dores de um espirito enfermo, — ficticias, mas nem por isso menos agudas, — produzidas pela imaginação, como se a realidade já não fosse por si bastante penosa, ou que o espirito, affeito a certa dose de soffrimento, se sobresaltasse de sentir menos pezada a costumada carga.

No meio de rudes trabalhos, de occupações estereis, de cuidados pungentes, — inquieto do presente, incerto do futuro, derramando um olhar cheio de lagrimas e saudades sobre o meu passado — percorri este primeiro estadio da minha vida litteraria. Desejar e soffrer — eis toda a minha vida neste periodo; e estes desejos immensos, indiziveis, e nunca satisfeitos, — caprichosos como a imaginação, — vagos como o oceano, — e terriveis como a tempestade; e estes soffrimentos de todos os dias, de todos os instantes, obscuros, implacaveis, renascentes, — ligados a minha existencia,

*) Em 1851, na typographia do Sr. Paula Brito.

reconcentrados em minha alma, devorados commigo, umas vezes me deixarão sem força e sem coragem, e se reproduzirão em pallidos reflexos do que eu sentia, ou me forçarão a procurar um alivio, uma distracção no estudo, e a esquecer-me da realidade com as ficções do ideal.

Se as minhas pobres composições não forão inteiramente inuteis ao meu paiz; se algumas vezes tive o maior prazer que me foi dado sentir — a mais lisongeira recompensa a que poderia aspirar, — de as saber estimadas pelos homens da arte, daquelles, que segundo o poeta, porque a entendem, a estimão, e repetidas por aquella classe do povo, que só de cór as poderia ter aprendido, isto é, dos outros que a comprehendem, porque a sentem, porque a adivinhão — paguei bem caro esta momentanea celebridade com decepções profundas, com desenganos amargos, e com a lenta agonia de um martyrio ignorado.

Melhor que ninguem o sabes: podes a teu grado sondar os arcanos da minha consciencia, e não te será difficil descobrir o segredo das minhas tristes inspirações. Os meus primeiros, os meus ultimos cantos são teus: o que sou, o que for, a ti o devo, — a ti, ao teu nobre coração, que durante os melhores annos da juventude bateu constantemente ao meu lado, — a aragem bemfazeja da tua amizade sollicita e desvelada, — a tua voz que me animava e consolava, — a tua intelligencia que me vivificava — ao prodigio de duas indoles tão assimiladas, de duas almas tão irmãs, tão gêmeas, que uma dellas rematava o pensamento apenas enunciado da outra, e aos sentimentos unisonos de dous corações, que mutuamente se fallavão, se interpretavão, se respondião sem o auxilio de palavras. Duplicada a minha existencia, não era muito que eu me sentisse com forças para abalançar-me a esta empreza; e agora que em parte a tenho concluido, é um dever de gratidão, um dever para que sou attrahido por todas as potencias da minha alma, escrever aqui o teu nome, como talvez seja o derradeiro que escreverei em minhas obras, o ultimo que os meus labios pronunciem, se nos paroxismos da morte se poder destacar inteiramente do meu coração.

Ser-me-hia doloroso não cumprir os teus desejos, — não satisfazer as esperanças, que em mim tinhas depositado, — não realizar a expectação da tua desinteressada amizade. Entrei na luta, e procurei disputar ao tempo uma fraca parcella da sua duração, não por amor do orgulho, nem por amor da gloria; mas para que, depois da morte de ambos, uma só que fosse das minhas producções sobrenadasse no olvido, e por mais uma geração estendesse a memoria tua e minha. Assim passa a onda sobre um navio que soçobra, e atira á praias desconhecidas os destroços de um mastro embrulhado nas vestes dos navegantes.

Entrei na luta, e por mais algum tempo continuarei nella, variando apenas o sentido dos meus cantos. A fé e o enthusiasmo, o oleo e o pabulo da lampada que alumia as composições do artista, vão-se-me esfriando dentro do peito; eu o conheço e o sinto; se pois ainda persisto nesta carreira, é por teu respeito: continuarei — até que, satisfeito dos meus esforços, me digas: basta! — Então, já t'ò heido, voltarei gostoso á obscuridade, donde não devera ter sahido, e — como um soldado desconhecido — contarei os meus triumphos pelas minhas feridas, voltando á habitação singela, onde me correrão, não felizes, mas os primeiros dias da minha infancia.

Minha alma não está commigo, não anda entre os nevoeiros dos Orgãos, involta em neblina, balouçada em castellos de nuvens, nem rouquejando na voz do trovão. Lá está ella! — lá está a espreguiçar-se nas vagas de S. Marcos, a rumorejar nas folhas dos mangues, a susurrar nos leques das palmeiras: lá está ella nos sitios que os meus olhos sempre virão, nas paisagens que eu amo, onde se avista a palmeira esbelta, o cajazeiro coberto de cipós, e o páu d'arco coberto de flores amarellas. Alli sim, — alli está — desfeita em lagrimas nas folhas das bananeiras — desfeita em orvalho sobre as nossas flores, desfeita em harmonia sobre os nossos bosques, sobre os nossos rios, sobre os nossos mares, sobre tudo que eu amo, e que em bem veja eu em breve! Ahi, outra vez remoçado e vivificado de

todos os annos que espedicei, poderei enchugar os meus vestidos, voltar aos gozos de uma vida ignorada, e do meu lar tranquillo ver outros mais corajosos e mais felizes que eu affrontar as borrascas desencadeadas no oceano, que eu houver para sempre deixado atraz de mim.

Rio de Janeiro, 17 de agosto de 1850.

A. GONÇALVES DIAS.

POESIAS AMERICANAS.

I.

O GIGANTE DE PEDRA.

O guerriers! ne laissez pas ma dépouille au corbeau!
Ensevelissez-moi parmi des monts sublimes,
Afin que l'étranger cherche, en voyant leurs cimes,
Quelle montagne est mon tombeau!

V. HUGO. *Le Géant.*

I.

Gigante orgulhoso, de fero semblante,
N'um leito de pedra lá jaz a dormir!
Em duro granito repousa o gigante,
Que os raios sómente poderão fundir.

Dormido atalaia no serro empinado
Devêra cuidadoso, sanhudo velar;
O raio passando o deixou fulminado,
E á aurora, que surge, não ha de acordar!

Co'os braços no peito cruzados nervosos,
Mais alto que as nuvens, os céos a encarar,
Seu corpo se estende por montes fragosos,
Seus pés sobranceiros se elevão do mar!

De lavas ardentes seus membros fundidos
Avultão immensos: só Deos poderá
Rebelde lançal-o dos montes erguidos,
Curvados ao peso, que sobre lhe 'stá.

E o céu, e as estrellas e os astros fulgentes
 São velas, são tochas, são vivos brandões,
 E o branco sudario são nevoas algentes,
 E o crepe, que o còbre, são negros bulções.

Da noite, que surge, no manto fagueiro
 Quiz Deos que se erguesse, de junto a seos pés,
 A cruz sempre viva do sul no cruzeiro,
 Deitada nos braços do eterno Moysés.

Perfumão - no odores que as flores exhalão,
 Bafejão - no carmes de um hymno de amor
 Dos homens, dos brutos, das nuvens que estalão,
 Dos ventos que rugem, do mar em furor.

E lá na montanha, deitado dormido
 Campeia o gigante, — nem póde acordar!
 Cruzados os braços de ferro fundido,
 A frente nas nuvens, os pés sobre o mar!

II.

Banha o sol os horisontes,
 Trepas os castellos dos céos,
 Aclara serras e fontes,
 Vigia os dominios seus:
 Já descahe p'ra o occidente,
 E em globo de fogo ardente
 Vai-se no mar esconder;
 E lá campeia o gigante,
 Sem destorcer o semblante,
 Immovel, mudo, a jazer!

Vem a noite após o dia,
 Vem o silencio, o frescor,
 E a brisa leve e macia,
 Que lhe suspira ao redor;
 E da noite entre os negros,es,
 Das estrellas os fulgores

Brilhão na face do mar:
Brilha a lua scintillante,
E sempre mudo o gigante,
Immovel, sem acordar!

Depois outro sol desponta,
E outra noite também,
Outra lua que aos céos monta,
Outro sol que após lhe vem:
Após um dia outro dia,
Noite após noite sombria,
Após a luz o bulcão,
E sempre o duro gigante,
Immovel, mudo, constante
Na calma e na cerração!

Corre o tempo fugidio,
Vem das aguas a estação,
Após ella o quente estio;
E na calma do verão
Crescem folhas, vingão flores,
Entre galas e verdores
Sazonão-se fructos mil;
Cobrem-se os prados de relva,
Murmura o vento na selva,
Azulão-se os céos de anil!

Tornão prados a despir-se,
Tornão flores a murchar,
Tornão de novo a vestir-se,
Tornão depois a seccar;
E como gota filtrada
De uma abobada escavada
Sempre, incessante a cair,
Tombão as horas e os dias,
Como phantasmas sombrias,
Nos abysmos do porvir!

E no feretro de montes
 Inconcusso, immovel, fito,
 Escurece os horisontes
 O gigante de granito:
 Com soberba indifferença
 Sente extincta a antiga crença
 Dos Tamoyos, dos Pagés;
 Nem vê que duras desgraças,
 Que lutas de novas raças
 Se lhe atropellão aos pés!

III.

E lá na montanha deitado dormido
 Campeia o gigante! — nem póde acordar!
 Cruzados os braços de ferro fundido,
 A fronte nas nuvens, e os pés sobre o mar!

IV.

Vio primeiro os incolas
 Robustos, das florestas,
 Batendo os arcos rigidos,
 Traçando homereas festas,
 A' luz dos fogos rutilos,
 Aos sons do murmuré!
 E em Guanabara esplendida
 As danças dos guerreiros,
 E o guáu cadente e vário
 Dos moços prazenteiros,
 E os cantos da victoria
 Tangidos no boré.

E das ygaras concavas
 A frota aparelhada,
 Vistosa e formosissima
 Cortando a undosa estrada,
 Sabendo, mas que frageis,
 Os ventos contrastar:

E a caça leda e rapida
 Por serras, por devesas,
 E os cantos da janubia
 Junto ás lenhas accesas,
 Quanto o tapuya misero
 Seos feitos vai narrar!

E o germen da discordia
 Crescendo em duras brigas,
 Ceifando os brios rusticos
 Das tribus sempre amigas,
 — Tamoy a raça antigua,
 Feroz Tupinambá.

La vai a gente improvida,
 Nação vencida, imbelle,
 Buscando as matas invias,
 Donde outra tribu a expelle;
 Jaz o pagé sem gloria,
 Sem gloria a maracá.

Depois em náos flammivomas
 Um troço hardido e forte,
 Cobrindo os campos humidos
 De fumo, e sangue, e morte,
 Traz dos reparos horridos
 D'altissimo pavez:

E do sangrento pelago
 Em miseras ruinas
 Surgir galhardas, limpidas
 As portuguezas quinas,
 Murchos os lises candidos
 Do improvido gaulez!

V.

Mudarão-se os tempos e a face da terra,
 Cidades alastrão o antigo paúl;
 Mas inda o gigante, que dorme na serra,
 Se abraça ao immenso cruzeiro do sul.

Nas duras montanhas os membros gelados
 Talhados a golpes de ignoto buril,
 Descança, ó gigante, que encerras os fados,
 Que os terminos guardas do vasto Brasil.

Porém se algum dia fortuna inconstante
 Poder-nos a crença e a patria acabar,
 Arroja-te ás ondas, ó duro gigante,
 Inunda estes montes, desloca este mar!

II.

LEITO DE FOLHAS VERDES.

Porque tardas, Jatyr, que tanto a custo
 Á voz do meu amor moves teus passos?
 Da noite a viração, movendo as folhas,
 Já nos cimos do bosque rumoreja.

Eu sob a copa da mangueira altiva
 Nosso leito gentil cobri zeloza
 Com mimoso tapiz de folhas brandas,
 Onde o frouxo luar brinca entre flores.

Do tamarindo a flôr abriu-se, ha pouco,
 Já solta o bogarî mais doce aroma!
 Como prece de amor, como estas preces,
 No silencio da noite o bosque exhala.

Brilha a lua no céu, brilhão estrellas,
 Correm perfumes no correr da brisa,
 A cujo influxo magico respira-se
 Um quebranto de amor, melhor que a vida!

A flôr que desabrocha ao romper d'alva
 Um só gyro do sol, não mais, vegeta:
 Eu sou aquella flôr que espero ainda
 Doce raio do sol que me dê vida.

Sejão valles ou montes, lago ou terra,
 Onde quer que tu vas, ou dia ou noite,
 Vai seguindo após ti meu pensamento;
 Outro amor nunca tive: es meu, sou tua!

Meus olhos outros olhos nunca virão,
 Não sentirão meus labios outros labios,
 Nem outras mãos, Jatyr, que não as tuas
 A arasoya na cinta me apertarão.

Do tamarindo a flôr jaz entre-aberta,
 Já solta o bogari mais doce aroma;
 Tambem meu coração, como estas flores,
 Melhor perfume ao pé da noite exhala!

Não me escutas, Jatyr! nem tardo acodes
 Á voz do meu amor, que em vão te chama!
 Tupan! lá rompe o sol! do leito inutil
 A brisa da manhã sacuda as folhas!

III.

Y - JUCA - PYRAMA.

I.

No meio das tabas de amenos verdes,
 Cercadas de troncos — cobertos de flores,
 Alteião-se os tectos d'altiva nação;
 São muitos seus filhos, nos animos fortes,
 Temiveis na guerra, que em densas cohortes
 Assombrão das matas a immensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de gloria,
 Já prelios incitão, já cantão victoria,
 Já meigos attendem á voz do cantor:
 São todos Tymbiras, guerreiros valentes!
 Seu nome lá vòa na bocca das gentes,
 Condão de prodigios, de gloria e terror!

As tribus visinhas, sem forças, sem brio,
 As armas quebrando, lançando-as ao rio,
 O incenso aspirarão dos seus maracás:
 Medrosos das guerras que os fortes accendem,
 Custosos tributos ignavos lá rendem,
 Aos duros guerreiros sugeitos na paz.

No centro da taba se estende um terreiro,
 Onde ora se aduna o concilio guerreiro
 Da tribu senhora, das tribus servis:
 Os velhos sentados praticão d'outr'ora,
 E os moços inquietos, que a festa enamora,
 Derramão-se em torno d'um indio infeliz.

Quem é? — ninguem sabe: seu nome é ignoto,
 Sua tribu não diz: — de um povo remoto
 Descende por certo — d'um povo gentil;
 Assim lá na Grecia ao escravo insulano
 Tornavão distincto do vil musulmano
 As linhas correctas do nobre perfil.

Por casos de guerra cahiu prisioneiro
 Nas mãos dos Tymbiras: — no extenso terreiro
 Assola-se o tecto, que o teve em prisão;
 Convidão-se as tribus dos seus arredores,
 Cuidosos se incumbem do vaso das cores,
 Dos varios aprestos da honrosa funcção.

Acerva-se a lenha da vasta fogueira,
 Entesa-se a corda da embira ligeira,
 Adorna-se a maça com pennas gentis:
 Á custo, entre as vagas do povo da aldeia
 Caminha o Tymbira, que a turba rodeia,
 Garboso nas plumas de vario matiz.

Em tanto as mulheres com leda trigança,
 Affeitas ao rito da barbara usança,
 O indio já querem captivo acabar:
 A coma lhe cortão, os membros lhe tingem,
 Brillhante enduápe no corpo lhe cingem,
 Sombria-lhe a fronte gentil kanitar.

II.

Em fundos vasos d'alvacentá argilla
 Ferve o cauim;
 Enchem-se as copas, o prazer começa,
 Reina o festim.

O prisioneiro, cuja morte anceião,
 Sentado está,
 O prisioneiro, que outro sol no occaso
 Jámais verá!

A dura corda, que lhe enlaça o collo,
 Mostra-lhe o fim
 Da vida escura, que será mais breve
 Do que o festim!

Com tudo os olhos d'ignobil pranto
 Seccos estão;
 Mudos os labios não descerrão queixas
 Do coração.

Mas um martyrio, que encobrir não póde,
 Em rugas faz
 A mentirosa placidez do rosto
 Na frente audaz!

Que tens, guerreiro? Que temor te assalta
 No passo horrendo?
 Honra das tabas que nascer te virão,
 Folga morrendo.

Folga morrendo; porque além dos Andes
 Revive o forte,
 Que soube ufano contrastar os medos
 Da fria morte.

Rasteira grama, exposta ao sol, á chuva,
 Lá murcha e pende:
 Sómente ao tronco, que devassa os ares,
 O raio offende!

Que foi? Tupan mandou que elle cahisse,
 Como viveu;
 E o caçador que o avistou prostrado
 Esmoreceu!

Que temes, ó guerreiro? Além dos Andes
 Revive o forte,
 Que soube ufano contrastar os medos
 Da fria morte.

III.

Em larga roda de noveis guerreiros
 Ledo caminha o festival Tymbira,
 A quem do sacrificio cabe as honras.
 Na frente o kanitar sacode em ondas,
 O enduápe na cinta se embalança,
 Na dextra mão sopesa a iverapeme,
 Orgulhoso e pujante. — Ao menor passo
 Collar d'alvo marfim, insignia d'honra,
 Que lhe orna o collo e o peito, ruge e freme,
 Como que por feitiço não sabido
 Encantadas alli as almas grandes
 Dos vencidos Tapuyas, inda chorem
 Serem gloria e brasão d'imigos feros.

«Eis-me aqui, diz ao indio prisioneiro;
 «Pois que fraco, e sem tribu, e sem familia,
 «As nossas matas devassaste ousado,
 «Morrerás morte vil da mão de um forte.»

Vem a terreiro o misero contrario;
 Do collo á cinta a musurana desce:
 «Dize-nos quem es, teus feitos canta,
 «Ou se mais te apraz, defende-te.» Começa
 O indio, que ao redor derrama os olhos,
 Com triste voz que os animos commove.

IV.

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo
Da tribu tupi.

Da tribu pujante,
Que agora anda errante
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci:
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.

Já vi cruas brigas,
De tribus imigas,
E as duras fadigas
Da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces
Os silvos fugaces
Dos ventos que amei.

Andei longes terras,
Lidei cruas guerras,
Vaguei pelas serras
Dos vis Aymorés;
Vi lutas de bravos,
Vi fortes — escravos!
De estranhos ignavos
Calcados aos pés.

E os campos talados,
E os arcos quebrados,
E os piagas coitados

Já sem maracás;
 E os meigos cantores,
 Servindo a senhores,
 Que vinhão traidores,
 Com mostras de paz.

Aos golpes do imigo
 Meu ultimo amigo,
 Sem lar, sem abrigo
 Cahio junto a mi!
 Com placido rosto,
 Sereno e composto,
 O acerbo desgosto
 Commigo soffri.

Meu pae a meu lado
 Já cego e quebrado,
 De penas ralado,
 Firmava-se em mi:
 Nós ambos, mesquinhos,
 Por invios caminhos,
 Cobertos d'espinhos
 Chegamos aqui!

O velho no em tanto
 Soffrendo já tanto
 De fome e quebranto,
 Só qu'ria morrer!
 Não mais me contenho,
 Nas matas me embrenho,
 Das frechas que tenho
 Me quero valer.

Então, forasteiro,
 Cahi prisioneiro
 De um troço guerreiro
 Com que me encontrei:
 O cru dessocego
 Do pae fraco e cego,
 Em quanto não chego,
 Qual seja, — dizei!

Eu era o seu guia
 Na noite sombria,
 A só alegria
 Que Deos lhe deixou:
 Em mim se apoiava,
 Em mim se firmava,
 Em mim descansava,
 Que filho lhe sou.

Ao velho coitado
 De penas ralado,
 Já cego e quebrado,
 Que resta? — Morrer.
 Em quanto descreve
 O gyro tão breve
 Da vida que teve,
 Deixai-me viver!

Não vil, não ignavo,
 Mas forte, mas bravo,
 Serei vosso escravo:
 Aqui virei ter.
 Guerreiros, não córo
 Do pranto que choro;
 Se a vida deploro,
 Tambem sei morrer.

V.

Soltai-o! — diz o chefe. Pasma a turba;
 Os guerreiros murmurão: mal ouvirão,
 Nem pode nunca um chefe dar tal ordem!
 Brada segunda vez com voz mais alta,
 Afrouxão-se as prisões, a embira cede,
 A custo, sim; mas cede: o estranho é salvo.
 — Tymbira, diz o indio enternecido,
 Solto apenas dos nós que o seguravão:
 Es um guerreiro illustre, um grande chefe,
 Tu que assim do meu mal te commoveste,

Nem soffres que, transposta a natureza,
Com olhos onde a luz já não scintilla,
Chore a morte do filho o pae cançado,
Que somente por seu na voz conhece.

— Es livre; parte.

— E voltarei.

— Debalde.

— Sim, voltarei, morto meu pai.

— Não voltes!

E bem feliz, se existe, em que não veja,
Que filho tem, qual chora: es livre; parte.

— Acaso tu suppões que me acobardo,
Que receio morrer!

— Es livre; parte!

— Ora não partirei; quero provar-te
Que um filho dos Tupis vive com honra,
E com honra maior, se acaso o vencem,
Da morte o passo glorioso affronta.

— Mentiste, que um Tupi não chora nunca,
E tu choraste! . . parte; não queremos
Com carne vil enfraquecer os fortes.

Sobresteve o Tupi: — arfando em ondas
O rebater do coração se ouvia
Precipite. — Do rosto afogueado
Gelidas bagas de suor corrião:
Talvez que o assaltava um pensamento . . .
Já não . . . que na enlutada fantasia,
Um pesar, um martyrio ao mesmo tempo,
Do velho pae a moribunda imagem
Quasi bradar-lhe ouvia: — Ingrato! ingrato!
Curvado o collo, taciturno e frio,
Espectro d'homem, penetrou no bosque!

VI.

— Filho meu, onde estás?

— Ao vosso lado;

Aqui vos trago provisões: tomai-as,
As vossas forças restaurai perdidas,
E a caminho, e já!

— Tardaste muito!

Não era nado o sol, quando partiste,
E frouxo o seu calor já sinto agora!

— Sim, demorei-me a divagar sem rumo,
Perdi-me nestas matas intrincadas,
Reaviei-me e tornei; mas urge o tempo;
Convem partir, e já!

— Que novos males

Nos resta de soffrer? — que novas dores,
Que outro fado pior Tupan nos guarda?
— As setas da afflicção já se esgotarão,
Nem para novo golpe espaço intacto
Em nossos corpos resta.

— Mas tu tremes!

— Talvez do afan da caça...

— Oh filho caro!

Um quê mysterioso aqui me falla,
Aqui no coração; piedosa fraude
Será por certo, que não mentes nunca!
Não conheces temor, e agora temes?
Vejo e sei: é Tupan que nos afflige,
E contra o seu querer não valem brios.
Partamos!... —

E com mão tremula, incerta

Procura o filho, tateando as trevas
Da sua noite lugubre e medonha.
Sentindo o acre odor das frescas tintas,
Uma idéa fatal correu-lhe á mente....
Do filho os membros gelidos apalpa,
E a dolorosa maciez das plumas
Conhece estremecendo: — foge, volta,
Encontra sob as mãos o duro craneo,
Despido então do natural ornato!....

Recúa afflieto e pavido, cobrindo
 Às mãos ambas os olhos fulminados,
 Como que teme ainda o triste velho
 De ver, não mais cruel, porêm mais clara,
 D'aquelle exicio grande a imagem viva
 Ante os olhos do corpo afigurada.
 Não era que a verdade conhecesse
 Inteira e tão cruel qual tinha sido;
 Mas que funesto azar correra o filho,
 Elle o via; elle o tinha alli presente;
 E era de repetir-se a cada instante.
 A dôr passada, a previsão futura
 E o presente tão negro, alli os tinha;
 Alli no coração se concentrava,
 Era n'um ponto só, mas era a morte!

— Tu prisioneiro, tu?

— Vós dissestes.

— Dos indios?

— Sim.

— De que nação?

— Tymbiras.

— E a musurana funeral rompeste,
 Dos falsos manitôs quebraste a maça

— Nada fiz aqui estou.

— Nada! —

Emmudecem;

Curto instante depois prosegue o velho:

— Tu es valente, bem o sei; confessa,
 Fizeste-o, certo, ou já não fôras vivo!

— Nada fiz; mas souberão da existencia
 De um pobre velho, que em mim só vivia

— E depois? . . .

— Eis me aqui.

— Fica esse taba?

— Na direcção do sol, quando transmonta.

- Longe?
 — Não muito.
 — Tens razão: partamos.
 — E quereis ir? . .
 — Na direcção do occaso.

VII.

«Por amor de um triste velho,
 Que ao termo fatal já chega,
 Vós, guerreiros, concedestes
 A vida a um prisioneiro.
 Acção tão nobre vos honra,
 Nem tão alta cortesia
 Vi eu jámais praticada
 Entre os Tupis, — e mas forão
 Senhores em gentileza.

«Eu porém nunca vencido,
 Nem nos combates por armas,
 Nem por nobreza nos actos;
 Aqui venho, e o filho trago.
 Vós o dizeis prisioneiro,
 Seja assim como dizeis;
 Mandai vir a lenha, o fogo,
 A maça do sacrificio
 E a musurana ligeira:
 Em tudo o rito se cumpra!
 E quando eu for só na terra,
 Certo acharei entre os vossos,
 Que tão gentis se revelão,
 Alguem que meus passos guie;
 Alguem, que vendo o meu peito
 Coberto de cicatrizes,
 Tomando a vez de meu filho,
 De haver-me por pae se ufane!»

Mas o chefe dos Tymbiras,
 Os sobrolhos encrespando,

Ao velho Tupi guerreiro
 Responde com torvo accento:

— Nada farei do que dizes:
 É teu filho imbelle e fraco!
 Aviltaria o triumpho
 Da mais guerreira das tribus
 Derramar seu ignobil sangue:
 Elle chorou de cobarde;
 Nós outros, fortes Tymbiras,
 Só de heróes fazemos pasto. —

Do velho Tupi guerreiro
 A surda voz na garganta
 Faz ouvir uns sons confusos,
 Como os rugidos de um tigre,
 Que pouco a pouco se assanha!

VIII.

«Tu choraste em presença da morte?
 Na presença de estranhos choraste?
 Não descende o cobarde do forte;
 Pois choraste, meu filho não es!
 Possas tu, descendente maldicto
 De uma tribu de nobres guerreiros,
 Implorando crueis forasteiros,
 Seres presa de vis Aymorés.

«Possas tu, isolado na terra,
 Sem arrimo e sem patria vagando,
 Regeitado da morte na guerra,
 Regeitado dos homens na paz,
 Ser das gentes o espectro execrado;
 Não encontres amor nas mulheres,
 Teus amigos, se amigos tiveres,
 Tenhão alma inconstante e falaz!

«Não encontres doçura no dia,
 Nem as cores da aurora te ameiguem,
 E entre as larvas da noite sombria
 Nunca possas descanço gozar:
 Não encontres um tronco, uma pedra,
 Posta ao sol, posta ás chuvas e aos ventos,
 Padecendo os maiores tormentos,
 Onde possas a frente pousar.

«Que a teus passos a relva se torre;
 Murchem prados, a flor desfalleça,
 E o regato que limpido corre,
 Mais te accenda o vesano furor;
 Suas agoas depressa se tornem,
 Ao contacto dos labios sedentos,
 Lago impuro de vermes nojentos,
 Donde fujas com asco e terror!

«Sempre o céu, como um tecto incendiado,
 Creste e punja teus membros maldictos
 E o oceano de pó denegrado
 Seja a terra ao ignavo tupi!
 Miseravel, faminto, sedento,
 Manitós lhe não fallem nos sonhos,
 E do horror os espectros medonhos
 Traga sempre o cobarde após si.

«Um amigo não tenhas piedoso
 Que o teu corpo na terra embalsame,
 Pondo em vaso d'argilla cuidadoso
 Arco e frecha e tacápe a teus pés!
 Sê maldicto, e sosinho na terra;
 Pois que a tanta vileza chegaste,
 Que em presença da morte choraste,
 Tu, cobarde, meu filho não es.»

IX.

Isto dizendo, o miserando velho
 A quem Tupan tamanha dôr, tal fado

Já nos confins da vida reservára,
 Vae com tremulo pé, com as mãos já frias
 Da sua noite escura as densas trevas
 Palpando. — Alarma! alarma! — O velho pára!
 O grito que escutou é voz do filho,
 Voz de guerra que ouviu já tantas vezes
 N'outra quadra melhor. — Alarma! alarma!
 — Esse momento só vale apagar-lhe
 Os tão compridos trances, as angustias,
 Que o frio coração lhe atormentarão
 De guerreiro e de pae: — vale, e de sobra.
 Elle que em tanta dôr se contivera,
 Tomado pelo subito contraste,
 Desfaz-se agora em pranto copioso,
 Que o exaurido coração remoça.

A taba se alborota, os golpes descem,
 Gritos, imprecações profundas soão,
 Emmaranhada a multidão braveja,
 Revolve-se, ennovela-se confusa,
 E mais revolta em mor furor se accende.
 E os sons dos golpes que incessantes fervem,
 Vozes, gemidos, estertor de morte
 Vão longe pelas ermas serranias
 Da humana tempestade propagando
 Quantas vagas de povo enfurecido
 Contra um rochedo vivo se quebravão.

Era elle, o Tupi; nem fôra justo
 Que a fama dos Tupis — o nome, a gloria,
 Aturado labor de tantos annos,
 Derradeiro brasão da raça extincta,
 De um jacto e por um só se aniquilasse.

— Basta! clama o chefe dos Tymbiras,
 — Basta, guerreiro illustre! assás lutaste,
 — E para o sacrificio é mister forças. —

O guerreiro parou, cahio nos braços
 Do velho pae, que o cinge contra o peito,
 Com lagrimas de jubilo bradando:
 «Este, sim, que é meu filho muito amado!
 «E pois que o acho em fim, qual sempre o tive,
 «Corraõ livres as lagrimas que choro,
 «Estas lagrimas, sim, que não deshonraõ.»

X.

Um velho Tymbira, coberto de gloria,
 Guardou a memoria
 Do moço guerreiro, do velho Tupi!
 E á noite, nas tabas, se alguém duvidava
 Do que elle contava,
 Dizia prudente: — «Meninos, eu vi!

«Eu vi o brioso no largo terreiro
 Cantar prisioneiro
 Seu canto de morte, que nunca esqueci:
 Valente, como era, chorou sem ter pejo;
 Parece que o vejo,
 Que o tenho nest'hora diante de mi'.

«Eu disse comigo: Que infancia d'escravo!
 Pois não, era um bravo;
 Valente e brioso, como elle, não vi!
 E á fé que vos digo: parece-me encanto
 Que quem chorou tanto,
 Tivesse a coragem que tinha o Tupi!»

Assim o Tymbira, coberto de gloria,
 Guardava a memoria
 Do moço guerreiro, do velho Tupi.
 E á noite nas tabas, se alguém duvidava
 Do que elle contava,
 Tornava prudente: «Meninos, eu vi!»

IV.

M A R A B Á.

Eu vivo sosinha; ninguém me procura!

Acaso feita

Não sou de Tupá!

Se algum d'entre os homens de mim não se esconde,

— Tu es, me responde,

— Tu es Marabá!

— Meus olhos são garços, são côr das saphiras,

— Tem luz das estrellas, tem meigo brilhar;

— Imitão as nuvens de um céu anilado,

— As cores imitão das vagas do mar!

Se algum dos guerreiros não foge á meus passos:

«Teus olhos são garços,

Responde anojado; «mas es Marabá:

«Quero antes uns olhos bem pretos, luzentes,

«Uns olhos fulgentes,

«Bem pretos, retinctos, não côr d'anajá!»

— E' alvo meu rosto da alvura dos lyrios,

— Da côr das areias batidas do mar;

— As aves mais brancas, as conchas mais puras

— Não tem mais alvura, não tem mais brilhar. —

Se ainda me escuta meus agros delirios:

«Es alva de lyrios

Sorrindo responde; «mas es marabá:

«Quero antes um rosto de jambo corado,

«Um rosto crestado

«Do sol do deserto, não flor de cajá.»

— Meu collo de leve se encurva engraçado,
 — Como hastea pendente do cactos em flor;
 — Mimosa, indolente, resvalo no prado,
 — Como um soluçado suspiro de amor! —

«Eu amo a estatura flexivel, ligeira,
 «Qual d'uma palmeira,
 Então me respondem; «tu es Marabá:
 «Quero antes o collo da ema orgulhosa,
 «Que pisa vaidosa,
 «Que as floreas campinas governa, onde está.»

— Meus loiros cabellos em ondas se annelão,
 — O oiro mais puro não tem seu fulgor;
 — As brisas nos bosques de os ver se enamoraõ,
 — De os ver tão formosos como um beija-flor! —

Mas elles respondem: «Teus longos cabellos,
 «São loiros, são bellos,
 «Mas são annelados; tu es Marabá:
 «Quero antes cabellos, bem lisos, corridos,
 «Cabellos compridos,
 «Não côr d'oiro fino, nem côr d'anajá.»

E as doces palavras que eu tinha cá dentro
 A quem n'as direi?
 O ramo d'acacia na frente de um homem
 Jámais cingirei:

Jámais um guerreiro da minha arasoya
 Me desprenderá:
 Eu vivo sosinha, chorando mesquinha,
 Que sou Marabá!

V.

CANÇÃO DO TAMOYO.

(Natalicia.)

I.

Não chores, meu filho;
Não chores, que a vida
É luta renhida:
Viver é lutar.
A vida é combate,
Que os fracos abate,
Que os fortes, os bravos,
Só pode exaltar.

II.

Um dia vivemos!
O homem que é forte
Não teme da morte;
Só teme fugir;
No arco que enteza
Tem certa uma presa,
Quer seja tapuya,
Condor ou tapyr.

III.

O forte, o cobarde
Seus feitos inveja
De o ver na peleja
Garboso e feroz;
E os tímidos velhos
Nos graves concelhos,
Curvadas as frentes,
Escutão-lhe a voz!

IV.

Domina, se vive;
Se morre, descança
Dos seus na lembrança,
Na voz do porvir.
Não cures da vida!
Sê bravo, sê forte!
Não fujas da morte,
Que a morte ha de vir!

V.

E pois que es meu filho,
Meus brios reveste;
Tamoyo nasceste,
Valente serás.
Sê duro guerreiro,
Robuste, fragueiro,
Brasão dos tamoyos
Na guerra e na paz.

VI.

Teu grito de guerra
Retumbe aos ouvidos
D'imigos transidos
Por vil commoção;
E tremão d'ouvil-o
Peor que o sibilo
Das setas ligeiras,
Peor que o trovão.

VII.

E a mãe nessas tabas,
Querendo calados
Os filhos creados
Na lei do terror;
Teu nome lhes diga,
Que a gente inimiga
Talvez não escute
Sem pranto, sem dôr!

VIII.

Porém se a fortuna,
Trahindo teus passos,
Te arroja nos laços
Do imigo fallaz!
Na ultima hora
Teus feitos memora,
Tranquillo nos gestos,
Impavido, audaz.

IX.

E cae como o tronco
Do raio tocado,
Partido, rojado
Por larga extenção;
Assim morre o fortel
No passo da morte
Triunfa, conquista
Mais alto brasão.

X.

As armas ensaia,
Penetra na vida:
Pesada ou querida,
Viver é lutar.
Se o duro combate
Os fracos abate,
Aos fortes, aos bravos,
Só pode exaltar.

VI.

A MANGUEIRA.

Já viste cousa mais bella
 Do que uma bella mangueira,
 E a doce fruta amarella,
 Sorrindo entre as folhas della,
 E a leve copa altaneira?
 Já viste cousa mais bella
 Do que uma bella mangueira?

Nos seus alegres verdores
 Se embalança o passarinho;
 Todo é graça, todo amores,
 Decantando seus ardores
 Á beira do casto ninho:
 Nos seus alegres verdores
 Se embalança o passarinho!

O cançado viandante
 Á sombra della acha abrigo;
 Traz-lhe a aragem susurrante,
 Que lhe passa no semblante,
 Talvez o adeos d'um amigo;
 E o cançado viandante
 Á sombra della acha abrigo.

A sombra que ella derrama
 Todas as dores acalma;
 Seja dôr que o peito inflamma,
 Ou voraz, nociva chamma
 Que nos mora dentro d'alma,
 A sombra que ella derrama
 Todas as dores acalma.

O mancebo namorado
 Para ella se encaminha;
 Bate-lhe o peito açodado,
 Quando chega o praso dado,
 Quando ao tronco se avisinha,
 E o mancebo namorado
 Para o tronco se encaminha.

Sob a copa deleitosa
 Mil suspiros se entrelação,
 E d'uma hora aventureosa
 Guarda a prova a casca annosa
 Nas cifras que alli se abração:
 Sob a copa venturosa
 Mil suspiros se entrelação.

Grata estação dos amores,
 Abrigo dos que o não tem,
 Deixa-me ouvir teos cantores,
 Admirar teos verdores;
 Presta-me abrigo tambem,
 Grata estação dos amores,
 Abrigo dos que o não tem!

VII.

A MÃE D'AGUA.

«Minha mãe, olha aqui dentro,
 Olha a bella creatura,
 Que dentro d'agoa se vê!
 São d'ouro os longos cabellos,
 Gentil a doce figura,
 Airosa, leve a estatura;
 Olha, vê no fundo d'agua
 Que bella moça não é!

«Minha mãe, no fundo d'agua
 Vê essa mulher tão bella!
 O sorrir dos labios della,
 Inda mais doce que o teu,
 E' como a nuvem rosada,
 Que no romper da alvorada,
 Passa risonha no céu.

«Olha, mãe, olha depressa!
 Inclina a leve cabeça
 E nas mãosinhas resume
 A fina trança mimosa,
 E com pente de marfim! . . .
 Olha agora que me avista
 A bella moça formosa,
 Como se fez toda rosa,
 Toda candura e jasmim!
 Dize, mãe, dize: tu julgas
 Que ella se ri para mim!

«São seus labios entre-abertos
 Semelhantes a romã;
 Tem ares d'uma princesa,
 E no entanto é tão medrosa! . . .
 Inda mais que minha irmã.
 Olha, mãe, sabes quem é
 A bella moça formosa,
 Que dentro d'agua se vê?»

— Tem-te, meu filho; não olhes
 Na funda, lisa corrente:
 A imagem que te embelleza
 É mais do que uma princesa,
 É menos do que é a genté.

— Oh! quantas mães desgraçadas
 Chorão seus filhos perdidos!
 Meu filho, sabes porquê?
 Foi porque derão ouvidos

Á leve sombra enganosa,
Que dentro d'agua se vê.

— O seu sorriso é mentira,
Não é mais que sombra vã;
Não vale aquillo que eu valho,
Nem o que val tua irmã:
É como a nuvem sem corpo,
De quando rompe a manhã.

— É a mãe d'agua traidora,
Que illude os faceis meninos,
Quando elles são pequeninos
E obedientes não são;
Olha, filho, não a escutes,
Filho do meu coração:
O seu sorriso é mentira,
É terrivel tentação. —

Junto ao rio chrystallino
Brincava o ledo menino,
Molhando o pé;
O fresco humor o convida,
Menos que a imagem querida,
Que n'agua vê.

Cauteloso de repente,
Ouve o concelho prudente,
Que a mãe lhe dá;
Não é anjo, não é fada;
Mas uma bruxa malvada,
E cousa má.

Ella é quem rouba os meninos
Para os tragar pequeninos,
Ou mais talvez!
E para vingar-se n'agua
Da causa tanta magoa,
Remeche os pés.

Turba a fonte n'um instante,
 Já não vê o bello infante
 A sombra vã,
 E as brancas mãos delicadas
 E as longas tranças douradas
 Da sua irmã.

O menino arrependido
 Diz consigo entristecido:
 — Que mal fiz eu!
 Minha mãe, bem que indulgente,
 Só por não me ver contente,
 Me repr'hendeu. —

Era figura tão bella!
 E que expressão tão singela,
 Que riso o seu!
 Oh! minha mãe certamente
 Só por não me ver contente,
 Me repr'hendeu!

Espreita, sim, mas duvida
 Que a bella imagem querida
 Torne a volver;
 E na fonte crystallina
 Para ver todo se inclina
 Se a póde ver!

Acha-se ainda turbada,
 E a bella moça agastada
 Não quer voltar;
 Sacode leve a cabeça,
 Em quanto o pranto começa
 A borbulhar.

E de triste e arrependido
 Diz consigo entristecido:
 — Que mal fiz eu! . . .

- Leda ao ver-me parecia,
 — Era boa, e me sorria
 — Que riso o seu!
-

As aguas no em tanto de novo se aplacão,
 A lisa corrente se espelha outra vez;
 E a imagem querida no fundo apparece
 Com mil peixes varios brincando a seus pés.

Do collo uma charpa trazia pendente,
 Cortando-lhe o seio de brancos jasmins,
 Um iris nas cores, e as franjas bordadas
 De prata luzente, de vivos rubins.

Uma harpa a seu lado frisava a corrente,
 Gemendo queixosa da leve pressão,
 Como harpas ethereas, que as brisas conversão,
 Achando-as perdidas em mesta soidão.

Sentida, chorosa parece que estava,
 E o bello menino, sentado, a chorar
 «Perdôa, dizia-lhe, o mal que te hei feito;
 Por minha vontade não hei de tornar!»

A harpa dourada de subito vibra,
 A charpa se agita do seio ao travez;
 Das franjas garbosas as pedras reflectem
 Infundos luzeiros nos humidos pés.

Os peixes pasmados de subito parão
 No fundo luzente de puro crystal;
 Fantasticos seres assomão ás grutas
 Do nitido ambar, do vivo coral!

Em tanto o menino se curva e se inclina
 Por ver mais de perto a donosa visão;
 A mãe, longe d'elle, dizia: — Meu filho,
 Não oigas, não vejas, que é má tentação. —

«Vem meu amigo, dizia
 A bella fada engraçada,
 Pulsando a harpa dourada:
 — Sou boa, não faço mal,
 Vem ver meus bellos palacios,
 Meus dominios dilatados,
 Meus thesouros encantados
 No meu reino de crystal.

«Vem, te chamo: vê a limpha
 Como é bella e crystallina;
 Vê esta areia tão fina,
 Que mais que a neve seduz!
 Vem, verás como aqui dentro
 Brincão mil leves amores,
 Como em listas multicores
 Do sol se desfaz a luz.

«Se não achas borboletas
 Nem as vagas mariposas,
 Que brincão por entre as rosas
 Do teu ameno jardim;
 Tens mil peixinhos brilhantes,
 Mais luzentes e mais bellos
 Que o oiro dos meus cabellos,
 Que a nitidez do setim.»

Em tanto o menino se curva e se inclina
 Por ver de mais perto a donosa visão;
 E a mãe longe d'elle, dizia: meu filho,
 Não oiças, não vejas, que é má tentação.

«Vem, meu amigo, tornava
 A bella fada engraçada,
 Vem ver a minha morada,
 O meu reino de crystal:

Não se sente a tempestade
 Na minha espaçosa gruta,
 Nem voz do trovão se escuta,
 Nem roncões do vendaval.

«Aqui, ao findar do dia,
 Tudo rapido se accende,
 E o meu palacio resplende
 De vivo, ethereo clarão.
 Mil figuras apparecem,
 Mil donzellas encantadas
 Com angelicas toadas
 De ameigar o coração.

«Quando passo, as brandas aguas
 Por me ver passar se afastão,
 E mil estrellas se engastão
 Nas paredes do crystal.
 Surgem luzes multicores,
 Como desses perilamos,
 Que tu vês andar nos campos,
 Sem comtudo fazer mal.

«Quando passo, mil sereias,
 Deixando as grutas limosas,
 Formão ledas, pressurosas
 O meu sequito real:
 Vem! dar-te-hei meus palacios,
 Meus dominios dilatados,
 Meus thesouros encantados
 E o meu reino de crystal.»

Em tanto o menino se curva e se inclina
 Para a visão;
 E a mãe lhe dizia: Não vejas, meu filho,
 Que é tentação.

E o bello menino, dizendo comsigo: —
 Que bem fiz eu!
Por ver o thesouro gentil, engraçado,
 Que já é seu:

Atira-se ás aguas: n'um grito medonho
A mãe lastimavel — Meu filho! — bradou:
Respondem-lhe os echos; porêm voz humana
Aos gritos da triste não torna: — aqui estou!

POESIAS DIVERSAS.

N E N I A

Á MORTE SENTIDÍSSIMA DO SERENÍSSIMO
PRINCEPE IMPERIAL O SENHOR D. PEDRO.

Á SUA Magestade o Imperador.

I.

Morreste, como a folha verde e linda,
Que não vio murcho o esmeraldino encanto;
Bem como um ai que melindroso finda,
Em quanto as faces não roreja o pranto!

Bem como a flôr inda em botão cortada,
Em quanto aromas recendia pura;
Bem como a onda quando mal formada,
Nos brancos frisos do areal murmura!

Bem como a aurora tímida que morre,
Em quanto os céos de rosicler matisa;
Bem como o sopro de ligeira brisa,
Que entre os olores da manhã discorre!

Mimosa espr'ança do Brasil, batendo
Ás ferreas portas da existencia, viste
O mundo afflicto e a humanidade triste
Seu negro fado e sua dôr soffrendo!

Cheio de compaixão atraz voltaste
Do horrífico espectáculo, tapando
Com as azas do anjo o rosto brando,
E no seio do Eterno te asylaste.

Morreste! como aurora sem poente,
Como flôr, que perfume inda exhalava,
Como o sopro da brisa recendente,
Como a onda, que apenas se formava!

Morreste! como a folha verde e bella
N'um tronco forte a despontar louçã,
Não arrancada á sanha da procella,
Mas leve solta aos beijos da manhã.

Morreste! como lampada brilhante,
Inda virgem, sem dar mystica luz;
Ou turib'lo d'incenso crepitante,
Esquecido nos braços de uma cruz.

Morreste! e os anjos da eternal morada
Levãrão entre palmas e capellas
Tua alma, como uma harpa não tocada,
Áquelle, cujo throno é sobre estrellas.

Morreste! como aurora sem poente,
Como flôr que perfume inda exhalava,
Como o sopro da brisa recendente,
Como a onda que apenas se formava.

Nenhum bulcão toldou a aurora maga,
Em quanto no horisonte apavonou-se,
A brisa em vendaval não transtornou-sé,
A folha em cinza, nem a onda em vaga.

II.

Não ouviste, ó bello anginho,
Na hora do passamento
Para abrandar teu tormento
Do berço teu ao redor,

Dos teus irmãos a phalange
 Com opas de luz brilhante,
 Nas harpas de diamante
 Cantar hosanna ao Senhør?

Teu espirito innocente,
 Tocado da luz divina,
 Que a fraca mente illumina
 Dos resplendores de Deos,
 Não antevio outros gozos,
 Não correu nos frouxos ares,
 Não foi roçar nos palmares,
 Nas rosas puras dos céos?

Viste-os, sim; porém voltando
 Outra vez á vida escassa,
 Tua alma triste esvoaça
 Sobre os teus restos mortaes;
 E entre os rostos que divisas,
 Que a tua vida pranteião,
 Entre quantos te rodeião,
 Tu não enchergas teus paes!

Corres então a trazer-lhes
 Nas meigas azas brilhantes
 Dos teus ultimos instantes
 O teu alento final;
 E em redor delles choraste
 De não ter deixado a vida,
 Por extrema despedida,
 N'um amplexo paternal!

Vai, ó anjo, sobe, vòa,
 Deixa a terra ingrata e rude;
 Vai onde móra a virtude,
 E premio a innocencia tem;
 Mas nos divinos prazeres,
 Mas no celeste cortejo,
 Terás o materno beijo,
 Não serás orphão tambem?

III.

Despreza tuas azas de cores suaves,
 Adeja no espaço, procura o teu Deos:
 O aroma das flores, o canto das aves,
 O que ha de mais puro se entranha nos céos.

Oh! foge da terra: bem como a neblina
 Que em rolos de neve, que espuma figura,
 Mais frouxa, mais leve, na luz matutina,
 Qual nuvem d'incenso, do céu se pendura.

Mas quando a balança dos nossos destinos,
 Na grávida concha dos nossos peccados
 Sumir-se no abysmo — dos raios divinos
 Os golpes apára nos contos dourados.

Não caia do Eterno a justa inclemencia
 No povo, que soube teu berço guardar;
 Ampara-o nas azas da tua innocencia,
 Que os prantos de um anjo nos podem salvar.

Desdobra tuas azas de cores suaves,
 Adeja no espaço, procura o teu Deos:
 O aroma das flores, e o canto das aves
 E o que ha de mais puro se perde nos céos.

IV.

SENHOR, se na afflicção que te consome,
 Na dôr immensa, que teu peito acanha,
 Póde erguer-se do bardo a voz sentida
 E aos teus soluços misturar seu pranto;
 Se a dôr do pae não absorve inteiro
 O peito augusto do Monarcha excelso,
 Enxuga as tristes lagrimas que vertes!

Melhor, talvez, que o throno é ver chorando
 Um povo inteiro em torno de um sepulchro,
 Um vacuo berço de seu pranto enchendo!
 Á sorte pois te curva, e á lei d'aquelle
 (Involta em seus reconditos designios)

A quem aprouve nivelar, cortando
 Co' o mesmo golpe as esperanças de ambos,
 — A dôr de um pae e as afflicções de um povo! —

JANEIRO 10. de 1850.

OLHOS VERDES.

Elles verdes são:
 E tem por usança,
 Na côr esperança,
 E nas obras não.

CAM., *Rim.*

São uns olhos verdes, verdes,
 Uns olhos de verde-mar,
 Quando o tempo vai bonança;
 Uns olhos côr de esperança,
 Uns olhos por que morri;
 Que ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Como duas esmeraldas,
 Iguaes na forma e na côr,
 Tem luz mais branda e mais forte,
 Diz uma — vida, outra — morte;
 Uma — loucura, outra — amor.
 Mas ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

São verdes da côr do prado,
 Exprimem qualquer paixão,
 Tão facilmente se inflammão,
 Tão meigamente derramão
 Fogo e luz do coração;
 Mas ai de mi!
 Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

São uns olhos verdes, verdes,
 Que podem tambem brilhar;
 Não são de um verde embaçado,
 Mas verdes da côr do prado,
 Mas verdes da côr do mar.

Mas ai de mi!

Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Como se lê n'um espelho
 Pude lêr nos olhos seus!
 Os olhos mostram a alma,
 Que as ondas postas em calma
 Tambem reflectem os céos;

Mas ai de mi!

Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Dizei vós, ó meos amigos,
 Se vos perguntão por mi,
 Que eu vivo só da lembrança
 De uns olhos côr de esperança,
 De uns olhos verdes que vi!

Que ai de mi!

Nem já sei qual fiquei sendo
 Depois que os vi!

Dizei vós: Triste do bardo!
 Deixou-se de amor finar!
 Vio uns olhos verdes, verdes,
 Uns olhos da côr do mar:
 Erão verdes sem espra'ança,
 Davão amor sem amar!

Dizei-o vós, meus amigos,
 Que ai de mi!

Não pertengo mais a vida
 Depois que os vi!

CUMPRIMENTO DE UM VOTO

Feito ás Sras. de Itapacorá, que abrilhantarão a festa
do Illm. Sr. ANTONIO JOSÉ RODRIGUES TORRES.

PORTO DAS CAIXAS — 25 de agosto 1850.

Se ao misero cantor vos praz mandar-lhe
Cantar voltas de amor, á graça tanta
Será mudo o cantor, nem ha de aos echos
A cythara incivil fallar de amores?
Mandaes, que sois, senhoras, minhas musas;
Quando a senhora manda, o escravo cumpre
E ás supplicas da musa o vate cede!
Afinada por vós a lyra humilde,
Já desafeita aos sons que o peito abrandão,
Á nova esphera se remonta agora.
O frescor juvenil dos vossos annos,
E as, que vos ornão, deleitosas graças,
Hão de ameigar-lhe as cordas, perfumal-as,
Dictar-lhe os faceis, inspirados carmes.

A estrella, que fulge no céo anilado,
Com placido brilho de noite s'inflamma;
Na fonte e no prado
Reflexos luzentes esparge e derrama.

Nos ramos cobertos de ameno rocio
As aves descantão á luz da alvorada,
E a meiga toada
Repetem aos echos do bosque sombrio.

Na gleba virente, do sol bafejada,
Recende perfumes a flôr matutina,
Que á luz da alvorada
Ao sopro da brisa de leve s'inclina.

A flôr que trescala perfumes suaves,
 A estrella que brilha no céu anilado,
 E o canto das aves,
 Que sôa no bosque virente e copado;

Se cantão, perfumão, despedem fulgores,
 É tal o seu fado: — vós sois qual são ellas,
 Sois como as estrellas,
 Na graça e no canto, sois aves, sois flôres.

Como ellas, pagai-vos de ver quão fugaces
 Encurtão-se as horas de nosso viver,
 De ver como as faces,
 Que tendes em torno, resumbrão prazer.

Estes versos na mente susurravão
 Do vate, cuja lyra merencoria
 Foi por vós de festões engrinaldada;
 Por vós, cujo sorriso mavioso
 Melhor perfume exhala, do que as notas
 Concertadas com arte; dai um riso
 Dos vossos, um volver dos brandos olhos,
 Aos alegres convivas; e um reflexo
 Do vosso meigo olhar e brando riso
 Venha morrer na lyra do poeta,
 Como do astro-rei, quando no occaso
 Doura no campo as folhas mais humildes.

LYRA QUEBRADA.

Ah! ya agostada
 Siento mi juventud, mi faz marchita,
 Y la profunda pena que me agita
 Ruga mi frente de dolor nublada.

HEREDIA.

Pede cantos aos ledos passarinhos,
 Pede clarão ao sol, perfume ás flores,
 Ás brisas suspirar, murmúrio aos ventos,
 Doces querelas ao correr das fontes;

E o sol, a ave, a flôr, a brisa, os ventos
 E as fontes que murmurão docemente,
 Na festa da tua alma hão de seguir-te,
 Como um som pelos echos repetido.

Mas não peças á lyra abandonada
 Um alegre cantar, — já murchas pendem
 As grinaldas gentis, de que a toucárão
 Donzeis louções, enamoradas virgens.

Hoje mal partem roucos sons dos nervos,
 Que amargo pranto destendeu sem custo;
 Quem ha que se não dóe de ouvir cantados
 Uns versos de prazer entre soluços?

Não peças pois um hymno ao triste bardo!
 Verde ramo d'uma arvore gigante
 O raio no passar queimou-lhe o viço,
 Deixando-o por escarneo entre verdores.

Uma febre, um ardor nunca apagado,
 Um querer sem motivo, um tédio á vida
 Sem motivo tambem, — caprichos loucos,
 Anhelo d'outro mundo e d'outras coisas;

Desejar coisas vãs, viver de sonhos,
 Correr após um bem logo esquecido,
 Sentir amor e só topar frieza,
 Scismar venturas e encontrar só dores;

Fizerão-me o que vês: não canto, soffro!
 Lyra quebrada, coração sem forças
 De poetico manto os vou cobrindo,
 Por disfarçar desta arte o mal que passo.

Mas se inda tens prazer á luz da aurora,
 Se te ameiga fitar longos instantes,
 Sentada á beira mar, na paz de um ermo,
 Uma flôr, uma estrella, os céos e as nuvens;

Pede cantos aos ledos passarinhos,
 Á brisa, ao vento, á fonte que murmura;
 Mas não peças canções ao triste bardo,
 A quem té para um ai já falta o alento.

A PASTORA.

Forão as trevas fugindo,
 E luzindo
 Nasce o sol sobre o horisonte;
 Quando a pastora formosa
 E mimosa
 Já caminho vai do monte!

A relva tenra e molhada,
 Orvalhada,
 Que de noite despontou,
 Se levanta melindrosa,
 Mais viçosa
 Depois que o sol a afagou!

Nos ramos cantão, trinando
 E saltando,
 As aves seu casto amor;
 Aqui, alli, scintillante
 E brilhante
 Desabrocha a linda flôr.

E a pastorinha engraçada,
 Bem fadada,
 Na fresca manhã de abril,
 Vai cantando maviosa,
 E saudosa
 Pensando no seu redil.

Para as serras do Gerez
 Toca a rez,
 Toca a rez, gentil pastora;
 Lá te aguarda o bom pastor,
 Teu amor,
 Que te chama encantadora.

Vai, pastora, vai depressa,
 Já começa
 O sol no valle a brilhar;
 Vai, que as tuas companheiras,
 Galhofeiras,
 Lá 'stão com elle a folgar!

Pela aldeia entre os pastores
 Vão rumores
 De que tens uma rival,
 Nessa Alteia, a tua antiga,
 Doce amiga,
 Que te quer hoje tão mal!

Tu não sabes que os amores
 São traidores,
 Que o homem não sabe amar;
 E que diz: Esta é mais bella;
 Mas aquella
 É que me sabe agradar!

Tenho d'Alteia receios,
 Que tem meios
 De prender um coração;
 É viva, bella, engraçada,
 Festejada
 Nos cantares do serão.

Como a neve em seus lavores,
 Nos amores
 Que caprichosa não é!
 Zomba delle quando o topa,
 E o provoca
 De mil maneiras, á fé!

Té dizem — será mentira —
 Que lhe atira
 Seus motetes muita vez;
 Dizem mais, que ha prendas dadas
 E trocadas:
 Não sei; mas será talvez!

Triste de ti, se assim fôra,
 O' pastora,
 Triste de ti sem amor!
 Foras alvo dos festejos,
 Dos motejos,
 E do canto mofador!

Cheia de pudico medo,
 Ao folguedo
 Do domingo festival,
 Não irias, ó formosa,
 Vergonhosa
 Dos olhos d'uma rival!

Para as serras do Gerez
 Toca a rez,
 Toca a rez, gentil pastora;
 Lá te aguarda o bom pastor,
 Teu amor,
 Que te chama encantadora!

GEREZ. . . .

A I N F A N C I A.

A M^{lle} J. PICOT.

I.

Bello raio do sol da existencia,
 Meninice fagueira e gentil,
 Doce riso de pura innocencia
 Sempre adorne teu rosto infantil.

Sempre tenhas, anginho innocente,
 Quem se apresse a teus passos guiar,
 E uma voz que o teu somno acalente,
 E um sorriso no teu acordar.

Enlevada nos sonhos jucundos,
 Voz etherea te venha fallar,
 E visão d'outros céos, d'outros mundos,
 Venha amiga tua alma encantar.

Leda infancia gentil! e quem não te ama?
 Quem tão de pedra o coração não sente
 Aos teus encantos meigos mais tranquillo?
 Quem não sente memorias d'outras-eras
 Travarem-lhe da mente, ao recordar-se
 Aquelle gozo puro e suavissimo
 De vida, que jámais não tem logrado?
 Recordações de um mundo adormecido
 Lá lhe estão dentro d'alma esvoaçando,
 Como harpejos de musica longinqua!
 E a mente nos seus quadros embebida,
 Por magica illusão enfeitçada,
 Como outr'ora, talvez sómente veja
 Na terra — um chão de flôres estrellado,
 E nos céos — outro chão de flôres vivas!

II.

Afagada e bem vinda e querida,
 Travessuras scismando infantis,
 Nos caminhos floridos da vida
 Vai mimosa, imprudente e feliz!

É-lhe a vida continuo festejo,
 Sonhos d'ouro só sabe sonhar,
 Toda ella um afan, um desejo
 D'outros jogos contente brincar.

Puro riso o semblante lhe adorna,
 Logo pranto começa a verter,
 E depois outro riso lhe torna,
 E depois outro pranto a correr.

Tão perto jaz a fonte da amargura
 Da fonte do prazer! — porém tão doces
 Essas lagrimas são! — tão abundantes,
 Tão sem causa e sympathicas gotejão
 N'uma tez de carmim, n'um rosto bello!
 Quem a vê, que sorrindo as não enchuga?
 Mas não todo consumas o thesouro
 Unico e triste, que ao infeliz sobeja
 Nas horas do soffrer; no tempo amargo,
 No qual o rosto pallido se enruga,
 E os olhos seccos, aridos chammejão,
 Será talvez bem grato refrigerio
 Uma lagrima só, em que arrancada
 A força da afflicção dos seios d'alma.
 Mas tu, feliz, sorri, em quanto a vida,
 Como um rio entre flores, se deslisa
 Macio, puro e recendendo aromas.

III.

Bello raio do sol da existencia,
 Flôr da vida, mimosa e gentil,
 Fonte pura de meiga innocencia,
 Leve gozo da quadra infantil!

Quem fruir-te outra vez não deseja,
 Quando vê sobre a veiga formosa
 A menina travessa e ruidosa,
 Borboleta, que alegre doudeja?

A menina é uma flôr de poesia,
 Um composto de rosa e jasmim,
 Um sorriso que Deos alumia,
 Um amor de gentil serafim!

Folga e ri no começo da existencia,
 Borboleta gentil! a flôr dos valles,
 Da noite á viração abrindo o calix,
 O puro orvalho da manhã te guarda;
 Inda perfumes dá, que te embriagão,
 Inda o sol quando aquece os vivos raios,
 Nas azas multicores scintillando,
 Com terno amor de pae, em torno esparge
 Pó subtil de rubins e de safiras.
 Folga e ri no começo da existencia,
 Humano serafim, que esse perfume
 São das azas do anjo, que s'impregnaõ
 Dos aromas do céo, quando atear-se,
 Roaz fogo de vida começando,
 Quanto havemos de Deos consome e apaga.

IV.

Porém tu, afagada e querida,
 Com requebros donosos, gentis,
 Vai contente caminho da vida,
 Bello anginho, mimoso e feliz!

E do bardo a canção magoada,
 Quando a possas um dia escutar,
 Ha de ser como rota grinalda,
 Que perfumes deixou de exhalar!

E esta mão talvez seja sem vida,
 E este peito talvez sem calor,
 E memoria apagada e sumida,
 Talvez seja a do triste cantor!

URGE O TEMPO.

Move incessante as azas incansaveis
 O tempo fugitivo;
 Atraz não volta!

A. DE GUSMÃO.

Urge o tempo, os annos vão correndo,
 Mudança eterna os seres afadiga!
 O tronco, o arbusto, a folha, a flôr, o espinho,
 Quem vive, o que vegeta, vai tomando
 Aspectos novos, nova forma, em quanto
 Gyra no espaço e se equilibra a terra.

Tudo se muda, tudo se transforma;
 O espirito, porém, como centelha,
 Que vai lavrando solapada e occulta,
 Até que emfim se torna incendio e chammas,
 Quando rompe os andrajos morredouros,
 Mais claro brilha, e aos céos comsigo arrasta
 Quanto sentio, quanto soffreu na terra.

Tudo se muda aqui! sómente o affecto,
 Que se gera e se nutre em almas grandes,
 Não acaba, nem muda; vai crescendo,
 Co' o tempo avulta, mais augmenta em forças,
 E a propria morte o purifica e alinda.
 Simelha estatua erguida entre ruinas,
 Firme na base, intacta, inda mais bella
 Depois que o tempo a rodeou de estragos.

SOBRE O TUMULO DE UM MENINO.

25 de Outubro de 1848.

O involucro de um anjo aqui descança,
 Alma do céo nascida entre amargores,
 Como flôr entre espinhos! — tu, que passas,
 Não perguntes quem foi. — Nuvem risonha,
 Que um instante correu no mar da vida;
 Romper da aurora que não teve occaso,
 Realidade no céo, na terra um sonho!
 Fresca rosa nas ondas da existencia,
 Levada á plaga eterna do infinito,
 Como offrenda de amor ao Deos que o rege;
 Não perguntes quem foi, não chores: passa.

MENINA E MOÇA.

Ma bienvenue au jour me rit dans tous les yeux!
 CHENIER.

É leda a flôr que desponta
 Sobre o talo melindroso,
 E o arrebento viçoso
 Crescendo em floreo tapiz;
 É doce o romper da aurora,
 Doce a luz da madrugada,
 Doce o luzir da alvorada,
 Doce, mimoso e feliz!

É bella a virgem risonha
 Com seus musicos accentos,
 Com seus virgens pensamentos,
 Com seus mimos infantis;
 Como quanto enceta a vida,
 Que á luz sorri da existencia,
 Que tem na sua innocencia
 Da mocidade o verniz.

Vinga a flôr a pouco e pouco,
 Cada vez mais bem querida,
 Tem mais encantos, mais vida,
 Tem mais brilho, mais fulgor:
 De cada gota de orvalho
 Extrahe celeste perfume,
 E do sol no raio assume
 Cada vez mais viva côr.

Assim á virgem mimosa,
 Pouco e pouco, noite e dia,
 Mais viva flôr de poesia
 Do rosto lhe tinge a côr;
 E um anjo nos meigos sonhos,
 Do seu peito na dormencia
 Derrama o odor da innocencia,
 Um doce raio de amor!

Porque tudo, quando nasce,
 Seja a luz da madrugada,
 Seja o romper da alvorada,
 Seja a virgem, seja a flôr;
 Tem mais amor, tem mais vida,
 Como celeste feitura,
 Que sahe melindrosa e pura
 D'entre as mãos do creador.

28 de Julho.

COMO EU TE AMO.

Como se ama o silencio, a luz, o aroma,
 O orvalho n'uma flôr, nos céos a estrella,
 No largo mar a sombra de uma vela,
 Que lá na extrema do horisonte assoma;

Como se ama o clarão da branca lua,
 Da noite na mudez os sons da flauta,
 As canções saudosissimas do nauta,
 Quando em molle vai-vem a não fluctua;

Como se ama das aves o gemido,
 Da noite as sombras e do dia as cores,
 Um céu com luzes, um jardim com flores,
 Um canto quasi em lagrimas sumido;

Como se ama o crepusculo da aurora,
 A mansa viração que o bosque ondeia,
 O susurro da fonte que serpeia,
 Uma imagem risonha e seductora;

Como se ama o calor e a luz querida,
 A harmonia, o frescor, os sons, os céos,
 Silencio, e cores, e perfume, e vida,
 Os paes e a patria e a virtude e a Deos.

Assim eu te amo, assim; mais do que podem
 Dizer-t'ó os labios meus, — mais do que vale
 Cantar a voz do trovador cançada:
 O que é bello, o que é justo, sancto e grande
 Amo em ti. — Por tudo quanto soffro,
 Por quanto já soffri, por quanto ainda
 Me resta de soffrer, por tudo eu te amo.
 O que espero, cobiço, almejo, ou temo
 De ti, só de ti pende: oh! nunca saibas
 Com quanto amor eu te amo, e de que fonte
 Tão terna, quanto amarga o vou nutrindo!
 Esta occulta paixão, que mal suspeitas,
 Que não vês, não suppões, nem te eu revelo,
 Só pode no silencio achar consolo,
 Na dôr augmento, interprete nas lagrimas.

De mim não saberás como te adoro ;
 Não te direi jámais,
 Se te amo, e como, e a quanto extremo chega
 Esta paixão voraz!

Se andas, sou o echo dos teus passos ;
 Da tua voz, se fallas ;
 O murmurio saudoso que responde
 Ao suspiro que exhalas.

No odor dos teus perfumes te procuro,
 Tuas pegadas sigo ;
 Velo teus dias, te acompanho sempre,
 E não me vês contigo!

Occulto e ignorado me desvelo
 Por ti, que me não vês ;
 Aliso o teu caminho, esparjo flôres,
 Onde pisão teus pés.

Mesmo lendo estes versos, que m'inspiras,
 — Não pensa em mim, dirás :
 Imagina-o, si o podes, que os meus labios
 Não t'o dirão jámais!

Sim, eu te amo ; porêrn nunca
 Saberás do meu amor ;
 A minha canção singela
 Traioeira não revela
 O premio sancto que anhela
 O soffrer do trovador!

Sim, eu te amo ; porêrn nunca
 Dos labios meus saberás,
 Que é fundo como a desgraça,
 Que o pranto não adelgaça,
 Leve, qual sombra que passa,
 Ou como um sonho fugaz!

Aos meus labios, aos meus olhos
 Do silencio imponho a lei;
 Mas lá onde a dôr se esquece,
 Onde a luz nunca fallece,
 Onde o prazer sempre cresce,
 Lá saberás se te amei!

E então dirás: «Objecto
 Fui de sancto e puro amor:
 A sua canção singela,
 Tudo agora me revela;
 Já sei o premio que anhela
 O soffrer do trovador.

«Amou-me como se ama a luz querida,
 Como se ama o silencio, os sons, os céos,
 Qual se amão cores e perfume e vida,
 Os paes e a patria, e a virtude e a Deos!»

AS DUAS CORÔAS.

Hermosa, en tu linda frente
 El laurel sienta mejor,
 Que con su regio esplendor
 Corona de rei potente.

G. y S.

Ha duas c'rôas na terra,
 Uma d'ouro scintillante
 Com esmalte de diamante,
 Na fronte do que é senhor;
 Outra modesta e singela,
 C'rôa de meiga poesia,
 Que a fronte ao vate alumia
 Com a luz d'um resplendor.

Ante a primeira se curvão
 Os potentados da terra:
 No bojo, que a morte encerra,
 Sobre a liquida extensão,
 Levão náos os seus dictames
 Da peleja entre os horrores;
 Vis escravos, crús senhores,
 Preto e menagem lhe dão.

E quando o vate suspira
 Sobre esta terra maldicta,
 Ninguem a voz lhe acredita,
 Mas riem dos cantos seus:
 Os anjos, não; porque sabem
 Que essa voz é verdadeira,
 Que é dos homens a primeira,
 Em quanto a outra é de Deos!

Se eu fora rei, não te dera
 Quinhão na regia amargura;
 Nem te qu'ria, virgem pura,
 Sentada sob o docel,
 Onde a dôr tão viva anceia,
 Tão cruel, tão funda late,
 Como no peito que bate
 Sob as dobras do burel.

Não te quizera no throno,
 Onde a mascara do rosto,
 Cobrindo o interno desgosto,
 Ser alegre tem por lei;
 Manda Deos, sim, que o rei chore;
 Mas que chore occultamente,
 Porque, se o soubera a gente,
 Ninguem quizera ser rei!

Mas o vate, quando soffre,
 Modula em meigos accentos,

Seus doridos pensamentos,
 A sua interna afflicção;
 E das lagrimas choradas
 Extrahe um balsamo sancto,
 Que vale estancar o pranto
 Nos olhos do seu irmão.

Se eu fôra rei, não quizera
 Roubar-te á senda florida,
 Onde corre doce a vida
 No matutino arrebol;
 Gozas o sopro das brisas
 E o leve aroma das flores,
 E as nuvens, que mudão cores
 No nascer, no pôr do sol.

Goção disto as que repousão
 Em taboas de vis grabatos;
 Não quem vive entre os ornatos
 D'um throno d'ouro e marfim!
 No solio triste, sentada,
 Não viras um rosto amigo,
 Nem mais viveras contigo,
 Fôras escrava — por fim!

Vive tu teu viver simples,
 Mimosa e gentil donzella,
 D'entre todas a mais bella,
 Flôr de candura e de amor!
 C'rôa melhor eu t'offreço,
 D'ouro não, mas de poesia,
 C'rôa que a frente alumia
 Com a luz d'um resplendor!

H A R P E J O S.

Sweetest music! . . .

SHAKESPEARE.

Da noite no remanso
Minha alma se extasia,
E praz-me a sós commigo
Pensar na solidão;
Deixar arrebatat-me
De vaga phantasia,
Deixar correr o pranto
Do fundo coração.

Tudo é silencio harmonico
E doce amenidade,
E uma expansão suave
Do mais fino sentir;
Existo! e no passado
Só tenho uma saudade,
Desejos no presente,
Receios no porvir!

Como licor que mana
De cava, humida rocha,
Que o sol nunca evapora,
Nem limpa amiga mão;
A dôr que dentro sinto
Minha alma desabrocha;
Que livre o pranto corre
Da noite na soidão!

Attendo! ao longe escuto
D'uma harpa os sons queixosos,
Attendo! e logo sinto
Minha alma se alegrar!
Attendo! são suspiros
De seres vaporosos,

Que mil imagens vagas
Me fazem recordar!

Tu que eras minha vida,
Que foste os meus amores,
Imagem grata e bella
D'um tempo mais feliz,
Que tens, que assim chorosa
Suspiras entre as flores?
Teu sou, — do juramento
Me lembro, que te fiz.

Te vejo, te procuro,
Teus mudos passos sigo,
Em quanto, leve sombra,
Fugindo vais de mi'!
Unido ás notas da harpa
Percebo um som amigo,
Que me recorda o timbre
Da voz que já te ouvi!

Na brisa que soluça,
Na fonte que murmura,
Nas folhas que se movem
Da noite á viração,
Ainda escuto os echos
D'uma fugaz ventura,
Que assim me deixou triste
Em mesta solidão.

Prosegue, harpa ditosa,
Nas doces harmonias,
Que da minha alma sabes
A magoa adormecer;
Prosegue! e a doce imagem
Dos meus primeiros dias
Veja eu ante os meus olhos
De novo apparecer!

Ai, forão como a virgem
 Que em sitio solitario
 Acaso um dia vimos
 Sósinha a divagar!
 Memoria bemfazeja,
 Que o gelido sudario,
 Que a morte em nós estende
 Só vale desbotar.

TRISTE DO TROVADOR.

E ella era esbelta e bem proporcionada;
 sua alma era como a sensitiva, e suas pa-
 lavras erão doces e tinham um perfume,
 que se não pode comparar.

(Duas noites de luar.)

E ella era como a rosa matutina
 Formosa e bella,
 Como a estrella que á noite ao mar se inclina,
 Saudosa era ella.

Seus olhos negros, vivos e rasgados,
 Era delicias vel-os;
 E co' a alvura do rosto contrastava
 A côr dos seus cabellos.

Quando alguém lhe fallava, então fallava
 Com voz macia,
 Que triste dentro d'alma nos filtrava
 Doce alegria.

E o seu timbre de voz movia as fibras
 Do coração,
 Como sons que a mudez da noite quebrão
 Na solidão.

Seu mais leve sentir patenteava
 No rosto ameno;
 Nuvemzinha da tarde, que se encherga
 Em céo sereno.

Topou-a acaso pensativa, errante,
 O trovador:
 «Feliz, disse elle, quem gozára os mimos
 Do seu amor!»

E ella deu-lhe do seio uma saudade
 Murcha, e no em tanto bella;
 E elle um culto votou, scismando extremos,
 A' pallida donzella.

Como fosse, porêm, breve a sua vida
 Como uma flôr,
 Em breves dias era mudo e triste
 O trovador.

Se alguma vez cantava, — então dizia
 Ao seu anjo do céo, que lá morava,
 Que de ter junto d'elle só pedia
 A vida sua, que tão erma estava.

VELHICE E MOCIDADE.

Eu levo á sepultura, uns apos outros,
 A donzella gentil, o velho enfermo
 E o mancebo que folga descansado
 Á sombra da ventura.

...

«Minha filha, mais depressa,
 Mais depressa um pouco andemos,
 E da aurora que desponta
 Saudavel frescor gozemos!

«Senta-me em baixo do chorão, que dobra
 A verde rama sobre a campá núa
 De um ser de peito bom, de rosto bello,
 Que foi minha mulher, que foi mãe tua!

«O sol, nascendo apenas, vem primeiro
 Seus raios nessa campá dardejar,
 E á cançada velhice é bem fagueiro
 Esses restos da vida desfructar.»

Um cégo e triste velho que tremia
 Á força dos invernos que passarão,
 Á filha nova e bella, assim dizia,
 Á filha que os amores cubiçarão.

E tinha o velho pae nos hombros della
 A mão crestada e morta e já rugosa.
 E ella ao pae, sollicita, extremosa,
 Guiava como um anjo e alva e bella.

«Nem sempre o que ora vês teu pae tem sido,
 Oh filha da minha alma, oh meu thesouro,
 Tambem um tempo foi que entretecido
 Tive o fio vital de seda e d'oiro!

«Tambem meus olhos se expriarão longe,
 Pela vasta extensão destas campinas;
 Tambem segui a tortuosa veia
 Desta linda corrente que se perde
 Além, por entre penhas;
 E a esmeraldina côr, de que se arreia
 A relva destes prados, destas brenhas,
 Meus olhos juvenis encheu de gozo,
 Que agora os olhos teus tambem recreia!

«E que prazer tão grande! o sol nascia
N'um mar de luz brilhante!

Levantava-se mais, brilhava, ardia,
No prado verdejante,
Na fonte e na devesa;
E o mundo e a natureza
De puro amor enchia!

Destoucavão-se os montes de neblina,
Que meiga e adelgaçada
Pendia, como um véo de gaza fina
Da celeste morada,

Quando n'um mar formoso o sol nascia!

«O mundo era então luz — hoje é só trevas!
O céu de puro azul via tingido,
Via a terra de cores adornada,
E na immensa extensão d'agua salgada
Via a esteira de luz do sol luzido!

«Breve as horas passei de ser ditoso
Aqui, neste lugar, ledo escutando
Tão amavel tua mãe, tão carinhosa,
Qu'instantes curtos me teceu fallando!

«Hoje existo somente porque existes,
Desfructo outro viver que não vivia,
Quando escutão-te a voz os meus ouvidos,
Como sons de celeste melodia.

«Oh falla, falla sempre. — É doce ao velho
Som d'argentina voz, que as fibras todas
Do semivivo coração abalão,
Como d'uma harpa antiga
As deslembradas cordas,
Que á mão experta e amiga
Do trovador, n'um canto alegre estalão.

«É doce ao solitario a voz de um anjo
Na sua solidão;
E ao velho pai a voz da casta filha,
Que falla ao coração.

«É doce, qual perfume matutino,
 Que a flôr exhala,
 Que pelo peito da mulher amante
 S'interna e cala;

«É doce, como a luz que se derrama
 Pela face do mar,
 Quando brando luar, da noite amigo,
 Vem nelle se espelhar.

«Falla, bem sei que amarga é tua vida,
 Que amargo é teu penar;
 No silencio da noite tenho ouvido
 Teu peito a soluçar!

«Oh falla, tu bem vês que se a tormenta
 Tetrica voa,
 Ao ninho de seus paes o passarinho
 Rapido voa.»

— Oh meu pai, como eu quizera
 Meus pezares te esconder;
 Mas tua filha, coitada,
 Em breve tem de morrer!

— Sinto que alento me falta,
 Que longe foge de mim;
 Sinto minha alma rasgar-se
 Por te deixar só assim;
 Meu bom pai, como está breve
 Da tua filha o triste fim!

— Alta noite, ouvi em sonhos,
 A chamar-me um serafim;
 Tinha alegria no rosto,
 Mas chorava sobre mim;
 Meu bom pai, como está breve
 Da tua filha o triste fim!

— E tu cá ficas sosinho,
 E tu cá ficas sem mim!
 Oh que n'alma só me peza
 Por te deixar só assim;
 Meu bom pai, que é já chégado
 Da tua filha o triste fim! —

E o velho, baixo fallando,
 Tristemente assim dizia:
 «Já fui feliz, já fui novo,
 Já fui cheio de alegria!

«Eu tive paes extremosos,
 Irmãos que m'idolatrarão,
 Eu tive castos amores,
 Que antes de mim se acabarão!

«Eu tive tantos no mundo
 Quantos se póde chorar;
 Perdi todos, tudo; ai, triste,
 Só eu não pude acabar!

«Ao sopro da desventura
 Só eu me não abalei,
 Que a todos — novos e velhos —
 Á campa todos levei!

«Minha filha me restava!
 Eu já fantasma impotente,
 Sobre os torrões tropeçava
 Da cova aberta recente!

«Anjo de amor e bondade,
 Porque me deixaste assim!
 Tu morta, e na sepultura
 Que eu tinha aberto pr'a mim!

«Deos, Senhor, quanto foi longo
 O vaso em que fel traguei,
 Findo o julguei; restão fezes,
 As fezes esgotarei.»

E sobre a rosea face, ora amarella,
 A aurora sempre bella radiava,
 E o pai, ancião, que a dôr rasgava,
 Cingia ao corpo seu o corpo della.

Nem pranto nos seus olhos borbuhava,
 E nem nos labios seus a dôr gemia,
 E sua alma, qual vaso em calmaria,
 Entre vida e morrer n'um ponto estava.

O beijo paternal, por fim, lhe estampa
 Na filha, que prazeres só lhe dera;
 E filha e pensamento — alguém dissera
 Ter juntos sepultado a mesma campa!

Nos céos não tens, Senhor, bastantes anjos,
 Por que os venhas assim buscar á terra?
 Brilhe a virtude, quando reina o crime,
 O crime impune e vil, que ás tontas erra.

A S F L O R E S .

Ao Snr. JOSÉ PRAXEDES PEREIRA PACHECO, incançavel Botânico-florista, a quem devemos a introdução no paiz das mais bellas e curiosas especies de flores, que jámais aqui se virão.

*Simplex tributs du coeur, vos dons sont chaque jour
 Offerts par l'amitié, hasardés par l'amour.*

Les Jardins. — DELILLE.

Tu que com tanto afan, com tanto custo,
 Estudando, inquirindo, e meditando,
 De estranhos climas transplantaste aos nossos
 As flores varias no matiz, nas formas,
 Modesto horticultor, dos teos desvelos
 Este só galardão recebe ao menos!
 Recebe-o: tambem eu gosto das flores,

Folgo também de as ver n'um campo estreito,
 De estranhas terras revelando os mimos
 E as galas d'outros céos: — aqui perfumão
 Nossos jardins de peregrina essencia!
 Melhorão-se talvez, que as não contristão
 Raios tibios do sol, nem turvos ares,
 Nem do inverno o furor lhes cresta o brilho.

Meigas flores gentis, quem vos não ama?
 Em vós inspirações o bardo encontra,
 Devaneios de amor a ingenua virgem,
 A abelha o mel, a humanidade encantos,
 Odores, nutrição, balsamo e cores.
 Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Linda virgem no albor da vida incerta,
 No meio das vivaces companheiras,
 Em forma de capella as vai tecendo
 Para cingir com ella a fronte e a coma,
 Que os annos no passar não enrugarão,
 Nem as cans da velhice embranquecerão.
 Resplendor d'innocencia, onde casados
 A açucena, e os jasmims aos brancos lirios
 Um só perfume grato aos céos envia;
 Meiga c'rôa d'angelica pureza,
 Ornamento da vida — que se rompe
 Ou quando os membros delicados vestem
 O grosseiro burel da penitencia,
 Ou do noivado as galas! — lá se acaba,
 Por fim aos pés do thalamo ou n'um tumulto!
 Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Quantas vezes, nas horas da ventura,
 A fallaz sensação d'um peito ingrato
 Não julgamos eterna, immensa, infinda!
 Alli nossos anhelos se concentrão,
 Nossa vida alli jaz: — cifra-se inteira
 N'um brando volver d'olhos, n'um accentto,

Que a ternura repassa, inspira, exhala!
 Um gemido, um suspiro, um ai, um gesto,
 Valem thronos, e mais, — o mundo e a vida!
 Mas esvae-se a paixão! que fica? Apenas
 Um saudoso lembrar d'éras passadas,
 De scismadas venturas, não fruidas,
 Às vezes uma flor! — Flor dos amores,
 Quando extincta a paixão, porque inda existes?
 Espinhos de uma rosa emmurchecida,
 Porque sobreviveis ás folhas d'ella?
 Mais firme, mais leal, mais vivedoura
 Que a voluvel paixão, a flôr mimosa
 Talvez irrita a dôr, talvez a acalma.
 Emblemas do prazer, do soffrimento,
 Mensageiras do amor ou da saudade,
 Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Geme a fresca odalisca entre ferrolhos,
 Importuna presença a voz lhe tolhe
 Do não piedoso eunucho; — e estatua negra
 Respeitosa e cruel lhe espreita os gestos:
 Chora a guzla mourisca ao som dos ferros,
 Lastima-se a cadeia ao som dos passos,
 E a humana flôr definha entre as mais flores;
 Mil ouvidos a voz lhe escutão sempre,
 E cingidos de ferro, crús soldados
 D'entorno ao mésto harem velão sanhudos!
 Ruge, fero soldão! treplica os bronzes
 Da masmorra cruel: — a planta humilde,
 E a escrava que recatas tão cioso,
 Zombão dos feros teus! Muda e singela,
 Ao través das prisões, dos teus soldados,
 Passa a modesta flôr! Vai n'outro peito,
 Mysterios não sabidos relatando,
 Contar do infausto amor as provas duras,
 Os martyrios da ausencia, as tristes lagrimas
 Que chora — ao reiterar protestos novos!
 Bem-fadadas do sol, do amor bemquistas,

O orvalho as cria, as lagrimas as murchão:
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Quem tem o coração a amor propenso,
Quem sente a interna voz que dentro falla,
Delicado sentir d'um brando peito,
Alma virgem que os homens não mancharão;
Quem soffre ou tem prazer, ou ama, ou espera
E vive e sente a vida, esse vos ama:
Encantos da existencia em quanto vivos,
Do revés, do triumpho companheiras,
No berço, no docel, no mudo esquite,
Sempre amigas fieis vos encontramos.
Meigas flores gentis, quem vos não ama?

Modesto horticultor, dos teus desvelos
Este só galardão recebe ao menos;
Paga-te sequer de ver mais bella,
Mais vaidosa, melhor, do sol na terra,
A flôr modesta, producção sublime
De estranhos climas transplantada ao nosso.

Rio, 29. de janeiro de 1849.

O QUE MAIS DOE NA VIDA.

I cannot but remember such things were,
And were most dear to me.

SHAKESPEARE.

O que mais dóe na vida não é ver-se
Mal pago um beneficio,
Nem ouvir dura voz dos que nos devem
Agradecidos votos,
Nem ter as mãos mordidas pelo ingrato,
Que as devera beijar!
Não! o que mais dóe não é do mundo
A sangrenta calumnia,

Nem ver como s'infama a acção mais nobre,
 Os motivos mais justos,
 Nem como se deslustra o melhor feito,
 A mais alta façanha!

Não! o que mais dóe não é sentir-se
 As mãos d'um ente amado
 Nos espasmos da morte resfriadas,
 E os olhos que se turvão,
 E os membros que entorpecem pouco e pouco,
 E o rosto que descora!

Não! não é o ouvir d'aquelles labios,
 Doces, tristes, compassivas,
 Sobre o funereo leito soluçadas
 As palavras amigas,
 Que tanto custa ouvir, que lembrão tanto,
 Que não s'esquecem nunca!

Não! não são as queixas amargadas
 No triumphar da morte;
 Que, se se apaga a luz da vida escassa,
 Mais viva a luz rutila;
 Luz da fé que não morre, luz que espanca
 As trevas do sepulchro.

O que dóe, mas de dôr que não tem cura,
 O que afflige, o que mata,
 Mas de afflicção cruel, de morte amara,
 É morrermos em vida
 No peito da mulher que idolatramos,
 No coração do amigo!

Amizade e amor! — laço de flores,
 Que prende um breve instante
 O ligeiro batel á curva margem
 De terra hospitaleira;
 Com tanto amor se ennastra, e tão depressa,
 E tão facil se rompe!

Á mais ligeira ondulação dos mares,
 Ao mais ligeiro sopro
 Da viração — destrançaõ-se as grinaldas;
 O baixel se afasta,
 Veleja, foge, até que em plaga estranha
 Naufragado soçobre!

Talvez permite Deos que tão depressa
 Estes laços se rompão,
 Por que nos peze o mundo, e os seus enganos
 Mais sem custo deixemos:
 Sem custo assim a brisa arrasta a planta,
 Que jaz solta na terra!

FLÔR DE BELLEZA.

Não vejas! . . . se a vires . . . — Eu sei porque o digo:
 Tu morres de amor.

MACEDO.

Se fosse rainha aquella
 Em cuja fronte singela,
 Como em tela delicada
 Luz da belleza o condão,
 Fôras rainha adorada;
 Mas rainha seductora,
 Que exige peitos n'uma hora
 E n'outra hora adoração.

Fôras rainha! e ditosos
 Teus vassallos extremosos,
 Que a renderem-te seus peitos
 Beijarão-te a nivea mão.
 Pedes amor e respeitos!
 Quem não ama a formosura,
 Quem não respeita a candura
 D'um sincero coração?

Mas antes que nos curvemos
Ante a belleza que vemos,
Tua angelica bondade
Conquista a nossa affeição:
Não es mulher, mas deidade,
Uma fada seductora,
Que nos pede amor agora,
Logo mais — adoração.

Quando pois, cheia de graças,
Entre a turba alegre passas,
Entre a turba sequiosa
De beijar-te a nivea mão;
Dizem uns: quanto é formosa!
Eu porém, sei que es mais bella
Nos dotes da alma singela,
Nas prendas do coração.

Passa rapida a belleza,
Como flôr que a natureza
Cria em jardim melindroso,
Ou n'um agreste torrão:
Passa como um som queixoso,
Como felizes instantes,
Como as juras dos amantes,
Como extremos da paixão.

Mas d'alma a vida é mais fina,
Exhala essencia divina,
Que avigora e fortifica
O dorido coração;
Morto o corpo, ainda fica,
Como em rosal arrancado,
Leve aroma derramado,
Dos espaços na extensão.

O ANJO DA HARMONIA.

Respira tanta doçura
 O teu canto, que por certo
 Abranda a penha mais dura.

BOCAGE.

Revela tanto amor, tão branda sôa
 A tua doce voz canora e pura,
 Que o homem de a escutar sente no peito
 Infiltrar-se-lhe um raio de ventura.

Solta-se a alma das prisões terrenas,
 O mundo, a vida, o soffrimento esquece,
 E embalada n'um ether delectoso,
 Como Alcyon nas aguas, adormece!

Da noite a placidez é menos grata
 A quem sósinho e taciturno vela,
 Quando, perdido n'outros mundos, nota
 A meiga luz de fugitiva estrella.

Sensações menos doces, menos vagas,
 Desperta o barco leve, que se avista
 Ao pôr do sol, na extrema do horisonte,
 Quando n'um mar de luz nos foge á vista.

Das aves o cantar é menos fresco,
 É menos triste a fonte que serpeia,
 Menos queixoso o mar, que enternecido,
 Beija na praia a scintillante areia.

Vagas na terra, suspiroso archanjo,
 Derramando torrentes de harmonia
 Sobre as chagas mortaes, — balsamo sancto
 Que as mais profundas magoas alivia.

Vagas na terra, merencoria e bella;
 Mas quando deste mundo ao céo tornares,
 Juntarás teus ternissimos accents
 Aos puros sons dos mysticos altares.

E os anjos na mansão das harmonias,
 Encostados ás harpas diamantinas,
 Folgarão de te ouvir celestes carnes
 Deduzidos em notas peregrinas.

E dirão: — Nunca ás plagas do infinito
 Subio mais terna voz, mais fresca e pura!
 Se o corpo é de mulher, sua alma é vaso,
 Onde o incenso de Deos se afina e apura.

A HISTORIA.

The flow and ebb of each recurring age.
 BYRON.

Triste lição de experiencia deixão
 Os evos no passar, e os mesmos actos
 Renovados sem fim por muitos povos,
 Sob nomes diversos se encadeião:
 Aqui, além, agora ou no passado,
 Amor, dedicação, virtude e gloria,
 Baixeza, crime, infamia se repetem,
 Quer gravados no socco de uma estatua,
 Quer em vil pelourinho memorados.
 Eis a historia! — rainha veneranda,
 Trajando agora sedas e velludos,
 Depois vestindo um sacco despresivel,
 D'immunda cinza apolvilhada a fronte.
 Se as virtudes do pobre não tem preço,
 Tambem dos vicios seus a nodoa exigua
 Não conspurca as nações; mas ai dos grandes,
 Que trilhão senda errada, a cujo termo
 Se levanta a barreira do sepulchro,
 Onde se quebra a adulação sem força.
 Se virtuoso, as gerações passando
 As cinzas lhe beijarão; se malvado,

Cospem-lhe affrontas na vaidosa campã,
 Jámais de amigas lagrimas molhada.
 E qual do Egypto nos festins funereos,
 Maldizem bons e máos sua memoria,
 Lançando á face da real mumia
 Dos crimes seus a lacrymosa historia.
 Talvez, porém, um infortunio grande,
 Um exemplo sublime de virtude,
 Cobre dourada pagina, que aos olhos
 Pranto consolador sem custo arranca.

Eis a historia! um espelho do passado,
 Folhas do livro eterno desdobradas
 Aos olhos dos mortaes; — aqui sem mancha,
 Além golfeja sangue e súa crimes.
 Tal foi, tal é: retrato desbotado,
 Onde se mira a geração que passa,
 Sem côr, sem vida, — e ao mesmo tempo espelho,
 Que ha de ser nova copia á gente nova,
 Como os annos aos annos se succedão.
 Ondas de mar sereno ou tormentoso,
 As mesmas na apparencia, que se quebrão
 Sobre as d'areia fluctuantes praias.

A CONCHA E A VIRGEM.

Linda concha que passava,
 Boiando por sobre o mar,
 Junto a uma rocha, onde estava
 Triste donzella a pensar;

Perguntou-lhe: — Virgem bella,
 Que faces no teu scismar?
 — E tu, pergunta a donzella,
 Que fazes no teu vagar?

Responde a concha: — Formada
 Por estas aguas do mar,
 Sou pelas aguas levada,
 Nem sei onde vou parar!

Responde a virgem sentida,
 Que estava triste a pensar:
 — Eu tambem vago na vida,
 Como tu vagas no mar!

— Vais d'uma a outra das vagas,
 Eu d'um a outro scismar;
 Tu indolente divagas,
 Eu soffro triste a cantar.

— Vais onde te leva a sorte,
 Eu, onde me leva Deos:
 Buscas a vida, — eu a morte;
 Buscas a terra, — eu os céos!

SEI AMAR.

Amor amore.
Proverbio.

Sei amar com paixão ardente e fida,
 Como o nauta ama a terra, como o cego
 A luz do sol, como o ditoso a vida.

Sim, sei amar; porém do immenso pégo
 D'uma existencia misera e cançada,
 Quero uma hora, um instante de socego.

Dera a vida a uma alma apaixonada,
 A um peito de mulher que me entendesse,
 Onde eu pousasse a fronte acabrunhada.

Porêm, que fosse minha, e que eu soubesse
 Que os labios que beijei são meus somente,
 Nem pensa em outro, nem de mim se esquece.

Nem vai de prompto derramar demente
 N'outros ouvidos a palavra, o accento,
 Que em extasis de amor criei fervente.

Nem corre o seu volatil pensamento,
 Quando fallo, a pensar n'outros amores,
 N'outra voz, n'outros sons, n'outro momento.

Demais, acostumado a teus rigores,
 Não me queixo, bem vês, mas despedaço
 A prisão vil, embora occulta em flôres.

Se entro furtivo, onde outro mais de espaço
 Como senhor campeia — ao mais querido
 Cede o ingresso, ao mais ditoso o passo.

Não me contenta um coração partido,
 Um só amor que a dous pertence, — um peito,
 Que bate por dous homens, fementido.

Se eu unico não sou, — vil, não aceito
 Ser segundo em amor, — inteiro é nobre,
 Vale um throno; — partido, é dom tão pobre,
 Qu'eu pobre, como sou, de altivo engeito.

A M A N H Ã.

Amanhã! — é o sol que desponta,
 É a aurora de roseo fulgor,
 É a pomba que passa e que estampa
 Leve sombra de um lago na flôr.

Amanhã! — é a folha orvalhada,
 É a rola a carpir-se de dôr,
 E da brisa o suspiro, — é das aves
 Ledo canto, — é da fonte o frescor.

Amanhã! — são acasos da sorte;
 O queixume, o prazer, o amor,
 O triumpho que a vida nos doura,
 Ou a morte de baço pallor.

Amanhã! — é o vento que ruge,
 A procella d'horrendo fragor,
 É a vida no peito mirrada,
 Mal soltando um alento de dôr.

Amanhã! — é a folha pendida,
 E' a fonte sem meigo frescor,
 São as aves sem canto, são bosques
 Já sem folhas, e o sol sem calor.

Amanhã! — são acasos da sorte!
 E' a vida no seu amargor,
 Amanhã! — o triumpho, ou a morte;
 Amanhã! — o prazer, ou a dôr!

Amanhã! — o que val', se hoje existes!
 Folga e ri de prazer e de amor;
 Hoje o dia nos cabe e nos toca,
 De amanhã Deos sómente é Senhor!

POR UM AI.

Se me queres ver rendido,
 De joelhos, a teus pés,
 Por um olhar que me deites,
 Por um só ai que me dê;

Se queres ver o meu peito
 Rugindo como um vulcão,
 Estourar, arder em chammas,
 Ferver de amor e paixão;

Se me queres ver sujeito,
 Curvado e preso á tua lei,
 Mais humilde que um escravo,
 Mais orgulhoso que um rei;

Meus olhos sobre os teus olhos,
 Meu coração a teus pés;
 Por um olhar que me deites,
 Por um só ai que me dê:

Oiça, feliz, dos teus labios
 Esta só palavra — amor! —
 Estrella cortando os ares,
 Abelha sobre uma flôr.

Então verás dos meus olhos,
 Que o pezar me não cegou,
 Rebentarem de alegria
 Prantos, que a dôr estancou;

Então verás o meu peito
 Como outra vez se incendia;
 Era a folha verde e fresca,
 Onde o sol se reflectia!

Murcha e triste pende agora;
 Cahiu, jaz solta, está só:
 Exposta ao fogo, arde em chammas,
 — Deixai-a, desfaz-se em pó!

Hei de sentir outra vida,
 Outra vez meu coração
 Escutarei palpitando
 De amor, de fogo e paixão.

Lascado tronco sem graça,
 Tal fui, tal me ves agora!
 Mas venha o orvalho celeste,
 Venha o bafejo da aurora;

Venha um raio de alegria
 Dar-lhe ás raizes calor;
 Revive de novo, e brota
 Folhas, galhos e verdor.

Do cimo erguido e copado
 Outra vez se dependurão
 Mil flores, — alli mil aves
 Nos seus gorgeios se apurão.

Não quero palavras falsas,
 Não quero um olhar que minta,
 Nenhum suspiro fingido,
 Nem voz que o peito não sinta.

Basta-me um gesto, um aceno,
 Uma só prova, — e verás
 Minha alma, presa em teus labios,
 Como de amor se desfaz!

Ver-me-has rendido e sugeito,
 Captivo e preso á tua lei,
 Mais humilde que um escravo,
 Mais orgulhoso que um rei!

PROTESTO.

Imitação de uma poesia Javaneza.

Ainda quando os homens te odiassem,
 E anath'ma contra ti bradasse o mundo,
 Por ti sentira amor, te amára sempre,
 Te amára eternamente.

Este affecto jámais ha de alterar-se;
 Embora gemeos sóes ardão no espaço,
 Ou gemeas noites, em cegueira eterna,
 Me roubem o prazer de ver teus olhos.

Entranha-te na terra, hei de afundar-me;
 Passa ao travez do fogo, irei contigo;
 Aos céos remonta, hei de seguir-te sempre,
 Ver-me-has sempre a teu lado.

De ti não póde a força desprender-me,
 Nem separar-me o fado. Em ti só vivo;
 E quem dos dias teus souber o termo,
 Que a vida me deixou tambem conheça.

Quando nas azas da esperança corro,
 Onde me acenas, onde amor me aguarda,
 Parece-me que vôo aos ledos campos,
 Onde a esperança mora.

Não ha que possa comparar-se aos extasis,
 Que tanto ao vivo meu amor revelão;
 Um gesto, um som dos labios teus mimosos
 Mil vezes na minha alma se repete.

Quer irritada contra mim te mostres,
 Quer do teu seio irosa me repillas,
 Teu rosto na minha alma se retrata,
 E eu te amo sempre!

Quer durma, quer descance, ou vele ou soffra,
 Em tudo quanto sinto, em quanto vejo,
 Risonha tua imagem me apparece,
 E eu julgo sempre que te fallo e escuto.

Seja eu longe da patria infindas legoas,
 A distancia de um mundo entre nós corra,
 Em quanto além divago, preso fica
 Meu coração contigo.

Se pois souberes que os meus dias findão,
 Não creias que o destino inexoravel
 M'os corta — antes me tem, antes me julga
 Morto por ti de amores!

F A D A R I O.

Procura o íman sempre
 Do pólo a firme estrella,
 De viva luz o insecto
 Se deixa embellezar;
 E a nave contrastada
 Das furias da procella,
 Procura amigo porto,
 No qual possa ancorar.

O íman sou constante,
 A nave combatida,
 O insecto encandeado
 Com fulgido clarão;
 E tu — a minha estrella,
 A luz da minha vida,
 O porto que me acena
 Por entre a cerração.

Assim, por desgostar-me,
 Severa no semblante,
 No olhar, na voz — debalde
 Me opprime o teu rigor;
 Se fujo dos teus olhos,
 Se mostro-me inconstante,
 Na ausencia e no desterro
 Me vai crescendo o amor!

Assim o insecto volta
 Á luz que o já queimára,
 E o íman na tormenta
 Procura o norte seu;
 Assim a nave rota,
 Que o vento contrastára,
 Entrando o porto, esquece
 Que males já soffreu.

Debalde, pois, tua alma,
 Que a minha dôr encherça,
 Se mostra aspera e dura
 Á voz do meu penar;
 Aquelle verde ramo,
 Que facilmente verga,
 Resiste ao peso, emquanto
 Não torna ao seu lugar.

Se, pois, te irrita e cança
 De o ver revel contigo,
 Do tronco seu virente
 Separa-o de uma vez:
 Mais qu'elle venturoso
 Me julgo, se consigo
 Morrer vendo os teus olhos,
 Cahir junto a teus pés.

Mas, inda assim, não creias,
 Se finda o meu tormento,
 Que nem lembrança minha
 Terás de conservar:
 A nave, que não toca
 No porto a salvamento,
 Talvez os rotos mastros
 Atira á beira-mar.

Assim quando jazendo
 Me achar na campa fria,

Talvez tenhas remorsos,
 Da tua ingratição;
 Talvez que por mim sintas
 Alguma sympathia;
 Que em lagrimas desfeita
 Me dês amor então.

O ASSASSINO.

Pero una sola lágrima, un gemido
 Sobre sus restos á ofrecer no van,
 Que es sudario d'infames el olvido . . .
 Bien con su nombre en su sepulcro están!

ZORRILLA.

Eil-o! seu rosto pallido se encova;
 Incerto, mais que os vôos d'um morcego,
 Seu andar, ora lento, ora apressado,
 Profunda agitação revela aos olhos.

Crespos os cenhos, enrugada a fronte,
 Simelha luz de tocha mortuaria
 A luz que os olhos seus despêdem torvos.
 Ha momentos em que seo rosto fero
 De tal arte s'enruga e se transtorna,
 Que os seus proprios amigos o fugirão
 E a propria mãe teméra unil-o ao seio!
 Quando os labios descerra, só murmura
 Frases, cujo sentido não se alcança,
 Ou blasfemias a Deos, que o soffre em vida!
 O que amou n'outro tempo, agora odeia;
 Despreza o que estimou, evita, fuge
 Quanto afanoso procurava outr'ora:
 Receia a luz do sol, da noite as trevas,
 A voz do crime, da innocencia o grito!

A cholera de Deos cahio tremenda
 Sobre o seu peito, e o coração lhe opprime,

De cuja interna chaga em jorros salta
 O sangue e a podridão: horrendo e fero,
 A victima das furias do remorso,
 Terrível e cobarde, e ao mesmo tempo
 Rebelde contra a mão, que o vexa e pune,
 Em quanto a Deos maldiz, blasfema, irrita,
 D'uma voz, d'uma sombra se amedronta.

Não póde supportar seus pensamentos
 A sós comsigo, e aborrecendo os homens,
 De os ver e de os não ver soffre martyrios.
 Na cidade, suspeita esposa, amigos,
 A mãe e os filhos; — um terror, um pasmo,
 Cuja causa recondita se ignora,
 Na voz, no rosto e gesto o denunciação
 Como escravo do crime ou da miseria.

No ermo a propria voz o sobressalta!
 O som dos passos, do seu corpo a sombra,
 Das fontes o correr por entre as pedras,
 Da brisa o suspirar por entre as folhas,
 Quanto vê, quanto escuta o intimida.
 Minaz lhe brada a natureza inteira,
 Soluça um nome, que lhe erriça a coma
 E o frio do terror lh'immerge n'alma.

O mar nas ondas crespas, que se enrolão,
 Batidas pelo açoite da procella,
 Troveja o mesmo nome; as vagas dizem-no,
 Quando passão, cuspindo-lhe o semblante;
 E Deos, o proprio Deos no espaço o grava
 Nos fuzis que os relampagos centelhão.

Tem pavor, quando sonha e quando vela.
 Deixando o leito em seu suor banhado,
 No silencio da noite — á horas mortas,
 Levanta-se medonho á voz do crime!
 Nas mãos convulsas um punhal aperta

E a lamina buida e os olhos torvos
 Agoureiro clarão despedem juntos.
 Soltando roucos sons com voz sumida,
 Apalpa cauteloso as densas trevas,
 E vai . . . caminha . . . attende . . . de repente
 Apunhala um phantasma! — solta um grito,
 Larga o punhal convulso e arrepiado!
 N'um ferrete de sangue lê seu fado,
 Um ferrete, que a dôr desfaz nunca,
 Nem lava o pranto, nem consome o tempo.
 Miseravel, provando o fel da morte,
 Ante o passo medonho se horrorisa;
 Odeia o mundo que fugir não póde,
 Regeita a religião que o não consola,
 Odeia e teme a Deos, — teme a justiça
 De quem na frente vil do fraticida
 Nodoa eterna gravou do crime infando.

A UNS ANNOS.

14 — Janeiro.

No segredo da larva delicada
 A borboleta mora,
 Antes que veja a luz, que estenda as azas,
 Que surja fóra!

A flôr, antes de abrir-se, se recata;
 No botão se resume,
 Antes que mostre o colorido esmalte,
 Que espalhe o seu perfume.

E a flôr e a borboleta, após a aurora
 Breve — da curta vida,
 Encontrão nas manhãs da primavera
 A luz do sol querida.

De graças cheia, a delicada virgem
 Da vida no verdor,
 Semelha a borboleta melindrosa,
 Semelha a linda flôr.

Tudo se alegra e ri em torno della,
 Tudo respira amor,
 Que é a virgem formosa semelhante
 Á borboleta e á flôr.

Mas para estas o sol breve se esconde,
 Passão prestes os dias;
 Em quanto a cada sol e nova quadra
 Tu novas graças crias!

QUANDO NAS HORAS.

And dost thou ask, what secret woe
 I bear, corroding joy and youth?
 And wilt thou vainly seek to know
 A pang e'en thou must fail to soothe?

BYRON.

I.

Quando nas horas que contigo passo,
 Do amor mais casto, do mais doce enlevo.
 Sentindo um raio d'esperança amiga,
 Que as densas trevas da minha alma aclara;

Teus meigos olhos sobre os meus se fitão,
 Sorvo o perfume que tua alma exhala,
 Gozo o sorriso que os teus labios vertem
 E as doces notas que o prazer m'entranhão:

Tu me perguntas por que um riso amargo,
 Funebre e triste me descora os labios;
 Por que uma nuvem de pezares gravida
 Tolda o meu rosto;

Por que um suspiro de abafada angustia,
 Um ai do peito, que exhalar não ousou,
 O meigo encanto dos teus sonhos quebra
 N'um breve instante!

Raio de amor, que sobre mim resplendes,
 Ou sol que bates n'um profundo abysmo,
 E a verde-negra superficie tinges
 De côr chumbada com reflexos d'oiro;

Se vês luzente a superficie amiga,
 E á luz que espalhas aclarar-se o abysmo,
 Sol bemfazejo, que te importão fezes,
 Se lá no fundo adormecidas jazem?

Talvez se as viras, encobrindo os olhos,
 De horror fugindo ao temeroso aspecto,
 Os brandos lumes, d'onde amor distillas
 Breve apagáras.

Não me perguntes por que soffro triste,
 Por que da morte o negro espectro invoco,
 Por que, cansado desta vida, almejo
 A paz dos tumulos.

Nem ver procures a cratera hiante
 Do peito meu, qu'inda fumea em cinzas,
 Do peito meu, onde crueis travarão
 Pleitos, não crimes, mas paixões que abrasão.

Dá que nas horas que contigo passo
 Do amor mais casto e do mais doce enlevo,
 Durma o passado e do porvir m'esqueça,
 E o meu presente de te amar se ameigue.

II.

Se algum suspiro de abafada angustia,
 Se um ai do peito que exhalar não ousou,
 O meigo encanto dos teus sonhos quebra;
 Tu me perdôa.

Cansado e triste de viver soffrendo,
 Da morte amiga o negro espectro invoco,
 Affiz-me as dores, e só torva ideia
 Me apraz agora.

Talvez na pedra d'um sepulchro frio
 Melhor folgára de me ver deitado,
 Sentir nos olhos estancado o pranto
 E amodorrado o padecer no peito.

Talvez folgára minha sombra triste,
 Vagando em torno d'uma campa lisa,
 De ver-te as formas, de contar teus passos,
 E de escutar tua oração piedosa.

Talvez folgára, quando pranto amargo
 Dos olhos teus me rorejasse a campa,
 Dos meigos labios, onde amor temperas,
 Meu nome ouvindo!

Oh! sim, folgára de sentir a brisa,
 Correndo em torno ao moimento meu,
 E tu sósinha no sepulchro humilde,
 Guardando os tristes deslembados ossos!

Junto ao meu corpo guardarei teu leito,
 Onde os teus restos junto aos meus descancem;
 E o mesmo sol, e a mesma lua e brisa
 Juntos nos vejão.

E quando o anjo espedaçar as campas
 Ao som da trompa de fragor horrendo,
 Que ha de o lethargo despertar dos mortos
 Na vida eterna;

Primeiro em ti se fitarão meus olhos:
 Hei de alegrar-me de te ver commigo,
 E as nossas almas subirão reunidas
 Á eterna face do juiz superno.

E deste amor, por que ambos nós passamos,
 O galardão lhe pediremos ambos,
 Viver unidos na mansão dos justos,
 Ou nos tormentos da eternal gehenna!

III.

No em tanto a vida soportar já devo,
 Soffrer o peso da existencia ingloria,
 E revolvendo o coração chagado,
 Nos seus estragos numerar meus dias.

Na terra existo, como um som queixoso,
 Um echo surdo, que entre as fragas dorme,
 Ou como a fonte, que entre as pedras corre,
 Ou como a folha sob os pés calcada.

Uma alma em pena, que procura os restos
 Não sepultados, — uma flôr que murcha,
 D'uma harpa a corda, que por fim rebenta,
 Ou luz que morre.

Prazer não acho de avistar lua
 Pallida e bella na soidão do espaço;
 Nem vivos astros, nem perfumes gratos
 Me dão consolo.

Nada percebo nos confusos roncros
 Do mar, que bate as solitarias praias;
 Nem nos gemidos da frondosa selva,
 Que o sopro amigo de uma aragem move.

Conviva infausto d'um festim, que odeio,
 Ás proprias galas que vaidosa ostenta
 A natureza — não se ri minha alma,
 Nem de as notar meu coração se alegra.

E sinto o mesmo que sentira o frio,
 Mudo cadaver dos festins do Egypto,
 Se ver pudesse, contemplando o nada
 Das vãs grandezas.

Mas já que os olhos sobre mim pousaste,
 Teus meigos olhos, donde o amor lampeja;
 Pois que os teus labios para mim se abrirão,
 Teus meigos labios;

Já que o perfume da tua alma d'anjo
 Embalsamou-me o coração de aromas;
 Já que os prazeres da eternal morada
 De longe, em sonhos, antevi contigo:

Já posso a vida supportar, já devo
 Soffrer o peso da existencia inutil;
 Já do passado e do porvir me esqueço,
 E o meu presente de te amar se ameiga.

RETRACTAÇÃO.

Son reo, non mi difendo;
 Puniscimi, se vuoi!

METASTASIO.

Perdoa as duras frases que me ouviste:
 Vê que inda sangra o coração ferido,
 Vê que inda luta moribundo em ancias
 Entre as garras da morte.

Sim, eu devera moderar meu pranto,
 Soffrear minhas iras vingativas,
 Deixar que as minhas lagrimas corressem
 D'entro do peito em chaga.

Sim, eu devera confranger meus labios,
 Mordel-os té que o sangue espadanasse,
 Afogar na garganta a ultriz sentença,
 Apagal-a em meu sangue.

Sim, eu devera comprimir meu peito,
 Conter meu coração, que não pulsasse,
 Apagado volcão, que inda fumega,
 Que faz, que jorra cinzas?

Que m'importava a mim teu fingimento,
 Se uma hora fui feliz quando te amava,
 Se ideei breve sonho de venturas,
 Dormido em teu regaço;

Luz mimosa de amor, que te apagaste,
 Ou gota pura de crystal luzente
 Filtrando os poros de uma rocha a custo,
 Cahida em negro abysmo!

Devera pois meu pranto borrfifar-te
 Amigo e bemfazejo, como aljofar
 De branco orvalho em perolas tornado
 N'um calice de flôr;

Não converter-se em pedras de saraiva,
 Em chuva de granizo fulminante,
 Que em chão de morte as petalas viçosas
 Desfolhasse entre-abertas.

Feliz o doce poeta,
 Cuja lyra sonora,
 Resoa como a queixosa,
 Trepida fonte a correr;
 Que só tem palavras meigas,
 Brandos ais, brandos accentos,
 Cuja dôr, cujos tormentos
 Sabe-os no peito esconder!

Feliz o doce poeta,
 Que não andou em procura
 De terrena formosura,
 Nem as graças lhe notou!
 Que lhe não deu sua lyra,
 Que lhe não deu seus cantares,
 Que lhe não deu seus pezares,
 Nem junto della quedou!

Antes na mente escaldada
 Forma um composto divino
 De algum ente peregrino,
 De algum dos filhos dos céos;
 E ante essa imagem creada,
 Que vê sempre noite e dia,
 Dobra as leis da phantasia,
 Acurva os desejos seus.

É d'ella quando se carpe,
 É d'ella quando suspira,
 É d'ella quando na lyra
 Entoa um canto feliz:
 D'ella acordado ou dormido,
 D'ella na vida ou na morte,
 Tenha alegre ou triste sorte,
 Seja Laura ou Beatriz!

Que talvez a doce imagem,
 A scismada phantasia
 Ha de o poeta algum dia
 Junto de Deos encontrar;
 E que havendo-a producido
 Antes do mundo formado,
 Dê-lhe um sonhar acordado
 Por um viver a sonhar!

A N H E L O.

No lago interior d'um peito virgem,
 Que os ventos das paixões não agitarão,
 Hei de em cifras de amor gravar meu nome,
 Onde as nuvens do céu desenhão cores.

Nos meigos olhos, que embelleza o mundo,
 De corrosivas lagrimas enxutos,
 Meu pensamento gravarei n'um beijo,
 Onde as luzes do céu reflectem brilhos.

Em sua alma, onde uma harpa melindrosa
 Noite e dia seus canticos afina,
 Hei de a vida entornar em doces carmes,
 Onde imagens do céu sómente brilhão.

Que outra c'róa melhor, que outra mais pura,
 Que uma c'róa d'amor em fronte virgem?!
 Não peza sobre a fonte, não esmaga,
 Não punge o coração, — é toda amores!

Que outra c'róa melhor, que outra mais bella
 Que a aureola, que Deos concede aos vates?
 Com sorriso de amor, talvez com pranto,
 Cede-a o vate á mulher, que mais o inspira!

Eu t'a cedo, eu t'a dou! C'rôo-te imagem
 Resplendente, invejada entre as mulheres;
 Um beijo só de amor tu me concedas,
 Um suspiro sequer do peito exales.

QUE ME PEDES.

Tu pedes-me um canto na lyra de amores,
 Um canto singelo de meigo trovar?!
 Um canto fagueiro já — triste — não pôde
 Na lyra do triste fazer-se escutar.

Outr'ora, coberto meu leito de flores,
 Um canto singelo já soube trovar;
 Mas hoje na lyra, que o pranto humedece,
 As notas d'outr'ora não posso encontrar!

Outr'ora os ardores que eu tinha no peito
 Em cantos singelos podia trovar;
 Mas hoje, soffrendo, como hei de sorrir-me,
 Mas hoje, trahido, como hei de cantar?

Não peças ao bardo, que afflicto suspira,
 Uns cantos alegres de meigo trovar;
 A' lyra quebrada só restão gemidos,
 Ao bardo trahido só resta chorar.

O CIUME.

Oh! quanta graça e formosura adorna
 Teu rosto eloquente e vivo!
 Se a sombra de um sorrir te afrouxa os labios,
 Prestes outro sorrir dos meus rebenta;
 Se vejo os olhos teus, que chorar tentão,
 Debalde o pranto meu represso engulo;
 Se do teu rosto as rosas se esvaezem,
 Eu sinto de temor bater meu peito;
 E quando os olhos teus nos meus se fitão,
 Nem pezares, nem dores me dominão;

Mas sinto que o meu peito se entenece,
 Sinto o meu coração bater mais livre,
 Sinto o sorriso, que me ri nos labios,
 Sinto o prazer, que me transluz no rosto,
 Sinto delicias n'alma!

Quanta belleza tens! — quer dessas graças,
 Que o amor inveja — n'um saráu brilhante
 No meio de bellezas, que supplantas,
 Prazer e galas de as mostrar ressumbres;
 Quer estejas sósinha e pensativa,
 Quer viva e folgazã prazer incites:

Ou n'um corsel em páramos extensos,
 Correndo affoita e louca, e o pé mimoso
 Da carreira no afan por sob as vestes
 Transparecer deixando;

Ou balançada n'um ligeiro barco,
 Que de um lago tranquillo as aguas frisa,
 Soltando a voz ás brisas namoradas,
 Que de te ouvir suspirão;

Ou n'uma bronca penha descavada
 O mar e os céos contemples pensativa,
 E a redeas sóltas do pensar divagues
 Nos campos do infinito;

Es sempre bella: já teus olhos brilhem
 Luz que fascina, ou morbidos reflexos,
 Teus labios entre-abertos sempre exhalão
 Calor, que incendio ateia.

Oh! que bella tu es, quando assentada
 No teu balcão, ao refulgir da lua,
 Manso te apoias em coxins de seda,
 E o bello azul dos céos triste encarando
 Pensas em Deos, — talvez no teu futuro,
 Talvez nos teus pezares, — que na fonte
 De limpha pura, crystallina e fresca
 Aquatica serpente usa occultar-se.

Mas como es bella assim! co'a mão sem força
 Tirando sons perdidos, sons que encantão,
 Sons qu'infundem prazer, sons d'harpa tristes!
 Mas como es bella assim! — quando o teu peito
 Entre a gaza subtil de leve ondeia!
 Como a onda do mar pausada e fraca
 Se abaixa, e empola, e mais e mais se achega
 A' doce praia, onde os seus ais se quebrão;
 Assim teu peito bate, e nos teus labios
 Do extremo palpitar morre um suspiro.
 Como d'harpa afinada a corda sôa,
 Mal desfere seus sons outro instrumento;
 Assim tambem minha alma se entristece,
 Assim tambem meu peito arqueja e pula!

Eis porque amor me liga aos teus destinos,
 Porque sou teu escravo, — bem que saiba
 Que se a tua alma a belleza
 Tem de um anjo a formosura,
 Não tens de um anjo a candura,
 Nem tens delle a singeleza!

Eis porque ardo por ti, porque padeço
 Do inferno crus tormentos!
 Porque dos zelos o fel mancha minha alma
 De negros pensamentos!

Mas que importa este amor que me consome?
 Eu quero sentir dôr;
 Quero labios que entornem nos meus labios
 Alento escaldador!

Quero fogo sentir contra o meu peito,
 Quero um corpo cingir que eu sinta arder,
 Quero beijos só teus, caricias tuas,
 Que dão morrer!

Que importa ao edificio que seintilla,
 De roaz fogo tomado,
 Ser por um raio abrasado
 Ou por ignobil favilla?

É sempre ardor, sempre fogo,
 Sempre d'incendio o clarão,
 Sempre o amor que estúa e ferve
 Como um gigante vulcão.

A NUVEM DOIRADA.

(N'UM ALBUM.)

A nuvem doirada se expraia no occaso,
 Roçando co'as franjas o throno de Deos;
 A aguia arrojada seus vôos levanta,
 Traçando caminhos nos campos dos céos!

Exhala perfumes a flôr do deserto,
 Embora dos ventos o sopro fatal
 Embace-lhe as côres, — e o mar orgulhoso
 Suspira queixoso — no extenso areal.

E os bardos mimosos nos cantos singelos
 Imitão as nuvens no incerto vagar:
 Vão sós como as aguias, — exhalão perfumes,
 Suspirão queixumes — das vagas do mar.

Por isso quem ama, quem sente no peito
 Cantar-lhe das lyras a lyra melhor;
 Os carmes lhes ouve, que os bardos só cantão
 Saudades, perfumes, enlevos e amor!

SONHO DE VIRGEM.

A. D. A. C. G. A.

I.

Que sonha a donzella,
 Tão vaga, tão linda,
 Bemquista e bemvinda
 Na terra e no céo?
 Que scisma? que pensa?
 Que faz? que medita,
 Que o seio lhe agita
 Tão bravo escarcéo?

Que faz a donzella,
 Se lagrimas quentes
 Das faces ardentes
 Lhe queimão a tez?
 Que sonha a donzella,
 Se um riso fagueiro,
 Donoso e ligeiro
 Nos labios lhe vês?

Que faz a donzella,
 Que scisma, ou medita?
 Talvez lá cogita
 Fruir algum bem;
 Então porque chora?
 Se curte agras dores
 D'ingratos amores,
 O riso a que vem?

Semelha a donzella,
 Que ri-se e que chora,
 Á limpida aurora,
 Que orvalha dos céos;
 Não luz mais brilhante,
 Não chora mais prantos,
 Não tem mais encantos,
 Que um riso dos seus.

II.

Quem me dera saber quaes são teus sonhos,
 Aventar teus angelicos desejos,
 Saber de quantas ledas fantasias,
 De quantos melindrosos pensamentos
 Um suspiro se nutre, um ai se gera.
 Virgem, virgem de amor, que vais boiando
 Á flôr da vida, como rosea folha,
 Que aragem branda sacudio nas aguas;
 Que genio bom a magica vergasta
 Em troco de um sorriso te concede?
 Que poderosa fada te embalsama
 A vida e os sonhos? — que celeste archanjo
 Embala, agita as creações que idéas,
 Como em raio do sol dourados átomos
 Com que invisivel ser brincar parece!
 Virgem, virgem de amor, quaes são teus sonhos?

III.

Talvez quando o sol nasce, lá divisas
 Na liquida extensão do mar salgado
 Correr com mansas brisas
 Um ligeiro batel aparelhado.

As velas de setim brancas de neve
 Rutilão d'entre as flamulas e cores,
 E o barco airoso e leve
 Nos remos voga de gentis amores.

Não formão rijos sons celeuma dura,
 Nem a companha entre bulcões desmaia;
 Aragem fresca e pura
 Doces carmes de amor conduz á praia.

Sonhas talvez nas orlas do occidente,
 De um regato sentada á branda margem,
 Ver surgir de repente
 De uma cidade a caprichosa imagem!

Soberbas construcções fantasiando,
 Vês agulhas subtis cortando os céos,
 E a luz do sol doirando
 Rutilos tectos, altos corucheos.

Sonhas talvez palacios encantados,
 Espaçosos jardins, fontes de prata,
 Vergeis de sombra grata,
 Onde a alma folga, isenta de cuidados.

Sonhas talvez, mas innocente Armida,
 Passar a facil quadra dos amores,
 Tendo em laço de flores
 Preso de quem mais amas peito e vida!

IV.

Quem me dera saber quaes são teus sonhos?
 Aventar teus mais intimos desejos,
 E ser o genio bom que t'os cumprisse!

V.

Nem só prazeres medita,
 Nem só pensa em bellas flores;
 Muitas ha que almeirão dores,
 Como outras buscão amor:
 É que as punge atra amargura,
 Que o peito anceia e fatiga;
 É sêde que só mitiga
 Talvez afflicção maior.

Quasi gozão, quando vertem
 Um pranto cançado e lento;
 Quando um comprido tormento
 Lhes derrete o coração:
 Não é martyrio de sangue,
 Como nas eras passadas;
 Mas ha lagrimas choradas,
 Que tambem martyrio são.

Ha dores que melher ralão
 Que provas d'agua ou de fogo,
 Que ver apinhado o povo
 N'um banquete canibal;
 Que sentir no amphitheatro
 As vivas carnes rasgadas
 Pelas presas navalhadas
 De um fero lobo cervical.

VI.

Quem me dera saber quaes são teus sonhos,
 Aventar teus mais fundos pensamentos,
 E ser o genio bom que t'os cumprisse,
 Quando fossem de amor teus meigos sonhos!

VII.

Mas donde mana essa fonte
 De inexplicavel ternura,
 Que os golpes da desventura
 Não podem nunca estancar;
 Essa vida toda extremos,
 Esse ardor de todo o instante,
 Esse amor sempre constante,
 Que nunca se vê mingoar?

Quizera, virgem donosa,
 Saber a origem divina
 Dessa fonte peregrina
 De tanta luz e calor;
 Então pudera em meus cantos,
 Tratar dos teus meigos sonhos,
 Formar uns quadros risonhos
 De quanto sentes de amor.

Roubando as cores do Iris,
 Das estrellas os fulgores,
 O aroma que tem as flores,
 O vago que tem o mar;

Talvez pudera os mysterios,
 As douradas phantasias,
 As singelas alegrias
 D'um peito virgem cantar.

MEU ANJO, ESCUTA.

Le mal dont j'ai souffert s'est enfui comme un rêve,
 Je n'en puis comparer le lointain souvenir
 Qu'à ces brouillards légers que l'aurore soulève
 Et qu'avec la rosée on voit s'évanouir.

MUSSET.

Meu anjo, escuta: quando junto á noite
 Perpassa a brisa pelo rosto teu,
 Como suspiro que um menino exhala;
 Na voz da brisa quem murmura e falla
 Brando queixume, que tão triste cala
 No peito teu?
 Sou eu, sou eu, sou eu!

Quando tu sentes luctuosa imagem
 D'afflicto pranto com sombrio véo,
 Rasgado o peito por acerbos dores;
 Quem murcha as flores
 Do brando sonho? — Quem te pinta amores
 D'um puro céo?
 Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguém te acorda do celeste arroubo,
 Na amenidade do silencio teu,
 Quando tua alma n'outros mundos erra,
 Se alguém descerra
 Ao lado teu
 Fraco suspiro que no peito encerra;
 Sou eu, sou eu, sou eu!

Se alguém se affige de te ver chorosa,
 Se alguém se alegra co'um sorriso teu,
 Se alguém suspira de te ver formosa
 O mar e a terra a enamorar e o céo;
 Se alguém definha
 Por amor teu,
 Sou eu, sou eu, sou eu!

OS BEIJOS.

Amo uns suspiros quebrados
 Sobre uns labios nacarados
 A gemer, a soluçar;
 Como a onda bonançosa,
 Que n'uma praia arenosa
 Vem tristemente expirar!

Amo ouvir uma voz pura,
 Uns accentos de ternura,
 Que trazem vida e calor;
 Que se derramão a medo,
 Como temendo o segredo
 Revelar do occulto amor!

Amo a lagrima que chora
 Terna virgem que descora,
 Presa d'interna afflicção;
 Amo um riso, um gesto vivo,
 Um olhar honesto, esquivo,
 Que alvoroça o coração.

Porêem mais que o olhar honesto,
 Mais que o riso e brando gesto,
 Mais do que o pranto a correr,
 Mais que a voz, quando amor jura,
 Que um suspiro de ternura,
 Que vem aos labios morrer;

Amo o leve som de um beijo,
 Quando rompe o véo do pejo,
 Mal sentido a murmurar:
 É viva flôr de esperança,
 Que nos promette bonança,
 Como a flôr do nenuphar.

Mente o olhar, mesmo em donzella,
 Mente a voz que amor assella,
 Mente o riso, mente a dôr;
 Mente o cançado desejo;
 Só não mente o som de um beijo,
 Primicias de um longo amor!

Beijos que são? Duas vidas,
 São duas almas unidas,
 Que o mesmo fogo consume:
 São laço estreito de amores;
 Porque são os labios flores
 De que os beijos são perfume!

Beijos que são? — Ai do peito,
 Sello breve, laço estreito
 D'um cançado bem querer;
 Saibo dos gozos divinos,
 Que nos labios femininos
 Quiz Deos bondoso verter.

Já por feliz me tivera,
 Triste de mim! se eu pudera
 Dizer o que os beijos são:
 Sei que inspirão luz e calma,
 Sei que dão remanso á alma,
 Que trazem fogo a paixão.

Sei que são flôr de esperança;
 Que nos promettem bonança,
 Como a flôr do nenuphar:
 Quem fruio um ledo beijo,
 Ter não póde outro desejo,
 Nada já póde gozar.

Sei que delles não se esquece
 Triste velho, que esmorece
 Á mingoa de coração:
 Viva estrella em noite escura,
 Viva braza em cinza pura,
 Em neve algente um vulcão.

Sei que fruil - os uma hora
 De ventura seductora,
 É subir em vida aos céos,
 É fugir da vida escassa,
 Roubar ao tempo que passa
 Um dos momentos de Deos.

Sei que são flôr de esperanza,
 Que nos promettem bonança,
 Como a flôr do nenuphar!
 Quem os fruio, o que espera?
 Já gozou, já não tem era,
 Já não tem mais que esperar.

DESESPERANÇA.

Antes d'espírar el dia,
 Vi morir á mi esperanza.

ZARATE.

Que m'importa do mundo a inclemencia
 E esta vida cruel, amargada?
 Des'que os olhos abri á existencia
 Um vislumbre de amor não achei!
 Nem uma hora tranquilla e fadada,
 Nem um gozo me foi lenitivo;
 Mas no mundo maldicto, em que vivo,
 Quantas ancias, meu Deos, não provei!

Já bastante lutei com meu fado!
 Quando outr'ora corri descuidoso
 Traz de um bem, não real, mas sonhado,
 Transbordava de sonhos gentis:
 Eu julgava que a um peito brioso
 Ou que a uma alma, que facil s'inflamma
 Por virtudes, por gloria, ou por fama,
 Era facil aqui ser feliz.

Via o mundo ao travez dos meos prantos
 A sorrir-se p'ra mim caroavel,
 Reflectindo celestes encantos,
 Que era visto d'um prysma ao travez:
 Hoje trevas em manto palpavel
 Me circundão, — nem já por acerto
 Vejo triste nos prantos, que verto,
 Luz do céo reflectida outra vez!

Que me resta na terra? — Estas flores,
 Afagadas do sopro da brisa,
 Disputando do sol os fulgores,
 Balançadas no debil hastil!
 Estas fontes de prata, que frisa
 Brando vento, — estas nuvens brilhantes,
 Estas selvas sem fim, susurrantes,
 Estes céos do gigante Brasil;

Nada já me renova a esperança,
 Que jaz morta, qual flôr resequida;
 Só me resta a querida lembrança
 Que o martyrio se acaba nos céos:
 Foge pois, ô minha alma, da vida;
 Foge, fuge da vida mesquinha,
 Leva timida esp'rança, caminha,
 Té parar na presença de Deos!

Qu'estes gozos de ethereos prazeres,
 Que esta fonte de luz que illumina,

Que estes vagos phantasmas de seres,
 Que scismando só posso enxergar;
 Que os amores de essencia divina,
 Que eu concebo e procuro e não vejo,
 Que este fundo e cançado desejo,
 Deos somente t'os póde fartar.

Vai assim a medrosa donzella,
 Pura e casta na ingenua belleza,
 Buscar luz á remota capella,
 Branca cera na pallida mão:
 Tudo é sombra, silencio e tristeza!
 Mas ao toque do fogo sagrado,
 Arde em chammas o cirio apagado,
 Já rutila brilhante clarão.

SE QUERES QUE EU SONHE.

Sur mon front, où peut-être s'achève
 Un songe noir qui trop longtemps dura,
 Que ton regard comme un astre se lève,
 Soudain mon rêve
 Rayonnera.

V. Hugo.

Tu queres que eu sonhe! — que ao menos dormido
 Conheça alegrias, desfructe prazeres;

Que nunca provei;

Que ao menos nas azas de um sonho mentido
 Perdido — arroubado, tambem diga: ameí!

Tu queres que eu sonhe! — não sabes que a vida
 Me corre penosa, — que amarga por vezes

A propria illusão!

No pallido riso d'uma alma affligida,
 Qu'invída — ser leda, que dores não vão!

Se o pranto, que os olhos cançados inflamma,
 Nos olhos de estranhos sympathico brilha;

Mais agro penar

Do triste o sorriso nos peitos derrama,
Se a chamma — revela, que almeja occultar.

Sonhando, percebo na mente agitada
Um mar sem limites, areas fundidas
Aos raios do sol;
E um marco não vejo perdido na estrada
Cançada, — não vejo longinquo farol!

E queres qu'eu sonhe! — Nas aguas revoltas
O nauta, ludibrio d'horrenda procella,
Se póde dormir,
As vagas cruzadas, em sustos involtas,
As soltas — escuta raivosas bramir.

Talvez porêem sonha que as ondas mendaces
O levão domadas á terra querida,
Qu'entrou em seus lares! . . .
E triste desperta, que os ventos fugaces
Nas faces — a espuma lhe atirão dos mares.

Se queres que eu sonhe, — que alguma alegria
Dormido conheça, — que frua prazeres
D'um placido amor;
Vem tu como estrella da noite sombria,
Que enfia — seus raios das selvas no horror,

Brilhar nos meus sonhos. — Então socegado,
Scismando prazeres, que n'alma s'entranhão;
D'um riso dos teos

Coberto o meo rosto, — fugira o meu fado
Quebrado — aos encantos de um anjo dos céos.

Vem junto ao meu leito, quando eu for dormido,
Que eu sinta os perfumes que exhalas passando;
Não soffro — direi:

E ao menos nas azas de um sonho mentido,
Perdido — arroubado, talvez diga: — amei! —

O B A I L E.

Sonemos gozando
 Fortuna tan vana,
 Y el sol de mañana
 Que vea al salir
 Que al son de la orquesta
 Danzando en la fiesta,
 No es carga funesta
 La vida feliz.

ZORRILLA.

As salas vão-se enchendo, as luzes brilhão
 Nos prysmas de crystal repercutidas,
 Em quanto as flores
 Dos bufetes nas jarras coloridas
 Acres odores
 Soltão; ao mar de luzes misturando
 D'innocente perfume outro mar brando.
 Com requebros e amor gentis donzellas,
 Em riso e festa,
 Medindo os passos
 Aos sons da orchestra,
 Pendem dos braços
 Do namorado, lepido galan!
 Esta risonha, aquella pensativa,
 Outra menos esquivã,
 Attenta ás vozes, que o prazer lhe entranhão,
 E á fraze cortezã,
 Que lhe entorna a lisonja nos ouvidos;
 Vão descuidosas,
 Nos labios risos,
 Nas faces rosas,
 Dando fé a protestos fementidos.
 Triunfo ás bellas! o prazer começa:
 Correm nas taças vinhos espumosos,
 Gratos licores;
 Tangida pela mão dos Trovadores
 Desfaz-se a lyra em sons melodiosos,
 Em cantico de amores

Soltão mais viva luz as brancas velas,
 Melhor perfume as flores.
 Activa-se o prazer; triunfo ás bellas!
 Aqui, alli, alem, mil rostos meigos,

Da walsa ao gyro rapido se mostram,
 De gemmas ennastrados os cabellos;
 E o peito que anhelante
 Palpita entumecido
 Nas ondas do prazer ebrifestante,
 D'um leve colorido
 Banha o semblante,
 Que mais e mais co'a noite se enrubece:
 Triunfo ás bellas, — o prazer recresce!

Perdido emtanto neste mar de luzes,
 Mar de amor, de perfumes, que me inunda,
 Contemplo indifferente
 Quanto em redor diviso;
 E entre tanto ruido e tanta gente,
 Nem um sorriso
 Verdadeiro, innocente!
 Nem um sincero raio de alegria,
 Nem um peito contente
 Neste mar de perfumes e harmonia!

Então digo entre mim: — Talvez aquella,
 Que tem melhores cores,
 Que mais leda se mostra,
 Que mais feliz no gesto se revela,
 Sente mais finas dores;
 O intimo desgosto,
 A febre que a devora
 Lhe dá calor ao rosto,
 E no silencio chora;
 Presa de uma afflicção devoradora.
 Uma tristeza funda, inexprimivel
 O coração me anceia;

E triste e solitario n'um recanto,
 Nunca mais solitario, nem mais triste
 Do que entre a multidão que me rodeia,
 Não encontro maior, mais doce encanto
 Que deixar-me arrastar por uma ideia,
 Que me avassalla a mente.
 Que m'importa esta gente,
 Estes rostos que vejo e não conheço,
 E o riso a que mil outros dão apreço?
 Esta fingida alegria,
 Esta ventura que mente,
 Que serão dellas ao romper do dia?
 Destas virgens louças as mais mimosas
 Mortas serão talvez antes que murchem
 Do branco rosto as encarnadas rosas!
 Grinaldas festivaes, que a morte espalha
 No lugubre terreiro;
 O pó as enxovalha,
 Murchas aos pés do esquallido coveiro!

DESALENTO.

Without a hope in life!

CRABBE.

Nascer, lutar, soffrer! — eis toda a vida:
 D'esperança e de amor um raio breve
 Se mistura e confunde
 Ás cruas dores d'um viver cançado,
 Como raio fugaz que luz nas trevas
 Para as tornar mais feias!

 Da verde infancia os sonhos melindrosos,
 Nobres aspirações da juventude,
 Amor de gloria stulto,
 Com que mais alto a mente se extasia;
 São vãos phantasmas, que produz a febre,
 São illusões que mentem!

São as folhas virentes arrancadas
 D'um arbusto viçoso, antes que brotem
 Da primavera as flores;
 A pennugem que nasce antes das azas,
 Um esteril botão, que não dá flores,
 Ou flôr que não dá fructos!

Foge, mancebo, lá te espreita o mundo!
 Como areas d'um paramo deserto,
 Resequido, abrasado;
 Provoca o teo soffrer, teo pranto espreita,
 Sedento almeja as lagrimas, qu'entornas
 Nos areaes da vida.

S'inda tens coração, hão de esmagar-te;
 As setas da calumnia irão cravar-t'o
 Na parte mais sensivel:
 Se tens alma, se electrico palpitas
 De patria e de virtude aos nomes sanctos,
 Foge outra vez ao mundo.

Não queiras, n'um accesso doloroso,
 Ás mãos ambas ferindo o peito credulo
 Exclamar delirante:

«Minha patria onde está? — Onde estes homens,
 «Que a par de meos irmãos amar devera,
 «Da mesma patria filhos?

«E a virtude tambem, onde hei de achal-a?
 «Se é mais que nome vão, onde é que existe?
 «Onde é que se pratica?

«Se os modernos Catões a graça esmolão
 «Do rei — ou, cortesãos da populaça,
 «Rojão por terra ignobeis!

«Se a mão do poderoso, a mão dourada
 «Do crime impune — esbofeteia as faces
 «Do homem vil, que a beija!

«Oh! meos irmãos não são, não são os filhos
 «Desta patria, que eu amo; — torce o rosto
 «De os vêr a humanidade.»

Despe-se a vida então dos seus encantos,
 E o homem na lembrança revivendo
 O percorrido estadio,
 Tem por marcos de estrada o monumento,
 Com que os mais fortes laços se desatão,
 — A pyramide e a campa!

Do sonho juvenil murchas as cores,
 Sem illusões, sem fé — nublado, escuro
 O presente e o porvir,
 No crepe d'abortadas esperanças
 S'involve — e os olhos tesos no sepulchro,
 A tarda morte aguarda!

Mas eu, qual viajor, vago perdido
 Pela face da terra! — amigo lume
 Não me convida ao longe;
 E ao sentar-me na mesa dos estranhos,
 Digo: — longe serei antes do occaso; —
 E a divagar prosigo.

Mal aceito conviva me despeço! . .
 As calumnias que soffro, a dôr que passo,
 Não me ferem profundas;
 Bem como a rola, que das matas desce,
 E nas azas recebe o pó da estrada,
 Que voando sacode.

Minha hora derradeira sôe em breve,
 A só esperança que aos mortaes não falha!
 Morrerei tranquillo;
 Bem como a ave, ao por do sol, deitando
 Debaixo d'aza a timida cabeça,
 Da noite o somno aguarda.

A QUEDA DE SATANAZ.

(TRADUCÇÃO.)

Eis que tomba da abobada celeste
 O archanjo audaz, o seraphim manchado,
 Desenrolando o corpo volumoso,
 Despenhado precipite, — qual mundo
 Dos eixos arrancado, — como um vivo
 Dos céos fragmento enorme, eil-o cahindo!
 Cahia lá d'aquelles céos brilhantes,
 Donde inda os seos iguaes lançavão raios;
 Cahia! — e a cerviz no espaço ardendo
 As espheras dos sóes de côr de sangue,
 Passando, avermelhava.

Eil-o, o maldicto, o archanjo da blasfemia,
 Rival do creador! — té o imo peito
 Pelas frechas da anáthema varado,
 Como n'um turbilhão, desce rodando;
 Ondas d'um mar de fogo o vem cercando,
 E elle occulta a cabeça,
 Como que procurasse
 Nas entranhas da noite
 Esconder seu desdoiro.

Clamavão — longe — os mundos com voz forte:
 «Que insensato! onde vae? Nesse arrojado,
 Frenetico voar, que vento o impelle,
 Que de astro em astro vae, d'um céu em outro?
 Vede como é sombrio!
 Oh! quão outro que está d'aquelle archanjo
 De tão bello semblante,
 Lucifer radiante,
 Cujosopro era como o romper d'alva,
 Que as portas da manhã nos céos abria,

Trazendo comsigo a aurora,
 Que o seo alento accendia!
 Acaso o reconhecestes?
 Era hontem brilhante, novo e bello;
 E hoje é feio e nu e descalvado,
 Nas azas da tormenta balouçado,
 Nas azas dos bulcões;
 E os seos olhos fulminados
 Já sem pupillas fumegão,
 Quaes crateras de vulcões!»

O archanjo os escutava, ameaçando - os
 Co'o olhar fulminante;
 Que cheio d'impio orgulho já sentia
 Uma c'roa de rei cingir-lhe a fronte.
 Todos os astros que no espaço gyrão
 Seos olhos d'irritados fascinavão;
 E os astros todos de terror tremião,
 Saudando a coruscante realeza.
 E já os céos sem fim, estrellas, mundos
 Traz delle se perderão;
 E nas profundas solidões do espaço
 O archanjo abandonado apenas via
 A noite, e sempre a noite!
 Tem medo, olha, procura . . . — Um astro! um astro!
 Transviado nos céos! — O archanjo o avista!
 Estende a mão convulsa arrepellando - o:
 Segura, arrasta-o, e d'um só pulo hardido
 Tral-o potente ao limiar do inferno,
 Alentando açodado.

O errante cometa duas vezes
 Ao tetro boqueirão levou comsigo,
 E duas vezes, como um negro abutre,
 Lutando corpo a corpo, de canção
 Sentio-se esmorecer.
 Duas vezes tambem o astro victima,
 Supplicando medroso, as igneas azas

Bateu, sublime grito aos céos mandando.
 O nome do Senhor por duas vezes
 O rebelde venceo, — elle sosinho
 Cahio no fundo abysmo.

CANÇÃO DE BUG-JARGAL.

(TRADUCÇÃO.)

Maria, porque me foges,
 Porque me foges, donzella?
 Minha voz! o que tem ella,
 Que te faz estremecer;
 Tão temivel sou acaso?
 Sei amar, cantar, soffrer.

E quando ao travez dos troncos
 Descubro d'altos coqueiros,
 Junto as margens dos ribeiros,
 A sombra tua a vagar;
 Julgo vêr passar um anjo,
 Que os meos olhos faz cegar.

E dos labios teos se escuto
 Deslisar-se a voz, Maria,
 Cheio de estranha harmonia
 Pulsa o peito meo queixoso,
 Que mistura aos teos accentos,
 Tenue suspiro afanoso.

Tua voz! eu quero ouvir-t'a
 Mais do que as aves cantando,
 Que vem da terra voando,
 Em que eu a vida provei;
 Da terra onde eu era livre,
 Da terra onde eu era rei!

Liberdade e realeza,
 Hei de perder da lembrança;
 Família, dever, vingança . . .
 Té a vingança m'esquece,
 Fructo amargo e deleitoso,
 Que tão tarde amadurece!

Es, Maria, qual palmeira,
 Altiva, esbelta, engraçada,
 No tronco seo balançada
 Por leve brisa fagueira;
 No teo amante a rever-te,
 Como na fonte a palmeira.

Mas não sabes? — Do deserto
 A tempestade valente
 Corre as vezes de repente
 Por acabar apressada
 Com seo halito de fogo
 A palmeira, a fonte amada!

E a fonte já mais não corre!
 Sente a verdura sumir-se
 A palmeira, e contrahir-se
 A palma sua ao redor,
 Que de cabellos dava ares,
 De c'rôa tendo o splendor.

D'Hespaniola, ó branca filha,
 Teme por teo coração;
 Teme a força do vulcão
 Que vai breve rebentar!
 Que, depois, amplo deserto
 Só poderás contemplar!

Talvez que então te arrependas
 De me haveres desdenhado,
 Porque houveras encontrado
 Salvação no meo amor;

Como o kathá leva á fonte
O sedento viajor.

Porque assim tu me desdenhas,
Não, Maria, não o sei;
Que d'entre as fronte humanas,
Entre as fronte soberanas,
Levanto a fronte; sou rei.

Sou preto, sim, tu es branca:
Mas qu'importa? Junto ao dia
A noite o poente cria
E cria a aurora tambem,
Que mais luzentes bellezas,
Mais doces do que ambos tem.

AGAR NO DESERTO.

*Et abiit, seditque e regione procul quantum
potest arcus jacere: dixit enim: non videbo
morientem puerum: et sedens contra, levavit
vocem suam et fleuit.*

(Genesis, Cap. 21, 16.

Pallido o rosto e queimado
Pelo sol do Egypto ardente,
Sahia a escrava innocente
Co' o filho innocente ao lado
Da tenda patriarchal.
A probresinha chorava!
Alguns pães e um frasco d'agoa
E um peito cheio de magoa! . . .
Vê, contempla, ó triste escrava,
Teo sepulchro no areal.

Abrahão se compadece;
Mas debalde o sollicita
Piedade sancta, — de afflictta
Sem queixar-se, lhe obedece

A triste escrava do amor.

Quizera talvez detel-a . . .

Porêm que? — Sarai lh'implora,
Deos lhe ordena: — vae-te embora,
Vae-te escrava; e a tua estrella
Te depare outro senhor.

O sol brilhante nascia

Sobre as tendas alvejantes;

E n'outros pontos distantes

Combros d'areia feria,

Outr'ora leito d'um mar;

Esse caminho procura,

Que nas ondas do deserto

Talvez ache por acerto

Patria, abrigo, amor, ventura

A prole infausta d'Agar.

Vae, caminha; mas ao passo

Que no deserto s'entranha,

Arde o sol com furia estranha,

Racha a areia o pé descalço,

Cresta o vento os labios seos;

E ao lado o filho innocente

Soltava tristes gemidos,

Co'os olhos humedecidos

Fitando a mãe ternamente,

Que os olhos tinha nos céos!

Procura terras do Egypto;

Porêm de balde as procura:

Vae a triste, sem ventura,

Lento o passo, o rosto afflicto,

Pela inculta Bersabé.

Seo Ismael desfallece;

No deserto immenso, adusto,

Não encherga um só arbusto:

Jehovah delles s'esquece!

Cresce a dôr, e mingua a fé.

Pede sombra o triste infante:

Não ha sombra, — agoa supplica;
 Exaurido o vaso fica,
 Pede mais d'istante a instante

Pobre escrava, oh! quanto dó!

Podesses rasgar as veias,
 Tornar agoas innocentes
 Tuas lagrimas ardentes;
 Mas só vês d'um lado areias,
 D'outro lado areias só.

Pois não ha quem o proteja,

Diz a escrava lá comsigo,
 Vendo o fado seu imigo,
 Meu filho morrer não veja,
 Bem qu'eu tenha de morrer.

A um tiro d'arco distante
 Se arrasta com lento passo,
 Tomba o corpo inferno e lasso,
 E amargo pranto abundante
 Deixa dos olhos correr.

Deos porêm ouvira a prece

Da escrava, da mãe coitada,
 E da celeste morada
 Librado um archanjo desce
 Nas azas da compaixão.

Expira em torno ar de vida,
 Um aroma deleitoso,
 E n'um sonho aventuroso
 Agar seus males olvida,
 Olvida a sua afflicção.

Dorme e sonha, ó triste escrava,

Deos senhor sobre ti vela!
 Dorme e sonha: — a tua estrella
 Nasce como um romper d'alva
 Sobre os netos d'Ismael.

Esquece a sorte mesquinha,
 Que te vexa, — esquece tudo;
 Deos senhor é teu escudo;
 Já não es serva, es rainha
 D'outro reino d'Israel.

Como quando elevados nas alturas
 Descobrimos incognitas paisagens,
 Densas florestas, aridas planuras
 E de rios caudaes virentes margens;

Assim da vida o sonho te arrebatá,
 Rasgando o veo do tempo e do infinito,
 E uma scena vistosa te retrata,
 Que vai da Arabia ao portentoso Egypto.

Vê como o filho teu, feroz guerreiro,
 Nos prainos do deserto eleva as tendas,
 E, posto a seus irmãos sempre fronteiro,
 Provoca e trama asperrimas contendás!

São doze os filhos — doze reis potentes —
 Com elles Ismael tudo avassalla;
 Sua espada é a lei das outras gentes,
 Seus decretos os campos da batalha.

A sorte seus designios favoneia,
 Segue seus passos a benção divina,
 Povôa-se Faran, surge d'areia
 De Meca o templo, os paços de Medina.

Crescem, dominão: largo reino ingente
 Mesquinha habitação presta a seus netos,
 Convertida em nação a grei potente,
 Que opprime a cerviz mobil dos desertos.

Mas entre os filhos seus de nomeada,
 Sup'rior dos heroes á grande altura,
 Na sinistra o alkorão, na dextra a espada,
 A effigie torva de Mahomet fulgura.

Curva-se a Arabia emtanto, a Palestina
 Á sua lei, da Persia o reino antigo;
 Escutão Asia e Africa a doutrina
 Do embusteiro que em Meca achou jazigo:

Mensageiro divino se declara
 Aquelle que illudido o mundo adora;
 Agar é mãe, — pela vergontea cara,
 Entre orgulhosa e triste, a Deos implora.

Peccou; porém da gloria que o circunda
 A roxa luz, que o meteoro imita,
 De vivo resplendor a fronte inunda,
 Commove o peito a misera proscripta.

Curvado ao jugo seu todo o oriente,
 Inda cubiça a Europa o Ismaelita;
 E em frente á cruz, o pallido crescente
 Apparece nas torres da mesquita.

Oh! quanto humano sangue derramado!
 Que de prantos e lagrimas vertidas!
 Entre irmãos o combate é porfiado,
 A raiva intensa, as lutas mal feridas.

De avistar esse quadro tão medonho,
 Embora no porvir todo escondido,
 A escrava tenta orar; porém no sonho
 Resume a prece em languido gemido.

Geme de vêr em furia carniceira
 A espoza de Mahomet desrespeitada,
 E do seu genro a dynastia inteira
 Por duro asar de guerra contrastada.

Sucedem-se os Omiades valentes;
 Do seu ultimo rei, oh dôr! se coalha
 O sangue na mesquita: entre essas gentes
 Vinga o punhal a sorte da batalha.

O vencedor então, não poucas vezes,
 Chegando á bocca a taça corrompida,
 Exp'rimenta os tristissimos revezes,
 De quem sobre os tropheos exhala a vida!

Tudo é silencio e luto: — um só evita
 O negro olvido, — ao templo da memoria
 Vôa Al-Reschid, — unindo á gloria avita
 O louro da sciencia e o da victoria.

Com seu vizir á noite, pelas ruas
 Escuta dos estranhos mercadores
 A gloria d'outros reis, menor que as suas,
 E espreita do seu povo occultas dores!

Se ouviu a narração d'uma desgraça,
 Se o pobre vê curvado a prepotencia,
 Se o convidão a entrar, quando elle passa,
 No abrigo do infortunio e da innocencia,

Entrou e viu! mas o fulgor crastino
 Ri-se mais brando aos peitos soffredores;
 Passa o rei, como orvalho matutino,
 E, por onde passou, rescendem flores!

Mudado o sonho, a fugitiva escrava
 Estranhos povos nota, estranhas terras,
 Que o Darro ensopa e o Guadalete lava,
 Nadando em sangue de cruentas guerras.

Quem foi que as altas portas
 Abriu d'Hespanha aos mouros;
 Que poz os verdes louros,
 Dos reis godos conquista,
 Ás plantas do infiel?
 De tantos males causa
 Tu foste, ó rei Rodrigo,
 Tornando infesto, imigo,
 O nobre conde, outr'ora
 Vassallo teo fiel.

Debalde o affecto encobres
 Do refalsado peito,
 Se vais furtivo ao leito
 Da virgem, que se mostra
 Rebelde ao teo amor:
 Qu'es godo e rei t'esqueces!
 E o nobre resentido
 Da offensa que ha soffrido,
 No teu exemplo aprende
 A ser tãobem traidor.

Em quanto pois devassas,
 Com torpes pensamentos,
 Os regios aposentos
 Da nobre moça, — a c'rôa
 Te cae da fronte ao chão;
 E o pae, que a affronta punge,
 Turbado, ardendo em ira,
 Aos pés do mouro a atira.
 O rei, que planta crimes,
 Recolha vil traição.

Sus, ó rei, ás armas!
 Empunha a larga espada,
 E a fronte sombreada
 Co' o negro elmo — deixa
 Tingir-se em nobre pó:

D'encontro as alas densas
 Do barbaro inimigo
 Debalde, ó rei Rodrigo,
 Te arrojás! — vence á força,
 Foges vencido e só!

Vai só; mas occultando
 No manto d'um soldado
 O rosto demudado,
 Emquanto passa o campo,
 Escasso leito aos seos:
 Ai! triste rei cahido!
 Na solitaria ermida,
 Que abriga a inutil vida,
 No pó collada a fronte,
 Lembra-te emfim de Deos.

Lembrem-te os muitos erros
 E o crime grave, emquanto
 As mães godas em pranto
 O nome teu maldizem,
 E ao ceo clamando estão.
 Emquanto pela Iberia
 O arabe audaz e forte,
 Espalha o susto, a morte,
 Por onde quer que solta
 Ao vento o seu pendão.

Passão avante, calcão
 Dos Pyrenêos as serras,
 Levando cruas guerras
 Ao dilatado imperio
 Do intrepido gaulez.
 Debalde o grande Carlos
 Oppõe-se-lhes, — que a historia
 Nos traz inda á memoria
 Dos tristes Roncesvalles
 O misero revez.

Porêm do largo imperio
 De Cordova e Granada
 A c'rôa cahe pesada
 Na frente amollecida
 Do moço Boabdil.

O fraco teme os echos
 Ouvir da accesa guerra,
 E perde a nobre terra
 Ganhada em mil batalhas
 Com pranto feminil.

Depois, inda outros quadros
 Enxerga no futuro;
 Mas é um ponto escuro,
 São formas vagas, postas
 Em duvidosa luz.

Já naves são, já hostes,
 Tropel de varia gente,
 Que parte do occidente,
 Em cujos peitos brilha
 De Christo a roxa cruz.

Agar emfim acorda!
 Sustendo o filho caro,
 Pelo deserto avaro
 S'entranha novamente,
 Mais solto o coração.

Parece que já sente
 No rosto ao bello infante
 A gloria radiante,
 Que espera os descendentes
 Da forte geração.

E como Deos lhe ha dito,
 Seus filhos são guerreiros,
 Que a seus irmãos fronteiros
 Cruentos prelios movem:
 Temidos são; porêm

As filhas desses bravos,
Da vida sequestradas,
Escravas são coitadas,
Que da materna origem
Recordão-se no Harem.

Vai, caminha, oh triste escrava,
Deos Senhor sobre ti vela;
Vai, caminha: a tua estrella
Nasce como um romper d'alva
Sobre os netos d'Ismael.

Esquece a sorte mesquinha
Que te vexa, esquece tudo,
Deos Senhor é teu escudo:
— Já não es serva, es rainha
D'outro reino d'Israel.

HYMNO.

O MEU SEPULCHRO.

Elève-toi, mon ame, au-dessus de toi-même,
Voici l'épreuve de ta foi!
Que l'impie, assistant à ton heure suprême,
Ne dise pas: Voyez, il tremble comme moi!

LAMARTINE — *Harmonies.*

Quando, os olhos cerrando á luz da vida,
O extremo adeus soltar ás esperanças,
Que na terra nos guião, nos confortão
E espaço do porvir a senda estreita;
Quando, isento de miseros cuidados,
Disser adeus ás illusões douradas,
Mas com ellas tambem ás dores cruas
Da existencia — aos espinhos ponteagudos,
Com que a verdade o coração nos roça;
Quando tocada não sentir minha alma
Da luz, dos sons, das cores, das magias,
Que a natureza prodiga derrama
No regaço da terra — mais ditoso
Serei acaso então? — Quando o meu corpo
Á terra, mãe commum, pedindo abrigo
Dos sepulchros no valle em paz descance;

Hei de ser mais feliz porque m'ò cobre
 Pomposo mausoleu, em vez da pedra
 Sem nome, em vez do tumulo de cespedes,
 Que s'ergue junto á estrada, e ao viandante,
 Ao que alli passa, uma oração supplica?
 Oh! não! — ao encalmado é grata a sombra;
 Grato descanso aos membros fatigados
 Presta igualmente a relva das campinas
 E os torrões pelo sol enrigicidos.
 Como o trabalhador que a sesta aguarda,
 O meu termo fatal sem medo espero!
 Eu então pedirei silencio á morte,
 E fresca sombra á sepultura humilde,
 Que me receba, — e á cuja superficie
 Morrão sem echo da existencia as vagas.

Humilde seja embora! Que m'importa
 Que a mão d'habil artista me não talhe
 Mentiroso epitaphio em preto marmor!
 O moimento faustoso, que se erige,
 Arranco da vaidade, sobre a campa
 De um corpo transitorio, acaso empece
 Aos que alli pascem, vermes esfaimados
 De roerem-lhe as visceras?! — Solemnes
 São da campa os mysterios; mas terrivel
 É da morte a rasoura, que nivela
 O rico ao pobre, e os berços differentes
 Torna um féretro, um leito de Procusto,
 Capaz de quanta dôr os homens soffrem:
 Tão depressa o cadaver se corrompe
 Nas amplas dobras do velludo involto,
 Como embrulhado na mortalha exigua,
 Que a religiosa caridade amiga,
 O pudor dos sepulchros venerando,
 Lança do pobre aos restos desprezados.

Os felizes do mundo, acobardados
 Ante a imagem da morte, que os assalta,

Temem deixar a terra, onde tranquilla,
 Quasi livre de dôr, entre delicias,
 Como um rio caudal lhes corre a vida.
 Horrorisão-se timidos, — supplicão
 Á cruel, que os não leve, que os não roube
 Á senda matisada, onde os seus passos
 Deslisão-se macios — ás caricias
 D'um seio, que lhes presta brando encosto.
 O fio da esperança os liga forte
 A um corpo que declina, como os lios
 De enredica tenaz prendida á copa
 D'uma arvore comida: amedrontados,
 Como das fauces negras d'um abysmo,
 Do pavoroso tumulto recuão.

Mas eu, que vago solto, como a folha,
 Como o fumo subtil; que não limito
 Nos terminos da terra os meus desejos,
 Folgo de vêr os renques dos sepulchros
 No chão da morte largamente esparsos!
 Quasi me alegra vel-os. Tal no exilio
 Contempla á beira-mar o degradado
 Devolverem-se as vagas, — e saudoso
 Da patria sua tão distante — as conta;
 Uma por uma as interroga, e pensa
 Qual d'aquellas será que o leve e atire,
 Naufrago embora e semimorto, ás praias,
 Porque chorão seus olhos. — No desterro
 Me contemplo tambem, — como elle, choro
 A patria, o íman dos meus sonhos gratos.
 Abra-se funda a cova ante os meus passos:
 Um só delles da morte me separe! . .
 E esse passo andarei, como quem pisa,
 Depois de viajar remotos climas,
 O patrio solo, e as auras perfumadas
 Do bosque, amigo seu na leda infancia,
 Bebe de novo, e de as gozar se applaude.

Hora do passamento! es da existencia .
 O momento mais sancto, o mais solemne:
 Assim o rubro sol, quando no occaso
 Em turbilhões de purpura se afunda,
 Nos morredouros, despontados raios
 Saudoso, extremo adeos á terra envia.
 Tal o esposo se aparta suspiroso
 E nas azas da brisa manda um beijo
 Á esposa, que de o ver partir se enluta,
 Rola que vaga na amplidão das selvas.

Cheio de melancholica incerteza,
 Dir-te-hei: bem vinda, — ó morte! quando os olhos
 Voltar atraz na percorrida estrada;
 E chorarei talvez, como quem deixa
 O carcere medonho, onde engastada
 Nas escarnas da dôr gemeu sua alma
 Largos annos de antigo soffrimento;
 O carcer qu'inda as lagrimas lhe verte
 Das humidas paredes, cujos echos
 Inda parecem, na soidão da noite,
 Repetir seus tristissimos accents.

Oh! quão formosa a vida se revela
 A quem já bate as portas do infinito,
 Encostado aos umbraes da eternidade,
 A vez extrema contemplando o mundo!
 A folha já myrrada, a pedra solta,
 A flôr agreste, a fonte que murmura
 E as cantoras do céu, as ledas aves
 De variado esmalte, e as suspirosas
 Brisas da noite e as do romper da aurora,
 A estrella, o sol, o mar, o céu, a terra,
 A planta, os animaes, tudo então vive,
 Tudo comnosco sympathisa, — tudo,
 Como orchestra afinada por nossa alma,
 Acorde aos nossos sentimentos vibra,
 Revelando ao que morre os fins da vida.

Dalli melhor compr'hende-se a existencia,
 Mais vasta perspectiva se desdobra
 Ante os olhos, que a extrema vez lampejão:
 E as scenas que a illusão junca de flores,
 Que o desejo nos mostra, que nos pinta
 Cubiçoso, irisante, — que a esperança
 Fugaz de varios modos nos matisa;
 Gloria, ambição, prazer, fallaz ventura,
 Tudo se olvida e apaga — semelhante
 Á fugitiva estrella ou clarão breve
 D'um relampago estivo, que um momento
 Se mostra e fulge, logo immerso em trevas.

Que importa que eu não tenha uma só c'rôa,
 Um myrrado laurel, uma só folha,
 Que ás novas gerações diga o meu nome
 E sollicite as attenções futuras?
 Sou como o passarinho, quando passa
 Á flôr de um lago e a sombra vacillante
 No liquido crystal debalde estampa.
 Ou semelhante ao viajor que bate
 Da vida a estrada pulvurenta, e nota
 Como os seus rastos mal impressos cobre
 O pó que de seus passos se levanta.
 Ah! que dos louros me não dóe a ausencia
 Mas de lagrimas, sim, que me orvalhassem
 A sepultura humilde, — á cujas gotas
 Meus ossos de prazer estremecidos
 De as sentir se alegrassem . . . — mas em troco
 Dessa pia oblação, que tantas vezes
 Mente ao finado, que as espera eterno,
 As lagrimas terei da noite fria,
 O fresco humor da chuva, que me eduquem
 A agreste flôr, que a natureza obriga
 A despontar na solitaria campa.
 Ninguem virá com titubantes passos
 E os olhos lacrimosos, procurando
 O meu jazigo; e em falta de epitaphio,

«Elle aqui jaz!» o coração lhe diga,
 E alli se curve então, fundos suspiros
 Dando aos echos do funebre recinto,
 Involto na oração que alegra os mortos.
 Certo, ninguém virá; porém tão pouco
 Ouvirei maldições, onde escondido,
 Já pasto aos vermes, jazerá meu corpo.
 Se deixo sobre a terra alguma offensa,
 Se alguma vida exacerbei, se acaso
 Alguma simples flôr trilhei passando;
 Essas, depois d'eu morto, convertidos
 Os odios em piedade — «Em paz descança»
 Dirão ante o meu tumulo, e voltando
 A um lado o rosto, — deixarão dos olhos
 Compassiva uma lagrima fugir-lhes!

Tu, Senhor, tu, meu Deos, tu me recebe
 Na tua sancta gloria: alarga as azas
 Do teu sancto perdão, que ao teu conspecto
 Humilhado me sinto, como a grama,
 Que o pé do viajor sem custo abate.
 A ti volvo, ó Senhor, — bem como o filho,
 Que ao sopro paixões soltando as velas
 Da juventude ardente, foge ao tecto
 E ao lar paterno, onde por fim se acolhe,
 Consumido o thesouro da innocencia,
 Com rubor dos andrajos da pobreza,
 Que o vexa, — para ver do pae o rosto,
 Para escutar-lhe a voz, embora tenha
 Sobre a cabeça a maldição pendente.

SAUDADES.

A MINHA IRMÃ.

J. A. de M.

I.

Eras criança ainda; mas teu rosto
 De ver-me ao lado teu se espanjava
 Á luz fugaz de um infantil sorriso!
 Eras criança ainda; mas teus olhos
 De uma brandura angelica, indizível,
 De sympathicas lagrimas turbavão-se
 Ao ver-me o aspecto merencorio e triste;
 E amigo refrigerio me sopravão,
 Um balsamo divino sobre as chagas
 Do coração, que a dôr me espedaçava!
 A luz de uma razão que desabrocha,
 As leves graças, que a innocencia adornão,
 Os infantís requebros, as meiguices
 De uma alma ingenua e pura — em ti brilhavão.
 Eu, gasto pela dôr antes de tempo,
 Conhecendo por ti o que era a infancia,
 Remoçava de ver teu rosto bello.
 Pouco era vel-o! — em ti me transformava;
 Bebendo a tua vida em longos tragos,
 Todo o teu ser em mim se transfundia:
 Meu era o teu viver, sem que o soubesses,
 Tua innocencia, tuas graças minhas:
 Não, não era ditoso em taes momentos,
 Mas de que era infeliz me deslembra!

Tinhas sobre mim poder immenso,
 Indizível condão, e o não sabias!
 Assim da tarde a brisa corre á terra,
 Embalsamando o ar e o céu de aromas:
 Enreda-se entre flores suspirosa,
 Geme entre as flores que o luar prateia,
 E não sabe, e não vê, quantos queixumes
 Apaga — quantas magoas alivia!
 Assim, durante a noite, o passarinho
 Em moita de jasmims derrama occulto
 Merencorias canções nos mansos ares;
 E não sabe, o feliz, de quantos olhos
 Tristes, mas doces lagrimas, arranca!

II.

Perderão-te os meus olhos um momento!
 E na volta o meu rosto transtornado,
 As vestes luctuosas, que eu trajava,
 O mudo, amargo pranto que eu vertia,
 Annuncio triste foi de uma desdita,
 Qual jámais sentirás: teus tenros annos
 Pouparão-te essa dôr, que não tem nome.
 De quando sobre as bordas de um sepulchro
 Anceia um filho, e nas feições queridas
 D'um pai, d'um conselheiro, d'um amigo
 O sello eterno vae gravando a morte!
 Escutei suas ultimas palavras,
 Repassado de dôr! — junto ao seu leito,
 De joelhos, em lagrimas banhado,
 Recebi os seus ultimos suspiros.
 E a luz funerea e triste que lançarão
 Seus olhos turvos ao partir da vida
 De pallido clarão cobrio meu rosto,
 No meu amargo pranto reflectindo
 O cançado porvir que me aguardava!

Tu nada viste, não; mas só de ver-me,
 Flôr que sorrias ao nascer da aurora
 No denso musgo dos teus verdes annos,
 A procella imminente presentiste,
 Curvaste o leve hastil, e sobre a terra
 Da noite o puro aljofar derramaste.

III.

O encanto se quebrára! — duros fados
 Inda outra vez de ti me separavão.
 Assim dois ramos verdes juntos crescem
 N'um mesmo tronco; mas se o raio os toca,
 Lascado o mais robusto cahe sem graça
 De rojo sobre o chão, em quanto o outro
 Da primavera as galas pavoneia!
 Já não ha quem de novo unil-os possa,
 Quem os force a vingar e a florir juntos!

Parti, dizendo adeus á minha infancia,
 Aos sitios que eu amei, aos rostos caros,
 Que eu já no berço conheci, — áquelles
 De quem máo grado, a ausencia, o tempo, a morte
 E a incerteza cruel do meu destino,
 Não me posso lembrar sem ter saudades,
 Sem que aos meus olhos lagrimas despontem.
 Parti! sulquei as vagas do oceano;
 Nas horas melancolicas da tarde,
 Volvendo atraz o coração e o rosto,
 Onde o sol, onde a esp'rança me ficava,
 Misturei meus tristissimos gemidos
 Aos sibilos dos ventos nas enxarcias!

Revolvido e cavado o negro abysmo,
 Rugia indomito a meus pés: sorvia
 No fragor da procella os meus soluços.
 Vago triste e sosinho sobre os mares,
 — Dizia eu entre mim, — na companhia
 De crestados, de rispídos marujos,
 Mais duros que o seu concavo madeiro!
 Ave educada nas floridas selvas,
 Vim da praia beijar a fina areia.
 Subitaneo tufão arrebatou-me,
 Perdi a verde relva, o brando ninho,
 Nem jámais casarei doces gorgeios
 Ao saudoso rugir dos meus palmares;
 Porém a branca angelica mimosa,
 Com seu candor enamorando as aguas,
 Florece ás margens do meu patrio rio.

IV.

Largo espaço de terras estrangeiras
 E de climas inhospitos e duros
 Interpoz-se entre nós! — Ao ver nublado
 Um céu d'inverno e as arvores sem folhas,
 De neve as altas serras branqueadas,
 E entre esta natureza fria e morta
 A espaços derramadas pelos valles
 Triste oliveira, ou funebre cypreste,
 O coração se me apertou no peito.
 Arrasados de lagrimas os olhos,
 Segui no pensamento as andorinhas,
 Nos invejados vôos! — procuravão,
 Como eu tambem nos sonhos que mentião,
 A terra que um sol calido vigora,
 E em frouxa languidez estende os nervos.
 Patria da luz, das flores! — nunca eu veja
 O sol, que adoro tanto, ir afundar-se
 Nestes da Europa revoltosos mares;

Nem tibia lua, involta em nuvens densas,
 Luzindo mortuaria sobre os campos
 De frios sues queimados. — Ai! dizia,
 Ai d'aquelle que um fado aventureiro,
 Qual destroço de misero naufragio,
 A longinqua e remota plaga arroja!
 Ai d'aquelle que em terras estrangeiras
 Corta nas azas do desejo o espaço,
 Em quanto a realidade o vexa entorno
 E oppresso o coração de dôr estala!
 Onde a pedra, onde o seio em que descance?
 Que arbusto ha de prestar-lhe grata sombra
 E olentes flores derramar co'a brisa
 Na fronte encandecida? Peregrino,
 Em toda a parte forasteiro o chamão!
 Insensivel a dôr, na sua marcha,
 Não, não attende ao termo da jornada;
 Mas volta atraz o rosto, — e entre as sombras
 Confusas do horisonte — encherga apenas
 O debil fio da esperanza teso,
 E da ingrata distancia adelgado!

E todavia amei! pude um momento
 Vêr perto a doce imagem debruçada
 Nas aguas do Mondego, — ouvir-lhe um terno
 Suspiro do imo peito, mais ameno,
 Mais saudoso que as auras encantadas,
 Que entre os seus salgueiraes morão loquaces!
 Foi um momento só! — talvez agora
 Nas mesmas aguas se repete imagem
 Dos meus sonhos de então! — talvez a brisa,
 Nas folhas dos salgueiros murmurando,
 Meu nome junto ao seu repete aos echos,
 Que eu, triste e longe della, escuto ainda!

Sim, amei; fosse embora um só momento!
 Meu sangue, requeimado ao sol dos tropicos,
 Em vivas labaredas conflagrou-se.
 Feliz n'aquelle incendio ardeo minha alma,
 Um anno, talvez mais! Qual foi primeiro
 A soltar, a romper tão doces laços
 Não podera dizel-o, em que o quizesse.
 Tão louco estava então, — dores tão cruas,
 Magoas tantas depois me acabrunharão,
 Que desse meu passado extincta a idéa,
 Deixou-me apenas um soffrer confuso,
 Como quem de um máo sonho se recorda!
 Assim, depois de arder um denso bosque
 Dos ventos a mercê revôa a cinza
 N'um paramo deserto! Nada resta;
 Nem se quer a vereda solitaria,
 A cuja extremidade o amor velava!

V.

Rotos na infancia os laços de familia,
 Os fados me vedavão reatal-os,
 Ter a meu lado uma consorte amada,
 Rever-me na affeição dos filhos caros,
 Viver nelles, curar do seu futuro
 E neste empenho consumir meus dias;
 Mas ao menos, pensava, — ser-me-ha dado
 Amimar e suster nos meus joelhos
 Da minha irmã querida a tenra prole,
 Inclinal-a a piedade, e ao relatar-lhe
 Os successos da minha vida errante,
 Innocular-lhe o dom fatal das lagrimas!
 Essa mesma esperança não me illude;
 Ave educada nas floridas selvas,
 Um tufão me expellio do patrio ninho.

As tardes dos meus dias borrascosos
Não terei de passar, sentado á porta
Do abrigo de meus paes, — nem longe d'elle,
Verei tranquillo aproximar-se o inverno,
E pôr do sol dos meus cançados annos!

NOTAS.

PRIMEIROS CANTOS. POESIAS AMERICANAS.

Tacópe (pag. 4), arma offensiva, especie de maça contundente, usada na guerra e nos sacrificios. A etymologia desta palavra indica que os Indios os endurecião ao fogo, como costumavão fazer aos seos arcos: *Tatá-pe* quer dizer «no fogo».

Boré (pag. 5), instrumento musico de guerra; dá apenas algumas notas, porém mais asperas, e talvez mais fortes que as da Trompa.

Piaga (pag. 6), piagé, piaches, piayes; os autores portuguezes escreverão *pagé*, como em verdade ainda hoje se diz no Pará. Era ao mesmo tempo o sacerdote e o medico, o augure e cantor dos indigenas do Brazil. (Veja-se a nota correspondente nos Ultimos Cantos pag. 419.)

Anhangá (pag. 7), genio do mal, o mesmo que Lery chama *Aignan* e Hans Staden *Ingange*.

Manitós (pag. 7) uns como penates que os indios da America do norte veneravão. O seo desapparecimento augurava grandes calamidades ás tribus, de que elles houvessem desertado.

TABYRA.

«Tobajaras — o povo senhor.»

(Pag. 150.)

Ces Tobaiäres qui réclamaient l'antériorité dans la domination du pays, et qui se donnaient un titre équivalent à celui de *seigneurs de la contrée*. Ferdinand Denis.

«Tobajaras são os indios principaes do Brazil, e pretendem elles serem os primeiros povoadores e senhores da terra. O nome, que tomarão, o mostra; porque *yara* quer dizer senhores, *tobá* quer dizer rosto; e vem a dizer que são os senhores do rosto da terra, que elles tem pella fronteira do maritimo em comparação do sertão.» — Padre SIMAM DE VASCONCELLOS. Noticias do Brazil. L. 1. n. 156.

Escrevendo Tobajaras segui, por ser mais euphonico, a ortographia do Padre Vasconcellos. Convem todavia confessar que se não deveria dizer *Tobajaras*, como este Chronista, mas *Tabajaras* ou *Tabaiaras*, com Ferdinand Denis, o que mais se conforma com a etymologia, «*Taba* e *Iara* ou *Yara*.» *Tabajaras* é litteralmente como se dissessemos, os senhores ou dominadores das Aldeias.

Por isso mesmo que os Tobajaras occupavão o littoral, é de suppor que elles fossem antes os conquistadores, que os primeiros povoadores do paiz. Os conquistadores, como homens que erão, carentes das mais simples noções da agricultura, deverião de preferencia escolher as praias como mais mimosas da natureza e mais fartas, recalcando assim para o centro das matas os incolas primitivos do paiz. E' isto o que sabemos da historia de todos os povos barbaros. Os Tobajaras portanto dominarão pela conquista e quadra-lhes optimamente o nome que tomarão de senhores das aldeias — de *Tabajaras*.

«Potiguares lá vem denodados.»

(Pag. 152.)

Dizem uns Potiguares ou Petiguares, outros Pitigoares. Delles escreve o Padre Vasconcellos:

«Em segundo logar (*depois dos Tobajaras*) os Potiguares forão sempre indios de valor, e se fizerão estimar pelas armas, que por longos annos moverão contra os Tobajaras: nas quaes tiverão encontros dignos de historia; porém não me posso deter em contallos, . . . punhão em campo vinte até trinta mil arcos.» — Not. do Brazil. L. 1. n. 157.

SEXTILHAS DE FREI ANTÃO.

(Pag. 196.)

Os vocabulos que emprego nestas sextilhas se achão todos no Diccionario de Moraes, bem que as mais das vezes no sentido antiquado. E' assim que uso de «*porém*, *porende*» em vez de «*por isso*»; de

«perol» em vez de «porém»; de «ora, embora» em vez de «agora, em boa hora» etc.

GULNARE E MUSTAPHÁ.

Diz a Princesa D. Joanna (pag. 221):

«Qu'eu tenha escravos, e mouros,
«Rainha de Portugal.»

A Chronica de Cister tão bem diz, fallando da Princesa D. Thereza, filha de Sancho I.:

«Viendo a santa *raynha*, foy Deos servido levar para si a el-Rey seu pay, a quem succedeo no reyno dom Afonso o segundo do nome.»

«Raynha (diz Fr. Luiz de Sousa) lhe chamão as historias antigas, que era o titulo com que então se tratavam as filhas dos reys.» — H. de S. D. — L. 1. C. 11.

ULTIMOS CANTOS.

O GIGANTE DE PEDRA.

(Pag. 275.)

Alguns dos principaes montes da enseada do Rio de Janeiro parecem aos que vem do Norte ou do Sul representar uma figura humana de colossal grandeza: este capricho da natureza foi conhecido dos primeiros navegantes portuguezes com a denominação de «frade de pedra», que agora se chama «o gigante de pedra.» — Àquelle objecto se fez esta poesia.

..... extincta a antiga crença
Dos Tamoyos, dos Pagés.

(Pag. 278.)

Tamoyos são os primeiros habitantes do Rio. — *Pagés* são os sacerdotes, os augures, os medicos dos indigenas de todo o litoral do Brazil — os mesmos a que nos «Primeiros Cantos» dei o nome de *piagas*. Eis o que n'aquella obra escrevi a este respeito (pag. 417). — «Piagé — Piache — Piaye ou Piaga, que mais se conforma á nossa pronuncia, era ao mesmo tempo o sacerdote e o medico, o augure e o cantor dos indigenas do Brazil e de outras partes da America.» E em outra nota accrescentei: «Erão anachoretas austeros, que habitavão cavernas hediondas, nas quaes, sob pena de morte, não penetravão profanos. Vivendo rigida e sobriamente, depois de um longo e terrivel noviciato, ainda mais rigido que a sua vida, erão elles um objecto de culto e de respeito para todos; — erão os dominadores dos

chefes — a balisa formidavel, que felizmente se erguia entre o conhecido e o desconhecido — entre a tão exigua sciencia d'aquelles homens, e a tão desejada revelação dos espiritos.» — Hans Staden escreve *Paygi*; *Payé* lê-se em uma das obras do Padre Vasconcellos, nome que tambem lhes dá Laet na sua «Descripção das Indias occidentaes.» Lery e Damião de Goes escrevem *Pagé*, orthographia que agora adoptamos.

Sons do murmuré.

(Pag. 278.)

Murémuré escreve o padre Vasconcellos nas suas «Noticias Curiosas»: collige-se que é um instrumento feito de ossos de defuntos, como alguns outros, de que se servião.

Em Guanabara esplendida.

(Pag. 278.)

Guanabara — a enseada do Rio de Janeiro. — Escreve-se indifferentemente *Genabara* ou *Ganabara*. Lery diz na sua obra «*Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*» en *ceste riviére de Ganabara*. Southey (*History of Brasil*) acrescenta em uma nota, que Nicolau Barré datava desta maneira as suas cartas: *Ad flumen Genabara in Brasilia etc.*

O guáu cadente e vário.

(Pag. 278.)

Guáu — dança. «São mui dados a saltar e dansar de differentes modos, a que chamão *guau* em geral.» — VASCONCELLOS. Noticias Curiosas L. 1. — n. 143.

E das ygaras concavas.

(Pag. 278.)

Ygaras — erão canoas, feitas de ordinario de um só toro de madeira.

Os cantos da janubia.

(Pag. 279.)

Janubia. — Lery escreve diversamente: *des cornets, qu'ils nomment inubia de la grosseur et longueur d'une demie pique, mais par le bout d'embas larges d'environ un demi pied comme un hautbois.* — *Obra cit.* pag. 202.

LEITO DE FOLHAS VERDES.

A arasoya na cinta me apertarão.

(Pag. 281.)

Arasoya era o fraldão de pennas, moda entre elles. Laet chama *assoyave* a uns mantos inteiros: não sei de que mantos quer o author fallar. Hans Staden (collecção de Ternaux pag. 108) dá o mesmo nome a uma especie de cocar preso ao pescoço, e passando além da cabeça, com quanto a este ornato Lery dê o nome de *Yenpenamby*. Quanto a arasoya, eis o que se lê na obra já citada deste author (pag. 103): *Pour la fin de leurs esquippages, recourans de leurs voisins de grandes plumes d'austiches, de couleurs grises, accommodans tous les tuyaux serrez d'un costé, et le reste qui s'esparpille en rond en façon d'un petit parillon ou d'une rose, ils en font un grand pennache, qu'ils appellent araroye: le quel estant lié sur leurs reins avec une corde de cotton, l'estroit devers la chair, et le large en dehors, quand ils en sont enharnachez etc.*

Y-JUCA-PYRAMA.

(Pag. 281.)

O titulo desta poesia, traduzido litteralmente da lingua tupi, vale tanto como se em portuguez dissessemos «o que ha de ser morto, e que é digno de ser morto.»

No meio das tabas.

(Pag. 281.)

Taba — aldeia de indios, composta de diferentes habitações, a que chamavão *ocas*. Quando estas habitações se achavão isoladas, ou fossem levantadas para o abrigo de uma ou já para o de muitas familias, tomavão o nome de *Tejupab* ou *Tejupabas*.

São todos Tymbiras.

(Pag. 281.)

Tymbiras — tapuyas, que habitão o interior da provincia do Maranhão.

As armas quebrando.

(Pag. 282.)

Por este acto declaravão firmadas as pazes. Vieira faz menção desta solemnidade quando, em uma informação ao monarcha portuguez, se occupa da alliança feita entre os missionarios por parte dos portuguezes e dos *Nhe-engaybas* de Marajó.

Assola-se o tecto.

(Pag. 282.)

A descripção das cerimoniaes, com que elles usavão matar os seus prisioneiros de guerra, é rigorosamente exacta, ainda que não adoptamos dos authores senão aquillo em que todos ou a maior parte concordão. Veja-se Hans Staden — cap. 28 — dos usos e costumes dos Tupinambás. — Noticia do Brazil, cap. 171 e 172. Noticias Curiosas L. 1. n. 138 e Lery cap. XV.

Entesa-se a corda da embira . . .

(Pag. 282.)

Chamava-se mussarana a corda com que se atava o prisioneiro. — «*Et une longue corde nommée massarana, avec laquelle ils les attachent (les captifs) quand ils doivent être assomés.*» (H. Staden, pag. 300.) *Musurana* escreve Ferdinand Denis, accrescentando que era feita de algodão. E' possível que em algumas tribus fosse feita desta materia, mas convem notar que na maior parte dellas era uso fabricarem-se cordas de embira.

Adorna-se a maça com pennas gentis.

(Pag. 282.)

A maça do sacrificio não era o mesmo que a ordinaria, e tinha mais a differença dos ornatos que se lhe juntava, e do esmero com que era trabalhada. Lavravão e pintavão todo o punho — embagadura, como o chamavão — com desenhos e relevos a seu modo curiosos, e della deixavão pendente uma borla de pennas delicadas e de cores differentes, sendo a folha ornada de mosaicos. — «Pintão (diz H. Staden, pag. 301) a massa do sacrificio, a que chamão *iverapeme*, com a qual deve ser sacrificado o prisioneiro: passão-lhe por cima uma materia viscosa, e tomando depois a casca dos ovos de um passaro chamado *Mackukawa* de côr parda escura, reduzem-n'as a pó, e com elle salpicão toda a massa. Preparada a *iverapeme*, e adornada de pennas, suspendem-n'a em uma cabana inhabitada, e cantão em redor della toda a noite.» — Ferdinand Denis, accrescentando-lhe o artigo francez, escreve *Liverapeme*, que diz ser feita de páo-ferro e com mosaicos de differentes cores. Vasconcellos dá-lhe o nome de *Tangapema*, que é o termo do dictionario braziliario.

Brilhante enduápe no corpo lhe cingem.

(Pag. 282.)

Enduápe — fraldão de pennas de que se servião os guerreiros: damos a denominação de *arasoya* a aquellas de que usavão as mulheres. «*Ils font avec de plumes d'autruches une espèce d'ornement de forme ronde, qu'ils attachent au bas du dos, quand ils vont à quelque grande fête: ils le nomment enduap.*» H. Staden. Pag. 270. Vasconcellos trata do *enduápe*

sem lhe dar nome algum especial. «Pela cintura apertão uma larga zona: desta pende até os joelhos um largo fraldão a modo tragico, e de tão grande roda como é a de um ordinario chapeo de sol.» Noticias Curiosas L. 1. n. 129.

Sombreira-lhe a fronte gentil kanitar.

(Pag. 282.)

Kanitar — é o nome do pennacho ou cocar, de que usavão os guerreiros de raça tupi, quando em marcha para a guerra, ou se aprestavão para alguma solemnidade, d'importancia igual a esta. «*Ils ont aussi l'habitude de s'attacher sur la tête un bouquet de plumes rouges qu'ils nomment Kanittare*» (H. Staden). — Usão de umas corôas a que chamão *acangatar* (Laet). Os primeiros portuguezes escreverão *acangatar*, que litteralmente quer dizer «enfeite ou ornato da cabeça».

MARABÁ.

(Pag. 296.)

Encontramos na «Chronica da Companhia» um trecho que explica a significação desta palavra, e a idéa desta breve composição.

«Tinha certa velha enterrado vivo um menino, filho de sua nora, no mesmo ponto em que o parira, por ser filho a que chamão «marabá» que quer dizer de mistura (abhorrecivel entre esta gente).» VASCONCELLOS, Ch. da Comp., L. 3. n. 27.

Formosos como um beija-flor.

(Pag. 297.)

Os indigenas chamavão ao beija-flôr «Coaracy-aba» «raios», ou mais litteralmente «cabellos do sol».

A MÃE D'AGUA.

(Pag. 302.)

A mãe d'agua é uma naiada moderna, um espirito que habita no fundo dos rios. Acredita-se em muitas partes do Brazil que é uma mulher formosa com longos cabellos de ouro, que lhe servem como de vestido, com olhos que exercem inexplicavel fascinação, e voz tão harmoniosa que ninguem, que a escute, resiste á tentação de se atirar as aguas para que mais de perto a ouça e contemple. O mesmo que as serêas, tem sobre ellas a vantagem de serem creaturas de formas perfectas, e dellas se distinguem em fascinare tanto com o brilho da formosura, como com a doçura da voz, e de attrahirem principalmente os meninos.

RETRACTAÇÃO.

(Pag. 366.)

Indisculpavel descuido seria, deixar de mencionar o nome do Sr. D. Carlos Guido, a quem devo ter composto a poesia que tem por titulo «Retractação». Foi este o ensejo. Poucos dias depois de publicados os «Segundos Cantos», recebi uma carta do Sr. Guido: era uma critica, mas critica benevola, cheia de enthusiasmo, escripta sem pretensão alguma e ao correr da penna. Agradou-me, porque me agrada sempre conversar com os meus amigos, e era um amigo que me escrevia, um poeta talentoso, que então pela primeira vez se me revelava como tal, — joven entusiasta, e cujo coração é como uma pedra de toque da mais exquisita sensibilidade.

Tendo percorrido com a sua analyse algumas das composições do meu 2. volume, acrescentava elle:

«Dir-se-hia que a sua *palinodia* é um chuveiro de pedras *crystallisadas*, agradaveis de se vêr, porque são *prysmas*, que reflectem as mais pronunciadas, fortes e soberbas cores; porém que devião converter-se em instrumentos terriveis de vingança, quando chegassem até a mesquinha mulher, a quem fossem dirigidos, como um *anathema fulminante*.

«Se eu não tivesse tanta confiança nos instinctos do coração, que o levão a exhalar o seu amor só onde acha fogo, fidelidade e caricias, pensaria talvez que aquella mulher existe, e então eu faria ao poeta *amargas reflexões* sobre a crnelidade, de que usou para com ella.»

Acitei a censura, e dirigindo-me ao Sr. Guido escrevi a *Retractação*, versos filhos d'aquelle momento, e inspirados pela leitura recente da sua carta. Se algum apreço delles faço na actualidade, é por ter feito vibrar a lyra doirada do poeta argentino. *Consuelo* foi o titulo que deu aos seus versos, e era effectivamente um canto de consolação e de esperança: perdi ha muito o *authographo* dos versos do Sr. Guido; mas o sentido, a suavidade, a sentida *sympathia* do seu canto, esses me ficarão no coração. — Consolações e esperanças! — Doces são, por certo, as lacrimas, que sobre nós derramão os olhos de um amigo, ainda que não acreditemos no raio de esperança, que elle s'esforça por entranhar em nossa alma. Efficazes forão as suas consolações; mas ainda mal que os seus votos não tenham de ser realizados nunca!



Impresso em Leipzig por F. A. Brockhaus.

